



Décima Edição do Projeto
**QUINTAS ACADÊMICAS:
DIVULGAÇÃO E MEMÓRIA**

Data: 29/out, 04, 05 e 06/nov/2020

Local: UNEB – Campus X

www.sge.uneb.br/quintasacademicas2020dedcx

Clovis Lisbôa dos Santos Junior
Gean Paulo Gonçalves Santana
Kildria Vieira Alves Gigante
Minervina Joseli Espíndola Reis
Priscila Alves Pereira
Tatiana Dias Silva

Organização dos Anais

ANAIS
X EDIÇÃO Quintas Acadêmicas: divulgação e memória

29 de outubro, 04 a 06 de novembro de 2020

Teixeira de Freitas
2020

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

**JOSÉ BITES DE CARVALHO
REITOR**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS X - TEIXEIRA DE FREITAS
ARIOVALDO ALVES GOMES
DIRETOR**

REALIZAÇÃO

Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Departamento de Educação – Campus X
Núcleo de Pesquisa e Extensão do Campus X
Projeto Quintas Acadêmicas: divulgação e memória

COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes

Ana Odália Vieira Sena
Clovis Lisbôa dos Santos Junior
Gean Paulo Gonçalves Santana
Gislaine Romana Carvalho da Silva
Kildria Vieira Alves Gigante
Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho
Minervina Joseli Espíndola Reis
Priscila Alves Pereira
Tatiana Dias Silva

Discentes

Hávila Said Silva Evangelista
Isadora Dias Mariano de Oliveira

APOIO

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação – PPG
Pró-Reitoria de Extensão – PROEX

COMISSÃO CIENTIFICA

Ana Odalia Vieira Sena
Arolda Maria Da Silva Figueirêdo
Bougleux Bomjardim Da Silva Carmo
Cecilia Maria Mourão Carvalho
Célia Barros Nunes
Clovis Lisbôa dos Santos Junior
Cristiane Gomes Ferreira
Édila Dalmaso Coswosk
Francis Miller Barbosa Moreira
Gean Paulo Gonçalves Santana
Gislaine Romana Carvalho da Silva
Grégory Alves Dionor
Guilhermina Elisa Bessa
Ireni Alves dos Santos
Jacqueline Laranja Leal Marcelino
Janine Marinho Dagnoni Neiva
Kildria Vieira Alves Gigante
Joana Farias dos Santos
Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes
Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho
Magno Santos Batista
Maria Mavanier Assis Siquara
Maria Nalva Rodrigues de Araujo Bogo
Priscila Alves Pereira
Quitéria Rodrigues Costa
Tatiana Dias Silva
Valci Vieira dos Santos

MONITORES

Danielle Rodrigues Ferreira
Eduardo Benincá Cuquetto
Ellen Maria Santos Portela
Geisielle da Silva Santana
Hávila Said Silva Evangelista
Isadora Dias Mariano de Oliveira
Izabele Gomes de Jesus
Jully Késsia Ferreira dos Santos
Leilane Beatriz Siquara Oliveira
Milena Souza da Silva
Raiane da Conceição Lucas
Saulo Carvalhal Ferreira
Tailana CelinaBraz Botelho
Wilka Medina Ferraz Schultz

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

X Edição Quintas Acadêmicas (10.: 2020: Teixeira de Freitas).

Anais X Edição do Quintas Acadêmicas, v. 2, 29 de outubro/ 04, 05 e 06 de novembro de 2020, Teixeira de Freitas, BA [recurso eletrônico] / Organizado por Clovis Lisbôa dos Santos Junior...[et al.]. –Teixeira de Freitas: UNEB, 2020.

Disponível em:www.sge.uneb.br/quintasacademicas2020dedcx
Vários autores
ISSN

1. Educação - Projeto. 2. Pesquisa. 3. Memória. I. Título. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação. III. Campus X.

CDD 371

PROGRAMAÇÃO

DATA	ATIVIDADE
29/10/2020	<p>19h às 21h Transmissão através do Canal UNEB Campus X no YouTube</p> <p>Atividade Cultural</p> <p>Mediadora: Gislaine Romana Carvalho da Silva (Licenciatura em Música)</p> <p>Cerimônia de Abertura Participantes: Direção, NUPEX e Coordenação do Quintas Mediadora: Kildria Vieira Alves Gigante</p> <p>Mesa Redonda Tema: O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior Participantes: Pró-Reitorias da UNEB - PPG, PROEX e PROGRAD Mediadora: Minervina Joseli Espíndola Reis</p>
04/11/2020	<p>14h30min às 16h30min Transmissão através da Plataforma Microsoft Teams UNEB</p> <p>Comunicação Oral</p> <p>19h às 21h Transmissão através da Plataforma Microsoft Teams UNEB</p> <p>Comunicação Oral</p>
05/11/2020	<p>14h30min às 16h30min Transmissão através da Plataforma Microsoft Teams UNEB</p> <p>Comunicação Oral</p> <p>19h às 20h30min Transmissão através do Canal UNEB Campus X no YouTube</p> <p>Lançamento de Livros de autores do Campus X</p> <p>Mediadora: Ana Odália Veira Sena</p>
06/11/2020	<p>19h às 21h Transmissão através do Canal UNEB Campus X no YouTube</p> <p>Atividade Cultural Mediador: Gean Paulo Gonçalves Santana</p>

Mesa Redonda

Tema: O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior: narrativas de egressos do Campus X

Participantes: Clóvis Lisboa dos Santos Júnior, Grégory Alves Dionor,

Igor José Sousa Mascarenhas e Karina Lima Sales

Mediador: Clóvis Lisboa dos Santos Júnior

Transmissão através do Canal UNEB Campus X no YouTube

Endereço: https://www.youtube.com/channel/UCJgrB_TncriEmnDKxstOQXA

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
SESSÃO 1 - 04/11/2020 14:30h - 16:30h			
Patrícia Aparecida de Oliveira / Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes	PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DA MULHER NO MST: UM OLHAR PARA O ENFRENTAMENTO FEMININO NA LUTA PELA TERRA E POR AUTONOMIA ECONÔMICA NA DÉCADA DE 1980 NO EXTREMO SUL DA BAHIA	Isadora Dias	Luciana Cristina da Costa Audi
Paulo Henrique Bonfim Scheidegger / Luciana Cristina da Costa Audi	CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO COLABORATIVO DESENVOLVIDO NA MONITORIA DE ENSINO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS		
João Vitor de Andrade Alves / Tharcilla Nascimento da Silva Macena / Matheus Almeida da Silva Gonçalves	REVISÃO SISTEMÁTICA - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ESTUDOS SOBRE SISTEMA CRISPR/CAS-9 NO MELHORAMENTO VEGETAL		
Kezia Pereira de Almeida / Guilhermina Elisa Bessa da Costa	TRAVESSIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DO NÚCLEO DE HISTÓRIA - UNEB/CAMPUS X		
SESSÃO 2 - 04/11/2020 14:30h - 16:30h			
Katiane Martins de Oliveira / Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres	LITERAGINGA: PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O FEMININO E A CAPOEIRA NA OBRA CAPITÃES DA AREIA	Eduardo Benincá	Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres
Rosicleia da Silva Costa / Minervina Joseli Espindola Reis	ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I		
Drielle Fernandes Sampaio / Minervina Joseli Espindola Reis	ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL		
Hadassa Andrade Cordeiro / Celso Kallarrari	A EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM RELIGIOSA DO RITO DE PASSAGEM EM ABISMO (2004), DE CARLOS RIBEIRO		
João Victhor Alves da Silva / Crysna Bomjardim da Silva Carmo	ASSIMETRIA LINGUISTICA EM CONTEXTO INSTITUCIONAL: ESTUDO DAS AÇÕES LINGUÍSTICAS DO JUIZ E DO RÉU		
SESSÃO 3 - 04/11/2020 14:30h - 16:30h			
Josiane Alves dos Santos / Karina Lima Sales	REDES POÉTICAS: A ESCRITA EM MOVIMENTO DE RYANE LEÃO	Ellen Maria	Clovis Lisbôa dos Santos Junior
Natália Machado Duarte / João Victhor Alves da	A PROTEÇÃO DE FACE NO PROGRAMA DO BIG BROTHER BRASIL		

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO					
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR		
Silva / Magno Santos Batista					
Clovis Lisbôa dos Santos Junior	A COVID-19 COMO CONTEXTO PARA A FORMAÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA				
Ellen Maria Santos Portela / Júlia Izadora Gonçalves / Larissa Santana da Silva / Édila Dalmaso Coswosk	O SIGNIFICADO DO PIBID NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DOS BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS				
SESSÃO 4 - 04/11/2020 14:30h - 16:30h					
Aline Santos de Nascimento Brito / André Lopes de Oliveira	IDENTIDADE NEGRA E SINCRETISMO EM O SUMIÇO DA SANTA E TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA, DE JORGE AMADO	Izabele Gomes	Aline Nascimento		
Poliana Simas Magalhães / Jéssica Silva Souza / Flávia Rosa dos Santos / Olga Sueley Soares de Souza	PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO FORMAL: ASSENTAMENTO BELA MANHÃ, EXTREMO SUL DA BAHIA				
Aline Jesus de Almeida / Ivana Teixeira Figueiredo Gund / Priscila Alves Pereira	A ANTROPOFAGIA EM MACUNAÍMA: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA				
Ramiro Henrique Conceição Santana dos Santos / Ariele Rocha Bomjardim / Giovanna Glenda Chaves Lopes / Rafaela Gomes dos Santos	PROJETO DE EXTENSÃO IDOSO EM ATIVIDADE 2020 - PREVENÇÃO E COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19				
Victor Augusto Lage Pena	O CINECLUBISMO COMO FORMA DE ALCANÇAR NOVOS DEBATES: O CASO DO CONVERSÊ CINE CLUBE E O DEBATE TRANS NO CINEMA	Leilane Beatriz	Elzicléia Tavares		
SESSÃO 5 - 04/11/2020 19:00h - 21:00h					
Daniel Bohana Bastos/ Liliane Maria Fernandes C. Gomes	A PRESENÇA DA ORDEM DOS CAPUCHINHOS NA CIDADE DE ITAMARAJU A PARTIR DOS ANOS DE 1960				
Kétsia Araújo dos Santos / Celso Kalarrari	A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM O HOMEM DA MÃO SECA (1994), DE ADÉLIA PRADO				

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
Bruna Pereira dos Santos / Cristiane Gomes Ferreira	O FINANCIAMENTO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM PERIÓDICOS (ONLINE): O QUE A PESQUISA APRESENTA		
Milena Souza da Silva / Jaine da Silva Santana / Édila Dalmaso Coswosk	A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO MECANISMO PARA RECONHECER O PRÓPRIO CORPO E ESTIMULAR A AUTONOMIA		
Gessica Fernanda de Souza Silva / Bruna Pereira dos Santos / Franciele de Jesus Oliveira Campos / Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho	ESTÁGIO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA SOBRE OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA NA ONG ASELIAS		
Leilane Beatriz Siquara Oliveira / Elzicleia Tavares dos Santos	O USO DO CELULAR NA LICENCIATURA: O OLHAR DOS DISCENTES DO CURSO DE LETRAS - INGLÊS		
SESSÃO 6 - 04/11/2020 19:00h - 21:00h			
Gean Paulo Gonçalves Santana / Júlia Izadora Gonçalves Nascimento / Mônica Ferreira Alves	“QUANDO O CANTO É REZA”, CURA, LUTA E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRA		
Aline Santos de Brito Nascimento / Katiane Martins de Oliveira	ASPECTOS DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA BAIANA: JORGE AMADO E SEUS CONTERRÂNEOS		
Joana Farias dos Santos / Sustanis Horn Kunz	AVALIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL DA MATA ATLÂNTICA NA BAHIA E NO ESPÍRITO SANTO: BIOMA HISTÓRICAMENTE AGREDIDO	Geisielle da Silva	Joana Farias
Brenda Cássia Ribeiro / Gleicie dos Santos Pereira / Lucas José da Silva Tavares / Pablo Viana Cruz	I CICLO DE DEBATES DO LABORATÓRIO VIRTUAL DE HISTÓRIA UNEB/X – POR UMA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE		
Gean Paulo Gonçalves Santana / Laís Nonato dos Santos	O CANTO COMO ANTÍDOTO: UMA POÉTICA DO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NOS TERREIROS DE UMBANDA E NOS QUILOMBOS DO EXTREMO SUL DA BAHIA”		
SESSÃO 7 - 04/11/2020 19:00h - 21:00h			

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
Cristiane Gomes Ferreira / Josiano Mendes Neves / Patrícia Gomes França / Sabrina de Azevedo Evangelista	EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TRABALHO REMOTO DOS INTERPRETES DE LIBRAS COM UMA ESTUDANTE DO CURSO DE LICENCIATURA MATEMÁTICA	Daniele Rodrigues	Ivana Gund
Bruna Pereira dos Santos / Cristiane Gomes Ferreira / Elizete Costa dos Santos Oliveira / Ely Carlos Silva Teixeira	DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA (DCRB) NO MUNICÍPIO DE NOVA VIÇOSA: A PARTICIPAÇÃO REMOTA DO GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA (GEPEDI)		
Sarah Moraes Rezende / Ivana Teixeira Figueiredo Gund	MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: JUNCO E MACONDO EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL DE ESCRITA		
Jaqueleine do Nascimento Fonseca / Ivalda Kimberlly Santos Portela / Jéssica Pedroso Lima / Onezímo Gregório da Silva	ATLETISMO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS NO ÂMBITO ESCOLAR – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA		
Tamila de Jesus Lemos	A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS: INTERCULTURALIDADE COMO PRÁTICA DE TOLERÂNCIA		
SESSÃO 8 - 04/11/2020 19:00h - 21:00h			
Décio Bessa / Éllen Reis Silva / Aline Souza Santos	REPRESENTAÇÃO DE AGENTES SOCIAIS EM NOTÍCIAS SOBRE 'SITUAÇÃO DE RUA' EM CIDADES DA BAHIA: BARREIRAS E BRUMADO	Hávila Said	Décio Bessa
Gabrielle Rodrigues da Silva / Grasielle Rodrigues da Silva / Guilhermina Elisa Bessa da Costa	CURSO DE EXTENSÃO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM ÊNFASE EM LIBRAS: APRENDER NA DIVERSIDADE		
Cecilia Maria Mourão Carvalho / Avelar Luiz Bastos Mutim	EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TEIXEIRA DE FREITAS BA		
Isadora Dias Mariano de Oliveira / Angela Almeida Pinheiro / Célia Barros Nunes	EM TEMPOS DE PANDEMIA, VAMOS ESTUDAR ESTATÍSTICA?		

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
Décio Bessa / Ramom Barreto Andrade Filho / Carlos Henrique Alves dos Santos	REPRESENTAÇÃO DE AGENTES SOCIAIS EM NOTÍCIAS RELATIVAS À 'SITUAÇÃO DE RUA' EM IRECÊ E ARACI NA BAHIA		
Hávila Said Silva Evangelista / Vinicius dos Santos Anízio / Célia Barros Nunes	PREVENÇÃO AO CORONAVÍRUS: BONS HÁBITOS FAMILIARES		
SESSÃO 9 - 04/11/2020 19:00h - 21:00h			
Tailana Celina Braz Botelho / Adriana Santos Batista	ARTICULAÇÃO DE VOZES SOBRE O PISA NO JORNAL CORREIO	Taliana Celina	Jacqueline Laranja Leal Marcelino
Gabriele Costa Lírio / Drielle Fernandes Sampaio / Maria Mavanier Assis Siquara	A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS		
Valci Vieira dos Santos	OS DOIS AMORES DE PAULO VAZ EM A CIDADE DE ULISSES, DE TEOLINDA GERSÃO		
Helânia Thomazine Porto / Aline Sousa Oliveira / Aline Jesus de Almeida / Mateus Oliveira de Souza	UIRAPURU - A VOZ DO CAMPUS X/UNEB - NAS ONDAS DA RÁDIO		
Jacqueline Laranja Leal Marcelino	A QUESTÃO DO CÂNONE E AS LITERATURAS AFRO-AMERICANA E AFRO- BRASILEIRA		
SESSÃO 10 - 05/11/2020 14:30h - 16:30h			
Samara Santos Ladeia da Silva / Celso Kallarrari	O DIA DA IRA: INTERTEXTO E INTERDISCURSO NO POEMA "O DIA DA IRA", DE ADÉLIA PRADO	Milena Souza	Karina Lima Sales
Débora Silva Rezende / Karina Lima Sales	CENAS QUE SE ESCREVEM: A LITERATURA MARGINAL- PERIFÉRICA DE TEIXEIRA DE FREITAS EM LIVROS, SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS		
Milena Souza da Silva / Flavia Rosa dos Santos/ Édila Dalmaso Coswosk	METODOLOGIAS ANDRAGÓGICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS		
Géssica Fernanda de Souza Silva Borges /	O PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS DISCENTES DO DEPARTAMENTO DE		

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
Minervina Joseli Espíndola Reis	EDUCAÇÃO – CAMPUS X – DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA		
Heloyza Ricardo / Karina Lima Sales	VOZES QUE SE LANÇAM: O DELINEAMENTO DE UMA LITERATURA MARGINAL – PERIFÉRICA NOS SARAUS E BATALHAS DE TEIXEIRA DE FREITAS – BA		
SESSÃO 11 - 05/11/2020 14:30h - 16:30h			
Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes	O CONVERSÊ CINE CLUBE EM CASA NA RODA: PERSCRUTANDO ESSE FAZER	Raiane da Conceição	Cristiane Gomes
Gean Paulo Goncalves Santana / Igor dos Santos Ferreira / Júlia Izadora Gonçalves Nascimento	UATI-CEVITI: VIRTUAL-MENTE EM DEFESA DA VIDA		
Gabrielle Rodrigues da Silva / Grasielle Rodrigues da Silva / Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes	RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONDIÇÃO DE MONITORIA VOLUNTARIA DO CONVERSÊ CINE CLUBE EM ESPAÇO VIRTUAL		
Hannah Vieira Matos / João Victhor Alves da Silva / Crysna Bomjardim da Silva Carmo	ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACHADA EM UMA AUDIÊNCIA DE AÇÃO PENAL: UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGUÍSTICA FORENSE		
José Eduardo Januário P. Rocha / Amanda Portela da Silva / Cecilia Maria Mourão Carvalho / Milene Nascimento Pereira	A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA DE CORUMBAUZINHO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA		
SESSÃO 12 - 05/11/2020 14:30h - 16:30h			
Jorge Luiz Fortuna	MODELOS DIDÁTICOS DE FUNGOS PARA EXPOSIÇÃO CIENTÍFICA	Jully Késsia	Guilhermina Elisa
Ivone dos Santos Barbosa / Jéssica Fontes Santos Costa / Olga Suely Soares de Souza	ENSINO E EXTENSÃO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO SEGURO		
Aline de Souza Colatino / Aline Santos de Brito Nascimento /	O SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS, DE JORGE AMADO		

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO			
AUTORES	TÍTULO DO TRABALHO	MONITOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR MEDIADOR
Samanta Teixeira Oliveira			
Luisa Dias Silva / Guilhermina Elisa Bessa da Costa	SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DO NÚCLEO DE HISTÓRIA – UNEB: VIVÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO		
Guilhermina Elisa Bessa da Costa / Laura de Oliveira Miranda / Gabriel de Oliveira Chácara	INTERFACES DA TECNOLOGIAS ASSISTIVA PARA O ENSINO DA LIBRAS E PARA A ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CAMINHOS PARA A INCLUSÃO		
SESSÃO 13 - 05/11/2020 14:30h - 16:30h			
Clovis Lisbôa dos Santos Jr. / Lícia de Souza Leão Maia	O ESTUDO DE GEOMETRIAS NÃO EUCLIDIANAS NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO	Wilka Medina	Helânia Porto
Gabriele Costa Lírio / Elzicléia Tavares dos Santos	SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELOS ESTUDANTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA SOBRE O USO DO CELULAR EM SEU PROCESSO FORMATIVO		
Eliza Maria da Silva Metzker / Ivana Teixeira Figueiredo Gund	FIGURAÇÕES DO FEMININO NO ESPAÇO LATINO-AMERICANO: DESCONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE HELENA PARENTE CUNHA		
Aline Jesus de Almeida / Débora Silva Rezende / Helânia Thomazine Porto	PATXOHÃ: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA LÍNGUA PATAXÓ		
Helânia Thomazine Porto / Olga Sueley Soares de Souza / Raíza Cristina Canuta da Hora / Adriene Macário dos Santos	PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES INSUBMISSAS E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS EM TEMPO DE PANDEMIA - COVID 19		

INSTRUÇÕES PARA SUBMISSÃO DE TRABALHOS

- Os Trabalhos Científicos submetidos na X edição do "Quintas Acadêmicas: divulgação e memória" devem ser enviados em formato de Resumo Expandido e serão apresentados na forma de Comunicação Oral, enquadrando-se em uma das seguintes categorias: ensino (Pibid, Monitoria, Estágio, Residência Pedagógica), pesquisa (Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e Pós-graduação), extensão (Projetos Programas, Monitoria).
- Serão aceitos para avaliação trabalhos com, no máximo, quatro autor(es) e/ou coautor(es).
- Um autor poderá inscrever até dois trabalhos como autor principal e sem limites para coautoria.
- O professor orientador deverá realizar a submissão do trabalho no evento. Para tanto, deverá preencher o formulário de submissão de trabalhos e enviar o trabalho para o e-mail trabalhosquintasacademicas@gmail.com.

Observações:

- Para participar do evento não é obrigatória a inscrição de trabalhos. Pode-se participar como ouvinte com direito a certificado de participação, aos anais e aos outros materiais distribuídos aos participantes;
- Os trabalhos dos alunos da graduação deverão ser enviados pelos seus professores orientadores;

INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

- O Resumo Expandido submetido deve ter entre três e seis laudas e apresentar: Introdução, objetivos, materiais e métodos, resultados e discussão, conclusões e referências.
- Deve estar de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. Abaixo o resumo, deverão ser inseridas quatro (04) palavras-chave separadas por ponto e vírgula.
- O documento deve estar em arquivo do WORD (.DOC ou .DOCX).
- Fonte: Arial - tamanho 12.
- Espaçamento entre linhas: 1,5.
- Margens: esquerda: 3,0 cm; direita: 2,0 cm; superior: 3,0 cm; inferior: 2,0 cm.
- Título: centralizado.
- Nome e referências (nota de rodapé) do(s) autor (es).
- Órgão/Agência de fomento (se houver).
- Parágrafos: Início a 1,25 cm a partir da margem esquerda; com exceção das referências.
- No Resumo Expandido, não há citações diretas. As citações devem ser indiretas e feitas no corpo do texto.
- Referências: Espaçamento simples entre linhas, separadas entre si por espaço simples, organizadas em ordem alfabética e com alinhamento justificado. Ex: BITTENCOURT, M. A. L. et al. (Org.). **Normas técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Ilhéus: Editus, 2010.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO PARA OS TRABALHOS A COMPOR A PUBLICAÇÃO

- Os trabalhos submetidos pelos interessados deverão seguir as normas e calendário previamente divulgados.
- Todos os trabalhos serão avaliados por um parecerista da Comissão Científica composta por professores do Departamento de Educação, Campus X.
- Os trabalhos submetidos serão encaminhados para o Comitê Científico, que encaminhará o trabalho para o parecerista retirando o nome dos autores e referências que possam indicar a autoria do trabalho, bem como do parecerista, quando retornar ao autor.
- O parecerista procederá a avaliação, levando-se em consideração a cada um dos seguintes critérios de avaliação: a) Relevância do estudo, b) Estrutura do trabalho, c) Redação, d) Consistência do desenvolvimento do trabalho e, e) Grau de reflexividade.
- Os trabalhos serão classificados nas seguintes categorias: a) Favorável para comunicação e publicação; b) Favorável para comunicação e para posterior publicação, desde que atendidas as reformulações indicadas no parecer; c) Desfavorável.

DIVULGAÇÃO E PUBLICAÇÃO DOS TRABALHOS

- Os trabalhos submetidos serão apresentados na modalidade Comunicação Oral.
- A Comunicação Oral será realizada on-line através da plataforma Microsoft Teams e poderá ser realizada por até dois autor(es) e/ou coautor(es). O cronograma de apresentação e link da sala serão disponibilizados no site do evento e enviado por e-mail.
- A apresentação do trabalho contará com 15 minutos para exposição oral e, ao final das apresentações será concedido um tempo para as considerações e debates sobre os trabalhos apresentados.
- O certificado de apresentação do trabalho irá conter o nome de todos os autor(es) e/ou coautor(es) do trabalho. Os nomes aparecerão no certificado da forma em que foram informados na ficha de submissão de trabalhos. Fique atento à grafia e não abrevie nenhum nome dos autor(es) e/ou coautor(es).
- Todos os trabalhos aceitos para publicação irão compor os Anais da “X Quintas Acadêmicas: divulgação e memória”, desde que atendam orientações dos pareceres, em meio eletrônico disponível para download no site www.sge.uneb.br/quintasacademicas2020dedcx.

DATAS IMPORTANTES

Submissão de trabalhos prorrogada até o dia 16 de outubro de 2020.

ATIVIDADE	DATA
Inscrição no evento	On-line até o dia do evento
Submissão de trabalhos	De 10/09 a 12/10/2020

ATIVIDADE	DATA
Avaliação de trabalhos por pareceristas	Até dia 19/10/2020
Publicação de trabalhos selecionados para Comunicação Oral	Dia 21/10/2020
Apresentação de trabalhos	A partir do dia 30/10/2020
Revisão de trabalhos para publicação nos Anais pelos autores	De 21/10 a 21/11/2020
Avaliação de trabalhos por pareceristas	Até dia 30/11/2020
Publicação dos Anais	Até dia 28/02/2021

APRESENTAÇÃO

O projeto “Quintas Acadêmicas: divulgação e memória” foi concebido em uma reunião do Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPEX - Departamento de Educação, Campus X - da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, cuja participação envolve docentes e discentes. Garantir a divulgação dos conhecimentos produzidos pela comunidade acadêmica, bem como o registro, a organização e a preservação da memória acadêmica do Departamento de Educação - Campus X se constituem objetivos norteadores desse Projeto.

Desde o ano de 2005, o “Quintas Acadêmicas: divulgação e memória” vem se constituindo em um espaço de socialização e discussão, de modo a favorecer a indissociabilidade entre os três pilares da Universidade – ensino, pesquisa e extensão. As atividades propostas estão pautadas no princípio de que a Universidade é um espaço privilegiado de produção do saber, de modo que se torna imprescindível que o conhecimento, nela produzido, seja socializado a toda comunidade acadêmica e externa.

Esperamos que essa prática possa continuar contribuindo no processo de formação dos discentes e docentes do Campus X, uma vez que o entrelaçamento entre ensino, pesquisa e extensão favorece reflexões mais consistentes sobre o fazer pedagógico, promovendo melhores condições para o desempenho do ofício de professor.

Devido ao atual contexto da pandemia pelo novo coronavírus da COVID-19, a décima edição do Projeto foi realizada on-line. A realização da abertura oficial do evento, as mesas redondas, com os temas “O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior (participantes Pró-Reitorias da UNEB - PPG, PROEX) e “O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior: narrativas de egressos do Campus X” (participantes – egressos do DEDC X) e o lançamento de Livros de autores do Campus X, foram transmitidas através do Canal UNEB Campus X no Youtube.

Na X edição “Quintas Acadêmicas: divulgação e memória” foram inscritos e apresentados 66 trabalhos de docentes e discentes do DEDC X. As comunicações orais foram realizadas em 13 salas virtuais na Plataforma Microsoft Teams UNEB.

Os Anais da X edição do Quintas Acadêmica: divulgação e memória, é uma publicação acadêmica importante e instigante, uma vez possibilita a ampla divulgação e interação dos projetos e práticas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no Campus X da Universidade do Estado da Bahia.

Nossos agradecimentos a comunidade acadêmica do DEDC X pelo apoio e participação.

Comissão Organizadora.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA - O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR

Minervina Joseli Espíndola Reis¹

Devido a pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) a Conferência de Abertura da X edição do projeto “Quintas Acadêmica: edição e memória”, com tema “O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior” foi realizada online, transmita através do Canal UNEB Campus X no YouTube, no dia 29 de outubro de 2020. A conferência contou com a participação das pró-reitoras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Adriana Mármore da PROEX e Márcia Sales da PPG.

A mediação da conferencia foi realizada pela professora Minervina Reis, que iniciou falando que a proposta de reunir as pró-reitoras para debater e aprofundar sobre o tema, estava em consonância com os objetivos do projeto Quintas Acadêmicas que se apresenta como um espaço de articulação entre os pilares que sustentam a Universidade, e também, um espaço para dar visibilidade e discutir sobre ações realizadas no Departamento de Educação – Campus X da UNEB.

A pró-reitora da PROEX Adriana Mármore iniciou sua fala apresentando o contexto histórico da extensão, os desafios, as lutas e as conquistas por espaço e reconhecimento na Universidade. Apresentou os dados da Extensão da UNEB e as suas perspectivas, dentre elas, o processo de curricularização das atividades extensionista na graduação.

A pró-reitora Márcia Sales abordou sobre concepções de pesquisa e enfatizou a importante de articular a pesquisa com práticas de ensino, à docência com pesquisa, bem como a extensão. Apresentou dados sobre a pesquisa na UNEB e seus desafios no contexto atual.

Após as falas das pró-reitoras, aconteceu o momento de interação com o público, as professoras convidadas responderam algumas das perguntas postadas no chat do Canal UNEB Campus X no YouTube.

O diálogo entre as pró-reitoras promoveu um debate sobre os desafios e perspectivas de uma Universidade pública que busca a interação pesquisa, ensino e extensão.

¹ Doutora em Educação, UNEB, mjreis@uneb.br, FAPESB.

MESA DE ENCERRAMENTO – O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DE EGRESSOS DO CAMPUS X

Clovis Lisbôa dos Santos Jr.¹

Priscila Alves Pereira²

No dia 06 de novembro de 2020, foi realizada a mesa redonda intitulada “O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no Ensino Superior: narrativas de egressos do Campus X”. A atividade marcou o final da décima edição do “Quintas Acadêmicas: divulgação e memória”, evento promovido pelo Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – Campus X, localizado em Teixeira de Freitas – BA.

A mesa redonda foi constituída por egressos representantes de diferentes Colegiados do Departamento de Educação do Campus X, tendo como mediador o professor Dr. Clovis Lisbôa dos Santos Junior, que na ocasião representou o Colegiado de Matemática, além da presença da professora Drª. Karina Lima Sales, representando o Colegiado de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, do professor Me. Grégory Alves Dionor, representando o Colegiado de Ciências Biológicas e do professor Me. Igor José Sousa Mascarenhas, representando o Colegiado de Letras – Língua Inglesa e Literaturas. A atividade foi realizada via plataforma digital, sendo transmitida pelo canal UNEB Campus X, no YouTube (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Sei aZZulaLw&t=31s>). Na oportunidade, estavam presentes docentes, estudantes e demais integrantes da comunidade acadêmica, envolvidos em diversos projetos acadêmicos que constituem o tripé basilar da Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Para dar início ao debate, o professor Clovis Lisbôa esclareceu que o objetivo da mesa seria apresentar a identidade docente a partir de narrativas que se relacionam com projetos desenvolvidos ao longo do seu processo de formação. De modo geral, esse caminho começa pela formação inicial, através olhar do discente da graduação, participante de projetos acadêmicos outrora vividos nesta Universidade. Em seguida, perpassa pela formação continuada em cursos de pós-graduação

¹ Doutor em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X. E-mail: clisboa@uneb.br.

² Mestra em Educação – UESC. Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X. E-mail: papereira@uneb.br.

concebidos nesta ou em outras Universidades e se concretiza no saber/fazer pedagógico, como formador de professores, demarcando em suas ações uma práxis que favorece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em continuidade, a professora Karina Lima Sales, iniciou a sua fala fazendo referência à importância do campus X para a formação docente na região do extremo sul baiano e citou que dos vinte e quatro docentes do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, treze são egressos do campus. Karina pontuou que na sua busca pela constituição do “ser” na docência, a interlocução entre a Universidade e a Educação Básica se constituiu como um movimento fundamental para a concretização identidade docente. Nesse sentido, a professora apontou alguns trabalhos que emergiram no âmbito do ensino, motivando o desenvolvimento de pesquisas que se consolidaram a partir de práticas extensionistas. Como exemplo, citou o Programa de Iniciação à Docência – PIBID no curso de Letras, que hoje coordena com a professora Ivana Gund, como caminho para articular e promover a indissociabilidade entre os três pilares que fundamentam a Universidade. A professora finalizou falando da sua alegria em contribuir com atividades que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão proporcionam na formação de novos docentes.

A atuação no movimento estudantil marcou o início da fala do professor Grégory Dionor. Segundo ele, vivenciar o movimento estudantil possibilitou compreender a Universidade como espaço de formação política, um espaço que não existe por si só e nem para si só, mas que tem responsabilidade para e com a sociedade em que está inserida. Dessa forma, Grégory chamou atenção para a importância da realização de ações extensionistas em espaços escolares e não escolares, como meio de estreitar os diálogos com a comunidade. Para finalizar, sobre a indissociabilidade do tripé que fundamenta a Universidade, o professor defendeu a não sobreposição em termos de relevância entre ensino, pesquisa e extensão e reafirmou o compromisso da Universidade em contribuir com a luta pela melhoria do contexto em que se encontra.

A última participação na mesa foi do professor Igor Mascarenhas que também ressaltou a importância da UNEB, em especial o Departamento de Educação – Campus X, para a região no que se refere à formação de professores. Ao retomar o percurso histórico que o constituiu como docente, o professor Igor destacou sua participação no PIBID, enquanto aluno da graduação. O professor defende que esses projetos são fundamentais para a formação inicial, especialmente em virtude da bolsa

que permite ao estudante a possibilidade de se dedicar integralmente à Universidade. Por esse motivo, o professor chamou atenção para a necessidade da continuidade da luta pela manutenção de uma universidade pública e de qualidade, comprometida com o desenvolvimento científico. Por fim, Igor ressaltou a importância da indissociabilidade do tripé basilar da Universidade como caminho para repensarmos a realidade da UNEB, em relação ao acesso e permanência na formação inicial e continuada de professores sob uma perspectiva não apenas educacional, mas também política, social e econômica.

Ao final das discussões os participantes da mesa ainda abordaram dois grandes desafios vivenciados na Universidade na busca da continuidade do trabalho conjunto entre ensino, pesquisa e extensão. O primeiro diz respeito às condições de trabalho docente que perpassa desde as questões estruturais necessárias para a realização desse trabalho até as políticas de financiamento, que estão sofrendo cortes cada vez maiores, principalmente pelo governo atual. O segundo desafio relaciona-se com as condições de permanência do estudante que chega à Universidade para a formação inicial, mas também daquele que precisa da Universidade para dar continuidade à sua formação e especialização. Nesses casos, a fragilidade das políticas públicas que deveriam proporcionar condições para a continuidade dos estudos também é um aspecto que merece atenção. Os professores alertaram que a luta por uma formação de qualidade, com equidade continua sendo a maior bandeira a ser defendida em relação à educação pública.

Após o encerramento da mesa, foi realizado pelos docentes, técnicos e estudantes do Departamento de Educação – Campus X, uma singela homenagem à professora Marinêz José de Souza França, falecida em novembro de 2020. O momento foi conduzido pelo professor Clovis Lisboa e pelo diretor do Departamento, professor Ariosvaldo Alves Gomes que, em nome da comissão organizadora e da comunidade acadêmica, dedicou a Décima Edição do Quintas Acadêmicas: divulgação e memória à professora Marinêz, em respeito aos anos de comprometimento e contribuição com a Educação de nossa região. Com essa menção, reforçamos aqui essa homenagem, registrando nossos sinceros agradecimentos e admiração à professora Marinêz França, que sempre terá seus ensinamentos lembrados com saudade e carinho por todos que compartilharem os corredores da nossa Universidade.

SUMÁRIO

PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	26
REVISÃO SISTEMÁTICA – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ESTUDOS SOBRE SISTEMA CRISPR/CAS-9 NO MELHORAMENTO VEGETAL	27
O SIGNIFICADO DO PIBID NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DOS BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	33
PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO FORMAL: ASSENTAMENTO BELA MANHÃ, EXTREMO SUL DA BAHIA	22
A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO MECANISMO PARA RECONHECER O PRÓPRIO CORPO E ESTIMULAR A AUTONOMIA.....	28
AVALIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL DA MATA ATLÂNTICA NA BAHIA E NO ESPÍRITO SANTO: BIOMA HISTORICAMENTE AGREDIDO.....	34
MODELOS DIDÁTICOS DE FUNGOS PARA EXPOSIÇÃO CIENTÍFICA.....	41
 PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - EDUCAÇÃO FÍSICA	46
PROJETO DE EXTENSÃO IDOSO EM ATIVA IDADE 2020 - PREVENÇÃO E COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19.....	47
ATLETISMO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS NO ÂMBITO ESCOLAR – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	53
UATI-CEVITI: VIRTUAL-MENTE EM DEFESA DA VIDA	57
 PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - HISTÓRIA	62
PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DA MULHER NO MST: UM OLHAR PARA O ENFRENTAMENTO FEMININO NA LUTA PELA TERRA E POR AUTONOMIA ECONÔMICA A PARTIR DA DÉCADA DE 1980	63
O CINECLUBISMO COMO FORMA DE ALCANÇAR NOVOS DEBATES: O CASO DO CONVERSÊ CINE CLUBE E O DEBATE TRANS NO CINEMA	69
A PRESENÇA DA ORDEM DOS CAPUCHINHOS NA CIDADE DE ITAMARAJU A PARTIR DOS ANOS DE 1960	74
O CONVERSÊ CINE CLUBE EM CASA NA RODA: PERSCRUTANDO ESSE FAZER	78
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONDIÇÃO DE MONITORIA VOLUNTARIA DO CONVERSÊ CINE CLUBE EM ESPAÇO VIRTUAL	84
INTERFACES DA TECNOLOGIAS ASSISTIVA PARA O ENSINO DA LIBRAS E PARA A ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CAMINHOS PARA A INCLUSÃO.....	91
PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES INSUBMISSAS E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19	97

PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - LETRAS - LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS.....	103
CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO COLABORATIVO DESENVOLVIDO NA MONITORIA DE ENSINO NO CURSO DE LETRAS INGLES.....	104
A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS: INTERCULTURALIDADE COMO PRÁTICA DE TOLERÂNCIA.....	111
 PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS.....	116
LITERAGINGA: PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O FEMININO E A CAPOEIRA NA OBRA <i>CAPITÃES DA AREIA</i>	117
A EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM RELIGIOSA DO RITO DE PASSAGEM EM <i>ABISMO</i> (2004), DE CARLOS RIBEIRO	123
ASSIMETRIA LINGUISTICA EM CONTEXTO INSTITUICONAL: ESTUDO DAS AÇÕES LINGUÍSTICAS DO JUIZ E DO RÉU	129
REDES POÉTICAS: A ESCRITA EM MOVIMENTO DE RYANE LEÃO.....	134
A PROTEÇÃO DE FACE NO PROGRAMA DO BIG BROTHER BRASIL	140
IDENTIDADE NEGRA E SINCRETISMO EM O <i>SUMIÇO DA SANTA E TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA</i> , DE JORGE AMADO	146
A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM O <i>HOMEM DA MÃO SECA</i> (1994), DE ADÉLIA PRADO.....	151
“QUANDO O CANTO É REZA”, CURA, LUTA E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRA.....	157
O CANTO COMO ANTÍDOTO: UMA POÉTICA DO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NOS TERREIROS DE UMBANDA E NOS QUILOMBOS DO EXTREMO SUL DA BAHIA”	163
OS DOIS AMORES DE PAULO VAZ EM A <i>CIDADE DE ULISSES</i> , DE TEOLINDA GERSÃO.....	177
UIRAPURU - A VOZ DO CAMPUS X/UNEB - NAS ONDAS DA RÁDIO	181
O DIA DA IRA: INTERTEXTO E INTERDISCURSO NO POEMA “O DIA DA IRA”, DE ADÉLIA PRADO.....	187
ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACHADA EM UMA AUDIÊNCIA DE AÇÃO PENAL: UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGUÍSTICA FORENSE	193
A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA DE CORUMBAUZINHO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	199
A ANTROPOFAGIA EM MACUNAÍMA: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA	205
O SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO EM <i>DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS</i> , DE JORGE AMADO	211
PATXOHÃ: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA LÍNGUA PATAXÓ	216

PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - MATEMÁTICA	222
A COVID-19 COMO CONTEXTO PARA A FORMAÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	223
EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TRABALHO REMOTO DOS INTERPRETES DE LIBRAS COM UMA ESTUDANTE DO CURSO DE LICENCIATURA MATEMÁTICA	230
EM TEMPOS DE PANDEMIA, VAMOS ESTUDAR ESTATÍSTICA?	236
O ESTUDO DE GEOMETRIAS NÃO EUCLIDIANAS NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO	242
A ESTATÍSTICA EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO	248
 PESQUISAS E PRÁXIS PEDAGÓGICA - PEDAGOGIA	255
ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	256
ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL	262
O FINANCIAMENTO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM PERIÓDICOS (ONLINE): O QUE A PESQUISA APRESENTA	268
DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA (DCRB) NO MUNICÍPIO DE NOVA VIÇOSA: A PARTICIPAÇÃO REMOTA DO GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA (GEPEDI)	275
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TEIXEIRA DE FREITAS BA	281
A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS	287
O PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS DISCENTES DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X – DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA	293
ENSINO E EXTENSÃO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO SEGURO	299
ESTÁGIO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA SOBRE OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA NA ONG ASELIAS	305



Pesquisas e Práxis Pedagógica Ciências Biológicas

REVISÃO SISTEMÁTICA – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ESTUDOS SOBRE SISTEMA CRISPR/CAS-9 NO MELHORAMENTO VEGETAL

João Vitor de Andrade Alves¹
Matheus Almeida da Silva Gonçalves²
Tharcilla Nascimento da Silva Macena³

RESUMO

O presente trabalho é uma revisão sistemática sobre a distribuição geográfica de estudos do sistema Crispr/Cas-9 no melhoramento vegetal, que busca responder por quais países esse sistema está se desenvolvendo pelo mundo. Os dados desta pesquisa indicam a maior concentração de trabalhos no continente asiático, tendo a China se apresentando como principal expoente em pesquisas na área. Além disso, este trabalho serve como base para futuras revisões a fim de comparar o desenvolvimento da técnica nos próximos anos.

Palavras-chave: Biotecnologia; Edição genética em plantas, espécies vegetais.

INTRODUÇÃO

O sistema Crispr/Cas-9 (Repetições Palindrômicas Curtas Agrupadas e Regularmente Interespacadas conjugado com a proteína Cas-9) é compreendido a partir do sistema imune dos procariotos (Van der oost et al., 2009) e está presente na maioria das bactérias e em muitas archaeas (Grissa et al., 2007). Esse sistema atua como uma ferramenta de defesa bacteriana contra infecção causada por vírus, um mecanismo de resistência adquirido contra bacteriófagos (Deveau et al., 2008). A forma como esse mecanismo atua chamou a atenção de vários pesquisadores nos últimos anos, tornando possível a utilização dessa ferramenta como uma técnica biotecnológica de edição do genoma de seres vivos em geral.

O sistema Crispr/Cas-9 está revolucionando a biologia molecular nos últimos anos, pois se trata de uma ferramenta eficiente, rápida, barata, altamente específica e programável. E está se tornando a técnica de escolha por muitos pesquisadores que trabalham com edição de genomas levando a rápida adoção por vários laboratórios ao redor do mundo (Brandt & Barrangou, 2019), trazendo novas possibilidades de manipulação dos genomas dos seres vivos. Essa tecnologia promete mudar o curso

¹ Graduado em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, joao.vitor.a.alves@hotmail.com

² Graduado em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, matheus_rill@hotmail.com

³ Mestre em Genética e Biologia Molecular, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, tharcillamacena@gmail.com

da pesquisa agrícola (Doudna & Charpentier, 2014), pois pode ser uma solução efetiva para problemas no melhoramento vegetal, aumentando o rendimento e a qualidade das colheitas (Gao, 2018).

Sendo uma das técnicas mais utilizadas pelos cientistas nos últimos anos em todo o mundo, torna-se imprescindível que se conheça suas aplicações e que se tenham informações precisas sobre este sistema. Por isso, uma revisão sistemática pode oferecer aos pesquisadores uma síntese de informações selecionadas e criteriosas para futuras investigações, já que é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca e apreciação crítica (Linde & Willich, 2003).

Neste estudo fez-se uma revisão sistemática sobre a distribuição geográfica da utilização do sistema Crispr/Cas-9, no melhoramento vegetal, pelo mundo.

METODOLOGIA

A revisão foi dividida em quatro etapas: Busca piloto, Planejamento, Execução e Sumarização.

Para diminuir a fonte de literatura, utilizou-se apenas um banco de dados que foi o *Scopus*, uma vez que apresentou um número de artigos significativamente grande que buscava responder o nosso problema de pesquisa. A condução desta revisão se deu a partir da elaboração de um protocolo de estudo que estabelece os critérios de inclusão e exclusão das publicações, perguntas biológicas, palavras chaves, descrição do estudo e objetivo da pesquisa como mostra a Tabela 1.

Os resultados da busca no banco de dados foram importados no formato BIBTEX para o software StArt (Estado da Arte através da Revisão Sistemática) desenvolvido pela Universidade de São Carlos (UFSCAR) disponível para download no link (http://lapes.dc.ufscar.br/tools/start_tool).

Tabela 1. Protocolo de Revisão Sistemática

Título:	Revisão sistemática – distribuição geográfica dos estudos sobre sistema crispr/cas-9 no melhoramento vegetal
Pesquisadores:	Alves, J. V. A.; Gonçalves, M. A. S., Macena, T. N. S.
Descrição:	Este artigo é uma revisão sistemática realizada a partir de estudos do ano de 2019, sobre o sistema CRISPR-

	CAS/9 no melhoramento vegetal, demonstrando os países em que ela vem sendo utilizada.
Objetivos:	Identificar os países que tem utilizado o sistema CRISPR-CAS/9 no melhoramento vegetal nos últimos anos
Questões principais:	Q1. Quais países mais utilizam a técnica CRISPR/CAS-9 no melhoramento vegetal.
Palavras chaves:	CRISPR/CAS-9, Plantas, sementes, grãos, frutas e folha
Critério de seleção de fontes:	Apenas artigos científicos
Idioma dos artigos:	Apenas Inglês
Objetivo de estudo:	\Artigos encontrados no banco de dados (Scopus) (I) Termos no resumo (“Crispr” OR “Cas-9”) AND (“plants” OR “vegetal” OR “sementes” OR “grãos” OR “monocotiledônea” OR “dicotiledônea” OR “fruta” OR “cereal” OR “folha”) (I) Artigos escritos em inglês (I) Artigos publicados em 2019; (E) Teses, dissertações e manuais; (E) Artigos de revisão; (E) Artigos publicados antes de 2019 (E) Artigos que não contemple a aplicação do sistema CRISPR-Cas/9 em alguma sequência.
Critérios de inclusão (I) e critérios de exclusão (E):	
Tipo de estudo	Artigos de pesquisa
Seleção inicial dos artigos	Artigos que contém no título, resumos ou palavras chaves ou termos (“Crispr” OR “Cas-9”) AND (“plantas” OR “vegetal” OR “sementes” OR “grãos” OR “monocotiledônea” OR “dicotiledônea” OR “fruta” OR “cereal” OR “folha”) e Artigos que utiliza o sistema CRISPR- Cas/9 em alguma sequência na planta.
Informações para extração	País do estudo
Sumarização:	Gráficos, tabelas e figuras

Tabela 1 - Protocolo de pesquisa.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

As buscas realizadas no banco de dados *Scopus* utilizando as sete strings envolvendo o sistema Crispr/Cas-9 no melhoramento vegetal encontrou um total de 1942 artigos, a partir destes foi utilizado um filtro para os artigos em inglês, publicados em 2019, restando apenas 500 artigos, que foram importados para o programa StArt, onde ocorreu todo o processo de inclusão e exclusão dos artigos, como mostra a figura 1.

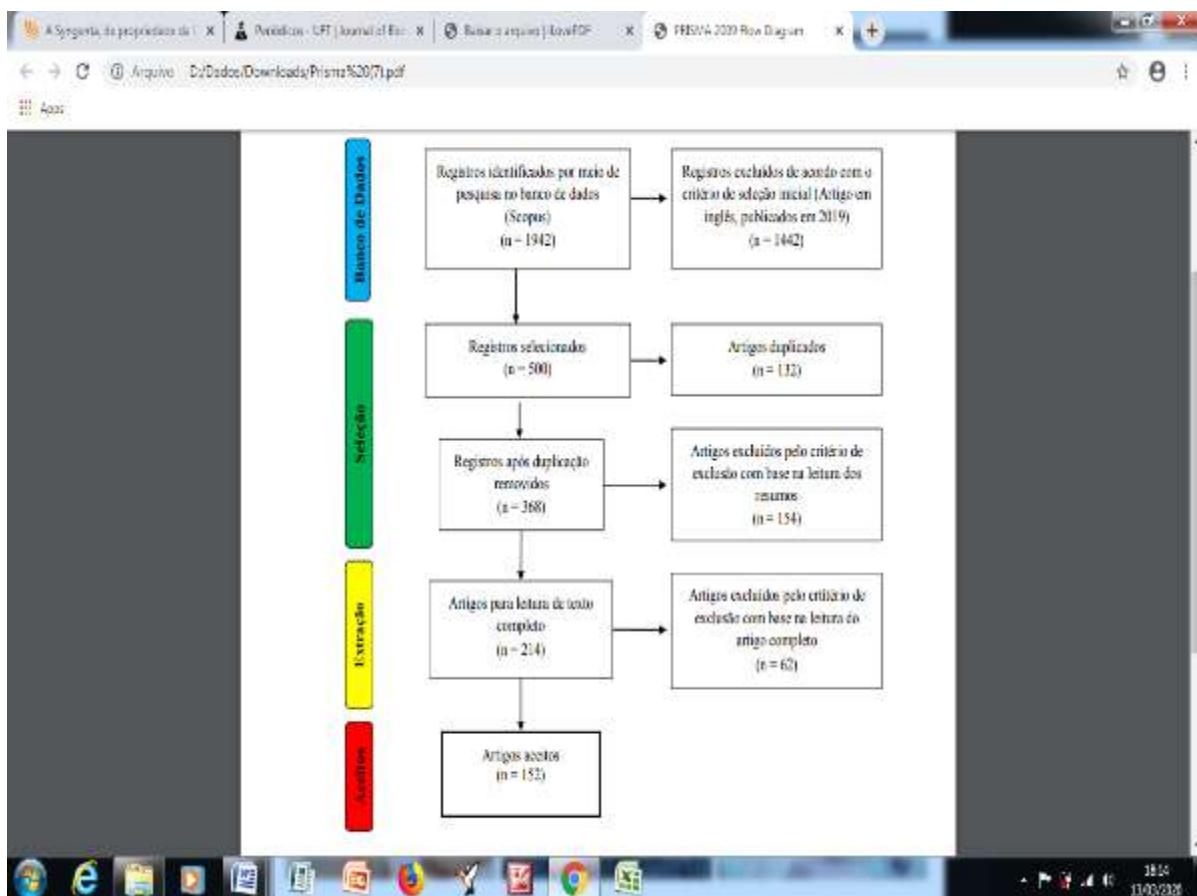


Figura 1 –PRISMA flowdiagram. Inclusão e exclusão dos artigos coletados.

Distribuição geográfica dos artigos

A Ásia concentra a maioria dos estudos realizados, aproximadamente 75% ou 114 dos artigos analisados. Sendo que a China apresenta 79% ou 90 artigos deste valor, como mostra a figura 2. Indicando que é o principal país no mundo que utiliza o sistema Crispr/Cas-9 no melhoramento de plantas. Já a Europa, América, Oceania e África apresentam aproximadamente 10%, 12%, 2%, 1% dos artigos respectivamente. Os dados quando comparados com a revisão feita entre 2014-2017 (Ricroch et al., 2017) mostram que ocorreu um aumento de aproximadamente 16% dos artigos sobre o sistema Crispr/Cas-9, no melhoramento de plantas, na China.

O grande interesse dos países asiáticos no estudo do sistema Crispr/Cas-9 no melhoramento vegetal provavelmente decorre do fato de que esses países estão no centro de produção de várias cultivares, sendo a China o país com maior rendimento agrícola no mundo, isso pelo fato segundo Xu et al. (2017) do governo chinês ter feito grandes esforços em inovação, em ciência e em tecnologia agrícola, especialmente no melhoramento de novas cultivares e melhorias nas práticas agronômicas para lidar

com o ambiente em mudança. Isso porque a China se configura como a nação em maior expansão econômica no mundo, com o produto interno bruto (PIB) superior a US\$ 12 trilhões. A China também expandiu seus esforços além de suas fronteiras em 2017, quando a empresa estatal ChemChina comprou a Syngenta, com sede na Suíça - uma das quatro maiores empresas do mundo, com uma grande equipe de P&D trabalhando com o CRISPR - por US\$ 43 bilhões (Cohen, 2019). Isto potencializou o país em relação à edição genética por Crispr, já que a empresa é uma das maiores em proteção de cultivo e biotecnologia e possibilitou um relacionamento próximo entre o governo, indústria e academia.

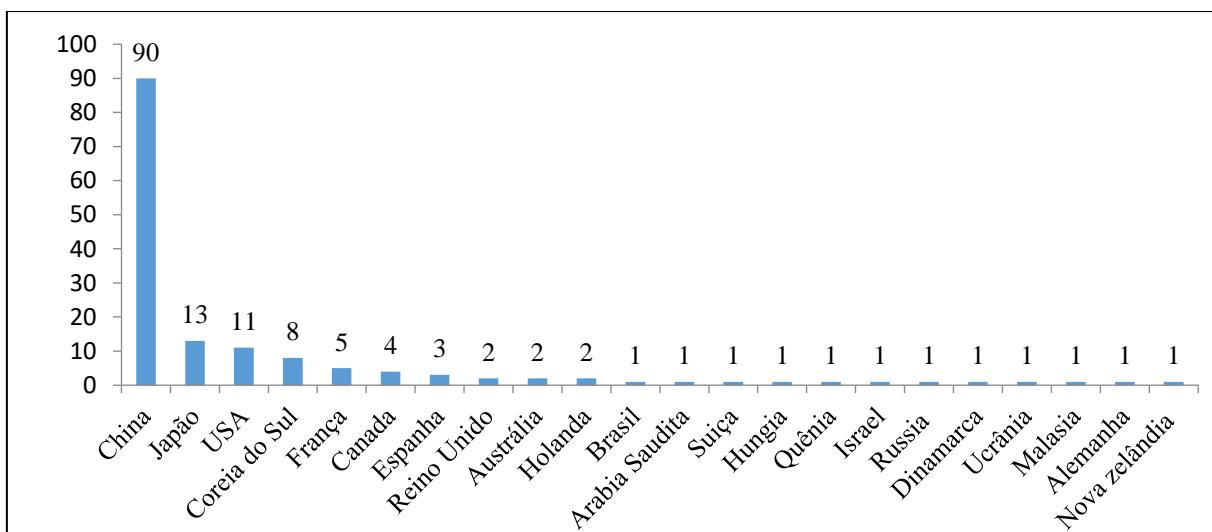


Figura 2 - Principais países que buscam conhecimento sobre o Crispr/Cas-9 no melhoramento vegetal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão sistemática aqui apresentada indica que o sistema Crispr/Cas-9, ferramenta eficiente para pesquisas na área de biologia molecular, vem sendo cada vez mais utilizado no melhoramento de plantas ao redor do mundo.

Os dados desta pesquisa indicam maior concentração de trabalhos no continente asiático, tendo a China se apresentado como principal expoente em pesquisas na área.

Este trabalho serve como base para futuras revisões a fim de comparar o desenvolvimento do sistema nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

- BRANDT, K.; BARRANGOU, R. **Applications of CRISPR Technologies Across the Food Supply Chain**. Annual Review of Food Science and Technology, v. 10, n. 1, p. 133–150, 2019.
- DEVEAU, H. et al. **Phage response to CRISPR-encoded resistance in *Streptococcus thermophilus***. Journal of Bacteriology, v. 190, n. 4, p. 1390–1400, 2008.
- COHEN, J. **To feed its 1.4 billion, china bets on genome editing of crops**. Disponível em: <<https://www.sciencemag.org/news/2019/07/feed-its-14-billion-china-bets-big-genome-editing-crops>>. Acesso em: 13.03.2020.
- DOUDNA, J. A.; CHARPENTIER, E. **The new frontier of genome engineering with CRISPR-Cas9**. Science, v. 346, n. 6213, 2014.
- GAO, C. **The future of CRISPR technologies in agriculture**. Nature Reviews Molecular Cell Biology, v. 19, n. 5, p. 275–276, 2018.
- GRISSA, I.; VERGNAUD, G.; POURCEL, C. **The CRISPRdb database and tools to display CRISPRs and to generate dictionaries of spacers and repeats**. BMC Bioinformatics, v. 8, p. 1–10, 2007.
- LINDE, K.; WILLICH, S. N. **How objective are systematic reviews? Differences between reviews on complementary medicine**. Journal of the Royal Society of Medicine, v. 96, n. 1, p. 17–22, 2003.
- RICROCH, A.; CLAIRAND, P.; HARWOOD, W. **Use of CRISPR systems in plant genome editing** : toward new opportunities in agriculture. v. 0, 2017.
- VAN DER OOST, J. et al. **CRISPR-based adaptive and heritable immunity in prokaryotes**. Trends in Biochemical Sciences, v. 34, n. 8, p. 401–407, 2009.
- XU, Y.; LI, J.; WAN, J. **Agriculture and crop science in China: Innovation and sustainability**. Crop Journal, v. 5, n. 2, p. 95–99, 2017.

O SIGNIFICADO DO PIBID NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DOS BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Ellen Maria Santos Portela¹
Júlia Izadora Gonçalves²
Larissa Santana da Silva³
Édila Dalmaso Coswosk⁴

RESUMO

Este estudo apresenta os resultados preliminares sobre contribuições do PIBID na formação dos bolsistas e voluntários de Iniciação à docência da Licenciatura em Ciências Biológicas, UNEB DEDC- X. É uma pesquisa documental que busca conhecer as percepções dos sujeitos a partir dos portfólios produzidos como produto final do núcleo. Da análise dos portfólios emergiram quatro categorias: Afetividade e a arte de sonhar; Coletividade; Construção do conhecimento e Educação e transformação Social. Constatou-se, que as ações iniciais contribuíram para a aproximação da teoria ensinada na universidade, com a prática da educação básica influenciando aspectos pessoais e da dimensão social da docência.

Palavras-chave: PIBID; Docência; Universidade; Educação básica.

INTRODUÇÃO

Em 2018, mediante a abertura do Edital Nº 07/2018/CAPES o colegiado de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) CAMPUS X – Teixeira de Freitas/BA submeteu uma proposta de núcleo que foi aprovada, intitulada “*Construindo a identidade docente e o conhecimento biológico a partir da relação ciência, tecnologia, sociedade e ambiente*”. Este projeto teve duração de 18 meses, de agosto de 2018 a fevereiro de 2020. Foram classificados 24 bolsistas de iniciação à docência (ID) e 06 voluntários, assim como 03 bolsistas de supervisão, professores da rede municipal de educação básica, além da coordenadora de área e um coordenador voluntário.

As atividades do PIBID foram desenvolvidas em duas escolas municipais do ensino fundamental, no município do extremo sul baiano em colaboração com os professores bolsistas de supervisão. Na universidade o bolsista ID realizava reuniões frequentes com a coordenadora, a fim de abrir espaço para diálogos e reflexões sobre as problemáticas enfrentadas no processo, fortalecendo a identidade do grupo.

O núcleo tinha como pressuposto teórico a perspectiva Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) com enfoque no ensino de Ciências da Natureza. Para Santos e Montimer (2002) ao trabalhar as questões CTSA na sala de aula estimula-se os alunos para interagir com os avanços científicos de maneira mais ativa, a fim de que o educando observe os problemas sociais que lhe rodeiam, e proponha soluções para tais, baseado numa leitura crítica, não apenas operacional.

Com base nestes pressupostos foram desenvolvidas intervenções pedagógicas nas escolas municipais parceiras do projeto de assuntos de relevância social como, por exemplo, educação sexual, impactos antrópicos e educação ambiental, com o objetivo de estimular o protagonismo dos alunos e o desenvolvimento de um posicionamento crítico e participativo frente às questões que lhe são apresentadas na sociedade.

Este estudo tem por objetivo analisar as contribuições do PIBID na formação dos licenciandos participantes.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou como metodologia uma análise documental dos portfólios produzidos por alunos do curso de licenciatura em ciências biológicas, bolsistas e voluntários de ID do PIBID.

Os portfólios foram escolhidos como trabalho de encerramento do edital, uma exigência da CAPES. Alguns bolsistas foram desligados e não foram substituídos por que a CAPES não autorizou novas bolsas, ao total foram 21 documentos analisados (19 portfólios de bolsistas e 02 portfólios de voluntários).

Neste resumo, as contribuições do PIBID na formação dos estudantes são analisadas a partir as frases escolhidas pelos ID e o texto de considerações finais.

A partir da leitura inicial, as frases foram categorizadas de acordo com o tema predominante para posterior análise, são eles: Afetividade e a arte de sonhar; Coletividade; Construção do conhecimento e Educação e transformação Social.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A primeira categoria indica um desenvolvimento e aspirações pessoais influenciando a identidade docente a partir do momento que inclui a afetividade como componente importante nas relações pessoais no processo ensino-aprendizagem.

Ensinar é criar possibilidades de construção do conhecimento, indica a influência na atuação docente propriamente dita, a identificação com um perfil de professor que entende que o aluno é o sujeito da aprendizagem.

As duas primeiras categorias indicam o desenvolvimento da identidade docente voltado para um processo de desenvolvimento de características e escolhas individuais de atuação profissional.

A coletividade indica um olhar abrangente para a atuação pedagógica, a escola, o processo ensino-aprendizagem, a educação é maior que uma boa atuação isolada, depende dos esforços e comprometimento de muitos. Sai do individual para incluir a dimensão coletiva do fazer pedagógico.

Educação e transformação social indica o desenvolvimento da compreensão de que a atividade docente pode ter impactos na formação de uma sociedade com mais justiça social.

As duas categorias acima indicam o desenvolvimento da atuação docente a partir de um olhar social.

A partir da análise dos portfolios foi possível perceber que o PIBID possibilita um espaço de realização pessoal e desenvolvimento afetivo, essa temática foi indicada por seis pibidianos, chamando a atenção pelo fato de 3 dos 5 participantes masculinos do programa escolherem frases representativas desta categoria.

Simonetto, Ruiz e Murgo (2012) associam a afetividade ao benefício e rendimento escolar, afirmando que no contexto escolar, o olhar afetivo e o entrelaçamento possibilitam aos educandos um crescimento num ambiente saudável, propício ao seu desenvolvimento cognitivo. O amor, respeito, carinho, companheirismo e solidariedade são trocas de benefícios mútuos entre alunos e professores. Na concepção dos mesmos autores, o desenvolvimento de uma amizade em que o docente observa os problemas encontrados em sala de aula, o sentimento de cada aluno, a forma de buscar soluções e ajudá-lo influencia no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, segundo Ribeiro (2010), à afetividade influenciará positivamente ou negativamente o processo de ensino-aprendizagem.

Considerando a categoria Coletividade, cinco bolsistas destacaram o PIBID como um lugar propício para o trabalho coletivo e sua importância na atuação pedagógica. Este se construiu a partir da necessidade do educando, fundamentada na cooperação e solidariedade do supervisor com os bolsistas ID, e em parceria com a coordenação pedagógica da escola. A união dos bolsistas ID, juntamente com o

professor supervisor criou um espaço de trocas de experiência, refletindo diretamente na qualidade de assistência aos estudantes.

Embora não haja uma temática predominante nos portfólios, o destaque dos dados foi o uso da frase de Paulo Freire “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, citada em todos os portfólios da categoria temática, Construção do Conhecimento. Baseado na ideia construtiva de Paulo Freire, seis dos 21 portfólios examinados expõe a importância do ensino que preze pela criação de condições para a construção do conhecimento pelo aluno. Segundo Werneck (2006) essa construção não deve ocorrer de forma isolada e unicamente pessoal, mas devem-se unir os saberes coletivos e o conhecimento científico. Para isso é necessário que o professor deixe de ser o centro do processo de ensino-aprendizagem e através do diálogo respeite os saberes, a história e contexto de vida do educando para que o aluno se torne sujeito ativo de sua aprendizagem e desenvolva a autonomia para construir o conhecimento (FREIRE, 1996).

Franco (2016) enfatiza a importância das práticas destacadas pelos bolsistas de ID no processo de construção do conhecimento. O autor relata que as práticas pedagógicas presentes na formação dos professores permitem potencializar uma prática social e educativa argumentada numa epistemologia crítica emancipadora.

Contudo, quando essas práticas pedagógicas e disciplinas afins em sua formação não estimulam a reflexão sobre a ação pedagógica como prática social, os licenciandos estão sujeitos a apenas reproduzir um ensino extremamente técnico desvinculado dos contextos sociais de produção do conhecimento científico, dos seus impactos na sociedade e dimensão ética que os envolve.

Em relação à Educação e Transformação Social, quatro portfólios analisados apontam o significado da sua trajetória no PIBID relacionando a de uma educação como justiça social. Em um dos portfólios uma bolsista de ID cita:

Para que a educação possa gerar transformação social é necessário ter um olhar de valorização e cuidado com a formação docente, visto que é a partir dessa formação que os preconceitos, barreiras e especialmente as práticas pedagógicas que desconsideram o aluno como sujeito de sua aprendizagem serão enfraquecidos. Segundo Silva Junior e Barbosa (2009) o professor tem atuação de grande importância, pois o trabalho docente pode levar a formação de cidadãos pensantes,

ativos e críticos em meio à sociedade deixando de serem sujeitos totalmente passivos, sem espaço e voz.

No contexto do PIBID, o convívio com os vários atores na escola, na universidade, nos grupos de trabalho que se formam entre os bolsistas, ou seja, nas relações com o outro, se fortalece a noção do eu. Relações tensas, porque o tempo todo estão em jogo relações de poder, de afirmação das noções do eu e do outro, mas o respeito surge do reconhecimento e da aceitação do outro na convivência, logo é preciso reconhecer e discernir que existe o eu e o outro (GIUSTA, 2003). E nesse processo, se construir e reconhecer, gradativamente, como professor e professora de Ciências Naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítida a importância da universidade e de seus programas para uma boa formação dos professores, para que seja alcançada uma melhoria na educação, formando docentes capacitados para criarem metodologias que possibilite a construção do conhecimento, alcançando assim uma formação crítica de seus alunos, tornando-os sujeitos ativos em meio à sociedade.

Em suma, tal análise permite afirmar que além de contribuir para a formação docente, o PIBID agrega experiências pessoais e profissionais para os licenciando inseridos no programa, além de promover uma visão ampliada da importância das práticas pedagógicas para construção do conhecimento. Constatou-se, que as ações iniciais contribuíram para a aproximação da teoria ensinada na universidade, com a prática da educação básica influenciando aspectos pessoais e da dimensão social da docência, fundamentais para a construção da sua identidade como docente.

REFERENCIAS

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. Educação e Sociedade. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**. vol.27, n.104. Rio de Janeiro, 2019 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362019002701041> Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440362019000300449&script=sci_arttext&tlang=pt> Acesso em 28 jul. 2020

DOMINSCHEK, D. L.; ALVES, T. C. O PIBID como Estratégia Pedagógica na Formação Inicial Docente. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v.3, n.3, ed.3, p.624-644, set./dez. 2017.

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line)**, Brasília, v. 97, ed. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA JUNIOR, A. N.; BARBOSA, J. R. A. **Repensando o Ensino de Ciências e de Biologia na Educação Básica: o Caminho para a Construção do Conhecimento Científico e Biotecnológico.** Democratizar, v. III, 1º ed, jan./abr.2009.

SOUZA, R. F. **Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil.** Cadernos Cedes, ano XX, ed.51, novembro/2000.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, ed.51, p. 173-196, abr./jun. 2006.

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇO EDUCATIVO NÃO FORMAL: ASSENTAMENTO BELA MANHÃ, EXTREMO SUL DA BAHIA

Poliana Simas Magalhães¹

Jéssica Silva Souza¹

Flávia Rosa dos Santos¹

Olga Suely Soares de Souza²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência vivenciada por meio do projeto de extensão aplicado no assentamento Bela Manhã, extremo sul da Bahia, que desenvolveu ações educativas, solicitadas pela disciplina Prática Pedagógica III, implementando a Educação Ambiental em espaço não formal. Para tanto foram empregadas aulas interativas com dinâmicas e rodas de conversa. Os resultados evidenciaram que o espaço não formal permitiu aos alunos aprendizado prático, baseado na observação, na sensibilização dos atores sociais e articulação dos mesmos, de maneira a exercer interferência no manejo e conservação do meio ambiente e na melhoria da qualidade de vida dos assentados.

Palavras-chave: Prática pedagógica; Educação Ambiental; Espaço não formal; Assentamento.

INTRODUÇÃO

A precarização das áreas de reforma agrária constitui uma das questões ambientais por vezes discutidas com os assentados, e que demanda ações coletivas urgentes que busquem soluções para situações cada vez mais comuns como: a falta de infraestrutura, escolas, postos de saúde, enfim, tudo. Sob esta ótica, a educação ambiental constitui estratégia eficiente na intervenção contra a crise ambiental no campo e pode garantir o sucesso dos assentamentos visando legitimar a justa distribuição de terras no país (BRANDÃO, 2004). Daí a importância de desenvolver práticas pedagógicas dessa natureza, sobretudo, nos espaços não formais.

A importância das ações educacionais voltadas para o cuidado e a preservação do meio ambiente, além de reduzir o problema de risco em se fazer atuações mal planejadas e sem direção, colabora para o fortalecimento da autonomia e da participação social de um determinado grupo de atores sociais, contribuindo para

¹ Licenciandas em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, Teixeira de Freitas, polisimas@hotmail.com; jessika19902008@gmail.com; flaviarosa.bn@gmail.com.

² Professora Doutora, docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), orientadora da atividade extensionista interdisciplinar apresentada ao Departamento de Educação - Campus X (DEDCX), como parte das exigências para a conclusão da disciplina de Prática Pedagógica III, olga@ffassis.edu.br.

mudanças nas situações vigentes identificadas como problemáticas e reforçando as suas potencialidades (LEONARDI, 1999).

Neste sentido, a presente atividade de extensão interdisciplinar desenvolveu com um grupo de assentados, a partir de uma prática pedagógica em espaço não-formal, um ciclo de atividades com discussão de conceitos e desenvolvimento de metodologias para analisar considerações básicas de Educação Ambiental, visando o engajamento e a formação crítica estimulando a conscientização, a participação e ações sociais baseadas na dinâmica do cuidado com o patrimônio ambiental e na melhoria na qualidade de vida.

METODOLOGIA

O espaço não formal escolhido para esta prática foi a Associação de Produtores Rurais do Assentamento Bela Manhã, localizado na cidade de Teixeira de Freitas, na altura do km 07 da BA-290, no extremo sul da Bahia. Uma associação privada, instituída por reforma agrária, fundada em 09 de outubro de 2014, composta por aproximadamente 126 famílias de assentados distribuídas em agrovilas, que realizam atividades associativas voltadas para a produção agroecológica, garantia do intercâmbio de experiências e construção coletiva do conhecimento da cultura de sustentabilidade, utilizando exclusivamente a mão de obra familiar.

Os espaços não formais podem ser entendidos, neste estudo, como instituições com grande capacidade para desenvolver ações com intencionalidade educadora emancipatória que “contenham em si o potencial de provocar descobertas e reflexões, individuais e coletivas simultaneamente” (MATAREZI, 2005).

No que se refere ao tipo de pesquisa, esta apresenta uma abordagem qualitativa de caráter descritivo (Gil, 2010, p. 22). O aporte metodológico foi a pesquisa participante (SAUVÉ, 2016, p. 288) e, entre as técnicas aplicadas, vale ressaltar a observação, a aplicação de atividades e a realização de ações coletivas como, por exemplo, debates, palestras, trabalhos em grupo e dinâmicas de sensibilização, integração e capacitação.

O projeto foi desenvolvido em três encontros de quatro horas de duração cada um, perfazendo um total de doze horas de atividades pedagógicas de Ciências Biológicas no âmbito da Educação Ambiental. O público alvo foi um grupo de crianças, com idades entre 6 e 14 anos, estudantes do Ensino Fundamental da escola do

assentamento. Para tanto, foram utilizados materiais didáticos confeccionados pela equipe educativa, sendo promovidas oficinas temáticas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os resultados evidenciam que o espaço não-formal permite aos alunos o aprendizado prático, baseado na diversidade de atividades, nas reflexões sobre a importância dos atores sociais e articulação dos mesmos, de maneira a exercer um tipo de interferência no meio ambiente e na qualidade de vida das pessoas. Além disso, é importante ressaltar que o assentamento possui excelente localização, diversas possibilidades de desenvolvimento de práticas, além de receptividade e disponibilidade por parte dos assentados, facilitando dessa forma a execução da proposta interdisciplinar, promovendo grande envolvimento dos educandos neste espaço não-formal de ensino.

Saito e colaboradores (2011), asseguram que é vital a prática de uma Educação Ambiental que promova a participação e a cidadania por meio da mobilização consciente, reflexiva e fundamentada nos conhecimentos científicos e nas experiências exitosas. Logo, a ideia de Educação Ambiental (EA) proposta neste projeto de extensão foi organizada, a partir das percepções dos assentados, vislumbrando a necessidade de colocar em prática os conhecimentos construídos, principalmente no que se refere ao uso correto dos recursos naturais.

Destarte, o primeiro encontro, ocorrido no dia 03 de fevereiro de 2020 (Figura 01), contou com a presença da coordenação do Assentamento de Reforma Agrária Bela Manhã, além de algumas professoras, técnicos e dirigentes do movimento regional da referida unidade campesina, com as seguintes finalidades: apresentação do grupo; reconhecimento da área; identificação dos problemas e das potencialidades locais, bem como exposição da proposta interdisciplinar em questão.



Figura 01 – Encontro com lideranças no Assentamento Bela Manhã, 03 de fevereiro de 2020.
Fonte: Acervo do projeto.

Na sequência, foi realizada uma visita de reconhecimento de área, sendo possível apreciar o horto, uma área degradada na qual estão inseridas três nascentes, as salas de aula da escola local, bem como o espaço de convivência onde foi realizado o presente projeto. Assim, identificadas as demandas, realizados os ajustes necessários para atender às expectativas do grupo, foram definidos os dias e horários correspondentes para a realização de duas oficinas que pretendiam contribuir para a melhoria nas condições de vida e saúde da comunidade, além da criação e/ou implementação de estratégias para a preservação do meio ambiente.

Nos dois encontros posteriores, nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2020, foram realizadas oficinas com 21 alunos do Ensino fundamental da escola situada na sede do assentamento (Figura 02), com os temas: “Alimentação saudável, cuidar da nossa saúde e do meio ambiente” com o intuito dos participantes reconhecerem a importância da educação ambiental para mudar hábitos de alimentação e saúde; e “Sensibilização de Multiplicadores Mirins de Educação Ambiental” com a finalidade de sensibilizar as crianças e jovens para os problemas e potencialidades locais, buscando socializar as informações sobre a cultura da sustentabilidade, além de traçar metas para ações/intervenções socioambientais futuras.

Nesta etapa buscaram-se temas que fossem de encontro aos que a escola (Educação Formal) estava desenvolvendo, mas que tinha uma estreita correlação com a vivência do assentamento (Educação não-Formal) e introduziram-se atividades práticas, buscando desenvolver rotinas que poderiam ser replicadas em suas residências.



Figura 02 - Oficinas com crianças do Assentamento Bela Manhã, 10 e 11 de fevereiro de 2020.
Fonte: Acervo do projeto

Segundo Leonardi (1999) a Educação não-Formal é exercida em diversos espaços da vida social, pelas mais variadas entidades e profissionais em contato com outros atores sociais no espaço público ou privado. E, a educação ambiental não-

formal, por sua vez, comumente possui um conteúdo educacional restrito, mas fundamenta-se basicamente na promoção da participação.

Deste modo, as oficinas foram realizadas por meio de atividades lúdicas e sequenciais: dinâmicas de apresentação e quebra-gelo, jogos, atividades de leitura e interpretação de imagens, dinâmicas integrativas, atividades reflexivas contextualizadas, mini palestras, construção de painel coletivo e visita ao horto local. As atividades em sua totalidade, de caráter discursivo e prático possibilitou aos alunos e equipe educativa a interação e resultados satisfatórios.

Nesse contexto, Brandão (2004) afirma que cada ator social representa “blocos de poder”, onde colocados em sinergia de interesses pela qualidade do meio ambiente e de vida, podem aprender e ensinar uns aos outros, ou seja, é uma via de mão dupla, onde constantemente estamos aprendendo e ensinando cada qual ao seu modo, com as suas experiências, vivências e percepções de vida. Esses atores devem articular-se, de forma construtiva, de maneira a exercer um tipo de interferência no meio ambiente e na qualidade de vida.

Vale ressaltar que estavam previstos no projeto original, mais três encontros para complementar o ciclo de atividades no assentamento, os quais abrangeriam: uma oficina sobre “Manejo de resíduos sólidos” voltada para os adultos assentados (20 alunos do EJA e integrantes do “Projeto do Café”), outra sobre “Recuperação de áreas degradadas” (com enfoque nas nascentes) envolvendo também os adultos e, finalmente, a ação de plantio de mudas na área degradada ao redor das nascentes locais (em parceria com o Programa Arboretum), que contaria com o envolvimento de toda comunidade. No entanto, essas ações foram inicialmente adiadas por questões logísticas, depois pelas condições climáticas, e, em seguida, interrompidas pela Pandemia do Coronavírus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assentamento rural Bela Manhã pode ser visto como um amplo espaço educativo para a Educação Ambiental no extremo sul da Bahia. Os resultados obtidos são perceptíveis no engajamento e na postura crítica dos assentados. No entanto, observa-se, limitação da estrutura física disponível para a realização das atividades sociais e coletivas, bem como a indisponibilidade de recursos tecnológicos de cunho pedagógico e inúmeras dificuldades, levando a constatar que o acesso da população assentada à educação ainda é um grande desafio. Destarte, faz-se mister retomar as

atividades de extensão interdisciplinares no que tange a prática pedagógica em Educação Ambiental visando contribuir para a formação emancipatória dos cidadãos do campo, além de gerar subsídios para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Identidade da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONARDI, M.L.A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: CAVALCANTI, C. **Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas**. São Paulo, Cortez, 2^a ed., 1999, p.391 – 408.

MATAREZI, J. Estruturas e espaços educadores: quando estruturas e espaços se tornam educadores. In: FERRARO, L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Luiz Antonio Ferraro Jr. (Org.). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. pp. 161-173.

SAITO, C. H; RUSCHEINSKY, A./ BASTOS, F. P.; NUNES, J. B. A.; SILVA, L. F.; CARVALHO, L. M. Conflitos Socioambientais, Educação Ambiental e Participação Social na Gestão Ambiental. **Sustentabilidade em Debate** - Brasília, v. 2, n. 1, p. 121-138, 2011.

SAUVÉ, Lucie. Viver Juntos em Nossa Terra: Desafios Contemporâneos da Educação Ambiental. **Rev. Eletrônica Contrapontos**, v. 16, n.2, p. 288-299, Itajaí, maio-ago 2016. Disponível em: www.univali.br/periódicos. Acesso em: 02 fev 2020.

A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO MECANISMO PARA RECONHECER O PRÓPRIO CORPO E ESTIMULAR A AUTONOMIA

Milena Souza da Silva¹
Jaine da Silva Santana²
Édila Dalmaso Coswosk³

RESUMO

Em novembro de 2019, licenciandas em Ciências Biológicas desenvolveram uma intervenção direcionada a crianças e adolescentes residentes de um espaço provisório que se encontram em medida de proteção. O projeto teve por objetivo estimular a autonomia feminina a partir da reflexão de um filme transmitido, além da promoção de saúde, conhecimento, cuidado e higiene com o corpo discutidos a partir de uma introdução científica, bem como a prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis. Percebemos que as informações relacionadas a esta temática são precárias aos adolescentes, e abordagens em espaços escolares ou não de suma importância para construção social e desenvolvimento destes.

Palavras-chave: Educação; Sexualidade; Crianças; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

A educação sexual é um processo formado por manifestações básicas de todo o indivíduo desde o seu nascimento, que compõe os desenvolvimentos biológicos, estes expressos de forma individual, e os sociais demonstrados de forma coletiva e em sociedade que são compreendidos e articulados durante toda a vida (MAIA & RIBEIRO, 2011). Considerando as temáticas que envolvem a sexualidade, percebemos que a educação sexual é necessária em vários ambientes, não somente em sala de aula, mas em todos os lugares que tenha a presença de pessoas, envolvendo assim as relações expressas em tal ambiente com a importância do conhecimento sexual em seus diversos eixos.

Geralmente há um prejulgamento em relação à educação sexual de crianças e adolescentes, é comumente confundido sexualidade com sexo, deste modo há um receio ao manifestar tal abordagem para este público, mas na verdade a sexualidade começa a ser desenvolvida desde o nascimento, ela nos acompanha em todas as fases de vida se manifestando em diferentes graus e momentos, o que gera uma

¹Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UNEB/DEDC-X). E-mail:milena.splytter@gmail.com

² Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UNEB/DEDC-X). E-mail: jaynesantanaj@gmail.com

³ Doutora em Saúde Coletiva (FIOCRUZ-Minas). Professora Assistente do Colegiado de Ciências Biológicas (UNEB/DEDC-X). E-mail: edilacoswosk@hotmail.com

necessidade de compreensão desta (BLISSE, 2012). Desta forma o primeiro ambiente para se trazer tais questões, de forma sistematizada, ainda é a escola. Esta tem papel fundamental na vida das crianças e dos adolescentes, fazendo parte da construção da identidade dos mesmos, estes passam grande parte do tempo de suas vidas no ambiente escolar, onde aprendem a se relacionar socialmente, a descobrir coisas novas e a exercitar sua autonomia (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998). A escola possui grande potencial para sanar dúvidas, desenvolver a criticidade, colaborar para reduzir discriminação de gênero e construção da cidadania.

No contexto atual, onde o desenvolvimento da sexualidade humana está mais diligente, a educação sexual se torna imprescindível e inadiável se fazendo importante na formação de toda criança e adolescente, compreendendo assim que ao esconder o que já está em evidência pode trazer problemas futuros para estes cidadãos (SAITO & LEAL, 2000). Deste modo, ao invés de omitir informações, os adultos formadores e os pais devem explicar e tirar as dúvidas das crianças à medida que elas surjam.

Entendemos que, como futuros docentes, trazer questões do contexto social para os alunos é de extrema necessidade, tendo em vista o papel fundamental que a educação tem durante toda a trajetória de vida. Sendo assim, a escolha do tema central do projeto se deu em consideração a grande problemática referida à educação sexual das crianças e adolescentes no contexto atual, sendo plausível tal abordagem não apenas na sala de aula, mas também em espaços não formais.

METODOLOGIA

O projeto a ser relatado intitulado como “A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO MECANISMO PARA RECONHECER O PRÓPRIO CORPO E ESTIMULAR A AUTONOMIA” foi realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X – Teixeira de Freitas por alunas da mesma, e aplicado a 6 crianças e adolescentes entre 9-17 anos de idade, estudantes da educação básica e residentes da Casa Lar, popularmente chamada de “A casa”, endereçada no mesmo município. Esta é um espaço de proteção provisória e excepcional para crianças e adolescentes sob medida de proteção e em situação de risco pessoal e social. O projeto teve duração de 10h de aplicação que foi dividido em duas etapas e realizado nos dias 25 e 27 de novembro de 2019, e teve por objetivo estimular a autonomia feminina, além da promoção de saúde, o conhecimento, cuidado e higiene com o corpo, bem como a prevenção contra de infecções sexualmente transmissíveis.

A equipe do projeto inicialmente conheceu a Casa Lar, onde as crianças e adolescentes foram apresentadas, bem como a diretora que relatou as várias situações que o espaço enfrenta. Após este processo de ambientação, foi elaborado o projeto de intervenção pedagógica e iniciou-se a primeira etapa da abordagem que se deu através de um encontro na UNEB, Campus X, onde foi feita uma sessão cinema e assistido o filme “Que horas ela volta?” de Anna Muylaert que retrata a história de Val uma empregada doméstica que deixou a filha pequena no interior para tentar uma vida melhor em São Paulo, e da Jéssica a filha da Val que engravidou muito nova e tomou a mesma decisão da mãe de deixar o filho para ir para São Paulo.

A metodologia através de vídeos e imagens que foi utilizada teve o intuito de perceber as variáveis que podem estar associadas um caso central, e respectivamente debater o tema de maneira que estimulasse o senso crítico dos adolescentes, conduzindo-os a reflexão da questão da gravidez na adolescência como parte de um processo social muito amplo e complexo, que envolve questões de gênero e classe. No mundo globalizado é preciso interagir com as novas tecnologias para que os alunos convivam com o mundo conectado. O papel da mídia é fundamental para que sejam incorporadas as novas atitudes cotidianas de forma prazerosa. É muito importante o processo de humanização das tecnologias, pois são meios que podem facilitar o processo de aprendizagem. (PAZZINI, 2013).

Após a sessão cinema os alunos juntaram-se em círculo onde todos tiveram um tempo para recriar a história da Jéssica antes de ir para São Paulo, a intenção foi que se pensassem os motivos da sua gravidez, da decisão ir para São Paulo e deixar o filho, de omitir que tinha um filho para sua mãe, dos conflitos com sua mãe etc. Em seguida houve a socialização dos textos produzidos e percebemos a falta de estabilidade familiar e social que estas crianças e adolescentes apresentam. Muitas não consideravam nem o fato de a personagem do filme ter sofrido um abuso ou não ter informações sobre o seu corpo, a maioria das respostas foram criadas de maneira que diminuísse a autonomia feminina, colocando a mulher como imoral ou indecente.

A partir dos textos, propusemos um olhar mais crítico sobre a vida de uma adolescente que cresceu sem um núcleo familiar em condições precárias e que engravidou bem jovem, direcionando a história para a vulnerabilidade em que a mulher está exposta na sociedade, em oposição a mulher “sem vergonha” como foi apresentada pelos participantes. Neste contexto foram contadas algumas histórias reais pelos alunos, histórias parecidas com a do filme que eles mesmos já passaram,

pudemos observar a compreensão do que foi dito através da vivência própria. Apesar de um bate-papo bem construtivo alguns alunos ainda permaneceram com um pensamento machista, mas não podemos julgar tal concepção, ela representa os valores da sociedade em que vivemos, mas que precisamos questionar e lutar para garantir equidade nas relações de gênero.

Dando continuidade à intervenção, o segundo encontro foi realizado no Laboratório Geral de Biologia da UNEB, Campus X, onde realizamos uma aula sobre: infecções sexualmente transmissíveis (Ist's), métodos de contracepção e anticoncepção, ciclo menstrual, sistema reprodutor feminino e masculino e higiene íntima.

Durante a aula foi mostrado imagens reais de Ist's onde percebemos a surpresa dentre os alunos, muitos nunca tinham ouvido falar nas infecções nem como se prevenir delas, da mesma forma foi com os sistemas reprodutores e higiene íntima, os alunos mal sabiam onde ficavam localizados os órgãos reprodutores no seu próprio corpo. Porém, todos se mostraram bem entusiasmados com os assuntos e participativos questionando bastante, tirando suas dúvidas, etc.

Ao final desta aula, após o lanche, ainda foi feita uma dinâmica que teve objetivo de retornar ao filme da primeira etapa e salientar sobre a confiança dada a qualquer pessoa no dia-a-dia, demonstrando que qualquer um pode ter uma Ist sem que outras pessoas saibam, trazendo assim a reflexão em torno da autonomia e autocuidado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que trabalhos que envolvem a sexualidade permitem a realização de ações preventivas e a promoção de saúde, desta forma auxiliam os jovens para que possam tomar decisões conscientes a respeito do assunto, tais propostas como esta são ainda mais necessárias quando voltadas para um público alvo tão específico, que estão em situação de maior vulnerabilidade do que os demais (SEVALHO, 2018).

Retornando ao primeiro momento de ambientação quando fomos conhecer “A Casa”, nos foi falado o quão é difícil lidar com situações extremas relacionadas às crianças que ali residem, são situações que afetam o desenvolver de toda uma adolescência e juventude e que a maioria das situações que implicam a estadia da criança ali é de teor abusivo e sexual. Apesar da trajetória que cada um tem, fomos

surpreendidos pela docura com que eles lidam com as pessoas, sendo muito amorosos, participativos e soridentes.

Foi possível entrever o quanto precário os jovens são de conhecimento sobre sexualidade e principalmente sobre o próprio corpo, ainda mais quando falamos de crianças e adolescentes que passaram e passam por situações de vulnerabilidade. Um ponto crítico percebido foi a ausência de uma figura que auxiliasse e passasse confiança aquelas crianças em meio a tantas dúvidas e questionamentos. É difícil confiar e saber em quem confiar.

Entender a sexualidade como uma manifestação biológica e social é de uma grande transcendência ao compreender a importância da educação sexual para crianças e adolescentes, faz-se necessário romper os prejulgamentos referente a esta abordagem para este público, pois como dito no princípio deste relato, é de suma relevância o conhecimento sexual desde a infância, já que este é expresso em diversos eixos ao longo da vida de uma pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi finalizado com sucesso e superou nossas expectativas, o que achávamos que teria um clima pesado e difícil de desenvolver, se tornou um clima alegre de troca de conhecimentos e cuidado.

Através desta intervenção foi possível ampliar o conhecimento sobre as temáticas que envolvem a sexualidade, bem como a forma de se trabalhar este conteúdo com crianças e adolescentes de maneira atrativa e sutil normalizando todo o processo de desenvolvimento sexual humano. Compreendemos na prática as várias nuances de abordar a educação sexual, desde técnicas com charges animadas até o impacto das fotos reais, além dos campos distintos que é possível desenvolver a partir deste assunto, como foi o caso da autonomia feminina e ressalvo para a confiança dada as pessoas. Concluímos assim que esta temática é de suma importância para construção social e desenvolvimento de todo adolescente.

REFERÊNCIAS

BELISSE, C.L. Atividade Sexual Precoce na Adolescência: a importância da educação sexual nas escolas. **Projeto de Desenvolvimento Educacional (PDE) desenvolvido pela SEED/PR**. Paraná, 2012. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124985>>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 10 novembro de outubro de 2019.

PAZZINI, Darlin Nalú Avila; ARAÚJO, Fabrício Viero de. **O uso de vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem**. 2013. 15 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias da Educação) - UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=1> Acesso em: 04 de outubro de 2019.

SAITO, M. I. & LEAL, M. M. Educação sexual na escola. Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). **Pediatria**. São Paulo. pg. 44-48, 2000. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/26475775-Artigos-original-articles-artigos-especiaisspecial-articles.html>>. Acesso em: 05 de outubro de 2019.

SEVALHO, G. The concept of vulnerability and health education based on the theory laid out by Paulo Freire. **Interface (Botucatu)**. 2018; 22(64):177-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000100177&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de abril de 2021. Epub 18 de maio de 2017. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0822>.

AVALIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL DA MATA ATLÂNTICA NA BAHIA E NO ESPÍRITO SANTO: BIOMA HISTÓRICAMENTE AGREDIDO

Joana Farias dos Santos¹
Sustanis Horn Kunz²

RESUMO

Objetivou-se avaliar estratégias de recuperação empregadas em projetos de recuperação ambiental na Floresta Atlântica nos estados da Bahia e do Espírito Santo, analisando a eficiência conservacionista das estratégias. Selecionou-se, com base na literatura, dois projetos de restauração: Projeto Experimental Talhão 06 na Reserva Natural Vale (RNV) e o Projeto Sapucaieira em Eunápolis/BA. Realizou-se levantamento da composição florística nas parcelas amostrais nos projetos. No projeto da RNV a estratégia de restauração do T4 apresentou-se como mais eficiente e do T2 como menos. No Sapucaieira as estratégias eficientes foram R5 e R6, sendo a última a mais eficiente e R4 a menos.

Palavras-chave: Restauração ecológica; Composição florística; Processos ecológicos.

INTRODUÇÃO

O Brasil abriga grandes ecossistemas contínuos, mas grande parte de sua biodiversidade em vegetação encontra-se fragmentada, decorrente da implantação de projetos agropecuários, construção de estradas e de hidrelétricas, expansão urbana e outras atividades humanas (FARAH, 2009).

Tal situação tem ocorrido em ecossistemas da Floresta Atlântica, que, de acordo com dados da Fundação SOS Mata Atlântica e INPE (2019), o bioma Mata Atlântica detinha uma área equivalente a 1.315.460 km², hoje restam cerca de 12,4% de remanescentes florestais do que existia originalmente.

A Floresta Atlântica é um complexo e exuberante conjunto de ecossistemas, mas desde os tempos do Brasil Colônia, tal bioma é antropicamente agredido, constituindo, na atualidade, em um dos biomas mais ameaçados do mundo (MYERS et al., 2000).

¹Bióloga, Doutora em Ciências Ambientais e Florestais pela UFRRJ e Professora Titular do Curso de Ciências Biologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação/Campus X, joanafarias@yahoo.com.br

²Bióloga, Doutora em Ciências Florestal pela UFV e Professora Associada I da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais (PPGCFL), sustanis@gmail.com

No estado da Bahia, este bioma costeiro teve suas florestas devastadas desde que os primeiros Europeus aportaram em terras brasileiras no Extremo Sul da Bahia, exercendo exploração e pressão sobre a floresta; enquanto que, no estado do Espírito Santo, a pressão sobre a Floresta Atlântica iniciou-se desde sua formação, ainda na condição de Capitania do Brasil, mas foi intensificada a partir da interiorização da Capitania com o estabelecimento de vilas, fortés, povoações, engenhos (SIQUEIRA et al., 2014).

Esses ecossistemas agredidos recuperaram-se por meio dos processos chamados de reabilitação e restauração ecológica. A recuperação ambiental ao longo das últimas décadas vem avançando e propondo o desenvolvimento de Projetos de Reabilitação e Restauração de ecossistemas degradados e perturbados ambientalmente, envolvendo diversas estratégias ou modelos, a saber: uso de condução da regeneração natural, semeadura direta, plantio de mudas apenas de nativas, plantio de mudas nativas consorciadas com exóticas, entre outras (ALMEIDA, 2016).

Buscando compreender tais processos, o presente estudo é uma pesquisa inédita envolvendo os estados da Bahia e Espírito Santo. Assim, possibilitando a geração de conhecimentos na área da recuperação ambiental e na dinâmica dos processos ecológicos desses ecossistemas em reconstrução no bioma Mata Atlântica na Macrorregião Central do Espírito Santo e no Extremo Sul da Bahia, locais carentes de pesquisas científicas.

Diante do exposto, este estudo Projeto do meu Pós-doutoramento, teve por objetivo avaliar estratégias de recuperação empregadas em projetos de recuperação ambiental na Floresta Atlântica nos estados da Bahia e do Espírito Santo, analisando a eficiência conservacionista de cada estratégia.

MATERIAL E MÉTODO

Áreas de estudo

Selecionou-se, com base na literatura duas áreas de estudo pertencentes ao domínio ecológico do Bioma Mata Atlântica, com a fitofisionomia Floresta Ombrófila Densa ou também denominada Floresta de Taludeiro, sendo uma no estado do Espírito Santo (ES) e outra na Bahia (BA):

No Espírito Santo, a área localiza-se na Macrorregião Central do Espírito Santo em Linhares (Latitude 19°09'S e Longitude 40°04'W) (Figura 1), onde foi instalado o

Projeto Experimental no Talhão 06 na Reserva Natural Vale (RNV) pela empresa Vale S.A. em agosto de 2007. O experimento foi instalado em blocos casualizados com quatro tratamentos/estratégias (T1, T2, T3 e T4) e três repetições (Bloco 1, 2 e 3, ocupando área total de 7,02 há (KLIPPEL, 2011). Tal projeto em 2019, ano desse estudo, encontrava-se com 12 anos de sua implantação.

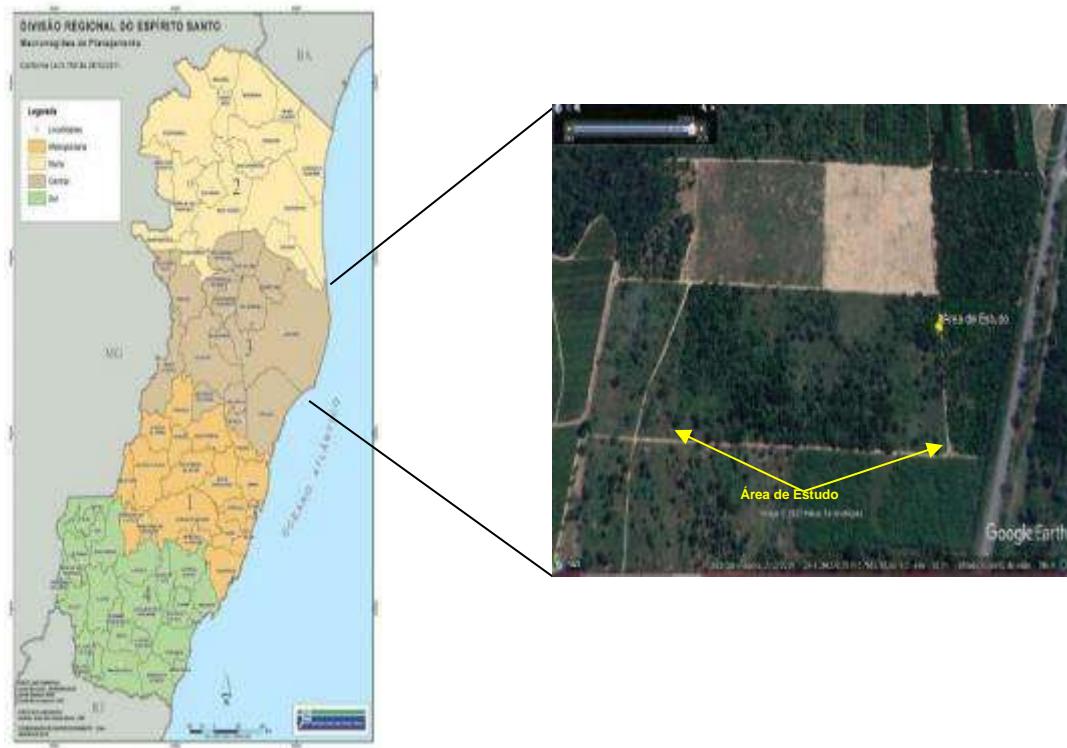


Figura 1. Mapa das Macrorregiões do Espírito Santo com destaque para o município de Linhares e imagem de satélite com a localização da área do Projeto Experimental no Talhão 06 na RNV, 2019.

Fonte: geobases.es.gov.br e Google® Earth, 2019.

Na Bahia, a área localiza-se na Região Extrema Sul da Bahia em Eunápolis (Latitude 16°18'S e Longitude 39°29'W) (Figura 2), onde foi implantado em novembro 1995, o Projeto Sapucaieira de recuperação em área antropizada (pastagem) na Mata Atlântica, implantado pela empresa Veracruz Florestal (hoje Veracel Celulose S.A.). Com a implantação de seis modelos/estratégias de recuperação (R1, R2, R3, R4, R5 e R6) (ALMEIDA, 1998; 2006). A área de tal projeto atualmente encontra-se no limite territorial do Assentamento da Reforma Agrária Sapucaieirinha. Salienta-se que, em 2019 ano desse estudo, este encontrava-se com 24 anos de sua implantação e plantio das espécies do reflorestamento em campo.

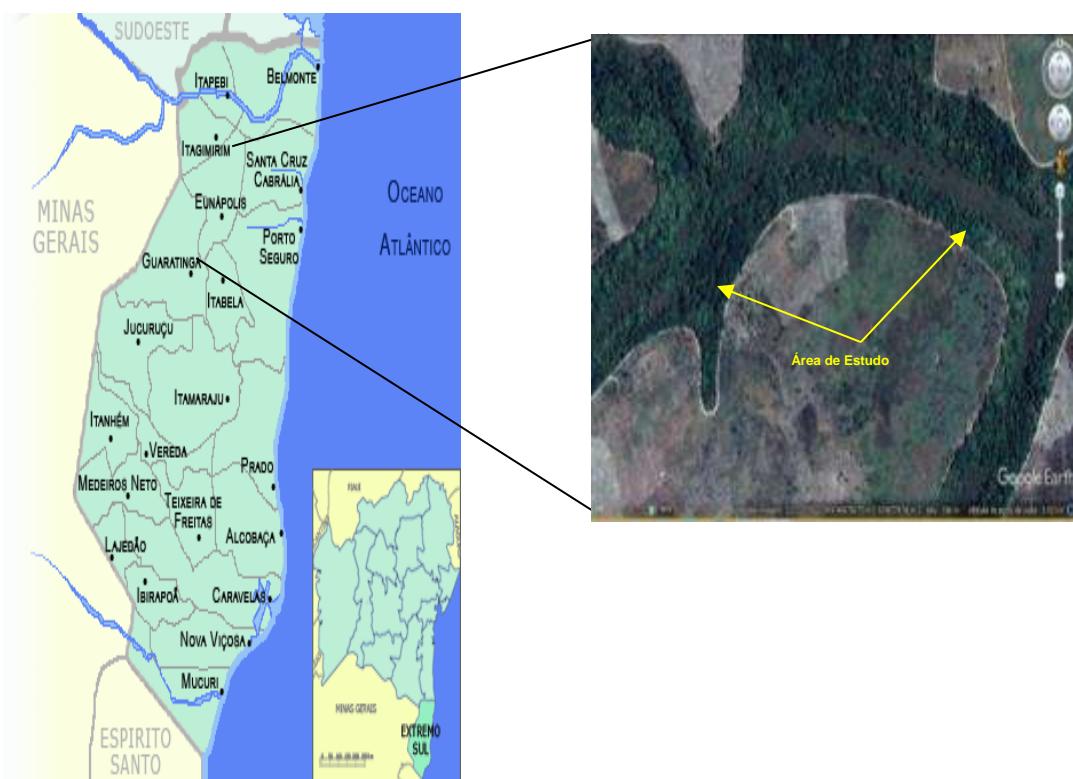


Figura 2. Mapa da Região Extremo Sul da Bahia, destaque para o município de Eunápolis, BA e imagem de satélite com a localização aproximada da área do Projeto Sapucaieira, 2019.

Fonte: a-bahia.com e Google® Earth, 2019.

Amostragem

Para se compreender se houve, ao longo dos anos, desenvolvimento e capacidade de adaptação/competição interespecífica e restabelecimento dos processos ecológicos, nas estratégias de recuperação empregadas nas quatro parcelas amostrais de 50x40 m no Projeto Experimental no Talhão 06 na RNV, ES e no Projeto Sapucaieira em Eunápolis/BA, com seis parcelas amostrais de 10x20 m, todos os indivíduos arbóreos encontrados na composição florística (das estratégias) inclusos no critério \geq que 15 cm de Circunferências à Altura do Peito (CAP) (1,3 m do solo), foram medidos e identificados taxonomicamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após transcorridos 12 anos (2007-2019) da implantação das estratégias/tratamentos no Projeto Experimental no Talhão 06 na Reserva Natural Vale (RNV), para a recuperação da área antropizada, foram encontrados os resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Composição florística encontrada no levantamento realizado das espécies florestais na área de estudo do Projeto Experimental no Talhão 06 na Reserva Natural Vale (RNV), Linhares/ES em 2019, reflorestada em 2007.

Estratégias/ Tratamentos	Nº de total de Indivíduos Encontrados	Nº de Indivíduos Vivos	Nº de Indivíduos Mortos	Nº de Famílias Botânicas	Nº de Gêneros	Nº de Espécies	Densidade (ind/ha)
T1 (área controle)	94	73	21 (22,3% do total) 12 (16,7% do total)	12	22	23	122
T 2	72	60	12 (16,7% do total)	09	15	18	100
T3	144	106	38 (26,4% do total)	13	28	29	177
T4	347	317	30 (8,64% do total)	21	56	64	528

Comparando-se estes resultados com os encontrados para essa mesma área pela pesquisadora Klippel (2011) na implantação do projeto e nos três primeiros anos, quanto ao número de famílias e espécies botânicas (Tabela 2), fica evidente que ao longo dos anos houve um aumento no número de famílias e espécies botânicas na área estudada.

Tabela 2. Número de famílias e de espécies totais amostradas na área de estudo da Reserva Natural Vale (RNV), Linhares/ES, para o ano de implantação do experimento (2007), em 2008 (primeiro ano), 2009 e 2010 (segundo e terceiro anos), após a implantação, 2010.

Tempo (anos)	Índice	T1	T2	T3	T4
Implantação	Número de famílias	9	7	7	9
	Número de espécies	11	8	10	12
1	Número de famílias	8	9	8	10
	Número de espécies	10	12	12	14
2	Número de famílias	8	10	10	13
	Número de espécies	11	16	14	18
3	Número de famílias	9	11	11	17
	Número de espécies	12	17	19	31

Fonte: Klippel, 2011.

Quanto aos resultados encontrados na área do Projeto Sapucaieira, após transcorridos 24 anos (1995-2019) da implantação das estratégias/modelos, encontrou-se os resultados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Composição florística encontrada na área de estudo do Projeto Sapucaieira, Eunápolis/BA em 2019, implantado em 1995.

Estratégias/ Modelos	Nº de total de Indivíduos Encontrados	Nº de Indivíduos Vivos	Nº de Indivíduos Mortos	Nº de Famílias Botânicas	Nº de Gêneros	Nº de Espécies Florestais	Densidade (ind/ha)
R1 (controle)	16	14	02 (12,5% do total)	06	07	07	700
R2	11	11	0	08	08	08	700
R3	09	08	01 (11,1% do total)	06	07	07	400

Estratégias/ Modelos	Nº de total de Indivíduos Encontrados	Nº de Indivíduos Vivos	Nº de Indivíduos Mortos	Nº de Famílias Botânicas	Nº de Gêneros	Nº de Espécies Florestais	Densidade (ind/ha)
R4	16	11	05 (31,2%)	05	05	05	550
R5	29	26	03 (10,34% do total)	09	10	10	1.300
R6	29	24	05(17,2% do total)	08	11	11	1.200

Tais resultados encontrados em 2019 para a composição florística, mostram-se superiores quando comparados aos encontrado por Almeida (2006), que encontrou na mesma área em 2006, 24 espécies arbóreas pertencentes a 15 famílias botânicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os tratamentos, implantados em área antropizada na RNV, ES em 2007, a estratégia de restauração do T4 apresentou-se como a mais eficiente, comparando-se com a área controle (T1), podendo com base nas variáveis aqui analisadas, ser recomendada para recuperação de outras áreas em domínio de Floresta Ombrófila Densa da Mata Atlântica.

A estratégia utilizada no T2, por sua vez, sinaliza com seus menores resultados quando comparados com o T1 (controle) e por possuir áreas abertas, entre as analisadas nesse estudo, a menos eficiente para restauração da área em estudo.

Quanto ao Projeto Sapucaieira em Eunápolis/BA, implantado em 1995, as estratégias mais bem sucedidas, comparando-se com a estratégia controle (R1) e as demais estratégias, foram a R5 e R6, por possuírem os maiores números de indivíduos de espécies, maiores densidades de ind/ha. Sendo a R6 a que mais se destacou por possuir maior número de indivíduos de espécies, ausência de áreas abertas e solo exposto e microclima agradável, entre outras.

Portanto, a R6 seria a estratégia mais recomendada para ser implantada em outras áreas inseridas na fitofisionomia estudada do bioma Mata Atlântica e com condições ambientais similares às da área aqui pesquisada. Enquanto que, a menos sucedida quando comparada com a R1, área controle e os demais tratamentos foi a estratégia R4.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. S. de. **Diagnóstico das Áreas em Processo de Recuperação** (Relatório Técnico). Veracel Celulose S.A. v.1, dez. 2006.
- _____. **Recuperação Ambiental da Mata Atlântica**. 3. ed. rev. e ampl. – Ilhéus: Editus, 2016. 200p.
- FARAH, F.T. **Vinte anos de dinâmica em um hectare de Floresta Estacional Semidecidual/ Fabiano Turini Farah - Campinas**, SP: [s.n.], 2009.
- FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA E INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS, INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (IMPE). **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período 2017-2018, Relatório Parcial**. São Paulo – SP, 2019.
- KLIPPEL, V. H. **Avaliação de Métodos de Restauração Florestal de Mata de Tabuleiros**. [Online]. 2011. 84f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais)-Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo, Jerônimo Monteiro, Espírito Santo.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G.A.B. & KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, 403: 853-845, 2000.
- SIQUEIRA, J. D. P.; LISBOA, R. S.; FERREIRA, A. M.; SOUZA, M. F. R. de; ARAÚJO, E. de; LISBÃO JUNIOR, L.; SIQUEIRA, M. de M. Estudo Ambiental para os Programas de Fomento Florestal da Aracruz Celulose S. A. e Extensão Florestal do Governo do Estado do Espírito Santo. **Floresta**, Edição Especial, nov. 2004, 3-67.

MODELOS DIDÁTICOS DE FUNGOS PARA EXPOSIÇÃO CIENTÍFICA

Jorge Luiz Fortuna¹

RESUMO

Modelos biológicos representam estruturas reais que facilitam o aprendizado. Este trabalho objetivou criar modelos didáticos de fungos utilizando porcelana fria (biscuit) e massa de EVA (*Ethylene Vinyl Acetate*). Foram dois encontros, com discentes do curso de Ciências Biológicas do Campus X da UNEB. No primeiro foram confeccionados diversos modelos de fungos e no segundo encontro, já com os modelos didáticos secos, foram realizadas as pinturas com tinta de tecido e verniz. A utilização de modelos didáticos é importante no processo de ensino-aprendizagem facilitando o apreender de temas e conteúdos difíceis de serem observados apenas com figuras e/ou fotos.

Palavras-chave: Micologia; Divulgação Científica; Cienciarte; Oficina.

INTRODUÇÃO

Micologia é a ciência que estuda os fungos (TORTORA et al., 2016), que podem ser macroscópicos (macrofungos) ou microscópicos (microfungos).

Os macrofungos produzem estruturas reprodutoras macroscópicas chamadas de cogumelo ou orelha-de-pau (nomes populares para basidioma ou ascoma) que apresentam tamanho acima de 1,0 mm. Seus principais representantes pertencem aos filos Ascomycota e Basidiomycota. Já os microfungos apresentam estruturas microscópicas de esporos (MUELLER et al., 2004) cuja visualização exige o uso de equipamento óptico (lupa comum, estereomicroscópio, microscópio).

Com o objetivo de identificar as espécies de fungos encontradas em fragmentos de Mata Atlântica localizados na região do extremo Sul da Bahia, o **Projeto Fungus Extremus** (PFE) foi criado junto ao curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, em junho de 2019. Atualmente, os discentes envolvidos com o projeto realizam pesquisas de identificação de micro e macrofungos, construção de jogos e modelos didáticos e exposições científicas itinerantes para divulgação e popularização da Ciência em diferentes comunidades, escolas, eventos públicos, parques, dentre outros, levando conhecimentos científicos a públicos que

¹ Professor Adjunto da área de Microbiologia do curso de Ciências Biológicas, Laboratório de Biologia dos Fungos, Campus X, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Teixeira de Freitas-BA. E-mail: jfortuna@uneb.br

provavelmente nunca tiveram a chance de conhecer um museu ou uma instituição de pesquisa.

Devido à grande diversidade de formas e de sua complexidade para a classificação e identificação, a criação de modelos didáticos de fungos visa facilitar a compreensão de características e de conceitos e funções, além de ajudar a distinguir diferenças entre as diferentes espécies. Modelos biológicos representam estruturas reais e utilizados de forma lúdica, facilitam o aprendizado, pois permitem sua manipulação, aprimorando a observação e compreensão de estruturas fúngicas diversas e melhor absorção do conteúdo (JUSTINA; FERLA, 2006; ORLANDO et al., 2009; ALBUQUERQUE; Leal, 2017). O uso de modelos didáticos também permite fazer diferentes aplicações do conteúdo proposto, já que permite uma melhor visualização de estruturas tridimensionais, potencializando o aprendizado e associando-os a situações cotidianas, além de facilitar a interação discente-discente e docente-discentes (LIMA; VASCONCELOS, 2006; MATOS et al., 2009; LIMA FILHO, 2011; BEZERRA et al., 2017).

Este trabalho teve como objetivo criar modelos didáticos de fungos macroscópicos e de estruturas fúngicas microscópicas utilizando porcelana fria (biscuit) e massa de EVA (*Ethylene Vinyl Acetate* ou Etileno Acetato de Vinila) que serão utilizados em exposições científicas-educacionais do Projeto Fungus Extremus.

MATERIAL E MÉTODOS

Em novembro de 2019 foram realizados dois encontros, em forma de oficina, com discentes do curso de Ciências Biológicas que fazem parte do PFE e outros de diversos períodos que quiseram também participar, totalizando 15 discentes. O encontro foi realizado no Laboratório de Biologia Geral, do Campus X da UNEB. No primeiro encontro houve a confecção dos modelos de diferentes fungos macroscópicos e também de estruturas fúngicas microscópicas utilizando a porcelana fria e a massa de modelar de EVA; e no segundo encontro, já com os modelos didáticos secos, foram realizadas as pinturas com tinta de tecido e verniz.

Como modelos originais e/ou referências artísticas do material confeccionado foram utilizadas ilustrações e fotos de livros e artigos científicos da área de Micologia e também o site de busca Google® Imagens. Os principais termos de busca foram: fungo; cogumelo; orelha-de-pau; conídios; basídios; basidiósporos; ascos; ascósporos.

Foram utilizadas duas barras de porcelana fria branca (500 g cada) e 12 pacotes de massa de modelar EVA (50 g cada) de diversas cores. Após a confecção os modelos didáticos foram pintados, utilizando pincéis de vários tamanhos e formatos, com tinta de tecido. Após a tinta secar foram passadas duas mãos de verniz sobre a pintura e uma mão de betume na superfície inferior da base do modelo. O betume também foi utilizado, misturando-se ao verniz, para realçar ou detalhar estruturas e/ou superfícies dos modelos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram criados vários modelos de fungos (**Figura 1**), sendo maioria do filo Basidiomycota. Também foi criado um modelo de basídio com basidiósporos e de asco com ascósporos, que são estruturas microscópicas de reprodução dos fungos.



Figura 1. Oficina de modelos didáticos. (A-B) Confecção dos modelos. (C-D) Modelos antes da pintura. (E-G) Modelos prontos após pintura e verniz.

A massa de modelar EVA se mostrou mais prática e mais fácil de moldar, para a criação dos modelos didáticos, do que a porcelana fria. Além disso, o modelo de EVA depois de seco é mais leve e sem risco de quebrar caso sofra uma queda.

Os principais fungos que os discentes utilizaram como modelos de referência foram: *Gymnopilus penetrans*; *Marasmius amazonicus*; *Psilocybe cubensis*; *Laccaria amethystina*; *Pycnoporus sanguineus*; *Amanita muscaria*; *Leucocoprinus birnbaumii*; *Ganoderma applanatum*; *Marasmius haematocephalus*; *Cookeina* sp.; *Macrolepiota* sp.; *Volvariella* sp.; *Agaricus* sp.; *Pleurotus* sp. e *Geastrum* sp.

Todos os participantes das oficinas afirmaram compreender a importância de se conhecer as estruturas e características fúngicas e que o processo de pesquisa e criação facilitou o aprendizado de Micologia. Segundo Albuquerque e Leal (2017) a construção de modelos didáticos desperta um maior interesse na produção destes e, consequentemente, uma melhor compreensão do conteúdo ensinado. Para Matos et al. (2009), o uso de modelos permite a construção do conhecimento sobre o tema estudado evitando apenas receber conceitos teóricos, tornando o processo de ensino mais eficaz e interessante.

Um dos maiores desafios de docentes é transformar aulas tradicionais em atrativas, pois esta mudança pode fazer com que discentes se envolvam mais aumentando assim o interesse em obter mais conhecimentos sobre o tema, além de estimular o interesse e a participação (ANDRADE; MASSABNI, 2011; RIBEIRO et al., 2016; BEZERRA et al., 2017).

CONCLUSÃO

Os modelos didáticos criados já estão incorporados aos objetos da exposição científica do **Projeto Fungus Extremus**, localizado no Laboratório de Biologia dos Fungos do Campus X da UNEB, e sendo utilizados para facilitar a explicação sobre as características dos diversos tipos de fungos tanto para visitantes do Ensino Básico (Fundamental e Médio), quanto do Ensino Superior.

A utilização de modelos didáticos é importante no processo de ensino-aprendizagem facilitando o apreender de temas e conteúdos difíceis de serem observados apenas com figuras e/ou fotos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. R.; LEAL, F. T. S. Utilização de porcelana fria na confecção de modelo didático para o ensino de microbiologia. **Anais...** IV Congresso Nacional de Educação. 15 a 18 de novembro de 2017. João Pessoa-PB.
- ANDRADE, M. L. F.; MASSABNI, V. G. O. Desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. **Ciência & Educação**, v. 17, p. 835-854, 2001.
- BEZERRA, C. P.; GOMES, W. P. B. S.; MEIRELES, K. D.; SOUZA, C. C.; SEIBERT, C. S. Fungos: o uso de modelo didático para o ensino de ciências. **Revista Interface**, v. 14, p. 79-89, 2017.
- JUSTINA, L. A. D.; FERLA, M. R. A utilização de modelos didáticos no ensino de Genética – Exemplo de representação de compactação do DNA eucarioto. **Arquitetura Museu Dinâmico Interdisciplinar**, v. 10, n. 2, p. 35-40, 2006.
- LIMA FILHO, F. S.; CUNHA, F. P.; CARVALHO, F. S.; SOARES, M. F. C. A importância do uso de recursos didáticos alternativos no ensino de química: uma abordagem sobre novas metodologias. **Enciclopédia Biosfera**, v. 7, n. 12; p. 166-173, 2011.
- LIMA, K. E. C.; VASCONCELOS, S. D. Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 52, p. 397-412, 2006.
- MATOS, C. H. C.; OLIVEIRA, C. R. F.; SANTOS, M. P. F.; FERRAZ, C. S. Utilização de modelos didáticos no ensino de Entomologia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 9, n. 1, p. 19-23, 2009.
- MUELLER, G. M.; BILLS, G. F.; FOSTER, M. S. (Eds.). **Biodiversity of Fungi: Inventory and Monitoring Methods**. Amsterdam: Elsevier Academic Press. 2004.
- ORLANDO, T. C.; LIMA, A. R.; SILVA, A. M.; FUZISSAKI, C. N.; RAMOS, C. L.; MACHADO, D.; FERNANDES, F. F.; LORENZI, J. C. C.; LIMA, M. A.; GARDIM, S.; BARBOSA, V. C.; TRÉZ, T. A. Planejamento, montagem e aplicação de modelos didáticos para abordagem de biologia celular e molecular no ensino médio por graduandos de Ciências Biológicas. **Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular**, v. 1, p. 1-17, 2009.
- RIBEIRO, J. M.; GLÓRIA, S. P.; SILVA, K. L. F.; SEIBERT, C. S. Jogo vitamínico: uma ferramenta no ensino sobre alimentação saudável. **Revista Produção Acadêmica**, v. 2, n. 2, p. 184-192, 2016.
- TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed. 2016.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Educação Física

PROJETO DE EXTENSÃO IDOSO EM ATIVA IDADE 2020 - PREVENÇÃO E COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19

Ramiro Henrique Conceição Santana dos Santos¹

Ariele Rocha Bomjardim²

Giovanna Glenda Chaves Lopes³

Rafaela Gomes dos Santos⁴

RESUMO

O presente trabalho descreve as atividades do Projeto de extensão Idoso em Ativa Idade combate e prevenção à pandemia do COVID-19, tendo suas ações de forma virtual, voltadas aos idosos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade UATI/CEVITI da Universidade do Estado da Bahia – CAMPUS X. Foi utilizado a ferramenta *WhatsApp* como principal aliado para manter o contato diariamente com os idosos. Como resultados tivemos a confecção de 54 vídeos de educação em saúde e ações de combate as *Fake News*, também foram feitos acompanhamentos pelo telefone e confecção da página do *Youtube* para postagens dos vídeos.

Palavras-chave: Idoso; Covid-19; Saúde; Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO

Manter os idosos ativos fisicamente e incentivando uma melhor qualidade de vida durante o período de pandemia da Covid-19, tem sido um desafio social. Nesse sentido, o Projeto de extensão Idoso em Ativa Idade (IATI), subprojeto que faz parte da Universidade Aberta à Terceira Idade - Campus X da Universidade do Estado da Bahia (UATI-CEVITI), buscou oferecer diversas alternativas de experiências e vivências que os proporcionem o desenvolver socialmente e individualmente durante o isolamento social.

Assim, com a suspensão das atividades presenciais devido a pandemia emergiu a versão do Projeto IATI virtualmente. Esse projeto teve inicio em maio de 2020 e contou com a colaboração de professores, monitoria voluntária e bolsista. As atividades propostas dentro desse projeto, tiveram como objetivo a expansão das atividades de forma virtual para os participantes do Programa UATI-CEVITI, visando

¹ Estudante de graduação em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, ramiro.henrique7@gmail.com, bolsista PROAF - UNEB

² Estudante de graduação em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, bomjardimariele2017@gmail.com, bolsista PROAF - UNEB

³ Estudante de graduação em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, bomjardimariele2017@gmail.com, bolsista de Extensão PROBEX – 030/2020.

⁴ Professora Ma. do Curso Educação Física, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X, ragomes@uneb.br.

a manutenção da saúde física e mental dos idosos, durante da pandemia da Covid-19. Assim, o objetivo desse estudo é relatar as experiências das atividades extensionista que foram desenvolvidas virtualmente de abril a setembro de 2020 no Projeto IATI para prevenção e combate à pandemia da Covid-19.

METODOLOGIA

O planejamento das atividades foi iniciado no mês de abril com readaptação das atividades para o formato virtual. Inicialmente, foram feitas reuniões com monitores e professores para deliberar as demandas e a primeira tarefa do grupo foi a elaboração de diversos materiais, como vídeos curtos de até no máximo três minutos, com os seguintes temas: exercícios de flexibilidade, equilíbrio, coordenação motora e alongamentos; respiração, relaxamento e automassagem; atividades de atenção e memória; mensagens motivacionais, vídeos de cultura e lazer. Cada dia da semana era destinado a um conteúdo e um monitor responsável pelo mesmo.

No mês de maio deu-se deu início ao projeto por meio do Grupo de *Whatsapp* da UATI-CEVITI. As segundas e quintas-feiras foram destinadas a vídeos com as temáticas: exercícios de flexibilidade, equilíbrio, coordenação motora e alongamentos. Às terças-feiras, atividades de respiração, relaxamento e automassagem. Já nas quartas-feiras, atividades de atenção e memória e nas sextas-feiras era o dia dedicado a publicação de vídeos de mensagens motivacionais e de cultura e lazer.

As atividades de julho até setembro tiveram o mesmo caráter do mês anterior, porém, houve mudança dos dias de publicações, pois o grupo de *WhatsApp* também seria utilizado para outro projeto de extensão e então houve a necessidade de mudar o cronograma para três dias na semana, ao invés de cada monitor ter um dia fixo de postagem foi feito um rodízio dos dias.

Além disso, visando atender o grupo de participantes do Programa que não tinha acesso ao *Whatsapp*, os números dos idosos foram disponibilizados em uma lista telefônica, permitida pelo coordenador do UATI. Cada monitor ficou responsável por uma quantidade de idosos e fizeram ligações durante as semanas. Também foi decidido que até mesmo os idosos que estavam no grupo do *WhatsApp*, poderiam receber mensagens no privado afim de ter uma atenção e um contato individual com os monitores.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A articulação deste projeto veio através da necessidade do isolamento social, devido ao novo coronavírus. De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) o primeiro caso foi notificado em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019 e foi declarada a Pandemia Mundial no dia 11 de março de 2020. A Covid-19, tem sido responsável por mais de 35.897.739 casos confirmados no total e 1.048.781 mortes no mundo até a data de 08 de outubro de 2020.

Schuchmann (2020) esclarece que a doença do novo coronavírus (COVID-19) é uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2. O público mais afetado com esse vírus é o idoso, como afirma Brasil (2020) os idosos são destaques na pandemia da COVID-19. E tal destaque pode ser explicado conforme Valença (2017) esclarece que essas razões são em grande parte por apresentar alterações fisiológicas decorrentes da senescência ou senilidade.

No primeiro momento, foi produzido um breve vídeo para apresentação dos monitores responsáveis pela criação dos conteúdos e poder familiarizar os participantes do grupo oficial da UATI-CEVITI. Foi utilizada a plataforma *Microsoft Teams* e *Google Meet* para as reuniões dos monitores, nas quais eram registradas em ata. Os vídeos das primeiras atividades propostas pelo primeiro cronograma, tinham frequência de cinco vezes na semana, de segunda a sexta-feira, todos postados às 14h00 da tarde, pois era o mesmo horário das oficinas realizadas presencialmente na Universidade. Todos os vídeos antes de serem enviados no grupo da UATI-CEVITI, eram postados em um grupo fechado dos monitores para ideias e sugestões, e para que os mesmos pudessem ser editados caso houvesse necessidade.

Posteriormente, foi criado um canal no *Youtube* e feito o *upload* dos vídeos compartilhados no grupo do *WhatsApp*, para assim complementar e atingir mais o público que procurassem por esse tipo de conteúdo. Ao saber que nem todos os idosos teriam acesso ao aplicativo do *WhatsApp* ou acesso à internet, a atividade proposta para esses idosos, foram ligações e mensagens semanais feitas pelos monitores, afim de ter uma aproximação e um melhor engajamento deles no grupo, além de saber como eles estavam e se precisavam de algo.

A partir das ações realizadas no Projeto Idoso em Ativa Idade, foi possível perceber que houve interação entre os participantes, já que o *WhatsApp* se tornou um dos meios de comunicação mais utilizados entre os idosos durante o isolamento

social, realizando assim, uma troca de experiência entre os mesmos e os monitores. Dos vídeos produzidos, ao todo foram 54 sendo que no *Youtube* foram disponibilizados apenas 32 vídeos.

Os vídeos foram bem recebidos e agradaram os participantes, como resultado houve relatos de vivências e histórias que marcaram a vida deles. Em relação aos idosos que não tinham *WhatsApp*, foi realizada ligações semanais feitas pelos monitores. Da lista telefônica disponibilizada pelo coordenador da UATI, foi organizado entre os monitores a quantidade de idosos que teriam que fazer as ligações. Porém, houve dificuldades entre alguns dos monitores, por diversas vezes não terem o crédito no celular e isso se tornando umas das limitações do projeto.

Dos relatos observados das ligações, a maioria demonstrou sentir saudades das atividades presenciais e ansiavam que tudo voltasse ao normal. De um dos relatos coletados, uma participante disse o seguinte: *“Tem 15 anos que participo da UATI-CEVITI e quem me apresentou foi Dona Ione agradeço muito a ela, pois aprendi muita coisa na UATI, foi muito bom participar, sinto muita falta esse ano e não posso participar”*.

Nesse período de isolamento social, muitos relataram terem contraído algumas doenças, como dengue (Dengue vírus), Chikungunya (CHIKV), Zika vírus. Foi percebido um receio de externar sobre a contaminação pela Covid-19, mas alguns informaram que contraíram. Em alguns relatos, foi possível perceber que muitos se sentiam sozinhos e que era um momento muito delicado que estavam passando com a pandemia, mas mesmo assim, entendiam a importância de cumprir o isolamento social, já que os mesmos fazem parte do grupo de risco.

Apesar das atividades desse Programa acontecerem de forma presencial, e atualmente estarem suspensas, Ferreira (2020) afirma que o ambiente domiciliar e familiar também é extremamente aceitável para a realização de atividade física. Sendo assim, em qualquer faixa etária, deve ser recomendado à população alguns comportamentos e atitudes que irão ajudar a manter uma vida fisicamente ativa e uma boa qualidade de vida mental, principalmente, nesse momento em que todos enfrentamos o isolamento social, tais comportamentos como realizar atividades físicas que sejam prazerosas explorando espaços domiciliares e utensílios disponíveis para se movimentar são recomendados.

Como participantes desse projeto e ao decorrer das atividades aplicadas, foi observado o quanto importante é a implementação de projetos de extensões como esse,

no qual foi possível perceber a importância da socialização para esse público alvo. Foi possível ainda, notar a relação afetuosa que os participantes tem entre si, que mesmo de longe se faziam tão presentes.

Porém, se passando algum tempo, observou-se que houve um declínio no quesito de interação virtual, causando assim uma desmotivação nos monitores em relação a produção de conteúdo. Isso pode-se dizer por diversos motivos, talvez nem todos os idosos que estavam adicionados no grupo de mensagem sabiam realmente baixar o vídeo e reproduzir, ou ler uma mensagem, reproduzir um áudio, digitar uma resposta ou gravar uma mensagem de voz, e, possivelmente por isso as respostas nem sempre chegavam da forma esperada. Então, ficava a dúvida se eles estavam realizando as atividades propostas.

O projeto contava também com recurso financeiro da Universidade, que seria utilizado para a manutenção das atividades, porém não foi possível empregar. Esse recurso poderia refletir de forma mais positiva no projeto, como a utilização para colocar crédito no celular de algum monitor que não tivesse, na manutenção da internet, bem como na confecção de material que poderia ser utilizado nos vídeos entre outros.

É importante ressaltar a importância de projetos de extensão como esse, principalmente, em períodos de pandemia. Apesar das limitações identificadas durante o desenvolvimento do projeto, foi possível e necessário realizar atividades remotas em tempo de pandemia e houve a colaboração dos participantes, que reagiram bem as ações extensionistas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as abordagens tecnológicas foram essenciais para a continuidade das atividades do Projeto Idoso em Ativa Idade, em que foram compartilhados vídeos originais produzidos pelos monitores. Almejamos que com essas atividades, o público alvo obtivesse resultados significativos, tanto para a sua saúde física como a psíquica. No âmbito acadêmico, foi possível desmitificar a ideia de que o curso de Educação Física necessita prioritariamente do contato físico, abrindo assim, várias possibilidades e oportunidades de atividades remotas dentro do curso de Licenciatura em Educação Física da Uneb-Campus X.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico. Doença pelo Coronavírus 2019**. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020. [acesso em 08 out 2020]. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/03/BE6-Boletim-Especial-do-COE.pdf>

FERREIRA, Maycon Junior et al. Vida Fisicamente Ativa como Medida de Enfrentamento ao COVID-19. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 114, n. 4, p. 601-602, Apr. 2020.

SCHUCHMANN, A. Z. et al. Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3556–3576, 2020.

VALENCA, Tatiane Dias Casimiro et al. Deficiência física na velhice: um estudo estrutural das representações sociais. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2017.

WHO, Coronavirus (2019-nCoV) technical guidance. **Who.Int**. Acesso: 12 out. 2020. Disponível: < <https://covid19.who.int/>>

ATLETISMO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS NO ÂMBITO ESCOLAR – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jaqueline do Nascimento Fonseca¹
Ivalda Kimberlly Santos Portela²
Jessica Pedroso Lima³
Onézimo Gregório da silva⁴

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante o desenvolvimento de um projeto na disciplina “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Atletismo”. O mesmo ocorreu nas dependências da UNEB - Campus X e contou com a participação dos alunos da rede pública do ensino fundamental da Escola Municipal Solidariedade. Assim, foi organizada pelos discentes do 5º semestre letivo de 2019.2, uma corrida *Cross Country* que contou com 10 estações de atividades lúdicas ao longo de um percurso previamente estipulado. Percebemos como principais resultados uma participação significativa tanto dos participantes bem como dos organizadores que empenharam esforços na realização.

Palavras-chave: Atletismo; Desportos; Educação Física; Escola.

INTRODUÇÃO

O atletismo, considerado “desporto base”, é utilizado pelo homem desde a antiguidade, pois, fundamenta-se em movimentos naturais: correr, lançar e saltar. Sistematizado desde a Grécia Antiga 776a.C. (Jogos Olímpicos), o atletismo é possível de ser praticado em diversos níveis, do alto rendimento esportivo ao ambiente escolar (formação e competição). Assim, no universo vasto de modalidades que a Educação Física escolar possui este desporto (de fundamental importância nas escolas), promove vivências em habilidades motoras como correr, saltar e arremessar, que colaboram no desenvolvimento e aprendizagem da criança, pois, permite desafios de cooperação, trabalho em equipe e respeito, além da manutenção da saúde.

Estudos evidenciam que as escolas não prezam por práticas pedagógicas que englobam o atletismo, por erroneamente considerarem que essa modalidade requer grande infraestrutura ou mesmo pela falta de interesse de professores e alunos. Porém, quando é aplicado o atletismo na escola, logo se percebe a facilidade natural de execução (especialmente das corridas) e que é possível ensinar a qualquer pessoa pela fácil confecção e adaptação dos materiais utilizados. MATTHIESEN (2005) e OLIVEIRA (2006) apresentam propostas que possibilitam a aplicação do conteúdo de atletismo no ambiente escolar, indicando alternativas para superar a falta de

equipamentos e de infraestrutura (executar as diferentes provas do atletismo de acordo com as regras oficiais utilizadas em competições da modalidade esportiva nos espaços existentes). Logo o objetivo desse relato é exibir maneiras de reverter a situação da dificuldade de que se aplicar o atletismo apontadas por muitos professores.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no desenvolvimento de um projeto de Atletismo como proposta dentro da disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Atletismo.

MÉTODOS

O projeto “Festival de corridas de atletismo” nasceu dentro das discussões realizadas na disciplina “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Atletismo” durante o semestre letivo de 2019.2.

Houve uma votação de representantes para cada etapa do projeto e indicação da acadêmica representante, foram construídos todos os procedimentos operacionais necessários ao evento e procedeu-se ao convite da E.M. Solidariedade, ao qual foi prontamente aceito pela direção.

Os acadêmicos do 5º período (no semestre letivo 2019.2) do curso de Licenciatura em Educação Física foram divididos em grupos, coordenaram o desenvolvimento de cada estação da atividade geral. A atividade foi composta por 10 estações que completavam uma corrida adaptada e foram realizadas na área livre do Campus X, tendo como principal finalidade fazer com que as crianças, de forma lúdica, percorressem os obstáculos simulando a corrida de *Cross Country*¹.

Para a construção das estações propostas para o evento foram utilizados materiais disponíveis para as aulas práticas bem como a confecção dos materiais alternativos que foram utilizados. Assim, lançamos mão de: colchonetes, cordas, arcos, cones e materiais alternativos como (barbante; pneus; sacos; baldes; buchas e outros jogos construídos para memorização).

No dia do evento, as crianças foram divididas em grupos mistos, sendo cada grupo composto por 10 crianças e um acadêmico responsável por orientar o caminho

¹ é uma modalidade do atletismo onde os atletas competem numa corrida em terreno aberto ou acidentado.

e como desenvolver as atividades. Para completar a atividade, era preciso que todos do grupo passassem por todos os obstáculos e chegassem juntos ao final da última estação. Desta forma foi possível fazer com que todas as crianças participassem sem nenhum tipo de exclusão da modalidade *Cross Country*.

RESULTADOS

Visto que o projeto englobou cerca de 50 alunos da E. M. Solidariedade, sendo todos pertencentes ao ensino fundamental com faixa etária compreendida dos sete aos 10 anos, observou-se principalmente que: a) os alunos não tinham uma visão ampla sobre o atletismo; b) Foi notória a invisibilidade de desportos alternativos no âmbito escolar, pois, de acordo com relatos de algumas crianças, essas nunca haviam vivenciado sua prática, e outras achavam que se limitavam apenas na corrida; c) os alunos demonstraram-se capazes de aprender e praticar aulas de atletismo de maneira satisfatória, salientando que o aspecto lúdico esteve presente em todas as ações propostas, permitindo ampla, irrestrita e inclusiva participação e interesse por parte de todos e d) perceptível à mudança sobre o conceito de atletismo entre as crianças presentes, pois, por este, eles conheceram de forma lúdica as múltiplas possibilidades que esse esporte abrange. Desta forma, observamos na prática que as propostas alternativas de MATTHIESEN e OLIVEIRA para aplicar o conteúdo de atletismo na escola, é possível construir os materiais para suprir a falta dos mesmos.

É inegável que o desenvolvimento do projeto “Festival de corridas de atletismo” foi de grande relevância primeiramente para os participantes, visto que o mesmo traz vários benefícios individuais e coletivos. Por meio deste, puderam vivenciar um esporte pouco explorado nas escolas e trabalhar os aspectos motores, cognitivos e sociais (que foram proporcionados), essenciais ao desenvolvimento pleno do indivíduo.

Quanto ao aspecto de formação, o projeto permitiu aos acadêmicos da disciplina, prática e contato com dificuldades que um professor encontrará no momento que propõe novas atividades metodológicas que fogem do habitual (futsal, handebol, vôlei e futebol).

Portanto, a aplicação de práticas desportivas alternativas além de contribuir para enriquecer o repertório motor do escolar, também proporciona para o acadêmico, um olhar crítico (visão de futuras professoras), que nos permite ousar e abusar da

nossa criatividade, ajudando na escolha de novos conteúdos a serem aplicados nas aulas de educação física escolar, mesmo e principalmente, em situações/condições de pouca ou nenhuma estruturada específica ou com poucos recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseadas nas observações e percepções da vivência, compreendemos que é de suma importância a aplicação de diferentes modalidades esportivas (neste caso especificamente o atletismo) no campo escolar (mesmo havendo resistências). A escolha do atletismo justifica-se por ser um esporte diversificado que não se limita apenas a corrida, sendo assim um agente social e educacional na vida da criança que o pratica.

Desta forma a participação em todas as etapas do projeto (elaboração, confecção e execução) proporcionou aos acadêmicos envolvidos e especialmente para nós, uma experiência única, uma vez que de forma lúdica foi possível obter ótimos resultados e possibilitar experiências significativas para os alunos.

Durante nossa trajetória na jornada acadêmica, atividades desse caráter apresentam-se com uma importância ímpar na formação profissional, pois, além de nos proporcionar vivências reais com os alunos, nos colocam frente a frente com desafios que vamos enfrentar como professores futuramente.

REFERÊNCIAS

MATTHIESEN, S. Q. (Org.). **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2005.

OLIVEIRA, M. C. M. **Atletismo Escolar: Uma Proposta De Ensino Na Educação Infantil**. Sprint Editora, 2006.

UATI-CEVITI: VIRTUAL-MENTE EM DEFESA DA VIDA

Gean Paulo Goncalves Santana¹
Igor dos Santos Ferreira²
Júlia Izadora Gonçalves Nascimento³

RESUMO

O Projeto de Extensão UATI-CEVITI: virtualmente em defesa da vida é parte do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, da UNEB, Campus X, contemplado com o edital 30/2020 PROEX. O objetivo desse projeto é possibilitar interatividade entre os membros do programa UATI-CEVITI, através do WhatsApp, no período de isolamento social, afim de promover valorização pessoal e melhoria da autoestima. O percurso discursivo metodológico busca através de lives, vídeos-aulas, e trocas de mensagens resguardar o idoso das consequências no campo emocional que a quarentena pode ocasionar: sentimento de solidão, ansiedade, tristeza e depressão. Acreditamos que para o bem-viver da população idosa, seja importante a manutenção de espaços de aprendizagens culturais, de lazer e entretenimento, e que o acesso à informação e tecnologia podem resultar em ganho significativo na qualidade de vida.

Palavras-chave: Interatividade; Socialização; Isolamento social; Idoso.

INTRODUÇÃO

Desde a sua implantação, em 1997, o projeto de extensão CEVITI- Campus X, posteriormente, integrado ao Programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI já atendeu a uma população de mais de 1200 idosos, sendo, quase 90% de mulheres em uma faixa etária que varia entre 55 a 88 anos. O projeto a cada ano vem se firmando como um referencial de discussão, reflexão e sobretudo de um espaço de re(inserção) social da pessoa idosa em Teixeira de Freitas e região. A trajetória histórica do Programa é marcada por muitos registros do tempo vivido e do tempo contado, alicerçados pelas atividades educativas, culturais, artesanais, psíquicas e

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia -UNEB, pós-doutorado em Estudos literários (UFMG) e Herança africana – (ICC) Colômbia. Coord. do Programa UATI-CEVITI / Campus X. E-mail: fratergean@yahoo.com.br

² Graduando em Educação Física. Bolsista PROBEX. Voluntário UATI-CEVITI/ Campus X. E-mail: igorssfr@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Biológicas. Voluntária do Programa UATI-CEVITI/ Campus X. E-mail: juliaizadora@hotmail.com

motoras. Nesses 23 anos, muitos alunos participam ativamente desde a fundação, e, cotidianamente, relatam a importância que o mesmo possui para a qualidade de vida.

Contudo, devido ao contexto ocasionado pela pandemia, em especial a necessidade do isolamento social, para resguardar a Terceira Idade das consequências no campo emocional que a quarentena pode ocasionar: sentimento de solidão, estresse, ansiedade, tristeza e depressão, a UATI/CEVITI- Campus X redimensionou o Programa para que o mesmo se desenvolvesse na virtualidade, afim de atender os participantes matriculados em diferentes oficinas para o ano de 2020, posteriormente, contemplado com o edital 30/2020 PROEX.

O isolamento social é uma situação adversa a experienciada pelos membros do Programa. Importante salientar que o medo ocasionado pelo isolamento, em função da doença infecciosa, o Covid-19, que pode adentrar o lar, o dos filhos e netos, pode afetar a saúde mental do idoso, impactando de forma significativa na sua rotina, alterando o sono, que por sua vez poderá gerar situações que possam agravar problemas crônicos de saúde como diabetes, hipertensão e doenças cardiovasculares.

Diante dessa realidade, constituem-se objetivos norteadores desse projeto de extensão: (i) proporcionar lives com temáticas voltadas para a valorização pessoal e melhoria da autoestima; (ii) Orientar através de vídeos atividades motoras que promovam o bem viver nesse período de isolamento social; (iii) Socializar jogos que estimulem aspectos cognitivos: atenção, coordenação, memória e percepção; (iv) Categorizar as postagens dos membros do grupo identificando as recorrências temáticas para futuros projetos do Programa UATI-CEVITI na UNEB/ Campus X.

METODOLOGIA

O percurso discursivo-metodológico do projeto aporta no desenho pedagógico da metodologia ativa, com o uso do WhatsApp como um ambiente virtual de aprendizagem, assim como diferentes TIC's, que favoreçam o aprendizado tanto individual quanto em rede. Apropria de informações atuais sobre o COVID-19, em sites especializados, artigos científicos para informar e refletir com os membros do grupo, problematizando o ser idoso e procedimento para o bem viver.

O processo discursivo metodológico busca o desenvolvimento da interatividade através do WhatsApp entre os membros do programa. Para tanto, o envolvimento dos idosos nas ações básicas das atividades lúdicas e socioeducativas; Orientações

através de vídeos com atividades motoras que promovam o bem viver nesse período de isolamento social; e) Socialização de jogos que estimulem aspectos cognitivos: atenção, coordenação, memória e percepção; e, não menos importante, a partilha de espiritualidades tão cara aos membros do programa. Por fim, a categorização das postagens dos membros do grupo identificando as recorrências temáticas para futuros projetos do programa no Campus X.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção. Por isso, adequar a necessidade do idoso quanto à forma de vida é fundamental para que ele possa viver de forma digna. Isso requer necessariamente a reconstrução de valores sociais historicamente construídos e assimilados, carecendo inclusive, de outros valores educacionais voltados para algo significativo, cujo desafio seja a garantia da participação efetiva e cidadã do idoso (FRANÇA, 2018). Por isso o percurso de formação sócio cultural do Programa UATI-CEVITI baseia-se nas proposições educacionais e políticas discutidas por Paulo Freire. Nessa perspectiva, o processo formativo é libertário, de transformação social, e não apenas mera capacitação técnica. De acordo com França (2018) todo ato educativo traz no seu bojo uma reflexão sobre o homem e sua forma de existir no mundo.

Importante considerar que todos os homens são produtores de conhecimento na medida em que se tem a capacidade de refletir (FREIRE, 1997). Esse é o caminho construído desde a gênese do Programa UATI-CEVITI. Ao redimensionarmos as ações para o campo da virtualidade, não se restringiu o percurso construído, cujo fio norteador sustenta a ideia da construção coletiva de espaços de aprendizagens culturais, de lazer e entretenimento, onde o princípio fundamental é o respeito à pessoa idosa enquanto sujeito histórico (FRANÇA, 2018). Tal estratégia corrobora com as reflexões de França (2018) quando nos diz é imprescindível a consciência de que nos tempos atuais não se pode prescindir da tecnologia em nossas vidas, e que o acesso à informação e tecnologia pode resultar em ganho significativo na qualidade de vida do idoso.

Parafraseando Debert (1999), o programa UATI-CEVITI propicia espaço para uma vivência coletiva, mesmo na virtualidade, adequando a vida à conquista do prazer, da satisfação, da realização de sonhos oriundos de outras etapas da vida. E,

de acordo com Neri e Freire (2000, p. 98) “quando o idoso tem a oportunidade adequada, ele pode adquirir capacidade, ampliar ou manter relacionamentos sociais significativos, demonstrando entusiasmo e melhorando sua percepção de bem viver”. O programa UATI-CEVITI é uma chance do idoso falar e ser ouvido, de (re)inventar o mundo e de se descobrir capaz e acessar a dignidade da pessoa humana (FRANÇA, 2018).

Ao idealizarmos e elaborarmos o Projeto, nosso desejo era a manutenção da interatividade entre os idosos, permitindo-lhes, no isolamento, expressar sua voz e ser ouvido, através de uma postura dialógica, colaborando com o bem-viver. Dentre as atividades desenvolvidas, destacamos: (i) Montagem de um painel virtual de imagens do tempo vivido e do por vir. Essa ação foi importante na medida que os participantes vislumbraram tantas coisas que eles produziram no coletivo, nas oficinas presenciais, e a importância de se manterem conectados, sobretudo, para pensarem o tempo presente e o por vir; (ii) Provocações virtuais: cantar e contar é reviver. Essa atividade, tendo por fio norteador as parlendas e cantigas folclóricas, além da interatividade com as trocas, possibilitou o resgate de muitas histórias, ativando áreas importantes do corpo como registro de memórias; (iii) Aquecendo o corpo. O valor da atividade física para o fortalecimento do corpo e das emoções. Perceber a importância da prática dos exercícios de alongamentos, de respiração para o bem-viver; (iv) Memórias do tempo vivido e do tempo contado. Quais histórias e/ou objetivos compõem a minha história de vida. Uma provocação aos participantes para contar suas vidas, suas coisas guardadas, materiais e imateriais; e, por fim, (v) Essa língua é poderosa: sociabilidades de trava-língua, um momento de pura diversão e que durou um bom período de interatividade entre os membros.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde é um estado de bem-estar biopsicossocial. Não obstante, o Programa UATI-CEVITI, através das atividades virtuais desenvolvidas, propõe ações formativas que potencializem a pessoa idosa para que ela não se sinta uma “espécie estrangeira” (BOSI, 1994, p. 81) e, possa exercer o direito de mudar, recriar e refazer relações. E, como nos alerta França (2018), ficar velho não é ficar doente. Com vida ativa a pessoa idosa sente-se mais jovem, melhora sua saúde e autoestima, revela mais vontade de viver, divertir-se, desenvolve seu potencial criativo, integra-se ao grupo com o qual está convivendo e até desmistifica a crença e preconceitos de que a velhice representa invalidez, solidão e mal humor (FRANÇA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto está se consolidando como uma forma possível de sociabilidades para além do período da pandemia. Ao iniciarmos o projeto virtual, a questão era como comunicar, utilizando dos recursos tecnológicos para que os participantes pudessem assimilar com facilidade, mas, essa dificuldade logo se desfez, à medida que nos adaptávamos ao uso do tempo. A dificuldade que ainda impera diz respeito a qualidade de conexão, por vezes, ficamos sem acesso à internet.

Acreditamos que as mensagens partilhadas no grupo do WhatsApp têm possibilitado aos idosos construir e reelaborar conhecimentos significativos que lhes permitem compreender, aceitar e ressignificar as limitações impostas pelo envelhecimento, sobretudo, considerando esse momento de pandemia. As trocas de saberes, experiências acumuladas ao longo de toda existência, através das sociabilidades virtuais potencializam os vínculos de relacionamentos afetivos e sociais, permitindo ao idoso mais interação com outros, que antes participavam de oficinas distintas.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

FRANÇA, Marinêz José de Souza. **UAITI CEVITI**: práticas educativas e culturais no movimento da terceira idade. São Paulo: Opção Editora, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Artes, 1997.

NERI, Anita Riberalisso; FREIRE, Sueli Aparecida (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.



Pesquisas e Práxis Pedagógica História

PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DA MULHER NO MST: UM OLHAR PARA O ENFRENTAMENTO FEMININO NA LUTA PELA TERRA E POR AUTONOMIA ECONÔMICA A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

Patrícia Aparecida de Oliveira¹
Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes²

RESUMO

O trabalho é uma revisão bibliográfica sobre a participação e o papel da mulher na luta pela terra; essa mulher que desempenha tripla jornada de trabalho: a labuta no campo, a luta pela terra e os afazeres domésticos. A pesquisa tem como objetivo geral analisar o protagonismo feminino na luta pela terra, o processo de empoderamento e a luta por autonomia econômica. Os objetivos específicos são: entender a conexão da mulher com trabalho no campo e no lar, identificar o protagonismo e empoderamento da mulher no espaço rural; analisar o engajamento da mulher no processo histórico da luta pela terra.

Palavras-chave: Mulher; Empoderamento; Luta; Terra.

INTRODUÇÃO

A pesquisa traz algumas reflexões sobre a participação da mulher no espaço rural e o seu papel na luta pela terra. O trabalho tem como objetivo geral analisar o protagonismo feminino na luta pela terra, o seu processo de empoderamento e a luta por sua autonomia econômica no espaço rural. Em consonância com o objetivo geral, os objetivos específicos são: entender a conexão da mulher com trabalho no campo e no lar (seu espaço privado), haja vista ela desempenhar uma tripla jornada de trabalho: a labuta no campo, a luta pela terra e os afazeres domésticos; identificar o protagonismo e empoderamento da mulher no espaço rural; analisar o engajamento da mulher no processo histórico da luta pela terra.

Para o desenvolvimento do estudo, foi tecido um caminho que perpassa pelo entendimento dos conceitos de Movimentos Sociais, foi utilizado também o conceito de empoderamento; abordando também alguns pontos sobre a história da mulher, e por fim, o estudo discorre sobre a mulher na luta pela terra, nos enfrentamentos dessa mulher por visibilidade e (re)conhecimento da sua importância no meio rural.

¹ Pós-graduanda do Curso Latu Sensu História, Cultura e Sociedade do Departamento de Educação/Campus X da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; patytdf4@gmail.com.

² Profª Orientadora; Profª Assistente do Colegiado de História/UNEB - CAMPUS X; Mestra em História Regional e Local - UNEB - Campus V.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que incide no levantamento e análise de material (artigos, livros, revistas, periódicos, entre outros) já elaborados e publicados. Teve como foco principal a abordagem qualitativa; compreendendo que a pesquisa qualitativa traz na sua complexidade uma abordagem subjetiva dos sujeitos, traz à luz comportamentos sociais como, hábitos, crenças, valores, traz a diversidade, a história de vida, a cultura de cada sociedade, cada grupo, cada povo. Aqui a pesquisa qualitativa é dirigida, como já dito antes, pela pesquisa bibliográfica documental, tendo em vista responder os objetivos propostos no estudo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Quando falamos em luta, estamos falando também em história e por muito tempo a História era vista a partir de uma perspectiva macro, a história dos grandes heróis, dos grandes fatos, das datas importantes, era um relato de grandes feitos políticos da humanidade. Em contraposição, conforme afirma Peter Burke (1992), toda atividade humana é fonte de interesse da nova história.

A história das mulheres foi silenciada ao longo do tempo, foi esquecida, apagada, emudecida por um longo período histórico. Escrever sobre a história das mulheres não é uma tarefa fácil, é algo complexo levando em consideração que só no final do século XX, a temática sobre mulheres definiu-se como pesquisa no campo da historiografia, esse processo de escrita sobre mulheres, se fez necessário trazer para o cenário da pesquisa o empoderamento feminino, e nessa perspectiva, o processo de empoderar também perpassa pela conscientização crítica e pela coletividade, uma transformação social. Baquero (2012) aponta para duas dimensões importantes a serem consideradas nos debates sobre empoderamento: a educativa e a política, e no que diz respeito ao empoderamento feminino, Sardenberg (2006) afirma que o empoderamento é um procedimento que abarca lutas e conquistas, além de ser uma conquista da autodeterminação ; Lisboa (2008) relaciona o empoderamento feminino como forma de emancipação e resistência. Desse modo, o empoderamento pode ser visto como uma possibilidade que venha abrir portas para conter as desigualdades de gênero, criando cenários em que as mulheres assumam lugar de protagonismo nos mais diferentes campos de atuação de suas histórias e das histórias da sociedade envolvente.

A partir destes alinhavos sobre mulheres e empoderamento, foi realizada uma breve análise sobre movimentos sociais e também a presença feminina dentro de um movimento, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST, discorrendo algumas nuances do processo de empoderamento feminino. No espaço da luta pela terra, as relações de gênero são também um desafio para as trabalhadoras do campo, apesar delas assumirem também dentro dos movimentos papéis de liderança. Os movimentos sociais sempre estiveram presentes na história da humanidade, as lutas por direitos, cidadania, democracia, entre outras são pautas importantes nas agendas dos movimentos sociais, De acordo com Gohn (2000), os movimentos sociais são ações igualitárias e coletivas que tem pautas políticas e culturais dentro de uma coletividade. Os Movimentos Sociais emanam das desigualdades sociais vividas ao longo da história em todas as sociedades e se configuram, de acordo com Ammann (1991), a partir da contestação, do protesto, da insatisfação e do conflito.

O Movimento do Trabalhadores Terra – MST, de acordo com Fernandes (2000) é resultado de lutas e organizações de trabalhadores rurais, e é um dos movimentos sociais mais expressivos e representativos da sociedade brasileira, e surge com perspectivas de lutas, labutas e reivindicações pela terra, por direitos e por uma sociedade mais igualitária. O debate sobre gênero e a participação da mulher na linha de frente de luta pela terra, não foi um processo constituído desde sua gênese, os debates sobre gênero, trazendo assim os papéis específicos de homens e mulheres, e as relações de poder provenientes deste processo, no entanto, foram despontando inquietações dentro do movimento, pois as mulheres sofriam preconceitos, e não ocupavam cargos importantes dentro da organização da estrutura política do movimento, apesar de estar em todos os processos de luta, conforme aponta Esmeraldo (2007), as mulheres estão presente como protagonistas desde os primórdios do MST, e o papel estratégico da mulher é importante e fortalece a luta do movimento. Já para Gonçalves (2009), a participação feminina dentro do MST, começou de maneira mais acanhada, contudo, com a organização do Coletivo Nacional de Mulheres do MST, a participação das mulheres ganhou força e visibilidade. Os Coletivos de Gênero, fruto da introdução dessa discussão, organizados dentro dos Estados e articulados em nível regional, vem constituindo avanços no que tange ao desenvolvimento destas colocações, assim, para Silva (2004) apud Gonçalves (2009) a importância da participação feminina no MST é produto de uma ação complexa e conflitante e que ainda está se delineando.

De acordo com Delboni (2008), foi a partir de 1980 que as mulheres avançaram na luta pela terra, partindo de duas vertentes: uma luta sindical, em favor dos direitos trabalhistas – luta pela carteira assinada, aposentadoria, licença saúde e maternidade e uma luta de reconhecimento enquanto trabalhadoras rurais. As mulheres raramente eram consideradas trabalhadoras do campo. No contexto atual em que se discute o avanço da participação feminina na sociedade, faz-se relevante pensar nesse avanço tanto na cidade, quanto no campo. As mulheres no espaço rural, tal qual as mulheres em outros espaços que lutam por igualdade de direitos, vão para a lida, cuidam da casa, cuidam dos filhos, dos companheiros(as) e muitas ainda se dedicam ao estudo, e na busca por conhecimento essas mulheres se articulam enquanto movimento social, e capacitam-se na estrutura organizacional destes.

No campo, as mulheres, tem as mesmas responsabilidades que qualquer mulher, por vezes a produção a ela destinada é aquela para o consumo da família, do cuidado com o bem-estar de seus pares, da rotina da casa; mas a lida dessas mulheres é para além disso, e apesar de não serem reconhecidas em termos de políticas e programas específicos, elas contribuem muito para a economia da sua região. Mas, a questão é, e essa contribuição chega até elas, o que essas mulheres tem a dizer sobre seus processos de empoderamento e de autonomia econômica? Haja vista que a autonomia econômica é primordial para que as mulheres possam fornecer seu próprio sustento, o sustento dos seus e ainda decidir por suas vidas.

O empoderamento e a autonomia da mulher não abarca somente a independência financeira e geração de renda, todavia, acredita-se que envolve a possibilidade de realizar e constituir um projeto, conduzir suas próprias escolhas.

No contexto de luta pela terra na região do Extremo Sul da Bahia é possível perceber a importância de dois agentes sociais, a Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas e do sindicato rural atuando na mediação das lutas dos trabalhadores rurais da região (D'icaraby, 2018). No entanto, relatos sobre a participação feminina, bem como as relações de gênero e o processo de empoderamento e autonomia econômica da mulher dentro desse espaço específico, ainda é pouco explorado nas pesquisas acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da luta feminina no âmbito do trabalho, nos mostra que ainda hoje são muitos os casos de machismo e preconceitos que assolam nossa sociedade. Apesar dos muitos avanços, no sentido de romper com esses padrões, muito ainda há por fazer, e é um estigma que precisa ser suplantado.

No campo da luta pela terra, as relações de gênero são também um desafio para as trabalhadoras do campo, apesar de elas assumirem também dentro dos movimentos de luta pela terra, espaços de lideranças, ainda são vistas com desconfiança. Precisa-se investir na conscientização de que a mulher é sujeita de sua história, e dentro da luta pela terra, é impossível pensar numa efetiva vitória, se não for considerada a real e significativa participação feminina.

A luta da mulher é um processo árduo e continuo, essas mulheres estão comprometidas em todas as suas dimensões para a construção de uma sociedade mais igualitária, no entanto vemos que dentro desse contexto de luta, esse é um espaço que ainda está fundamentado no patriarcalismo e no machismo estrutural, que segundo Marília Moschovich (2013) se trata de um machismo oculto e terrível.

Desse modo, percebe-se que dentro dos movimentos sociais há divergências, e a questão de gênero é um desses terrenos de disputa; ocorre, que essas disputas acabam por revelar a importância das mulheres nas ações do MST; a relação de empoderamento coletivo e das mesmas dentro do movimento social.

REFERÊNCIAS

- AMMANN, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro: de frente para o Estado, em busca do Parlamento**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 126.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social? – Uma Discussão Conceitual**. A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.
- BURKE, Peter. **A nova história, seu passado e seu futuro**. In: _____. (Org.) A escrita da História: novas perspectivas. SP: UNESP, 1992.
- DELBONI, Claudia. **Mulheres da terra: participação na luta pelos direitos sociais**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP, 2008

D'icarthy, Leonardo Dantas. **O Sonho da Terra: Trabalhadores Rurais e o Surgimento do MST na Bahia.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.

ESMERALDO, G. G. S. L. Ruídos com marcas de transgressões ancoradas em mulheres assentadas. In: LOPES, Adriana L; Andrea BUTTO (Org.). **Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil.** Brasília: MDA, Nead. 2008. p. 185-216.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A Territorialização do MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – Brasil. Revista Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária, São Paulo – 2000.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. Revista Mediações, Londrina, v. 5, n. 1, p.11, jan./jun. 2000.

GONÇALVES, Renata. (Re)politizando o conceito de gênero: a participação política das mulheres no MST. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais, 2009.

LISBOA, Teresa Kleba. O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

MOSCHOVICH, Marília. Coluna Mulher Alternativa, 2013

RAGO, Margareth. As mulheres da historiografia brasileira. SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate.** São Paulo: UNESP, 1995.

SARDENBERG, Cecilia M.B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Salvador 2006.

O CINECLUBISMO COMO FORMA DE ALCANÇAR NOVOS DEBATES: O CASO DO CONVERSÊ CINE CLUBE E O DEBATE TRANS NO CINEMA

Victor Augusto Lage Pena¹

RESUMO

Este trabalho consiste em reflexões sobre as potencialidades de ações cineclubistas, a partir da experiência do projeto de extensão Conversê Cine Clube. A experiência aqui relatada trata-se da aproximação de pessoas cisgêneras ao debate da transgeneridade a partir de filmes que discutem a temática. Mesmo com os seus limites e problemas, é possível perceber potencialidades nas ações aqui apresentadas como forma de romper fronteiras de percepções de mundo. Nas ações foram utilizados os documentários: *Vou rifar meu coração*, *Divinas Divas* e *A Gis*.

Palavras-chave: Cineclubismo; cisgeneridade; transgeneridade.

INTRODUÇÃO

O Conversê Cine Clube é um projeto de extensão, do Campus X da Universidade do Estado da Bahia, coordenado pela professora Liliane Gomes e por mim, Victor Pena. Em meio a pandemia do novo corona vírus ele precisou se adaptar, surgiu assim o Conversê Cine Clube em casa, que consiste em divulgação de filmes disponíveis em plataformas digitais gratuitas e rodas de conversas virtuais para debater o material. Dentro desta dinâmica, discutimos sobre as mais diversas temáticas, como: infância, mundo do brincar, luta de classes, ditadura militar, música, xenofobia, inclusão, estética, questões étnico-raciais, dentre diversas questões.

Em meio a tantas questões, o grupo participante do Conversê Cine Clube se deparou com a temática da homossexualidade e da transgeneridade com o filme *Eu vou rifar meu coração*, de Ane Rieper. Por mais que o tema central do documentário não seja as questões LGBT+, o texto apresenta, mesmo que de forma breve, personagens lésbicas, gays e travestis. Chamando, pela primeira vez, a atenção para este debate dentro do Conversê em casa.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em História: poder e linguagens pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente atua como professor assistente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e como professor substituto na Universidade do Estado da Bahia (UNEBA).

victoraugustopena@hotmail.com

Depois deste primeiro contato, assistimos outros dois documentários, agora já tratando diretamente dessa temática. São eles *Divinas Divas* de Leandra Leal e *A Gis* de Thiago Carvalhaes.

Este trabalho pretende discutir a importância da arte para o levantamento de determinadas temáticas, e o potencial das ações cineclubistas para levar discussões a públicos que não a buscariam por conta própria. Afinal, o Conversê Cine Clube tem participantes cisgêneros, em sua totalidade, e heterossexuais, em sua maioria, sendo assim, um espaço pouco propício para o levantamento de determinadas temáticas.

Este relato de experiência junto a essa ação de extensão tem por objetivo compreender os limites e as potencialidades de suas ações, buscando trazer reflexões que possam auxiliar outras ações cineclubistas e aperfeiçoar as ações do próprio Conversê Cine Clube.

METODOLOGIA

Este estudo está baseado em relatos de experiência com a ação cineclubista e uma breve análise das representações das transexuais apresentadas nos documentários em questão. Vale ressaltar que esta análise foi feita a partir das discussões realizadas nas rodas de conversas virtuais do Conversê.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Primeiro ponto a ser apresentado para essa discussão, é que essas são as primeiras impressões de um grupo cisgênero ao lidar com a transexualidade. Cabendo aqui pensarmos muito mais nas reações dessas pessoas cis, no qual eu me incluo, do que nas próprias mulheres trans que aparecem no material audiovisual apresentado.

Faço essa ponderação, pois é preciso ter em mente que todos os filmes vistos e discutidos pelo grupo do Conversê são filmes dirigidos por pessoas cis, falando de pessoas trans. E como a própria direção dos filmes foi feita por pessoas cisgêneras, a imagem das pessoas trans nos chegou com as lentes cis.

Mesmo com tantas ponderações, é preciso reconhecer a importância desta atividade, pois ela apresenta os primeiros passos para uma discussão a respeito das transgêneridades e a importância de reconhecer as lutas e pautas dessa categoria.

Tudo começa quando, ao assistirmos um documentário sobre música brega, *Vou rifar meu coração*. O filme termina com uma cena claramente constrangedora de

uma personagem trans. Marquise, uma travesti, é completamente desrespeitada enquanto a sua identidade de gênero nos poucos minutos de entrevista em que ela aparece. Primeiro surge a pergunta “O amor da travesti é mais parecido com o do homem ou o da mulher?”, não legitimando a sua identidade como mulher. Não bastasse essa constrangedora pergunta, a entrevistadora continua e pergunta qual seria o “seu nome verdadeiro”, se referindo ao nome de registro e não ao nome social adotado por ela. Marquise sinaliza o tempo todo o seu desconforto, respondendo as perguntas e tentando se reafirmar enquanto mulher.

Assim foi o primeiro contato do grupo com a transexualidade, ao menos dentro do Conversê em casa. Partindo desse incômodo fomos buscando outros materiais audiovisuais, gratuitos, que dialogassem com a temática. Foi assim que chegamos no filme *Divinas Divas*. Filme que exalta artistas trans de teatro, que fizeram um enfrentamento importante para a causa LGBT+ durante a ditadura militar. Vale ressaltar que a transgeneridade eram vistas, no imaginário da época, como formas de homossexualidades, como ressalta James Green; e Renan Quinalha. (2019, p. 11).

É preciso compreender ainda que a transgeneridade, e as demais dissidências sexuais e de gênero, eram e permanecem sendo compreendidas como antinatural, como um acidente de destoa da lógica cisgênera e heterossexual, se tornando anormal, como analisa o pesquisador Paul B. Preciado, (2017, p. 30). Assim, a nossa sociedade coloca no lugar de abjeção tudo aquilo que foge a norma.

Voltando ao filme de Leandra Leal, ele aparece como importante representação positiva das pessoas trans, mostrando mulheres glamorosas, algumas delas bem-sucedidas no amor, com idades avançadas e felizes. Essa representação positiva se apresentou como um contraponto a duas questões levantadas por Marquise em *Eu vou rifar meu coração*: a solidão da mulher trans/travesti e a morte precoce, muitas vezes por assassinato, dessas mulheres.

A última ação, até o momento, discutindo transexualidade no Conversê, foi no dia 29 de setembro de 2020, em que foi discutido o filme *A Gis*. Esta exibição foi em parceria com o NUDES – Núcleo universitário de estudo, pesquisa e intervenções em dissidências sexuais – da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), coordenado pela professora Rebeca Bussinger e por mim. Esse encontro contou com a participação de 16 pessoas, dentre elas Liliane Anderson e Caz Angela, duas mulheres trans de diferentes gerações que trouxeram o olhar trans para o debate.

O filme *A Gis* conta a história de vida de Gisberta, travesti brasileira que foi viver em Portugal onde foi assassinada, anos depois de viver e se estruturar naquele país. O curta, também dirigido por uma pessoa cis, Thiago Carvalhaes, que estava também presente no dia 29, já traz um olhar mais sensível à identidade da Gis, reconhecendo a sua importância e denunciando o seu horrível assassinato.

Além de todas essas questões, quero salientar da potência desta atividade. Pois foi o momento em que muitas pessoas cis, que nunca haviam tido uma conversa franca, direta e profunda com uma pessoa trans, teve a oportunidade do diálogo. Afinal, a cismatividade presente, principalmente nas cidades de interiores, como Teixeira de Freitas, dificulta a quebra dessas bolhas. Porém, ao tentarmos quebrar tal bolha, como feito nesta atividade do Conversê em parceria com o NUDES, percebemos que, enquanto pessoas cis, ainda precisamos de mais esforços para estabelecer tal diálogo.

Foram apresentadas questões sobre as lentes que veem as pessoas trans, sempre passando por filtros cis, como no caso dos diretores e diretoras dos filmes em questão. A necessidade de dialogar com materiais artísticos construídos por pessoas trans, e não somente sobre elas, se mostrou como um próximo passo a ser dado para a construção desse diálogo.

Essas e outras reflexões impactaram as pessoas cis presentes e provocaram reflexões importantes para pensarmos o privilégio cisgênero, muitas vezes não reconhecido. Afinal, até aquele momento ainda não havíamos refletido sobre o fato de todas as obras serem dirigidas por pessoas cis. Ressalto, portanto, a potência dessas três atividades, numa crescente de tentativas de diálogos, que ainda estão longe de se esgotar.

CONSIDERAÇÕES

As ações cineclubistas se demonstraram como uma excelente metodologia para a introdução de temáticas distantes do grupo que os assiste. O caso ilustrado neste resumo, de um grupo cisgênero se aproximando, aos poucos, das temáticas transgêneras se mostra como um grande exemplo. Que, apesar de ser um contato inicial e com muitas questões para aperfeiçoar, o Cine Clube se mostrou como um mecanismo eficaz para romper fronteiras.

A respeito do diálogo proposto entre cisgerediade e trasngeneridade, fica a necessidade de dialogar com materiais audiovisuais também dirigidos por pessoas

trans, para que possamos ter representações que não passe pela lente cis antes de nos ser apresentado.

Apesar de todos os limites, questões e problemáticas desses primeiros contatos, é preciso considerar a positividade dessas ações, que possibilitam novas leituras de mundo, afinal, como afirma Adriana Fresquet e Cezar Mogliorin (2015, p. 13), os filmes ampliam o conhecimento do mundo de quem os assiste, possibilitando novos modos de viver e ver o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

A GIS. Direção: Thiago Carvalhaes. Produção: Thiago Carvalhaes; Betina Tella. Produção independente, 2016.

DIVINAS Divas. Direção: Leandra Leal. Produção: Leandra Leal; Natara Ney; Carol Benjamin (et.al). Daza Filmes, 2017.

EU vou rifar meu coração. Direção e produção: Ana Rieper. Produção independente, 2012.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. In.: FRESQUET, A. (org.). **Cinema e Educação: a lei 13.006**. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

A PRESENÇA DA ORDEM DOS CAPUCHINHOS NA CIDADE DE ITAMARAJU A PARTIR DOS ANOS DE 1960

Daniel Bohana Bastos¹
Liliane Maria Fernandes C. Gomes²

RESUMO

Algumas nuances sobre a presença da ordem dos capuchinhos no Extremo Sul da Bahia estão condicionadas ao histórico missionário da ordem no Brasil. É relevante pensar que, mesmo que a ordem dos capuchinhos estivesse envolvida nos projetos coloniais e imperiais de catequização e inserção do indígena em um circuito econômico específico, defendendo os interesses da coroa, o seu prestígio em certa medida lhe garantiu o domínio religioso, expandindo sua zona de atuação. O presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma, a partir do Extremo Sul da Bahia, os capuchinhos chegaram e se estabeleceram na cidade de Itamaraju.

Palavras-chave: Ordem dos Capuchinhos; Extremo Sul da Bahia; Itamaraju.

INTRODUÇÃO

As ordens religiosas, desde muito cedo, passaram a desempenhar papel importante na educação da colônia, com interesses bastante claros e em concordância com o que preconizava a metrópole portuguesa, principalmente no que concerne a obtenção de mão de obra através da catequização indígena e das missões, o que, ao dar certo, garantiria apoio até mesmo para conter revoltas populares. Essas atividades colaboraram com o sistema de dominação colonial, impactando a história de diversas localidades do Brasil, inclusive a região que hoje é denominada Extremo Sul da Bahia.

Logo, à pesquisa interessa, sobretudo, pensar o papel da ordem dos capuchinhos em Itamaraju, nessa região. Por mais que, inicialmente, o termo “ordem religiosa” pareça bastante genérico, e se encontre tantas vezes a partir do século XVI-XVII, inclusive em outros lugares do Brasil, o problema proposto nessa pesquisa é pensar quais motivos os trouxeram para esta cidade. É claro que, para tanto, é importante contextualizar, explicar como desembarcaram e porque permaneceram no

¹Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Católica do Salvador (UCSal); Especialista em História Econômica e Social do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia; Pós graduando em História, Cultura e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: danielbohana82@gmail.com.

²Orientadora, Prof.^a Assistente do Colegiado de História/UNEB - CAMPUS X – Mestra em História Regional e Local - UNEB - Campus V

Brasil. A partir de então, analisar a atuação da ordem dos capuchinhos na cidade de Itamaraju-Ba, a partir da década de 1960, apresentando a ordem e as circunstâncias que envolvem esse processo de chegada.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa a partir de análise bibliográfica, tendo em vista a dificuldade de se encontrar fontes primárias para essa pesquisa na região estudada, o que contribuiu para a escolha desse tipo de metodologia, e isso não desmerece a pesquisa em si. A partir dessa análise, a ideia é discutir o itinerário da ordem dos capuchinhos no Brasil e a sua presença na Bahia desde o século XVII até o século XX, quando, depois de longos anos de trabalhos dedicados à catequização indígena, através de aldeamentos no sertão da Bahia, conseguiram alcançar a condição de Província autônoma, ramificando seu campo de atuação para além de Salvador e das regiões do rio São Francisco. Para isso as leituras de Regni (1988) foram importantes nas discussões sobre o processo de chegada e estabelecimento da ordem dos capuchinhos na Bahia. Outrossim, discutir o resultado das missões religiosas dos capuchinhos italianos no Brasil no século XIX, conforme Karsburg (2015) diante de uma necessidade do governo imperial, para entender a relação estabelecida entre ambos. Nesse universo, tentar entender os processos de aldeamento e o fato da participação de ordens religiosas no projeto colonizador de obtenção de mão de obra indígena. Após essa contextualização, pensar como a ordem dos capuchinhos chegou à cidade, após se estabelecer no Extremo Sul da Bahia, a partir de 1960. Além disso, apontar para as realizações da ordem dos capuchinhos, através de sua atuação social e política na região.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Sabe-se, através das pesquisas realizadas em leituras como a do livro do Frei Carlos Zagonel (2001) que a vinda dos capuchinhos para o Extremo Sul da Bahia, inicialmente, foi para assumir os trabalhos no campo religioso na cidade de Caravelas e, a partir dela, ramificar-se para outras cidades da região. Fato é que, diante da impossibilidade de permanecer na cidade de Caravelas, tendo em vista a presença de franciscanos no local, a dita ordem regressou para a cidade de Porto Seguro, lá permanecendo e organizando sua atuação em outros lugares como Itabela,

Guaratinga e Eunápolis, até chegar ao distrito do Escondido, atual cidade de Itamaraju.

Encarando alguns percalços, principalmente no que tange as dificuldades relativas à moradia, conforme afirma Zagonel (2001), chegaram a Itamaraju e passaram a atuar para muito além do campo religioso com o apoio da própria comunidade, que ajudou com aquisição de material e mão de obra no processo de realização de diferentes obras. Construíram nos anos de 1970 uma nova igreja, foram responsáveis pela instalação da Fundação São Francisco de Assis (FUSFA), também na década de 1970, construíram o Seminário Seráfico Frei Jeremias para formação de novos religiosos, deram assistência de cunho social e religioso aos muitos distritos de responsabilidade da cidade. É possível afirmar que a marca missionária da ordem dos capuchinhos está enraizada na própria história da cidade de Itamaraju.

A FUSFA, por exemplo, foi criada para tentar resolver uma questão social que se apresentava grave na cidade. Desemprego, analfabetismo, falta de oportunidades. Ao entender as deficiências dos órgãos públicos de uma cidade recém-emancipada, os capuchinhos não se acomodaram, mas buscaram meios para ajudar aos mais necessitados, proporcionando cursos profissionalizantes para inserir essas pessoas no mercado de trabalho. A morte trágica do fundador da FUSFA pode ter sido sim um motivo de desânimo para o hiato 1977, ano da morte do Frei Geraldo, 1989, ano em que a fundação voltou a funcionar. No entanto, e mais uma vez por conta de uma deficiência pública da cidade, buscaram promover a construção de um hospital para atender a uma demanda de saúde pública.

Por sua vez, a criação do Seminário Seráfico Frei Jeremias serviu para a formação de religiosos nativos, diante das dificuldades da ordem italiana em enviar para o Extremo Sul da Bahia, outros freis para apoiar o trabalho em Itamaraju. Um exemplo disso foi a formação do primeiro frei capuchinho nativo da cidade, mais tarde eleito prefeito (por dois mandatos), e sempre ligado à problemática e luta do Movimento Sem Terra, o Frei Dilson Batista Santiago.

Portanto, há ainda muito o que se discutir sobre a presença da ordem dos capuchinhos na cidade de Itamaraju, principalmente se se pensar a atuação de determinados freis que estiveram a frente dos trabalhos religiosos, mas também daqueles trabalhos de cunho social e político, na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante daquilo que foi explorado para a realização da pesquisa, ficou evidenciado a importância da ordem dos capuchinhos para a cidade de Itamaraju. Essa importância está no campo religioso, social, político, mas também econômico e cultural. A preocupação da ordem com a sociedade vai desde a criação de novos espaços de convivência até a construção, com apoio de terceiros, de um hospital que atendesse as demandas de saúde pública do município. Se outrora sua atuação enquanto ordem religiosa ficou marcada pelo apoio aos projetos de governo (colonial e/ou imperial), em se tratando de tempos de atuação da ordem no século XX o que se evidenciou, pelo menos em relação à cidade de Itamaraju, foi um trabalho voltado para atender à sociedade, no que diz respeito não somente a demandas religiosas, mas também sociais.

REFERÊNCIAS

KARBURG, Alexandre de Oliveira. **Os apóstolos dos sertões brasileiros:** uma análise sobre o método e os resultados das missões religiosas dos capuchinhos italianos no século XIX. *Estudos históricos*. Vol. 28, n.º 55. Rio de Janeiro, jan./jun. 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862015000100051&lng=pt&tlng=pt

REGNI, Pietro Vittoriano. **Os capuchinhos na Bahia:** os capuchinhos franceses (1642-1702). [S.I.]: [S.I.], Vol. 1, 1988a.

_____. **Os capuchinhos na Bahia:** os capuchinhos italianos (1705-1892). [S.I.]: [S.I.], Vol. 2, 1988b.

_____. **Os capuchinhos na Bahia:** os das marcas e a fundação da Província de N. S. da Piedade (1892-1983). [S.I.]: [S.I.], Vol. 3, 1991.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil.** Porto Alegre: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2001.

O CONVERSÊ CINE CLUBE EM CASA NA RODA: PERSCRUTANDO ESSE FAZER

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar dados da atuação do projeto de extensão Conversê Cine Clube em Casa -DEDC/X - UNEB a partir das atividades desenvolvidas entre maio e outubro de 2020, tempos de pandemia do COVID19, no sentido de identificar o alcance e significado deste projeto, avaliando se o mesmo tem contribuído para a realização de debates/reflexões e problematizações de diferentes temáticas, bem como se o espaço virtual, proporcionado pelas rodas de conversa, tem se constituído, para além de ampliar as possibilidades de acesso à sétima arte, num lugar de manutenção de laços de sociabilidade entre o público almejado.

Palavras-chave: Cinema; Sociabilidades; Representificação; Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O término do semestre letivo 2019.2 trouxe consigo muito mais do que a rotina docente já incorporada de correção de artigos, feitura de relatórios, bancas de trabalhos de conclusão de curso, fechamento de diários. Os tempos agora afora eram tempos de pandemia do Covid 19 e a exigência premente foi no sentido de isolamento físico como medida de proteção no intuito de garantia da vida. A partir desta baliza os/as docentes da Universidade do Estado da Bahia se organizaram no intuito de ofertar atividades de pesquisa e extensão através de ambiente virtual de maneira a contribuir para a manutenção de laços de sociabilidade, produção e partilha de conhecimento.

Foi esse o contexto que forjou o Conversê Cine Clube em Casa, projeto de extensão do DEDC/X da Universidade do Estado da Bahia que, metodologicamente, divulga, as sextas feiras, através de face book, Instagram e e-mail um cartaz com a indicação de um filme – ficcional ou documentário – disponibilizado em plataformas gratuitas. Essa divulgação é direcionada aos docentes, discentes e técnicos da instituição bem como ao público em geral da comunidade dos mais diversos lugares do país. Posteriormente, nas terças feiras a partir das 16:00 esse público se reúne

¹Mestra em História Regional e Local/ UNEB – Campus V. Professora Assistente do Departamento de Educação Campus X – UNEB, lmgomes@uneb.br

através da plataforma virtual da Microsoft Teams para conversar sobre a película previamente assistida.

Nessa roda de conversa há espaço para problematizações, proposições, trato com conceitos e conhecimentos acadêmicos, partilha de sentimentos e emoções provocadas pela linguagem da sétima arte. Dentre os teóricos que deram suporte para elaboração do projeto pode-se destacar (TEIXEIRA, 2009) que em linhas gerais valoriza a potencialidade da linguagem cinematográfica no processo de compreensão dos filmes por seus expectadores e (NÓVOA, 2009) que ressalta o quanto as abordagens dos textos fílmicos dialogam com ações da transdisciplinaridade, algo caro para este projeto que é aberto a todos e todas que dele queiram participar.

Interessa-nos aqui discutir e analisar dados coletados no período de realização do projeto no intuito de perceber qual o alcance e significado do mesmo no sentido de ampliar as possibilidades de acesso à sétima arte e de um espaço de discussão para temáticas diversas tratadas nas películas, bem como, sondar se as rodas de conversa constituíram um canal de catarse sobre olhares e sentimentos envoltos em uma realidade de pandemia, olhares e sentimentos estes que se entrelaçam com a linguagem fílmica da música, imagens, sons, silêncios, diálogos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na elaboração deste artigo foi a análise de anotações feitas em caderno de campo acerca de cada uma das atividades do projeto em que além da identificação dos participantes, nominando e dizendo do seu lugar de atuação, foram produzidos registros sobre leituras, impressões e problematizações gestadas pela experiência de assistir aos filmes e discutir os mesmos. Tais análises foram alicerçadas a partir do entrelaçamento com teóricos que pautam que os filmes ensinam (RAMOS e SILVA, 2011) e que a arte cinematográfica tem, entre outros, o poder de capturar os telespectadores e “levá-los” para outros tempos e espaços, fortalecendo inclusive sentimentos de encantamentos, paz e alegria. Inclusive com a defesa do riso, por vezes provocado pela película, como instrumento na luta contra o trágico da vida (FRESSATO; NÓVOA. 2016). Bálsamo em tempos de epidemia.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

As temáticas ofertadas ao público foram caleidoscópicas exatamente porque partiu-se do pressuposto que aquele era plural. Para este artigo foi realizado um

recorte no intento de iluminar algumas delas. Salienta-se que não se apresentará sinopse dos filmes, não é este o objetivo deste texto, apenas se indicará temáticas que tornaram-se pautas de discussão a partir das leituras individuais e coletivas que foram ofertadas nas rodas de conversa, de forma a abrir um leque para que o/a leitor/a deste artigo se aproxime daquilo que constituiu a diversidade abordada.

A estreia deu-se com o documentário “Meu caro amigo Chico”, direção de Joana Barra Vaz, 2012 que ao tratar das relações musicais estabelecidas entre Brasil e Portugal, com foco em Chico Buarque de Holanda desnudou elementos da canção como memória bem como pressões exercidas, com aparência de liberdade, pelo sistema capitalista sobre os jovens. Participantes da atividade indicaram o desconhecimento sobre a produção musical em Portugal e como o filme despertou interesse em saber mais sobre a Revolução dos Cravos, ocorrida em abril de 1974.

A ficção “Tour de France”, direção Rachid Djaidani, 2016 fez a discussão girar em torno da discriminação, do racismo, da violência policial, dos estereótipos acerca do Rap. Neste caso, muitos deles inclusive partilhados por integrantes da roda que se colocaram abertos para problematizar questões que perpassam tais estereótipos.

O longa “Aquarius”, direção Kleber Mendonça Filho, 2016 fez emergir discussões sobre conflitos familiares, Velho X Vintage, relações de poder, processo de gentrificação, desnatureza e capital, micro resistência, o lugar da mulher idosa na sociedade, a regulamentação do trabalho doméstico. Chamou a atenção de alguns participantes o tempo do filme: lento, sem pressa de acontecer e a música como personagem. Além da inteireza da atriz Sônia Braga, filmada de perto, potente.

No decorrer das atividades foram feitas três parcerias. Duas delas com o projeto PROBEX/UNEB: Educação e diversidade com ênfase na educação inclusiva: reinventando caminhos. Ocasiões em que se exibiu o curta “Crisálida”, direção Serginho Melo, 2016, primeira ficção bilíngue produzida no Brasil voltada para surdos e ouvintes. Contou-se com a presença de um interprete de Libras, garantia para que os surdos que estavam na roda pudessem participar efetivamente da mesma que pautou a temática da inclusão e da necessidade de políticas públicas nos mais diferentes níveis de educação. O outro filme “Como estrelas na terra”, direção Aamir Khan e Amole Gupte, 2007 engendrou discussões sobre dislexia, inclusão, olhar sensível. Nesta tarde tivemos a participação de professores do ensino básico, assistente social, docentes de Instituição de Ensino Superior e estudantes de Libras. A terceira parceria foi feita com o Núcleo Universitário de Estudos, Pesquisas e

Intervenções em Dissidências Sexuais (NUDES) da Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Paulo Freire. Na oportunidade foi exibido o documentário “A Gis” direção Thiago Carvalhaes, 2017. Destaca-se aqui a presença do diretor na roda o que propiciou uma experiência singular para os participantes que puderam falar de suas leituras sobre o texto fílmico ao tempo que ouviram a voz de um dos criadores da obra que, conforme fala de uma participante “ajuda a ecoar o som” acerca dos travestis por vezes invisibilizados na sociedade.

Naquilo que diz respeito ao estabelecimento de laços de sociabilidade entende-se que a constância da realização das atividades propiciaram o incremento dos mesmos senão vejamos, de 05 de maio, data de início das atividades até o dia 06 de outubro foram realizadas vinte e duas rodas de conversa tendo a participação de 217 pessoas, muitas delas presentes em várias das rodas. A análise de registros sobre a participação dá conta de afirmar que, se por um lado não se contou com todo o público desejado, visto não ter havido participação de técnicos do DEDC/X, por outro lado tivemos assiduidades significativas. Por exemplo, uma docente do referido campus participou de vinte rodas, perfazendo um total de 90,9 %, duas discentes do mesmo departamento estiveram de mãos dadas em dezessete rodas, o que em termos percentuais atingiu 77,27 % e um membro da comunidade externa, da cidade de Salvador esteve conosco em 16 rodas, correspondendo a uma participação de 72,72 % das atividades realizadas.

A ausência dos técnicos foi observada logo ao término do primeiro mês de atividades e, apesar de ter sido feito um convite expresso aos/as mesmos/as, de maneira oral, durante reunião virtual geral do departamento, indicando a possibilidade, conforme consta no referido projeto do Conversê Cine Clube em Casa, que eles/elas sugerissem películas para serem debatidas nas atividades futuras. Isto, até agora, não aconteceu. Talvez a realização das atividades em turno vespertino e em dia de semana possa constituir um impedimento à participação de alguns membros deste coletivo, outra hipótese é de que não tenha havido, entre a diversidade dos filmes discutidos até o momento, algo que haja despertado interesse. Por seu turno, no que diz respeito a participação dos outros membros de coletivos – docentes, discentes e membro da comunidade externa – o percentual de assiduidade das quatro pessoas indicadas anteriormente são indícios do quanto as rodas de conversa passaram a integrar a rotina dessas pessoas nas tardes das terças feiras. E, pelas falas das mesmas, ocupam, em tempos de pandemia um lugar de acolhida, alento e reflexões.

Tais falas dialogam com um dos objetivos específicos indicados no projeto, qual seja, disponibilizar um momento para que as pessoas possam se encontrar e conversar sobre temáticas diversas de forma a manter laços de sociabilidade.

No intuito de friccionar a relação entre frequência e significado do projeto traz-se aqui o fato de uma integrante da comunidade externa, professora no Centro de Línguas da Universidade Federal do Espírito Santo, que, apesar de ter participado da roda apenas uma vez, no dia 19 de maio, inspirou-se na metodologia do Conversê e implantou o Cine Club Claque como forma de auxiliar o ensino de língua francesa no referido centro de línguas. Mesmo não tendo sido assídua na participação das atividades ofertadas pelo projeto o mesmo impactou a dinâmica profissional da espectadora e se espalhou por outros lugares, fazer e saberes.

Ainda em relação a essa amplitude do projeto a análise dos dados mostra que, ao ser realizado no meio virtual, tem deixado marcas em lugares e pessoas diversas. Nesse sentido é possível, a partir dos registros produzidos ao longo das atividades, afirmar que esse formato do Cine Clube tem possibilitado atingir pessoas que residem em outras localidades, fora do território de Teixeira de Freitas e do Extremo Sul da Bahia. Prova disso tem sido a participação de pessoas de Salvador, Itiúba, Vitória, São Mateus, São Paulo.

Nas experiências, participantes do Conversê Cine Clube em Casa trouxeram para a roda, a partir de suas leituras de filmes ficcionais e documentários, registros de suas infâncias, de seus temores, de suas saudades, de suas fantasias. Estes apontamentos potencializam a compreensão de que os filmes não constituem uma representação do real, mas sim, ao serem tomados pelos expectadores, uma representificação do mesmo. Menezes (2003) ao propor esse conceito para a compreensão entre a relação cinema, real e espectador/a ressalta o estilo construtivo do filme, dessa forma o/a espectador/a ao ler um filme vai para além dos fatos e coisas que ali estão postas. As leituras plurais dos espectadores traçam/alinham diferentes tempos, espaços, sensações a partir de seu lugar, de sua experiência. Nesse processo há inclusive a possibilidade de leituras daquilo que não foi mostrado no filme, mas, de alguma forma se deixou ver, desnudar pelo olhar do outro que perscruta e sente até mesmo o não dito e não visível.

Nesse sentido pode-se inferir que as rodas de conversa têm ocupado um lugar de encontro com sensações que, por vezes, passam desapercebidas nos giros da vida cotidiana mas são potencialmente existentes. Esse revelar-se pode, pois, indicar

o espaço virtual da roda de conversa do referido projeto como um lugar de acolhida e confiança no qual os/as espectadores/as tomam para si a direção e o controle das luzes, sons, ações e câmeras. Ao fazê-lo se colocam na presença do filme (MENEZES, 2003). Tal movimento, por vezes de ruptura com a realidade, proporcionado pela linguagem cinematográfica foi sempre prenhe de intuição e sensibilidade (XAVIER, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto e vivenciado até o presente momento é possível afirmar que o Conversê Cine Clube em Casa se constitui um espaço de fortalecimento dos laços de sociabilidade entre as pessoas que se dispõem a participar e ao mesmo tempo é um ambiente de troca de conhecimento e saberes os mais diversos sobre temas variados. Além disso o formato virtual tem dado condições de que indivíduos de diferentes espaços territoriais possam estar presentes e contribuir com os debates. Por seu turno as parcerias estabelecidas sugerem o reconhecimento do projeto e a potencialidade deste no fazer acadêmico à medida que possibilita interlocuções com diferentes grupos de pesquisa, instituições e públicos.

REFERÊNCIAS

- FRESSATO, Soleni Biscouto; NÓVOA, Jorge. **O que dá pra rir dá pra chorar: Comédia de lágrimas no cinema brasileiro. Reflexões a partir de *O homem que virou suco*.** In: SILVA, Marcos (Org.). **Ensino de História e poéticas** (Baseado em fatos irreais ma non troppo). São Paulo: LCTE Editora, 2016.
- MENEZES, P. **Representificação**. As relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: ANPOCS, v. 18, n. 51, fev. 2003.
- NÓVOA, Jorge. [et al] (Orgs). **Cinematógrafo** : um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- RAMOS, Alcides Freire; SILVA, Marcos A. da. **Apresentação, História**: o ensino dos filmes. In: _____ (Orgs.). **Ver História**: o ensino vai aos filmes. São Paulo: Hucitec, 2011.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro [et al] (orgs.) **A juventude vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONDIÇÃO DE MONITORIA VOLUNTARIA DO CONVERSÊ CINE CLUBE EM ESPAÇO VIRTUAL

Gabrielle Rodrigues da Silva¹

Grasielle Rodrigues da Silva²

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes³

RESUMO

O presente relato pretende abordar as nossas interpretações enquanto monitoras voluntárias do projeto de extensão Conversê Cine Clube na modalidade virtual. Discorremos acerca das atividades desenvolvidas e as aprendizagens obtidas com esse projeto. Expomos a maneira com que essa experiência tem nos alcançado durante esse período pandêmico e demos enfoque a alguns filmes específicos que trataram sobre temáticas que contribuíram para o nosso aprendizado e questionamentos sobre o que podemos fazer para colaborar para a construção de uma sociedade melhor para todos.

Palavras-chave: Filmes; Projeto de Extensão; Discussões; Aprendizados.

INTRODUÇÃO

O Conversê Cine Clube é um projeto de extensão da Universidade do Estado da Bahia – DEDC campus X de Teixeira de Freitas que existe desde 2007, coordenado pela professora Liliane Fernandes Gomes e atualmente conta com a colaboração do professor Victor Lage Penna. Desde sua fundação sempre contou com o apoio de vários docentes e discentes da universidade que contribuíram muito com o projeto nesses 13 anos de existência.

A intenção do projeto é refletir, através de filmes, questões que permeiam a vida e a sociedade. Geralmente é um momento de entretenimento e discussão em que se assiste um filme e posteriormente se constrói uma roda para falar sobre o que foi apresentado e tudo que foi despertado pela película. Foi dessa maneira que o Conversê Cine Clube aconteceu durante muitos anos, sendo ampliado também ocasionalmente para a sua versão itinerante, onde o projeto era levado para escolas do ensino básico, presídio e outros espaços da cidade.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus X, gabriellerodrigues22@gmail.com.

² Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus X, grasiellerodriguesdasilva@gmail.com.

³ Orientadora: Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia DEDC X, Mestre em História regional e local pela UNEB campus V. liufernandesc@yahoo.com.br

Com a pandemia do novo Corona vírus, o projeto de extensão Conversê Cine Clube em Casa adaptou suas atividades para a modalidade virtual e continuou realizando as discussões, ainda que com os participantes em casa.

METODOLOGIA

A partir do dia 05 de maio de 2020 teve início o Conversê Cine Clube em Casa na modalidade virtual, os quesitos requeridos para a participação foram: que se assistisse o filme previamente disponibilizado de forma gratuita e que entrasse na reunião que aconteceria através do aplicativo Microsoft Teams, por um link previamente compartilhado por e-mail. Essa plataforma também é disponibilizada gratuitamente, podendo ser baixada por celulares e computadores. Desde então, os encontros tem acontecido semanalmente durante as tardes das terças-feiras.

Esses encontros semanais têm contado com a participação de professores, estudantes, egressos da universidade e pessoas da comunidade externa de várias regiões do Brasil. Inclusive, essa é uma das principais vantagens do projeto acontecer em ambiente virtual, em que pessoas, que normalmente não poderiam participar por morarem longe da cidade, podem contribuir nas discussões. Além disso, o projeto de extensão Conversê Cine Clube em Casa age em consonância com outros projetos da universidade e de outras IES como o PROBEX/UNEB: Educação e Diversidade com ênfase na educação inclusiva: reinventando caminhos, trazendo a temática de inclusão para as discussões e o NUDES – Núcleo Universitário de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Dissidências Sexuais da Universidade Federal do Sul da Bahia trazendo questões de gênero e sexualidade.

Começamos a acompanhar os encontros virtuais do Conversê Cine Clube em Casa a partir da sua segunda semana de atividades virtuais, no dia 12/10/2020, onde discutimos o filme francês intitulado “Luta de classes” de 2019, dirigido por Michel Leclerc, o filme apresenta os desafios de uma família francesa branca que sofre pressões sociais para tirar o filho de uma escola pública suburbana cheia de imigrantes e matriculá-lo numa escola particular, onde estão indo todos os outros alunos brancos da escola. O filme discute conflitos familiares, a necessidade de se ouvir as crianças, intolerância religiosa, lutas de classes, entre outros temas que nos possibilitou abranger a discussão para além do que foi apresentado no filme, e tecer também uma reflexão social sobre o que de fato ocorre na sociedade. Através dessa

nossa primeira experiência decidimos continuar acompanhando os encontros semanais para discutir e aprender a partir de um momento de descontração.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Esse projeto nos permite refletir sobre muitos temas assim como se propõe, mas para além disso, o Conversê Cine Clube tem se tornado um “escape” na rotina pandêmica, um elo com a universidade, um universo de comunicação, trocas de ideias e risadas.

O mais legal que o Conversê Cine Clube em Casa tem nos proporcionado é essa aproximação com o aprendizado de uma forma diferente da usual, em cada novo filme, curta metragem, animação ou documentário, esperamos pelas discussões para debatermos nossas impressões e ouvirmos as vozes dos colegas com seus diferentes olhares. Isso é relevante para a nossa prática enquanto futuros professores, a utilização de filmes em sala de aula é uma prática positiva no ensino de história, pois serve para problematizar a temática estudada com o auxílio do professor fazendo a mediação entre os alunos e os filmes, mostrando as formas em que estes podem ser vistos enquanto importantes fontes e objetos históricos já que representam a realidade social de um período, assim como diz Napolitano (2009):

Todo filme é uma representação encenada da realidade social e todo filme é produto de uma linguagem com regras técnicas e estéticas que podem variar conforme as opções de seus realizadores (NAPOLITANO, 2009, p. 12).

O Conversê Cine Clube em Casa tem nos despertado cada vez mais a buscar informações sobre os filmes discutidos, principalmente o contexto histórico, seus atores, diretores, seu público e as suas intenções. Aprendemos sobre as várias vozes e propósitos presentes em um filme ou documentário, e discutir sobre isso, nada mais é do que olhar através das lentes os objetivos que por vezes nos passam despercebidos. Além disso, é aprender. O projeto tem nos ensinado muito sobre diferentes temáticas, e nos possibilita assistir um filme que naturalmente não escolheríamos para ver, discutir ideias que inconscientemente estaríamos indiferentes por falta de conhecimento ou interesse. Ademais, desperta a nossa sensibilidade sobre diferentes assuntos cotidianos e sociais como: família, aceitação, educação, amor, abandono, natureza, meio ambiente, sociedade, inclusão e exclusão, mundo do trabalho, vida na terceira idade, imigração, globalização, cultura e História,

preconceitos, conflitos, intolerância religiosa, legado, tabus, identidade, gênero e sexualidade, entre vários outros temas que permeiam a nossa vida, abordados de maneira que chega a nos emocionar. Todos esses temas foram discutidos nos nossos encontros nas terças feiras à tarde.

Alguns encontros específicos que mais nos marcaram trouxeram à luz discussões que consideramos relevantes para a nossa edificação enquanto pessoas e profissionais da educação, onde temos a função de atuar de forma a contribuir para a formação de cidadãos conscientes e tentar colaborar no processo de construção de uma sociedade melhor para todos/todas/todes.

Segundo Ferro (1992) os filmes são uma análise da sociedade e também da história, onde consegue retratá-la e se apresentar nela, marcando a sociedade enquanto se comunica através de costumes do próprio cinema.

Um desses encontros foi o do dia 16/06/2020, onde conversamos sobre a produção francesa *Tour de France* (2017) de Rachid Djaïdani, que nos mostrou a incrível jornada de um jovem rapper francês descendente de imigrantes árabes com um artista idoso e conservador em uma viagem pelos portos da França. A viagem nos leva a pensar várias questões relacionadas ao racismo, o choque cultural e a visão do jovem rapper e o idoso. Em sutis tons de azul, a viagem dos dois no filme nos emociona e nos faz torcer pelos personagens que aprendem muito. A discussão do Conversê Cine Clube em Casa abordou diversas minúcias sobre o filme, conseguimos ser impactadas pela forma com que os imigrantes são vistos na Europa, pelo preconceito com o Rap e toda a violência que cerca os imigrantes na França e o abandono e a solidão que permeia a vida das pessoas idosas. Tudo isso, nos levou a perceber essa película ainda mais poética e bela.

No encontro do dia 14/07/2020, onde discutimos o documentário *Vou rifar meu coração* (2012) direção de Ana Rieper, documentário brasileiro que faz uma narrativa brilhante sobre os grandes sucessos do brega, fazendo um paralelo com os cantores e compositores como Valdick Soriano, Amado Batista, Lindomar Castilho, Agnaldo Timóteo, entre outros grandes nomes desse gênero musical, e o público que mais consome esse tipo de música, discutindo questões como traição, solidão, ciúmes, amor obsessivo, prostituição, trabalho, pureza, onde em diferentes cenários do Brasil se encontram histórias de pessoas que se enxergam através das letras das músicas. Durante a nossa discussão pudemos abordar questões como pobreza, preconceito e amor, que reverberam nas entrelinhas do documentário.

O que fez desse documentário único e importante para as nossas experiências no Conversê foi a proximidade com a nossa realidade de pessoas que cresceram ouvindo músicas bregas dentro de casa nos remetendo a momentos prazerosos com a nossa família, e também pela beleza do documentário, que de certa forma, mudou a nossa perspectiva sobre o que é esse tipo de filme informativo e o quanto assisti-lo não precisa ser uma experiência maçante e cansativa.

O encontro do dia 25/08/2020 foi para a discussão da animação Asterix e Obelix e o domínio dos Deuses (2016) de Louis Clichy_e Alexandre Astier, esse filme nos permitiu fazer um passeio pela Roma antiga, satirizando muito de suas características culturais e arquitetônicas. O filme foi sugerido por um dos participantes do Conversê Cine Clube em Casa e nos levou a refletir o trabalho na Roma antiga através dos escravos que negociavam, e não apenas obedeciam cegamente, e os soldados, que funcionavam como um grupo unido lutando por seus direitos trabalhistas, agindo ativamente, usando sua principal arma que era a greve.

Durante o encontro foi dito que o filme acaba por nos dá “um tapa de luvas” devido à sutileza em que temáticas sérias são abordadas como: a incorporação de costumes do grupo opressor pelos oprimidos e a forma em que o capitalismo e o mundo do dinheiro criam rivalidades e conflitos no aspecto cultural de uma sociedade não habituada a esse universo. Historicamente foi possível perceber a influencia da Grécia em Roma através das compreensões da sociedade nas falas da criança no filme. Por outro lado, o filme foi muito divertido e deu um tom de leveza e jovialidade para a conversa, nos permitindo compreender a complexidade presente em lidar com culturas diferentes e modos de vida distintos, o cuidado com a natureza e até mesmo, a ética comercial. Além de tudo, pode ser facilmente utilizado em sala de aula como material metodológico proporcionando uma aula mais dinâmica e fomentando tais discussões.

Outro encontro que foi muito significativo para nós, foi realizado no dia 29/09/2020, onde ocorreu a discussão do curta-metragem intitulado A Gis (2017), direção de Thiago Carvalhaes. Esse encontro contou com a parceria do Projeto de Extensão da Universidade Federal do Sul da Bahia, o NUDES – Núcleo Universitário de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Dissidências Sexuais. Além da participação do próprio diretor do curta-metragem o Thiago Carvalhaes que pôde responder os nossos questionamentos e nos situar sobre como foi mergulhar nessa história real e por muitos desconhecida.

Ferro (1992, p.28) declara que “um filme seja ele qual for, sempre vai além de seu conteúdo”. Ferro nos mostra que não existe uma película que seja totalmente imparcial e que nas obras cinematográficas sempre há pelo menos uma ideia que possibilita entender em quais condições o filme foi realizado.

A Gis, conta a história de Gisberta uma transexual brasileira que foi morta em Portugal depois de ser torturada por vários dias. A sua morte causou impactos na legislação portuguesa sobre os direitos da comunidade LGBTQIA+, a transformando em um símbolo na luta pelos direitos dos transexuais.

Durante a discussão contamos com a participação das transexuais Liliane Anderson e Caz Ângela que nos deram uma aula sobre as lutas e vivências que uma pessoa transexual enfrenta diariamente na sociedade e a necessidade constante de se reafirmarem diante das micro violências e da invisibilidade. Esse encontro nos fez refletir sobre qual é o nosso papel enquanto pessoas cis gêneros e heterossexuais na sociedade, contribuindo para que o mundo se torne um lugar com menos preconceitos onde situações como a da Gis possam não ocorrer mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que mais tem chamado nossa atenção durante todo esse envolvimento com o Conversê Cine Clube em Casa é como esse espaço é importante na nossa vida nesse momento de isolamento social. Os momentos compartilhados se tornaram muito prazerosos e íntimos já que estamos juntos, de forma virtual, nas casas uns dos outros, interferindo de certa maneira na rotina daquela pessoa durante algumas horas da semana.

Durante os nossos encontros pudemos realmente nos dedicar a este projeto, que nos desperta muitas curiosidades e a necessidade de ir além das informações apresentadas nos filmes. Essas obras citadas são uma pequena mostra da variedade que pudemos ter acesso através do Conversê Cine Clube em Casa que nos permite apossarmos de informações que nem sempre estão ao nosso alcance, e que além de abranger o universo do nosso conhecimento constitui um momento feliz de descontração e entretenimento.

REFERÊNCIAS

A Gis. Thiago Carvalhaes. Portugal, Brasil: Thiago Carvalhaes, Betina de Tella, 2016.

ASTERIX e Obelix e o domínio dos deuses. Alexandre Astier, Lous Clichy. França, Bélgica: Bonfilm, 2016.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. Caderno de Cinema do Professor, p. 10, 2009.

TOUR de France. Rachid Djaidani. França: Bonfilm, 2016.

VOU rifar meu coração. Ana Rieper. Brasil: Vitrine Filmes, 2012.

INTERFACES DA TECNOLOGIAS ASSISTIVA PARA O ENSINO DA LIBRAS E PARA A ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CAMINHOS PARA A INCLUSÃO

Guilhermina Elisa Bessa da Costa¹

Laura de Oliveira Miranda²

Gabriel de Oliveira Chácara³

RESUMO

A Tecnologia Assistiva (TA) ou ajuda técnica, são caracterizados por produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços e tem como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (CAT, 2007). Nessa perspectiva, o ensino da LIBRAS necessita buscar inovações no sentido de ampliar o uso de imagens, seja ele através de ilustrações tradicionais ou recursos tecnológicos mais contemporâneos tais como ilustrações realistas, animações, vídeos, modelagem 3D, HQ, literatura surda, fotografias, dentre outros. O objetivo desse estudo é evidenciar a Tecnologia Assistiva como ferramenta para promover a aprendizagem da LIBRAS no contexto educativo.

Palavras-chave: Tecnologia assistiva, Educação, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Esse estudo é parte de uma pesquisa do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia-UNEB-UNEB e revela os desafios do uso das Tecnologias assistivas no processo de ensino-aprendizagem no processo de inclusão, na perspectiva de ressaltar a importância dessas tecnologias para promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

¹ Mestre em Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação –GESTEC/UNEB. Pós-graduada em Psicopedagogia (UESC) e História do Brasil e em Docência do Ensino Superior. Professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia- CAMPUS X. Coordenadora do Colegiado de História – UNEB/CAMPUS X. E-mail: guilbessa@yahoo.com.br

² Graduanda do curso de licenciatura em História, VII Semestre, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS X –Teixeira de Freitas. Bolsista de Iniciação Científica –PROGRAMAIC/UNEB, Agência de fomento:FAPESB. E-mail: lauraoliveiram97@gmail.com

³ Graduando do curso de licenciatura em História IX Semestre, no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS X –Teixeira de Freitas. Bolsista de Iniciação Científica –PROGRAMAIC/UNEB, Agência de fomento:FAPESB. E-mail: gabrielchacara10@gmail.com

A partir dessa definição, sentimo-nos instigados a destacar que uma das Leis analisadas nesse estudo, refere-se ao Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/ 2015, a qual constitui em um avanço para as políticas públicas para a inclusão no Brasil, na perspectiva de analisar em quais instâncias se fomenta a utilização da tecnologia assistiva para pessoas com deficiência com o intuito de corroborar para a interação entre professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Na referida Lei, destacamos o que está preconizado no Art. 74: "É garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida."

É importante destacar a relevância do estudo sobre educação inclusiva e da utilização desse tipo de tecnologia como uma forma de oportunizar a autonomia e qualidade de vida para os estudantes com deficiência, os quais foram historicamente vítimas do "esquecimento" e muitas vezes de maus tratos, impedidos muitas vezes do convívio familiar, social e escolar.

O referencial teórico para a pesquisa, *a priori* analisou a Lei da Língua Brasileira de Sinais (Decreto nº. 5626/2005), que regulamentou a Lei nº.10. 436/02 e a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015. Em seguida, nos debruçamos nos estudos de LÉVY (1999), GALVÃO FILHO(2009,2013), BERSCH(2012). Na área do ensino da Libras utiliza-se os estudos de QUADROS (2006), SÁ (2011), STAINBACK (1999), STROBEL (2008), dentre outros. Ademais, discute-se os dados com as perspectivas teóricas que abordam a inclusão e a tecnologia assistiva.

Galvão Filho (2009) apresenta um amplo leque de possibilidade de construção e usos da tecnologia assistiva no processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiências ou transtornos globais do desenvolvimento, a formulação dessas tecnologias pode ser feita com materiais mais acessíveis, inclusive a partir da reutilização de materiais que seriam descartados, o referido autor explica a relevância da construção de Tecnologia Assistiva a partir das identificação de estratégias pedagógicas e tecnologias adequadas passíveis de serem utilizadas para estudantes com deficiência.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa, utilizou-se como metodologia de abordagem qualitativa, por meio da coleta, seleção bibliográfica e análise documental (dados do censo/INEP, resoluções, decretos, regimento interno das escolas, leis municipais, projeto político pedagógico das escolas, currículo escolar, sala de recursos, dentre outros a fim de registrar os aspectos levantados sobre a tecnologia assistiva e estabelecer um paralelo entre estas disposições locais e os textos dos marcos legais, estatutos e decretos e as contribuições da referida legislação brasileira, especialmente a Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146/2015.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os resultados apontam que é necessário investir na inserção de novas tecnologias na prática educativa, na perspectiva de contribuir para a educação de surdos e ouvintes no que tange aos conhecimentos da estrutura da Língua, demonstrando estratégias e possibilidades de abordagens para o ensino da LIBRAS, tendo em vista que a Tecnologia Assistiva consiste em um campo de conhecimento formado com colaborações interdisciplinares que visam atuar na potencialização de habilidades funcionais das pessoas com deficiência para auxiliar na superação de barreiras e obstáculos, mas ainda é necessário maior investimento nessa área, nos aspectos estruturais, materiais adaptados e em salas multifuncionais e na formação continuada de professores.

Apesar dos marcos regulatórios do novo Estatuto da Pessoa com deficiência, Lei nº.13.146/2015, ainda percebemos um distanciamento entre o que está preconizado na lei e a realidade existente nas escolas da educação básica, uma vez que os programas e os currículos de formação de professores, por razões não aleatórias, são omissos ou incipientes, sobretudo no que se refere às bases necessárias para a compreensão e prática desse nível de participação na instituição docente, da profissão docente, pedagógica, educacional.

A exemplo de aplicações sobre Tecnologia assistiva em outras instâncias da lei, na Seção III – Da Inclusão da Pessoa com Deficiência no Trabalho onde o Art. 37 discute sobre a igualdade de oportunidade entre pessoas com deficiência e as demais pessoas, atendendo as regras de acessibilidade, fornecendo recursos de tecnologia assistiva e a adaptação razoável no ambiente de trabalho (BRASIL, 2015). Quanto ao capítulo específico sobre TA (Capítulo III) traz as orientações

sobre sua aplicação (Art. 74) como a maximização da autonomia, mobilidade pessoa e qualidade de vida além de implicações ao poder público (Art. 75) incentivando a facilitação do acesso às tecnologias assistivas (BRASIL, 2015).

A inclusão escolar não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência, mas sim recursos, ferramentas, linguagens, tecnologias que concorram para diminuir/eliminar as barreiras que se interpõem aos processos de ensino e de aprendizagem. Tudo isso implica novas ideias de conhecimento, de ensino e aprendizagem, exigindo que se repense e se reorganize o currículo, que se reflita sobre a função da escola, sobre o papel do professor e do aluno (BERSCH e MACHADO, 2012).

Conforme os autores supracitados, deve-se verificar que opções de tecnologia devem ser consideradas para o desenvolvimento de um sistema para o aluno que possui determinadas capacidades e necessidades e que estratégias podem ser utilizadas para incrementar o desempenho escolar, além de verificar as ferramentas que poderão ser experimentadas com o aluno no ambiente. (BERSCH e MACHADO, 2012). Nesse sentido, os educadores necessitam abarcar diferentes recursos de acessibilidade que permitem ao estudante com deficiência participar das atividades escolares e interagir com o professor e colegas de turma, e em todos os ambientes em que se fizer necessário (escola, contexto familiar, comunidade).

Apesar das dificuldades para implementar o atendimento educacional especializado nas escolas brasileiras, há em alguns municípios um avanço na utilização da tecnologia assistiva para pessoas com deficiência, como por exemplo para estudantes com deficiência física são ofertadas as seguintes modalidades de TA: comunicação aumentativa e alternativa direcionada àqueles que possuem dificuldades de fala e escrita; adequação de materiais didáticos pedagógicos como engrossadores de lápis, tesouras adaptadas; adequação dos recursos de informática como os mouses, ponteira de cabeça, programas especiais, etc.

Para a comunidade surda é possível utilizar a tecnologia assistiva como: O *Videofone VPAD*, o *Hand Talk*, ou *Mãos que falam*, é uma solução digital para realizar a tradução simultânea de português para a Língua de Sinais e converte textos, imagens e áudios para LIBRAS, destacamos ainda o *Dicionário de LIBRAS* e o *ProDeaf* é um software de tradução de texto e voz na Língua Portuguesa para LIBRAS, visando contribuir para a comunicação entre Surdos e ouvintes, promovendo a integração social e digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos na pesquisa revelam para a necessidade de investir na formação de professores para a educação bilíngue, com vistas à valorização da cultura surda dentro e fora da sala de aula, utilizando inclusive os recursos das TIC's, propiciando um diálogo constante com a diversidade, numa perspectiva interdisciplinar entre a Língua oral e escrita, fomentando novas pesquisas com vistas a uma prática pedagógica inovadora e que valorize a língua, a identidade e a cultura surda.

Além do exposto, a pesquisa revelou que no Brasil há uma ênfase maior na tecnologia do que na inclusão social, deixando a sociedade condicionada ao acesso tecnológico sem haver uma reestruturação curricular do ensino, que deveria passar pela inserção dos educadores na reestruturação de um novo modelo de ensino e aprendizagem e também de aquisição de equipamentos adequados.

A legislação em vigor "garante o acesso" à Tecnologia Assistiva, no entanto, é necessário que haja uma garantia efetiva dos direitos, no sentido de dar continuidade as ações e políticas públicas já iniciadas dentro desta temática, pois ainda percebemos que é necessário divulgar a legislação e também implementar ações para que seja se torne uma realidade o que está preconizado nos marcos legais acerca da acessibilidade e não apenas mais uma marco legal, distante da realidade, por esse motivo é importante fomentar a formação de professores e lutar pelos direitos da pessoas que necessitam das ferramentas de Tecnologia assistiva para melhorar a sua autonomia, independência e acessibilidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Diário Oficial da União, 2015.

BERSCH, Rita Bersch; MACHADO. **Tecnologia Assistiva- TA: Aplicações na Educação/ Módulo III**. Santa Maria, 2012.

CAT, Comitê De Ajudas Técnicas. Ata da Reunião VII, de dezembro de 2007 do Comitê de Ajudas Técnicas. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (CORDE/SEDH/PR)**, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. A Tecnologia Assistiva: de que se trata? *In:* MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). **Conexões:** educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PROJETO DE EXTENSÃO MULHERES INSUBMISSAS E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19

Helânia Thomazine Porto¹
Olga Sueley Soares de Souza²
Raiza Cristina Canuta da Hora³
Adriene Macário dos Santos⁴

RESUMO

Este texto tem por objetivo refletir sobre as práticas educativas realizadas em plataformas digitais pelas *Mulheres Insubmissas* do Departamento de Educação da UNEB - Campus X, no período de pandemia da Covid-19. Nessas ações os feminismos aprendidos como: epistemologia convergente e interdisciplinar, práticas educativas institucionalizadas em prol de mulheres e como ações culturais promovidas por mulheres universitárias, em interface com as questões étnico-raciais, de gênero e identitárias. Nessas redes de saberes tecidas de diferentes contextos, o coletivo vem se constituindo como um grupo orgânico de mulheres, em que a sororidade seja a linguagem promotora de ações educativas e inclusivas, e os feminismos como fundamentos angulares das discussões teóricas e das ações intervencionistas.

Palavras-chave: Feminismos. Ações afirmativas. Práticas educativas. Mulheres universitárias.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Mulheres Insubmissas: feminismos e ações afirmativas no Departamento de Educação da UNEB - Campus X* trabalha em três frentes: feminismos como uma epistemologia convergente e interdisciplinar; práticas educativas institucionalizadas em prol de mulheres; e, em ações culturais que promovam reflexões acerca das condições das mulheres universitárias e dos feminismos, em interface com as questões raciais, de gênero e sexualidade. Assim, coletivamente, as mulheres elaboram e executam ações educativas e culturais em

¹ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção - PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e da Rede AMLAT (América Latina: Comunicação, cidadania, educação e integração latino-americana). E-mail: hthomazine@hotmail.com.

² Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Educação. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB). E-mail:souza.olga@outlook.com.

³ Professora substituta do Colegiado de História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, DEDC/Campus X. Doutoranda em História Social - PPGH-UFBA. E-mail: raizacanuta@outlook.com.

⁴ Estudante do curso de História da Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação - Campus X. Coordena o DCE – Flor de Mandacaru.

apoio a egressas, discentes e docentes das licenciaturas do Departamento de Educação – Campus X, promovendo encontros, oficinas, grupos de estudos e formação acadêmica acerca dos feminismos, políticas afirmativas e inclusivas para mulheres, por compreenderem o feminismo como um método *teórico-prático* de desconstrução das opressões machistas, as quais atingem homens e mulheres, incentivando, em certa medida, todos/as a avaliarem a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe, para que coletivamente se compreenda a posição da mulher dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista, como nos lembra Bell Hooks (2018; 2013).

Além dessa constatação, observa-se que a educação, o Estado, a Igreja e a história escrita pelos homens brancos ao longo do tempo, invisibilizaram as mulheres, principalmente as negras, indígenas e periféricas. E, que no tempo presente, essas questões se acentuaram com a crise mundial de saúde, em decorrência da pandemia da Covid-19, e pelas ingerências do governo do Estado, que tem agredido um conjunto de direitos, historicamente conquistados, acentuando o foço das desigualdades sociais, além de restrições às expressões democráticas. Cientes desses obstáculos, as *Mulheres Insubmissas* apresentaram como ações afirmativas para 2020, um conjunto de webconferências e de estudos dirigidos, realizados em plataformas digitais, em atendimento às mulheres de diferentes contextos geográficos e sociais.

MULHERES INSUBMISSAS: ações e reflexões políticas e pedagógicas

O projeto de extensão *Mulheres Insubmissas* foi elaborado entre o período de agosto a outubro de 2019, a princípio constituído por uma equipe¹ de nove mulheres. E, em 18/12/2019, por meio do *I Encontro de Mulheres Submissas: Feminismos e ações afirmativas no DEDC-X*, no auditório do Campus X, apresentou-se o referido projeto à comunidade acadêmica e externa, incluindo nesse evento a conferência “Costurando a vida com fios de ferro: narrativas de mulheres negras cotistas na UNEB/Campus X”, articulada por Jéssica Silva Pereira, com a mediação de Raíza

¹ Aline Sousa de Oliveira (estudante de Letras), Priscilla Cruz Delfino (estudante de Letras representante do DA de Letras), Mirian de Oliveira Dias (estudante de Letras) Helânia Thomazine Porto (professora do DEDC_X), **Olga Suely Soares de Souza** (professora do DEDC_X), **Lúcia de Fátima O. de Jesus** (professora do DEDC_X), Raíza Cristina Canuta da Hora (professora do DEDC_X), Jéssica Silva Pereira (egressa do DEDC-X) e Adriene Macário dos Santos (estudante de História e representante do DCE-Campus X)

Cristina Canuta da Hora, em concomitância com a exposição de fotografias *Cosmovisão Pataxó*, de Solange Nogueira.

Gradativamente outras mulheres foram acrescidas ao grupo, atentando-se para afinidade de cada uma com a proposição do projeto. Atualmente, conta-se com 52 mulheres ligadas diretamente ao coletivo. Nesse sentido, este texto tem por objetivo apresentar e refletir sobre as webconferências organizadas por esse coletivo, apresentadas em seu no canal no *You Tube*.

Esse coletivo defende que a universidade precisa reinterpretar e revisar a história, consequentemente reescrevê-la, a partir de seus projetos de pesquisa, de suas ações extensionistas, da revisão dos currículos das graduações, da leitura de autoras recém-descobertas, impulsionando, assim, transformações internas na universidade e nos cursos de formação de educadores. Nessa perspectiva, realizou-se, em modalidade a distância três Círculos de Debates, a partir da leitura da obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, de autoria de Djamila Ribeiro (2018) e da minissérie *A Vida e a História de Madam C. J. Walker* (2020), na plataforma zoom.

O primeiro *Círculo Virtual* foi realizado em 23 de abril de 2020, das 17 horas as 21 horas. Nesse encontro abordou-se sobre a *Miscigenação e cultura do estupro, Racismo e Cotas raciais*, tendo como mediadoras, as professoras Raiza Cristina Canuta da Hora, Lúcia de Fátima Oliveira de Jesus e Jéssica Silva Pereira, visando a construção de uma sociedade em que o respeito à diversidade seja um pilar, conforme ensina a intelectual negra Ângela Davis (2016), que não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

O segundo *Círculo*, realizado em 07 de maio de 2020, sobre as temáticas as diversas ondas do feminismo, *Protagonismo de escritoras negras e Violência física e simbólica*, teve por mediadoras as professoras Olga Suely Soares de Souza e Karina Lima Sales, e a estudante de Letras Katiane Martins de Oliveira. Dentre as discussões, as escrevivências de Conceição Evaristo (2008) foram apreciadas para se pensar a construção de sororidade, tocando no que é essencial, a aproximação e união de todas as mulheres nas lutas das mulheres negras.

Já o terceiro *Círculo*, realizado em 21 de maio de 2020, trouxe como temáticas leituras interculturais e interdisciplinares da minissérie *A Vida e a História de Madam C. J. Walker* (2020), tendo como mediadoras, as professoras Helânia Thomazine Porto, Maria Mavanier Assis Siquara e Jéssica Silva Pereira, e a estudante de Letras Carla Silva Santana, que refletiram sobre o feminismo negro, este como movimento de

enfrentamento às consequências perversas do racismo estrutural, que atinge homens e mulheres pretos.

O coletivo Mulheres Insubmissas também defende a sororidade como linguagem promotora de ações educativas e inclusivas, inserindo-se em pautas feministas nacionais e internacionais, realizando em três dias o *I Fórum Julho das Pretas*, que em consonância como a data de celebração do *Dia Internacional da Mulher Negra Afro Latino-americana e Caribenha, Dia Nacional de Tereza de Benguela* e da Mulher Negra, celebrado em 25 de julho no Brasil e América Latina. Assim, no dia 23/07 discutiu-se sobre *Mulheres Negras do extremo sul baiano e suas escrevivências*, com a participação da estudante do ensino médio Odara Galdino, da Arolda Maria Figueiredo e da estudante de Letras e poeta Eliza Metzker, tendo como mediadora a estudante de Letras do Campus X Joana Estefane Calixto Silva. No dia 24/07, abordou-se sobre *Mulheres Pretas no Mercado Fonográfico*, com a participação da historiadora e cantora Mirla Kleille O. Correia, da cantora, compositora e estudante de Turismo do Campus XVIII/UNEB Emmer Carvalho e da cantora, produtora, compositora e design Beatriz Maria Barbosa da Silva, tendo como mediadora a historiadora e compositora Renata Freitas, e no dia 25/07, discutiu-se sobre *Mulheres Negras no Poder*, sendo as conferencistas as professoras Lúcia de Fátima O. de Jesus, Eslane Paixão e Bernadete de Souza, diálogos mediados pela mestrandona Evellin Bianca Souza de Oliveira.

Nesse evento, as insubmissas defenderam que a garantia do empoderamento das mulheres impõe a participação de mulheres de esquerda no poder político, frente ao déficit de representação de mulheres negras, indígenas, jovens, mulheres trans, no executivo e legislativo.

Quanto à questão de gênero e sexualidade no âmbito das pautas feministas, agosto é um mês de extrema importância para a militância lésbica nacional, sendo o dia 29 reconhecido como o dia Nacional da *Visibilidade Lésbica*. Logo, o coletivo Mulheres Insubmissas realizou o *Seminário Visibilizando mulheres lésbicas*: encruzilhadas entre a academia e a militância, em 27 de agosto de 2020, objetivando lembrar a existência da mulher lésbica, as violências sofridas por elas e as pautas que os movimentos LBTQIA+ reivindicam. As conferencistas foram as Professoras Raiza Canuta da Hora, Rebeca Valadão Bussinger e Virgínia de Santana Cordolino Nunes, tendo como mediadora Sacha Biano, estudante de Biologia do Campus X.

Ainda na perspectiva de trazer para a formação do grupo pautas políticas feministas em interface com a questão identitária, realizou-se nos dias 03 e 04 de setembro de 2020, o *I Udxêre'xó Úpâp Jokana Txihihãy* (I Encontro de Mulheres Indígenas), objetivando refletir sobre o que é ser mulher indígena na Bahia, no Brasil e em Quito (Equador), transmitido no perfil das Insubmissas no Youtube, no horário das 19 horas às 21 horas. No primeiro dia, abordou-se sobre “*Quando nossos maracás soam é porque estamos nos movendo*”, com as conferencistas Āwānuk Pataxó – Profª Ariane Nascimento da Conceição da aldeia Corumbauzinho, Iatã Pataxó – Profª Graziela Santos de Oliveira da aldeia Guaxuma, Tamikuã Pataxó – Profª e Diretora Tânia Alves Maciel da aldeia Craveiro, sob a mediação da turismóloga Vanessa Iurcchiag Rozisca. No segundo dia, abordou-se sobre “Organizações de Mulheres Indígenas: experiências da Bahia e de Quito, com as conferencistas Kādara Pataxó da aldeia Juerana e com a comunicóloga Yvets Morales Medina, de Quito, com a mediação da Professora Helânia Thomazine Porto.

E, no mês de outubro de 2020, o referido coletivo, em aderência as campanhas publicitárias da Organização Mundial de Saúde, sobre *Outubro Rosa*, que tem como tema “câncer de mama e suas principais medidas de prevenção e controle”, realizou-se o seminário *Feminismos e Saúde*, com o intuito de discutir sobre o câncer de mama e de colo de útero, gestação e maternidades, violência obstétrica e depressão pós-parto. As videoconferências aconteceram nos dias 15 e 16/10/2020, das 19 horas às 21 horas.

No dia 15/10, abordou-se sobre câncer de mama e suas principais medidas de prevenção e controle, com as conferencistas: a ginecologista e obstétrica Daniela Pratti Martins e a bióloga e especialista em bioética Jusimar da Silva Fernandes Souza Lima, sob a mediação da bióloga e mestrande Jamaira Conceição da Silva, e no dia 16/10, tratou-se sobre gestação e maternidades, violência obstétrica e depressão pós-parto, com a participação da ginecologista e obstétrica Brisa Botelho Silva, da doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo Talita Melgaço Fernandes e a Professora Mestre Jackeline Santana Gomes, com a mediação da professora Alciane Queiroz Castro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nessas redes de saberes tecidas de diferentes contextos, o coletivo vem se constituindo como um grupo orgânico de mulheres, em que a sororidade seja a

linguagem promotora de ações educativas e inclusivas, e os feminismos como fundamentos angulares das discussões teóricas e das ações intervencionistas.

Os feminismos como teorias e metodologias basilares na formação acadêmica têm revelado a importância de se abordar as questões étnico-raciais, de gênero e sexo, pois esses temas, por vezes, ficam ocultos na subjetividade de educadores e estudantes, reclusos entre as “paredes” da academia e dos currículos, que insistenteamente reproduzem o eurocentrismo, elegendo a *cisheteronormatividade* branca e cristã como referencial universal de humanidade, como denuncia Carla Akotirene (2019). Portanto, o coletivo, à luz das considerações teóricas de Bell Hooks (2018), tem promovido práticas educativas emancipatórias, tem como norte de atuação o desejo de transformar as mentes, instituições educacionais e sociedade; a partir da alegria diante da diversidade cultural, da paixão pela justiça e do amor pela liberdade. (HOOKS, 2013)

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** - políticas arrebatadoras. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Letras - Língua Inglesa e Literaturas

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO COLABORATIVO DESENVOLVIDO NA MONITORIA DE ENSINO NO CURSO DE LETRAS INGLES

Paulo Henrique Bonfim Scheidegger¹
Luciana Cristina da Costa Audi²

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de monitoria de ensino desenvolvida sob a perspectiva do ensino colaborativo. O objetivo deste estudo consiste em relatar as percepções de um monitor e sua orientadora sobre as contribuições e desafios do ensino colaborativo como abordagem para a formação de professores em contexto de monitoria de ensino no curso de Letras Inglês da UNEB-Campus X. As narrativas das experiências vivenciadas nesse contexto apontam para: a) a relevância da monitoria de ensino, sobretudo para os alunos dos anos iniciais da licenciatura; b) contribuições do ensino colaborativo como metodologia de formação de professores.

Palavras-chave: Ensino Colaborativo; Monitoria de Ensino; Formação de professores; Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

A formação de professores tem sido amplamente discutida nos cursos de licenciatura. Para além das disciplinas curriculares, a monitoria de ensino tem contribuído notavelmente para a formação do futuro professor, já que permite ao aluno-monitor experienciar na prática e, sob supervisão de um professor orientador, como se dá a rotina docente para a qual está se formando. Dessa forma, as monitorias de ensino permitem um contato com o papel do professor na sala de aula logo nos primeiros semestres do curso.

Nesse estudo apresentaremos o relato de uma monitoria de ensino na qual foram desenvolvidas práticas de ensino colaborativo.

Segundo Scantlebury; Gallo-Fox; Wassel (2008), o ensino colaborativo permite que professores em diferentes estágios de sua formação, nesse caso monitor e orientadora, ensinem juntos dividindo as responsabilidades desde o planejamento e preparação de aulas ao desenvolvimento das aulas propriamente ditas, com vistas ao aprendizado dos alunos. A abordagem do Ensino colaborativo difere de

¹ Graduando do curso de licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - X), e-mail: pauloscheideggeruneb@hotmail.com. Bolsista de Monitoria de Ensino pela UNEB.

² Doutora em Educação, professora assistente no Curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas no DEDC-X da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: lucianaaudi@yahoo.com.br

cooperação no sentido de que as práticas de coensino têm como foco a relação dialética dos processos de ensinar e aprender.

Nessa perspectiva, corroboramos com Mateus (2009) na compreensão da formação como um processo dialético, no qual o aluno ensina enquanto aprende e o professor também aprende enquanto ensina.

Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo relatar as contribuições e desafios do ensino colaborativo como abordagem para a formação de professores adotada em uma monitoria de ensino na disciplina de Núcleo de Estudos Interdisciplinares - Nei II, no curso de Letras Inglês da UNEB - Campus X. Buscamos neste relato apresentar nossas experiências mais marcantes, de forma a responder aos seguintes questionamentos:

- 1) Como as vivências experimentadas no programa de monitoria de ensino contribuíram para a aprendizagem da profissão de um aluno do 2º ano do curso de Letras Inglês da UNEB que ainda não teve contato com a sala de aula pelo estágio curricular?
- 2) Quais os desafios vivenciados por uma professora formadora ao desenvolver um trabalho colaborativo na monitoria de ensino?

Com o intuito de compartilhar nossas percepções dessa monitoria, relataremos nossas percepções de como as vivências experimentadas no programa de monitoria de ensino da UNEB contribuíram para a aprendizagem e desenvolvimento de um futuro professor de língua inglesa, bem como os desafios de se trabalhar colaborativamente, no contexto de monitoria de ensino.

METODOLOGIA

Durante a monitoria de ensino a formação de professores foi trabalhada sob a abordagem do coensino e dos diálogos cogerativos propostos por Roth (2002; 2016) e Roth & Tobin (2002a; 2002b; 2005), que segundo Audi (2019) configuram-se práticas de Ensino colaborativo. Conforme já discutimos, nossa monitoria de ensino era fundamentada nos princípios do ensino colaborativo, que consiste em práticas de coensino e diálogos cogerativos. Sendo assim, nossa metodologia de trabalho colaborativo consistia em dois momentos, sendo o primeiro às segundas-feiras, quando nos reuníamos, professor-novato (aluno monitor) e professora-formadora (orientadora da monitoria) para nossos diálogos cogerativos: momentos destinados ao planejamento das aulas da quarta-feira seguinte, avaliação das aulas da semana

anterior e discussão de aspectos relevantes à nossa prática de sala de aula, tais como metodologia, participação dos alunos nas atividades propostas e alternativas para melhorar nossa prática. Depois, no segundo momento, às quartas-feiras, implementávamos as atividades preparadas de acordo com nossos diálogos cogerativos nas duas aulas de NEI II da turma de Letras Lingua Inglesa e Literaturas do Campus X da UNEB. Importante salientar que nossos diálogos cogerativos nos permitiram refletir sobre essa experiência a ponto de compartilharmos aqui nossas impressões sobre o processo vivenciado.

As reflexões relatadas neste texto são frutos de nossas vivências na monitoria de ensino desenvolvida na disciplina de Nei II, no curso de Letras-Língua Inglesa e Literaturas.

Para responder nossas perguntas de pesquisa, dividimos nossas reflexões sob duas ópticas: 1) a do professor-novato (monitor) e, 2) a da professora-formadora (orientadora de monitoria). Apresentamos em forma de narrativa, nas discussões e resultados, as impressões selecionadas para a ilustrar nossas reflexões buscando responder às perguntas propostas nesse trabalho.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A monitoria de ensino constitui-se para ambos, professor-novato e professora formadora, lócus de atividade dialética de aprendizagem e ensino.

1) **Narrativa do professor-novato:** Após o encontro inicial com a orientadora, aqui considerada professora formadora, logo iniciamos nosso primeiro diálogo cogerativo, no qual traçamos primeiro o plano de ensino, atividade que foi desenvolvida de forma colaborativa, ao passo que eu pudesse acompanhar como são organizadas as aulas, os objetivos, as discussões propostas, as atividades e metodologias que viriam a ser utilizadas. Estes encontros de diálogo cogerativos, ocorridos às segundas-feiras, foram essenciais para o sucesso das aulas, pois neles tivemos a oportunidade de discutir objetivos para as próximas aulas, a aceitação da turma com o conteúdo proposto, dialogar sobre o desenvolvimento das aulas e promover reflexões sobre nossa prática docente. Eu nunca tinha experienciado a prática de sala de aula, pois como aluno do segundo semestre do curso nem sequer tive contato com o estágio. Então, rotinas de preparação de planos de aula, eram novidades para minha realidade, na qual, de repente, de aluno tornei-me um professor-

novato. Essa transformação não comprehende apenas mudança de status de aluno a professor, mas, constitui-se a pedra angular na construção da minha identidade docente. Como toda semana desenvolvíamos o planejamento das aulas, eu aprendi a elaborar planos de aulas e diversas atividades com leituras e interpretação de textos. E, também conheci de perto, na prática toda a rotina de um professor, desde o planejamento das aulas, até a parte burocrática de preencher planos de ensino, cadernetas com frequência e notas de alunos. A segunda experiência que destaco, aconteceu quando, visando à conscientização dos discentes durante o processo de escrita de seus trabalhos para a culminância da disciplina a ser apresentado no Seminário Interdisciplinar de NEI, apresentei para a turma um seminário sobre plágio acadêmico, problema tão grave e frequente no meio universitário. O tema constava em nosso planejamento uma vez que nessa disciplina os alunos estavam aprendendo a escrever trabalhos acadêmicos, e no final do semestre deveriam entregar uma resenha critica. Na ocasião, foram feitas pesquisas sobre o assunto, elaboração de material para a apresentação e discussões que contemplavam a temática. Além disso, busquei contemplar três tipos de plágio: integral, parcial e conceitual. Acredito que esta atividade tenha sido tão importante para a turma, já que despertou um olhar atento sobre a própria escrita, quanto foi para mim, pois configurava-se a consolidação da minha identidade docente, eu me vi ali na frente dos alunos não apenas apresentando um seminário, mas dando uma aula! Por fim, a última experiência a ser relatada ocorreu no final do semestre letivo, no Seminário Interdisciplinar de NEI, que culminou com a apresentação das resenhas críticas elaboradas por cada grupo de aluno que eu pude acompanhar durante o processo. Nesse evento eu pude perceber, mais uma vez, que o planejamento, a organização, o compromisso e a colaboração são fatores imprescindíveis para o pleno desenvolvimento acadêmico dos alunos e me senti realizado por ter tido a oportunidade de contribuir para que isso fosse possível.

De forma geral, durante essa monitoria de ensino, que comprehende ao período de um semestre letivo, eu tive a oportunidade de aprender e desenvolver, de forma colaborativa, planos de trabalho semestral, planos de ensino, auxiliar os discentes em práticas de uso das tecnologias de informação, desenvolver atividades teóricas e

práticas como formulação de material para seminários, seleção de textos de apoio para as discussões do componente e participar de eventos acadêmicos.

2) Narrativa da professora-formadora: A monitoria de ensino configurou-se também para mim experiência de aprendizagem. Para relatar aqui minhas impressões sobre essa monitoria, inspirei-me nos estudos de Mateus, El Kadri e Gafuri (2011) no qual as autoras postulam que trabalhar em colaboração implica em alguns princípios e premissas. Baseada no quadro sobre tais premissas, proposto por Audi e Passoni (2016), passo a descrever minhas impressões sobre os desafios de se trabalhar em colaboração. Por delimitação de espaço, escolhi dois princípios para refletir sobre nossa experiência: a) o princípio de "participantes envolvidos em ações de negociação contínua", no qual alguém tem que ceder para proporcionar posicionamentos igualitários na ocupação dos espaços em sala de aula. E, algumas vezes, é muito difícil para o professor formador ceder em seus posicionamentos. Eu descobri com essa experiência que, embora já tenha trabalhado na perspectiva do ensino colaborativo por muitos anos em contextos de PIBID¹, ainda tenho uma forte tendência de dominar os papéis de professor na sala de aula. Em um olhar retrospectivo, percebi que sempre tomei frente no planejamento das aulas, eu escrevia em meu caderno todo o plano de aula, que na maioria das vezes, poderia ter dado mais voz ao monitor e/ou proporcionado a ele a oportunidade de ele mesmo elaborar com meu auxílio o plano de aula, enquanto o que ocorreu foi oposto eu sempre escrevia em meu caderno todas as etapas do plano de aula, traçando os objetivos e a metodologia por minha conta. b) O princípio da "quebra do monopólio na produção do conhecimento", que visa romper com velos paradigmas sobre quem produz e quem consome o conhecimento. Aqui entendido também como quebra de hierarquias. Este para mim tem sido o maior desafio ao trabalhar colaborativamente. Mais uma vez, analisando meus posicionamentos durante essa monitoria de ensino, na maioria das vezes tive dificuldades de aceitar o monitor atuando como professor, pois poucas vezes permiti que ele desenvolvesse atividades de regência, mesmo em coensino.

E, agora, por meio desse estudo, percebi que uma das atividades mais marcantes para o professor-novato (monitor) foi justamente uma das atividades de

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o qual fui coordenadora de um subprojeto nesse curso de Letras Inglês.

coensino na qual ele teve oportunidade de ir à frente e apresentar um conteúdo para os alunos.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Com a reflexão conjunta concluímos que ambos, monitor e professora orientadora, passamos por experiências que enriqueceram nosso processo de vivenciar a docência. As narrativas aqui apresentadas, demonstram que a monitoria de ensino constituiu-se local de aprendizado e formação docente tanto para o professor-novato quanto para a professora-formadora. Ao professor-novato foi possibilitado vivenciar a práxis docente, associando os conhecimentos teóricos à prática a de sala de aula, vivenciada nas aulas da turma na qual foi monitor, (re)significando o próprio conceito de espaço universitário do professor-novato, já que antes dessa experiência desconhecia a estrutura e organização da universidade, que extrapola a didática. Por essa experiência constatamos que o ensino colaborativo, constitui-se uma importante ferramenta para a aprendizagem e prática docente, sobretudo nos anos iniciais, nos quais o monitor ainda não vivenciou a prática de estágio, permitindo-lhe familiarizar-se e conhecer a rotina do professor, desde o planejamento das aulas até o final do semestre, com todos os percalços que uma turma pode trilhar.

Para finalizar gostaríamos de registrar, diante da importância da monitoria de ensino como lócus de aprendizagem docente, nosso desejo de que sejam disponibilizadas mais vagas para monitoria, de forma que um número maior de alunos tenha acesso a esse tipo de programa, que além dos benefícios financeiros proporcionados pela bolsa de monitoria, contribui de forma significativa na sua formação.

REFERÊNCIAS

AUDI, L. C. C. “E a gente perguntava também não só quem era a gente, mas o que que a gente tava fazendo ali”: a influência do coensino e diálogo cogerativo na formação de professores de línguas - um estudo de caso no PIBID - Inglês Campus X da UNEB. 2019. 244f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

AUDI, L. C. C.; PASSONI, T. P. Da Intencionalidade à Prática: colaboração na formação de professores de língua inglesa em um subprojeto PIBID. In: Rego, A. E. & Passos, M. B. de A. (orgs.). **Iniciação à Docência:** diálogos, memórias e

experiências do PIBID UNEB. 1ed. Salvador: EDUNEB, 2016, v. 1, p. 142-159. E-book disponível em: <<http://eduneb.uneb.br/download-2>>.

MATEUS, E. Práxis colaborativa e as possibilidades de ser-com-o-outro. In: SCHETTINI, R. H. ; DAMIANOVIC, M. C. ; HAWI, M. M.; SZUNDI, P. T. C. (org.). **Vygotsky: uma revisita no início do século XXI**. São Paulo: Andross, 2009, p. 17-52.

MATEUS, E.; EL KADRI, M. S.; GAFFURI, P. O que se pode ver da janela: uma análise do subprojeto de Letras-Inglês do programa PIDID. **Revista Signum**, Londrina: vol. 1, n.14, jun/2011, p. 363-386.

ROTH, W.-M. **Being and Becoming in the Classroom**. Westport: Ablex Publishing, 2002.

Roth, W.-M. Neoformation: A dialectical approach to developmental change. **Mind, Culture and Activity**, 24, 368–380. May, 2016. Disponível em:<<https://doi.org/10.1080/10749039.2016.1179327>>

SCANTLEBURY, K.; GALLO-FOX, J.; WASSELL, B. Coteaching as a model for preservice secondary science teacher education. **Teaching and Teacher Education**, New York, v. 24, n. 4, p. 967-981, 2008. Disponível em : <<http://www.ocs.udel.edu/wp-content/uploads/ocs/ScantleburyGallofoxWassell08Coteaching.pdf>>. Acesso em: 14 de mar. 2018.

ROTH, W.-M.; TOBIN, K. **Redesigning an "Urban" Teacher Education Program: An Activity Theory Perspective**. Mind, Culture and Activity, v.9, n.2, 2002a.

ROTH, W.-M.; TOBIN, K. **At the Elbow of Another: Learning to Teach by Coteach-ing**. New York: Peter Lang, 2002b.

ROTH, W.-M.; TOBIN, K. (ed.). **Teaching Together, Learning Together**. New York: Peter Lang, 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Conselho universitário. **Resolução nº 700/2009**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/proex/wp-content/uploads/sites/62/2019/08/700_-2009-consu_Res_Regulamento_-Monitoria_ensino_altera507.pdf>. Acesso em: 16 de out. de 2020.

A CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS: INTERCULTURALIDADE COMO PRÁTICA DE TOLERÂNCIA

Tamila de Jesus Lemos¹
Luciana Cristina da Costa Audi²

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar um relato de estágio supervisionado de língua inglesa, no qual buscou-se trabalhar com atividades que exploram a interculturalidade, como sugerido na Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Como resultado, constatamos que tal proposta pedagógica com atividades que explorem interculturalidade nas aulas de Língua Inglesa, proporciona não só a aprendizagem da estrutura da língua, mas também, o compartilhamento e discussão sobre os diferentes grupos culturais, uma formação mais crítica e contextualizada para os alunos, bem como uma aprendizagem docente por meio de atividades práticas.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Aprendizagem docente; Interculturalidade; Língua Inglesa.

INTRODUÇÃO

A língua inglesa hoje, pode ser usada como intermediadora nos variados encontros interculturais entre diferentes falantes nativos. E essa possibilidade se dá devido ao crescimento e expansão da economia e tecnologia (CORREIO, 2016). Atualmente os alunos consomem a internet, buscando entretenimento seja em músicas, séries, jogos, e-books, entre outras; tendo a ferramenta tecnológica como facilitadora em buscar/adquirir conhecimento em diferentes plataformas da web (LÉVY, 2010).

Apesar de (ou talvez por) ser a internet o canal que proporciona essa acessibilidade, ainda hoje indústrias de entretenimento e de ciência estão fortemente atreladas aos Estados Unidos. Dessa forma, se não trabalharmos sob a perspectiva da interculturalidade, teremos pouco ou nenhum contato com a cultura de outros países. Tal fato pode caracterizar-se um limitador para a formação de cidadãos críticos, capazes de se reconhecer parte de uma cultura local que ao mesmo tempo sofre influência de outras culturas.

¹ Discente de Letras Inglês do VII semestre da da Universidade Estadual do Estado da Bahia – UNEB. Email: lemostamila@gmail.com.

² Trabalho orientado pela Prof. Dra. Luciana Cristina da Costa Audi. Professora assistente no colegiado de Letras Inglês, Departamento de Educação, Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

A discussão sobre o conceito de cultura é amplo. Correio (2016) explica que sua definição é subjetiva e consequentemente, ao entender os elementos que compõem a terminologia já é considerado como cultural. Ela interpreta a cultura como algo individual e ao mesmo tempo abrangente:

[...] a cultura, em graus variados, possui elementos específicos de dados grupos e elementos universais, familiares a todas as sociedades. Pode-se dizer que a cultura de se fazer refeições (café da manhã, almoço e jantar) é algo universal, mas o que se come e como se procede cada uma delas nos mais diversos grupos culturais é específico. (CORREIO, 2016, p. 5)

Spencer-Oatey e Franklin (2009) exploram o conceito de cultura trazendo ideias de vários teóricos, como por exemplo Matsumoto e Geertz. E através desses ideais diferentes sobre a temática, as opiniões convergem ao: a) associar cultura a um grupo; b) a cultura é criada através da interação desses grupos; c) a cultura transforma o comportamento e compreensão do indivíduo podendo afetá-lo mas não o determinar. Ou seja, a cultura não é sustentada individualmente:

- the regularities of culture are manifested in numerous different but interrelated ways;
- these regularities go hand in hand with variability;
- culture is associated with infinite types of social groups that can vary in size and complexity;
- people are simultaneously members of many different cultural groups. (SPENCER-OATEY e FRANKLIN; 2009, p.46)

Os mesmos autores explicam que o indivíduo não precisa estar completamente de comum acordo com o conjunto de normas, valores e ideologias compartilhadas pelo grupo cultural. Assim como não concordamos totalmente com os fundamentos dos grupos sociais pertencentes, como familiar, escolar, amigos e dentre outros.

Nesse sentido, aprender a língua inglesa por meio de reflexão a partir de outras etnias é importante para que os alunos tenham acesso a esses contextos. E o papel do professor é de suma importância não só para ensinar aos alunos como a língua deve ser usada, mas também desenvolver o senso crítico reflexivo perante as diversidades culturais para que os alunos venham a observar a cultura do outro com ótica de um não nativo.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo qualitativo, tipo relato de experiência elaborado no contexto da disciplina Estágio Supervisionado III, ministrada no sétimo período do curso de Graduação em leturas inglesas da Universidade do Estado da Bahia

(UNEB) - Campus X. A intenção do projeto de estágio foi apresentar aos alunos a possibilidade de conhecimento de diversas culturas e trazer uma reflexão sobre o quanto podem ser diferentes do que conhecemos.

Para tanto, dentre outras atividades, foi apresentada aos alunos uma proposta para fazerem uma pesquisa sobre as diferenças culturais, em artes plásticas e visuais, literatura, música, cinema, dança, festividades, entre outros. Dessa forma, os alunos foram divididos em 4 grupos, e cada grupo ficou com dois países para discussão sobre a diversidade cultural e a língua inglesa como elo de união desses países falantes nativos ou não.

Deste modo, o professor-aprendiz concilia o ensino do inglês com as culturas atreladas à língua, proporcionando a multiculturalidade e aderindo práticas de tolerância mediante a diversidade.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Após o desenvolvimento da atividade dos alunos sobre diferenças culturais, percebi que o conhecimento compartilhado nas aulas sobrepuja o ambiente escolar, inserir a interculturalidade como meio de dialogar sobre respeito, contribui para a tolerância e compreensão mediante as diferenças. Como o termo *intercultural* de forma literal significa *entre culturas* (SPENCER-OATEY e FRANKLIN, 2009, p.3, grifo meu) e como a sociedade é pluralista, os educadores devem proporcionar atividades que trabalhem o preconceito e a melhoria na convivência coletiva.

A interação entre os grupos culturais resulta na interculturalidade, por isso a importância do professor inserir seus alunos nesse contexto, para que eles possam obter uma “visão de mundo” além do vivenciado por eles. Essa experiência proporciona não só conhecer, mas, também, compartilhar suas diferenças, sejam elas social, racial, religiosas, de gênero, dentre outras (WINDLE, 2018).

Também foi possível refletir através do desenvolvimento da atividade com os alunos, que o professor deve procurar apresentar as variações linguísticas da língua e a diversidade cultural que está atrelada a ela, pois o inglês tem suas peculiaridades e estando em territórios diferentes, a língua se adapta, se transforma.

Outro ponto a ser destacado é a interculturalidade como prática de tolerância nos contextos sociais. Observei nesse estágio que os alunos trouxeram exemplos de diversos países, para além dos tradicionais Estados Unidos ou Inglaterra, apresentando aspectos culturais oriundos da vivência de falantes da língua inglesa

dos respectivos países que escolheram pesquisar. Foram apresentadas curiosidades interessantes sobre economia, língua e costumes. Os alunos compararam essas culturas com sua própria realidade, refletindo e expondo as opiniões sobre o assunto. Apresentá-los à cultura de determinados grupos e tentar relacionar com a realidade deles, fez perceber que a língua ultrapassa o diálogo e o entendimento estrutural que a classifica como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de estágio aqui compartilhada, permitiu a mim uma reflexão sobre o papel da língua inglesa na formação crítica dos alunos, bem como a importância de se explorar atividades variadas para expor os alunos a uma noção de cidadania e respeito por meio de reflexões sobre as diferenças culturais, tolerância e valorização de sua própria cultura. Trabalhar no estágio sob a perspectiva da interculturalidade possibilitou-me uma aproximação maior com os alunos e através dessa proximidade pude observar o quanto as atividades focadas na interculturalidade podem auxiliar os alunos, provocando maior motivação para aprender a língua inglesa e proporcionando interação, respeito ao diferente, respeito à cultura do outro, sem desvalorizar sua própria cultura. Por isso o termo interculturalidade conecta com o propósito de trabalhar a tolerância, porque ela não coloca uma cultura superior a outra, mas sim, mostra as circunstâncias diferentes de um povo.

Em virtude do que foi apresentado, conclui que o trabalho de estágio é uma forma de obter experiência significativa para a formação docente quando aliada a investigação/ pesquisa, de forma a traçar uma avaliação dessa experiência. Nessa perspectiva, por meio do estágio, o próprio estagiário aprende a conduzir sua prática, analisar suas aplicações, corrigir seus erros, identificar os acertos, além de observar e familiarizar-se com o contexto escolar. Nesse sentido, a partir de suas experiências, o professor pesquisador pode investigar as modificações encontradas e intervir para melhoria do processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CORREIO, Letticia Vieira de Melo. **Ensino intercultural de inglês como prática de reconhecimento e respeito às diferenças.** Itinerarius Reflectionis, vol. 12, número:1, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication**. New York: Palgrave MacMillan, 2009.

WINDLE, Joel. **A formação do professor de línguas em uma perspectiva de educação intercultural cidadã**. Campinas, 2018. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n2/0103-1813-tla-57-02-0975.pdf>>. Acesso em: fev. 2020.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Letras - Língua Portuguesa e Literaturas

LITERAGINGA: PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O FEMININO E A CAPOEIRA NA OBRA CAPITÃES DA AREIA

Katiane Martins de Oliveira¹
Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres²

RESUMO

Este trabalho se dedica a refletir sobre a submissão feminina imposta historicamente, tendo como objeto de análise a personagem Dora, do livro *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Objetiva estabelecer relações entre a mulher e a capoeira e questionar o lugar inferiorizado da mulher capoeirista. A análise utilizará como suporte teórico a Teoria Literária Feminista, exposta por Moi (2006); a noção de subalternidade, trabalhada por Spivak (2010); fomentando aspectos da literatura, a partir de Antônio Cândido (2006). Para pensar na capoeira e no feminino utilizará a produção científica de Rosângela Costa Araújo (2017). O estudo busca a verificação cultural do neologismo “literaginga” criado para construir diálogos entre capoeira e literatura.

Palavras-chave: Literatura; Feminismo; Capoeira.

INTRODUÇÃO

Historicamente o discurso predominante na literatura foi o do ponto de vista hegemônico, masculino. Tais circunstâncias reforçam os ideais patriarcas acerca da inferiorização da mulher, características essas que perpassam pelas linhas dos romances, visto que, durante muito tempo, esse modelo fez com que as mulheres fossem retratadas de forma submissa. A literatura é uma manifestação social tanto para quem escreve, quanto para quem lê. Desse modo, compreendendo-a como prática influenciadora, ela dissemina valores defendidos pela classe dominante para toda sociedade, inclusive para as classes que, por muitas vezes, é dominada. Ao pontuar a relevância dos mecanismos que a literatura estabelece, é fundamental questionar tais estruturas. E isso foi feito utilizando justamente a literatura para apontar suas limitações.

METODOLOGIA

A metodologia está pautada num estudo bibliográfico, com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Este trabalho

¹ Graduanda do Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, turma 2016.2 da Universidade do Estado da Bahia -UNEB- Departamento de Educação Campus X Teixeira de Freitas - BA. E-mail: katiane.martins@gmail.com

² Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil (2019) Professora da Universidade do Estado da Bahia, Brasil.

questiona as representações de estruturas ficcionais encontradas na obra, em que há uma evolução na construção da personagem, como os rituais de passagens pelos quais Dora passou. Pretende apontar o apagamento da personagem enquanto praticante de capoeira de rua. Serão coletados no romance em questão fragmentos para sustentar as afirmativas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para a construção deste trabalho foi realizado um panorama dos principais conceitos que o envolve até chegar ao objeto da discussão. A proposta consistiu em uma vadiação¹ de conceitos, de maneira que os autores e suas construções aos poucos aparecessem de forma contínua e intercalando-se. Inicialmente,, foi apresentado o papel social da literatura. Com uma abordagem que encare a obra literária, como um conjunto de fatores sociais que atuam sobre a formação da mesma.

Essa pesquisa apresenta discussões acerca da complexidade na construção da personagem Dora, pois nota-se em sua construção ficcional ritos de passagem, que resultam em mudanças na sua representação ao longo do romance. Ademais, a própria marginalização vivida pela personagem, aproximando-a com a marginalização pela qual a capoeira passou, foram elementos importantes de análise no romance. Com isso, intencionou-se aqui, construir um diálogo entre a literatura e capoeira, através de Dora, buscando interpretações e afirmações que coloquem essas duas forças juntas, como representação de rupturas na obra.

A capoeira na literatura é citada, descrita e representada através de obras que variam entre romances, crônicas e poesias. Já a capoeira através de suas cantigas traz aspectos da literatura, do narrar uma história, isso faz com que essas duas manifestações artísticas se unam, e é a partir dessa junção que nasceu a necessidade em se criar um neologismo capaz de abranger tais manifestações, pois tanto a literatura como a capoeira se auto-propagam. Assim, ao aproximar a constância da base da capoeira, a ginga, e a literatura, surgiu o neologismo “literaginga”. Tal neologismo foi criado também a partir do movimento expresso pela história contada no romance em que a personagem Dora vai vencendo os obstáculos, lutando/gingando, e se firmando

¹ Essa era a palavra utilizada pelos antigos capoeiras baianos para designar o que hoje chamamos de jogo de capoeira. Há aqui uma inversão dos valores dominantes, por meio do tom positivo dado aos termos vadiação e vagabundagem. Patinha dirá num tom elogioso que capoeira “é uma coisa vagabunda”. Palavra que apresenta sinônimos: ócio, lêu, gandaia. (REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico. Salvador, 1968).

enquanto mulher, capoeirista, membra dos capitães da areia. Segundo Leda Martins (1995), a ginga é um dos repertórios/memórias do povo negro, de suas histórias e lutas. Com isso é possível estabelecer um diálogo entre a literatura e o jogo de capoeira, fazendo uma infusão com a ginga, que assim como a escrita de Jorge Amado, estabelece um ritmo cadenciado de resistência na sociedade da época.

Como disse Mestre Pastinha (2017, s/p): “A capoeira é tudo o que a boca come”. Partindo dessa metáfora, reafirma-se a necessidade de comer a literatura, como forma de resistência e existência da mulher na capoeira, e, desse modo, sinalizar as suas construções e representações na literatura. À vista disso, pensou-se no contexto histórico social da capoeira, que durante muitos anos foi colocada como prática proibida, e que, por sua vez, restringia a participação de mulheres, que durante muito tempo foram colocadas como coadjuvantes nesta prática, criando assim camadas de marginalizações. Tais acontecimentos, que também estão presentes no romance em questão, possibilitam discussões em que a capoeira, estereotipada como prática marginal, se apresente como mecanismo de ruptura, estimulando o empoderamento da personagem Dora.

É fato que existe grande dificuldade em contar a história da capoeira, e tendo historicamente como fio condutor a figura masculina, esse processo fica mais duro ainda quando tenciona-se fazê-lo sob uma perspectiva feminina. Dizer que a capoeira no século XX era em sua grande maioria praticada por homens é uma verdade, no entanto é errôneo afirmar que as mulheres não faziam parte dessa história. Segundo Silva (2015), na formação dos grupos de capoeira no século XIX era comum a participação dos homens, mas as mulheres, dificilmente eram citadas. Essa afirmação faz pensar que existiam sim mulheres praticantes de capoeira desde o século XIX, mesmo que em pouquíssima representatividade. Outra questão importante a ser pontuada é o fato de que naquela época, as poucas praticantes de capoeiras eram sempre retratadas com estereótipos masculinos, ou mulheres da vida, deixando a entender que a mulher praticante de capoeira não era alguém corajosa e ágil, mas sim de vida fácil, meretrizes, uma forma de colocar essas praticantes em camadas inferiorizadas, afirmou Oliveira Leal (2009).

É através do movimento que a capoeira se desloca, e esse deslocamento provoca rupturas sociais. O movimento, elemento característico do jogo, vai além de seus golpes, é algo contínuo. Segundo Adorno (1999), a expressão corporal nos ensina há milênios uma linguagem sem palavras que permite a comunicação,

estabelece a fraternidade nos gestos comuns, a dança revela os sentimentos e evidencia ideias.

Ao construir uma análise acerca das configurações sociais, que ao dialogar entre si, promovem intensa reflexão dos mecanismos sociais que determinam a sociedade, é importante teorizar conceitos que representam o lugar de ocupação do ser, partindo de experiências e culturas pessoais, além de pensar como determinadas narrativas podem servir de suporte para ampliação de leitura. Ademais, pensar a configuração de passagem do estado do ser/torna-se mulher, na perspectiva exposta por Simone Beauvoir (2009), a de que “Não se nasce mulher torna-se mulher”, é possível notar, a utilização do gênero como categoria analítica, em que torna-se nítido a desigualdade entre os sexos em todo tipo de relação social e de poder.

Pressupondo que a literatura desempenha papel social, evidentemente reflete características da sociedade, como o lugar destinado à mulher, foi possível perceber com nitidez esse lugar feminino de repetições de papéis, na obra de Jorge Amado. Isso ocorre quando, por exemplo, em uma passagem do romance Dora é vista pelos capitães de areia como figura materna. Concomitante a isso, pode-se questionar o lugar de ocupação e resistência, quando Dora passou a praticar capoeira, tal atitude apontou a uma outra discussão pertinente, o lugar da mulher na capoeira, pois ao romper com os papéis pré-estabelecidos da mulher, a personagem deu visibilidade à sua história e protagonismo, denunciando a desigualdade de gênero ainda presente nessa manifestação cultural. É importante salientar que o gênero também é construído por outros aspectos de grupos identitários como raça, classe, etnia, por exemplo. É possível notar que em vários momentos o autor cria construções do que é ser mulher, a partir de uma ótica do patriarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se fez necessário tanto para a contribuição de uma análise feminista acerca da personagem Dora, como para a contribuição e reconhecimento do espaço da capoeira como instrumento de libertação. Ao pensar nas andanças da capoeira e em seus movimentos, pode-se fazer paralelos com a forma em que ela, a capoeira, ganhou espaço em tantos lugares ao longo dos anos, inclusive na literatura. A capoeira transforma, modifica e atualiza suas práticas, usa o círculo da roda como forma de girar com o mundo para se manter em constante movimento. Já a literatura além de questionar repetições sociais, nos faz refletir sobre o mundo a nossa volta.

Candido (2006) nos faz refletir que na literatura o externo importa não como causa, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, neste caso o social. Tais problemáticas auxiliaram no objetivo central deste trabalho, em apontar a anulação/empoderamento da personagem enquanto praticante de capoeira.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Camille. **A arte da capoeira.** 6^a. ed. Goiânia, GO: Kelps, 1999.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia.** 4^a edição conjunta. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- AREIA, Almir das. **O que é capoeira.** São Paulo, Brasiliense, 1983
- BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890. **Promulga o Código Penal.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890- 503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9^a Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CRUZ, José Luiz Oliveira. **A capoeira angola na Bahia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- _____. **Capoeira angola: do iniciante ao mestre.** Salvador: EDUFBA; Pallas, 2003.
- FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos de. **Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia.** Salvador: Quarteto, 2010.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.
- FERNANDES, C. C. SILVA, P.C.C. (2009) **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP.** Educação Física em Revista, 2 (2).
- História da capoeira; mestre Pastinha e outros mestres**, 2017. Disponível em: <https://https://www.youtube.com/watch?v=FPzGrKHZ2xQ&t=86s> Acesso em: 15 mar. 2020. Mín.1:23).
- LACOMBE, Américo Jacobina, **Rui Barbosa e a queima dos arquivos.** Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

MAURICIO, Acuña. **A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais.** São Paulo: Alameda ed.1, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sobras.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

MOI, Toril. **Teoria Literária Feminista.** Trad. Amaia Barcena. Madrid: Cátedra, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, Identidade e Gênero: Ensaios Sobre a História Social da Capoeira No Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2009.

RODRIGUES, Judivânia Maria. **O corpo feminino no jogo da capoeira angola.** Curitiba: Anais eletrônicos, 2017.

SILVA, R.F. **A Mulher na Capoeira e a Participação no Movimento de Resistência ao Sistema Racista e Patriarcal.** IV Seminário Enlaçando Sexualidades, V.1, 2015.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional.** Brasil: Ed. Nacional; 1987.

SILVA GO. **Capoeira do engenho à universidade.** 2a ed. São Paulo: o autor; 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

A EXPERIÊNCIA E LINGUAGEM RELIGIOSA DO RITO DE PASSAGEM EM *ABISMO* (2004), DE CARLOS RIBEIRO

Hadassa Andrade Cordeiro¹
Celso Kallarrari²

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a presença do discurso religioso, com ênfase na experiência do rito de passagem, em *Abismo* (2004), de Carlos Ribeiro, buscando explorar as características do discurso religioso que se apresenta na obra; investigar as relações dialógicas e intertextuais que participam da descrição de rituais religiosos; e analisar os elementos simbólicos que caracterizam o rito de passagem no romance. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como apporte teórico os estudos de Orlandi (2001) acerca da Análise do Discurso e, especialmente, do Discurso Religioso (1996), de Bakhtin (2010, 2014) sobre dialogismo, e de Kristeva (2005) sobre intertextualidade.

Palavras-chave: Discurso religioso; Literatura contemporânea; *Abismo*; Carlos Ribeiro.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar a presença do discurso religioso, com ênfase na experiência do rito de passagem, no romance nacional contemporâneo, *Abismo* (2004), de Carlos Ribeiro. Para tanto, buscamos explorar as características do discurso religioso que se apresenta na obra; investigar as relações dialógicas e intertextuais que participam da descrição de rituais religiosos no texto; e analisar os elementos simbólicos que caracterizam o rito de passagem no romance. Este trabalho faz parte das pesquisas produzidas no projeto de Iniciação Científica “Religião e Literatura: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos”, que teve início no ano de 2020, sob a orientação do Professor Dr. Celso Kallarrari, da Universidade do Estado da Bahia - *Campus X* e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

¹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB *Campus X*. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Membro do grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (GEICEL). E-mail: hadassa.cor@gmail.com

² Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás, mestre em Educação, especialista em Língua Portuguesa, licenciado em Letras e graduado em Teologia, professor titular no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus X* e Professor no Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – UNEB - *Campus X*. E-mail: celso.kallarrari@terra.com.br

METODOLOGIA

Quanto à metodologia, visando uma abordagem qualitativa dos fatores analisados, a pesquisa bibliográfica realizada se situou nos estudos discursivos, literários e religiosos, com foco na identificação e análise da presença do discurso religioso no texto literário, sendo o objeto deste estudo o romance *Abismo*, de Carlos Ribeiro.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A manifestação do discurso religioso na literatura pode ocorrer através da inserção de elementos específicos das culturas religiosas no texto, ou no uso de traços próprios da estrutura deste discurso, que aparecem na voz do narrador ou de personagens. As características do discurso religioso apresentadas por Orlandi (1996) incluem o uso do imperativo e vocativo; o uso de metáforas; as citações em latim; o uso de performativos; e o uso de sintagmas cristalizados. Além disso, o discurso religioso no romance sempre retoma outro(s) discurso(s) religioso(s), em seus sentidos, conteúdo ou forma. Essa característica está associada aos conceitos de dialogismo e intertextualidade. O conceito de dialogismo de Bakhtin (2014) explica que qualquer enunciado deve ser estudado não somente através de seus aspectos intralingüísticos e coesivos, mas também pelas interferências externas que compõem seu sentido, porque toda e qualquer enunciação não ocorre de forma isolada das demais. Uma nova enunciação é uma resposta a todas as que precederam-na, além de ser uma antecipação das que virão depois dela. No que diz respeito ao discurso literário, este se evidencia como espaço propício para o exercício do dialogismo, pois, na perspectiva de Bakhtin (2010), no romance é possível apropriar-se de textos anteriores, absorvendo, desconstruindo e reconstruindo seus sentidos. A partir do conceito de dialogismo, os estudos de Julia Kristeva popularizaram o termo *intertextualidade*. Kristeva (2005) afirma, fundamentando-se na teoria de Bakhtin, que o texto literário não é um sentido fixo, mas uma trama na qual diversas escrituras e sentidos se encontram. Das relações dialógicas e intertextuais em *Abismo*, destacamos as que se evidenciam por meio do discurso religioso do rito na narrativa.

Para a discussão que trata dos ritos como prática religiosa, nos pautamos nos estudos de Eliade (1992). Pode-se pensar no rito como a re-atualização do mito (crença) do grupo religioso ou, no caso dos ritos de passagem, como marcos de

aperfeiçoamento do ser humano. Eliade (1992) explica que, na perspectiva religiosa, a experiência humana chega à plenitude em uma série de iniciações sucessivas, que geram mudanças de nível simbólico e espiritual. Nas diversas culturas de base religiosa, são os ritos de passagem que separam o iniciado do não iniciado, o mestre do aprendiz, o que implica, portanto, em diferenças de papel social. Os ritos são constituídos de elementos simbólicos, que, segundo Croatto (2001), são característicos da linguagem religiosa. Os símbolos podem ser objetos do mundo concreto, gestos ou palavras, com significados que transfiguram seu estado inicial como elementos mundanos e passam a fazer mediação entre o mundo humano e o mundo espiritual.

Em *Abismo*, de Carlos Ribeiro, o personagem principal, que não tem seu nome explícito na obra, parte numa jornada em busca do Santo Graal, que é um objeto simbólico e desejado, presente em diferentes culturas religiosas, desde sua provável origem celta até o seu processo de cristianização. A presença do Santo Graal é o fator intertextual de maior força no romance, além de ser o principal canal de inserção do discurso religioso na obra. É por meio da temática religiosa do Santo Graal que diversos trechos de *Abismo* abordam aspectos históricos, simbólicos, míticos e ritualísticos de diferentes religiões. Com foco no aspecto ritualístico, nos concentraremos no objetivo do personagem de finalizar a jornada e realizar um ritual, de acordo com a orientação do Professor Ricardo e de sua filha, Helena, que o convocaram para a aventura que aconteceria no cânion do Itaimbezinho. Ele deveria seguir a jornada sozinho e, somente depois de realizar um ritual, seria capaz de entender o mistério em torno do objeto sagrado. O rito retomava a tradição do Graal e as lendas de cavalaria relacionadas a ele, com referência à existência de um Castelo no qual o objeto era guardado por seres humanos e espirituais. Lá, seria necessário fazer uma pergunta ao Rei, que estaria enfermo ou ferido. O professor deixou claro que o Castelo, ou templo, provavelmente não era físico, mas mágico (o que não o tornava menos real) e explicou que toda a jornada se daria em um mundo mágico, no qual os atos dos personagens passariam a valer pela sua significação. A jornada do personagem passa a ser uma metáfora que remete à experiência religiosa em busca do Mistério, que causa, ao mesmo tempo, fascínio e terror, retomando as considerações de Otto (2007) sobre as características do sagrado.

Abismo segue a estrutura literária da *jornada do herói* (ou *monomito*), elaborada pelo antropólogo Campbell (2004), a partir de suas percepções sobre o

padrão que as narrativas dos mitos e personalidades religiosas de diferentes culturas seguem. Esse padrão narrativo é dividido em diversas etapas que se estão agrupadas em três etapas principais: a partida, a iniciação e o retorno. Resumidamente, depois de resistir ao chamado à aventura, o herói finalmente o aceita; durante a jornada, o herói passa por diversas provas que o fazem evoluir; depois de enfrentar um desafio final, como em um rito de passagem, o herói retorna para seu estado inicial levando a experiência da jornada. Logo, o rito de passagem é uma etapa fundamental na estrutura narrativa de *Abismo* e na experiência religiosa que o romance apresenta.

Fica claro no romance que a jornada à procura do Santo Graal deveria ser uma busca solitária do personagem. Notemos que, apesar de os rituais parecerem restritos à religião e a magia, conforme evidencia Durkheim (1989), e conferirem um processo socializador quando os sujeitos fazem parte como membros de determinadas instituições religiosas, é possível perceber, no mundo contemporâneo, religiosidades marcadamente individuais, cuja dinâmica experimental é vivida de forma particular pelos sujeitos envolvidos. Por outro lado, apesar do seu caráter experimental individual, bastante peculiar ao período em que vivemos, onde a religião tradicional, enquanto instituição, perde cada vez mais seus fiéis, as simbologias religiosas do pensamento coletivo ainda se fazem presentes — a exemplo da histórica corrida pelo Santo Graal, retratado na literatura universal — porque essas representações herdadas do universo coletivo são fixadas e revisitadas em/pelas mentes cada vez que o processo memorial é ativado no sujeito.

A predisposição para entrar em uma experiência como essa aparece no início do romance, quando o personagem, sendo um jornalista, apresenta sua inquietação diante das diversas ideologias e pensamentos transitórios do mundo contemporâneo, que ofusciam a ideia de uma verdade transcendente ou universal.

Segundo Bauman (1998), a incerteza e subjetividade são características da experiência pós-moderna, contrastando com as aparentes certezas do mundo pré-moderno e com a criticidade e objetivismo da modernidade. Além das inquietações com o mundo pós-moderno, o personagem enfrenta a constante incerteza e a individualidade que marcam a sua própria aventura, na qual não se traça uma linha divisória entre o real e o imaginário/ficcional. Outro fator que demonstra a abordagem pós-moderna sobre a religião, no romance, é a mistura de culturas, seguindo os estudos de Hall (2006) sobre o hibridismo cultural. O texto também traz exemplos de práticas religiosas ritualísticas nas culturas védica, persa, e egípcia, entre outras.

A aventura e o rito de passagem, que é descrito no desfecho do romance, apresentam características do discurso religioso elencadas por Orlandi (1996). Em determinado momento, antes de encontrar o Castelo, o personagem pronuncia uma frase em latim - *Veni spiritus santificator*. O fato de as palavras serem em latim e não em português (língua do personagem) aponta para o valor simbólico de uma língua tradicionalmente litúrgica. O Padre João Batista Reus, em sua obra *Curso de Liturgia* (1944), apresenta a mesma frase em latim como uma invocação frequente na elevação do cálice durante o momento ofertório da missa. O Santo Graal seria justamente o cálice que Cristo usou na Última Ceia. Ao pronunciar as palavras, a flor desaparece e chega o momento de encontrar o templo e realizar o ritual. Podemos retomar os estudos de Eliade (1992) para considerar a importância do contexto que condiciona a realização do ritual. Assim como as palavras em latim, o templo ou Castelo é um lugar sagrado e o rito deve só pode ser feito nele. Depois de encontrar o templo em ruínas, no momento do ritual, o personagem entoa um hino antigo. Aqui, outra marca do discurso religioso é identificada, pois os versos de hinos tradicionais, assim como as rezas, podem ser caracterizados como a linguagem cristalizada. A linguagem cristalizada, tendo sua forma e conteúdo fixos, é capaz de atravessar gerações preservando seu sentido. Isso é fundamental para a religiosidade, na sua tentativa de se manter estável e permanente.

No hino entoado, o personagem cita Áton, um deus egípcio, e Akhenaton, o faraó, seu filho. De acordo com Silva (2006), Akhenaton teria sido o primeiro faraó monoteísta, que fez com que seu povo adorasse apenas a Áton, o Deus Sol. O hino que o personagem entoa é um intertexto que retoma o *Canto de Louvor a Áton*. O rito cumpre tanto a função de re-atualização do mito egípcio quanto a de marcar a evolução do personagem que, ao fim do ritual, recebe (ou percebe) a sua autonomia de interpretação sobre suas próprias experiências e sobre sua jornada. Esse era o aprendizado que o herói levaria consigo no seu retorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, as análises mostraram que a linguagem religiosa na jornada e no rito de passagem é evidenciada por meio do dialogismo e da intertextualidade, que trazem para o texto, a partir do Santo Graal, narrativas de várias culturas, bem como traços próprios do discurso religioso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16 ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- _____. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 71-210.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2004.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 2^a ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- KALLARRARI, Celso. **Religião e Literatura**: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos. Projeto de Iniciação à Pesquisa. UNEB, ano de 2020-2021.
- KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 65-95.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas de discurso. 4 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**. Princípios & procedimentos. 3^a ed. Campinas: SP, 2001.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- RIBEIRO, Carlos. **Abismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- SILVA, Tatiana Rita da. **Do Cânone à Criação**: A Simbologia usada na representação do Faraó Akhenaton. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes de São Paulo – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 130, 2006.

ASSIMETRIA LINGUISTICA EM CONTEXTO INSTITUICONAL: ESTUDO DAS AÇÕES LINGUÍSTICAS DO JUIZ E DO RÉU

João Victhor Alves da Silva¹
Crysna Bomjardim da Silva Carmo²

RESUMO

Este subprojeto de pesquisa objetiva discutir as implicações das ações linguísticas do juiz e do réu na organização interna do gênero institucional audiência de ação penal. Teoricamente, elege a Linguística Forense (CALDAS-COULTHARD, 2014), as marcas do contexto institucional (DREW; HERITAGE, 1992), os postulados da Preservação da Fachada (GOFFMAN, 2011). Metodologicamente, opta pela Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2000). Como resultado, este estudo visa: (i) contribuir com as pesquisas em Linguística forense; e (ii) colaborar com o debate sobre os processos de judicialização da política no Brasil, tendo em vista a investigação das ações linguísticas realizadas em contextos legais.

Palavras-chave: Audiência de ação penal. Assimetria institucional. Linguística Forense. Linguística de *Corpus*.

INTRODUÇÃO

A língua é essencial ao Direito. Tanto para seus códigos legais cujo conteúdo - leis e normas - são descritas por meio de uma língua, quanto pelo fato de que a língua - oral e escrita - é a ferramenta essencial à realização das atividades da lei: seja no despacho do juiz seja numa audiência de ação penal na qual os envolvidos são instados a falar. Em outros termos, há uma relação estreita entre linguagem e Direito. Contudo, aos operadores do Direito falta uma série de conhecimentos sobre a complexidade do fenômeno linguístico, sobretudo no que se refere o funcionamento dos níveis suprassegmentais. É justamente nesse nicho que a aparato teórico-metodológico, oriundos da Linguística é convocado. Sobretudo o da Linguística Forense cujo propósito é investigar a linguagem produzida em contextos jurídicos,

¹Bolsista de Iniciação Científica – Edital 20/2020; Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação / Campus X, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Graduando em Direito pela Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas. E-mail: joaoovicthor7@hotmail.com

²Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – Campus X da UNEB, recentemente aprovado. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. E-mail: crys nabonjardimsc@gmail.com.

com vista à solução de problemas legais provenientes do cotidiano das pessoas. Nesse contexto, a presente proposta de pesquisa objetiva *discutir as implicações das ações linguísticas do juiz e do réu na organização interna do gênero institucional audiência de ação penal*. Este projeto apresenta uma justificativa complexa, já que envolve um campo da Linguística Aplicada – a Linguística Forense, cujo propósito de investigação ultrapassa as fronteiras do interesse acadêmico, mas que sofre alguma resistência, por parte da pesquisa linguística, já que a sua área de interseção, o Direito, é marcada por um jargão linguístico superespecializado, pouco acessível a maior parte das pessoas, inclusive aos especialistas do campo das Letras. Além disso, cabe destacar que esta proposta de estudo coloca em debate, numa perspectiva linguística, a questão da *judicialização da política* que interfere diretamente no modo como vivemos a cidadania.

METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa elege a Linguística de *Corpus* (LC – SARDINHA, 2000) como caminho metodológico. No conjunto de seus princípios, a LC envolve não só a coleta e exploração de *corpora* (conjuntos de dados linguísticos textuais, criteriosamente coletados para servirem à pesquisa de uma língua ou variedade linguística); como também à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, processadas via computador. Nesses termos, compila os dados de um processo legal em um *corpus*, com vistas a manipulá-lo via ferramenta computacional, é uma grande vantagem. Contudo, essa tarefa envolve alguns critérios que precisam ser rigorosamente observados para ter um bom resultado, quais sejam: (1) a seleção dos textos; (2) a captura/manipulação dos arquivos de texto; e (3) a anotação do texto que compõe o *corpus*. Diante disso, seleciona a ferramenta computacional *AntConc*. Desenvolvido por Lawrence Anthony (2017), é um *software* gratuito que possui aproximadamente 4 Mb e está disponível para *download*¹. Essa ferramenta apresenta uma interface bastante simples e opera o *corpus* em arquivo *txt*. O *AntConc* permite vários tipos de operações em arquivos *txt*, tais como: extração de palavras (*WordList*), listas de concordâncias (*Concordance*), palavras-chave (*KeyWords*), visualização do contexto em torno da linha em foco (*File View*), entre outros.

¹ Disponível em <<<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>>

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os gêneros textuais são práticas sociais que configuram as interações humanas. Sendo assim, possuem regras de funcionamento, sejam eles orais ou escritos. Estas convenções presentes em cada gênero contribuem para gerar características distintivas e reconhecíveis em cada tipo. Nesses termos, servem para orientar os usuários para o cumprimento de determinadas ações dentro de um contexto social específico, sejam essas ações linguísticas ou paralinguísticas. Contudo, dada à complexidade da prática social, o gênero pode apresentar contornos organizativos mais rígidos, a exemplo da audiência de ação penal – objeto desse estudo. Nesse âmbito, a audiência de ação penal é um tipo de interação institucional. Definida como “sessão solene realizada por determinação de juízes ou tribunais, haja vista a realização de atos processuais ou julgamento” (SANTOS, 2001), a audiência é marcada pela assimetria no que concerne à interação dos participantes, ou seja, o poder e o controle das ações linguísticas estão localizados nos participantes institucionais. Contudo, entre eles há escalas de poder distintas: há uma distinção entre exercer os papéis de juiz, defensor, promotor, réu ou testemunha, dentro do contexto de um tribunal. Como esta pesquisa encontra-se em uma fase inicial, ilustramos o tipo de análise que procederemos, a partir dos dados do *corpus* compilado, com vista a identificação e discussão da assimetria entre os participantes dentro do contexto institucional, haja vista a discussão as ações linguísticas do juiz e do réu na organização interna do gênero em questão. Para tanto, tomemos o Excerto 01 seguir:

Excerto 01

JUI: “*Também vou deixar claro, senhor ex-presidente, houve alguns boatos no sentido de que haveria a possibilidade de ser decretada a sua prisão durante esse ato, isso são boatos que não tem qualquer fundamento, eu imagino que seus advogados já tenha lhe alertado que não haveria essa possibilidade, mas pra deixar o senhor absolutamente tranquilo eu lhe asseguro de pronto e expressamente que isso não vai acontecer, o senhor vai ser exclusivamente ouvido nesse processo.*”.

REU: “*Mas eu tinha consciência disso.*”.

No Excerto 1, JUI inicia a sua elocução por meio de uma tentativa de reparo [*Também vou deixar claro*]. Essa ação linguística deixa implícito que há questões externas ao processo que podem comprometer/influenciar o rito e afetar a sua imagem como juiz da audiência. Isso fica bem evidente quando JUI explicita ao REU o motivo, ao usar o termo *boatos*, tal como pode ser constatado no seguinte fragmento [*houve alguns boatos no sentido de que haveria a possibilidade de ser decretada a sua prisão durante esse ato, isso são boatos que não tem qualquer fundamento*]. Para resguardar a sua imagem como juiz e logo garantir a lisura na condução do processo, JUI não só evoca terceiros em sua defesa [*eu imagino que seus advogados já tenha lhe alertado que não haveria essa possibilidade*] como também assegura que tudo será analisado dentro do devido processo legal: [*mas pra deixar o senhor absolutamente tranquilo eu lhe asseguro de pronto e expressamente que isso não vai acontecer, o senhor vai ser exclusivamente ouvido nesse processo*]. Do ponto de vista do rito, JUI, como juiz, é o responsável por direcionar e controlar as ações produzidas no contexto legal, acima dos outros participantes, bem como cumprir metas institucionais. Por outro lado, REU mostra engajamento para o bom andamento da audiência ao responder positivamente a JUI: [*Mas eu tinha consciência disso*]. Ao fazer isso, REU protege também a sua fachada. Nesse contexto, ele usa um tipo de estratégia definida por Goffman (2011, p. 22-37) como *processo de evitação*, ou seja, quando o participante evita contatos ou tópicos que ameaçam a sua fachada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo está na fase inicial. Contudo os dados que temos demonstram que é possível rastrear as relações de poder através das ações linguísticas realizadas dentro do rito da audiência de ação penal. Nesse contexto, *discutir as implicações das ações linguísticas do juiz e do réu na organização interna do gênero institucional audiência de ação penal* é importante, não apenas para a desmistificação do funcionamento e da linguagem do Direito. Tanto junto aos operadores da área que tomam o Direito como uma espécie de sistema abstrato que se autorregula, ignorando assim a complexidade do sistema linguístico em seu arranjo interno e externo; quanto junto às pessoas comuns que o tomam como uma espécie de *outra língua*, a ponto de não detectarem as *excrecências jurídicas* cometidas, justamente por aqueles que são socialmente designados pela sua execução e cujas ações modificam pragmaticamente o mundo das pessoas – como privar ou não alguém de sua

liberdade. Por fim, em tempos em que o Poder Judiciário no país é acusado de *politização*, uma investigação linguística do fenômeno urge, seja para corroborar ou desfazer tais afirmações (CARDOZO, 2015; MARQUES NETO, 2017).

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. **Lawrence Anthony Website (AntConc)**, 2017.

Disponível em <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>> Acesso: 05 de outubro, 2020.

CALDAS-COULTHARD, C. R. **O que é a Linguística Forense?** *ReVEL*, vol. 12, n. 23, 2014. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso: 05 de outubro, 2020.

CARDOZO, G. L. 2015. Linguagem e interação em contextos judiciais Análise da fala em uma audiência criminal. **Revista EDUC**-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 01- Nº 03/Jan-Jun. [pdf]

COULTHARD, M E; JOHNSON, A. **An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence**, London: Routledge, 2007.

DREW, P. HERITAGE, J. Analyzing talk at work: an introduction. In: Paul Drew and John Heritage (eds.), **Talk at Work**, Cambridge, Cambridge University Press 1992: 3-65.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: **Ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

SANTOS, W. **Dicionário jurídico brasileiro**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**: histórico e problemática. In: *DELTA* [online]. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367. [pdf]

REDES POÉTICAS: A ESCRITA EM MOVIMENTO DE RYANE LEÃO

Josiane Alves dos Santos¹
Karina Lima Sales²

RESUMO

Este estudo busca apreender a escrita literária como ferramenta tecnológica, tendo como objeto de estudo o projeto artístico transdisciplinar *Onde Jaz meu Coração*, da poeta Ryane Leão. Objetiva assimilar as fissuras dessa escrita relacionando-a à movimentação de outras mulheres negras. A análise utiliza como suporte teórico as discussões contemporâneas sobre poesia, destacam-se Câmara, Klinger, Pedrosa e Wolff (2018), Garramuño (2014) e Kiffer (2014); discute sobre literatura de autoria negra, tensionada por Cuti (2010) e Alves (2010). Para discorrer sobre a movimentação da mulher negra, utiliza, dentre outras, Berth (2018), Gonzalez (1984), Kilomba (2019), Lorde (2019) e Souza (1990) e para tratar sobre o conceito de identidade, o estudo o faz a partir da teoria pós colonial, pensada por Bhabha (1998) e Hall (2002). Estes diálogos buscam conceber a escrita decolonial de mulheres negras como instrumento de mudança social.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea; Literatura de mulheres negras; Redes sociais; Ryane Leão.

INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo da sua constituição, tem construído um cânone que privilegia uma escrita masculina, branca, burguês, *cisheteronormativa*, entre outros marcadores sociais de privilégios, reforçando o *status quo* e estimulando a manutenção de estruturas e valores patriarcais, racistas, sexistas e de outras opressões da sociedade. A partir da modernidade, com o avanço do capitalismo e o caos social instalado, a presença indispensável da internet nas relações humanas, bem como o avanço de algumas das pautas dos grupos minoritários, as estruturas e os valores hegemônicos da sociedade passaram a ser questionados.

É a partir deste contexto que este estudo se debruça em compreender a produção da escritora negra Ryane Leão, apoiado em seu projeto poético-político: *Onde Jazz Meu Coração*, que se teia em perfis nas redes sociais Facebook e Instagram. Para a análise, escolheu-se como *corpus* as suas publicações de *posts*, fotos, e lambes, entrelaçando o seu livro *Tudo Nela Brilha e Queima: poemas de luta*

¹ Graduanda do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, turma 2016.2 da Universidade do Estado da Bahia -UNEB- Departamento de Educação Campus X - Teixeira de Freitas - BA.

² Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2019). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus X, Brasil.

e amor (2017). A poeta publica na internet, em blogs e afins, há mais de uma década. O projeto surge com o engajamento da artista em expor os seus versos nas ruas da cidade de São Paulo, por meio da arte de rua com as colagens de lambe-lambe¹. Paralelamente, inicia a publicação nas plataformas digitais Facebook e Instagram, por meio de publicações de *posts* (conteúdo publicado no espaço virtual) de poemas e fotografias em que aparece com versos escritos no corpo. Leão, além disso, performa os seus versos aos cantos e gritos nos *Slams* (batalhas de performance de poesia). A visibilidade que ganhou nas redes sociais fez com que fosse procurada por uma editora disposta a lançar uma poeta brasileira no estilo da poeta canadense nascida na Índia Rupi Kaur. Assim, Ryane Leão lançou o seu primeiro livro de poemas. Em 2019 lançou o seu segundo livro pela mesma editora, *Jamais peço desculpas por me derramar*.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter bibliográfico (livros, artigos, etc), de propósito exploratório (redes sociais) visto que investiga as tessituras poéticas presentes neste espaço. Este estudo é qualitativo, de maneira que a partir das análises realizadas se constituirá um arcabouço teórico para se perceber a manifestação poética em plataformas digitais. O *corpus* da pesquisa se constitui da obra: *Tudo nela brilha e queima* (2017), bem como, da seleção de posts de poemas, lambes e fotografias nas redes sociais, Facebook e Instagram, do projeto *Onde Jazz Meu coração*.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A produção apresentada pela autora demonstra várias rupturas, tendo em vista o seu caráter inespecífico. A partir do momento em que a sua escrita incorpora uma gama de suportes (internet, ruas, livro, fotos), seja pela publicação em *posts*, o uso do próprio corpo como *lócus* de enunciação, os lambes, ou pela participação nos *Slams*, a autora transgride com a tradição engessada apenas na escrita, como meio de publicação e leitura.

A partir da crítica literária da poesia contemporânea, elegeu-se quatro conceitos estéticos para analisar o *corpus*: *A relação com o tempo*, *Endereçamento*,

¹ Prática comum nas grandes cidades, em que colagens de impressões coloridas ou não são coladas em paredes, postes, estações, lugares em que exista grande circulação de pessoas. Podem propagandas como também colagens de arte específica - grifo nosso.

Uma escrita fora de si e Formas do não pertencimento. A relação com o tempo é lido como um estranhamento ao presente, a fim de ter consciência dele, em busca de ampliar a sua presença em outros tempos, seja no passado ou futuro, com o propósito de transformar a história lida. Esse recurso é percebido no *corpus*, quando o eu poético traz o passado de modo revisionário, convocando-o a partir de um processo de cura do eu poético.

O Endereçamento trata-se de uma característica discursiva no texto poético, que produz um movimento a partir de uma conversação que se constrói com palavras em trânsito, sem um destino/leitor certo, mas tem como intenção estratégica a irritação/sedução do leitor. (CÂMARA et al., 2018). Essa estratégia é recorrente nos poemas, percebe-se o seu uso ao direcionar um alerta e/ou conselho ao leitor ou até mesmo para si próprio.

A noção do “fora de si” é escolhida para se pensar a performance corporal das fotografias de Leão que compõem o *corpus*. De maneira que, ao escrever em seu próprio corpo, tomar a pele como lócus, como suporte, esse corpo feito de carne e órgãos deixasse de ser só isso, e passasse a ser algo mais (KIFFER, 2014).

Sobre Formas do não pertencimento, observa-se que o *corpus* demonstra o político por colocar em questão a ideia da especificidade. A heterogeneidade do projeto *Onde Jazz Meu Coração* que explora formas diversas, aguça outros sentidos (audição, visão e tato) (GARRAMUÑO, 2014). Torna-se evidente um estranhamento à especificidade, essa escrita que grita e acontece na rua através dos lambes, e que migra para internet a partir das redes sociais, que também é corpo, e que se torna livro.

A escrita de Leão, enquanto mulher negra, é entendida a partir de um processo de autorreconhecimento de sua identidade, do seu pertencimento étnico racial. De maneira que a escritora coloca em discussão a sua própria formação identitária brasileira, desnudando o mito da democracia racial, ao passo que expõe o preconceito e o racismo (ALVES, 2010). O processo de auto reconhecimento enquanto mulher negra aparece em seus escritos. Neuza Souza diz que este movimento é muito difícil, porque o ideal de Ego do negro é branco, tendo em vista, que nasce e sobrevive em uma sociedade, de ideologia imposta pelo branco, como algo a ser atingido (SOUZA, 1983).

O uso proeminente da internet para publicação dos seus poemas, por quase uma década, é um reflexo do uso da internet como um espaço que tem permitido a

grupos historicamente discriminados produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica (RIBEIRO, 2017). A escrita de Leão neste espaço representa um empoderamento, que não comprehende apenas o entendimento do cultivo do auto-amor ou da autoestima. Para Joice Berth, é antes de mais nada pensar em reconstruções sociopolíticas, a fim de romper com o que é posto pelas matrizes de opressões ao longo da história (BERTH, 2018). Além disso, o empoderamento parte da poeta e incita um coletivo a se empoderar. A escrita literária, assim, é ferramenta importante, tendo em vista que a escrita literária de mulheres negras revela a face de um “Brasilafro Feminino” (ALVES, 2010). É a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas vivido (EVARISTO, 2005).

Para Audre Lorde, a escrita de poesia por mulheres negras é antes de tudo “iluminação”, porque permite que se nomeiem as ideias que, antes do poema, não têm nome, nem forma, mas são sentidas e estão para nascer. Para a teórica e poeta, trata-se de uma destilação da experiência vivida, fazendo brotar a verdadeira poesia. Escrever poesia não é luxo, mas uma necessidade vital para existir (LORDE, 2019). Em um poema de Leão, em que se evidencia o seu trajeto literário, lemos:

perdi a conta de quantas vezes
fui desencorajada
a prosseguir com meus poemas
eu me lembro dos telefonemas
e das risadas do outro lado da linha

é tão covarde quem tenta roubar
nossas possibilidades
e uma mulher que não se esconde
provoca medo

eu avisei que a escrita em mim
não se esgota
eu avisei que duvidava de tudo
menos do meu jogo com as palavras
eu avisei
(LEÃO, 2017, p. 111)

Para Grada Kilomba a ideia de escrever, quase como obrigação moral, permite que a história seja interrompida e transformada. Especialmente a escrita de grupos minoritários que, ao exercê-la, colocam-se enquanto *sujeitos*, não mais são *objetos* (KILOMBA, 2019).

Nos poemas, percebeu-se uma movimentação do eu poético no que tange à busca por uma identidade. Vislumbrou-se uma articulação de identidades que são interseccionadas: mulher negra, lésbica, de axé, escritora etc. Essa busca por

“identificações” são compreendidas posteriormente à modernidade, de maneira que a identidade tida como “nacional” passou a ser questionada, produzindo um efeito pluralizante de identidades. Stuart Hall orienta nomeá-las de “identificações”, visto que são mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2002). Para Homi Bhabha, essas identidades são híbridas, encontram-se nesse “entre-lugar”, de se constituírem longe de dicotomias e binarismos, mas de se entenderem enquanto sujeito fronteiriço, que emerge das fronteiras, nas quais espaço e tempo se cruzam para produzir novas identidades (BHABHA, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de considerações em construção, percebe-se a escrita da poeta como um caminho de autoconhecimento sobre si e de sua escrita, que se revela através das experimentações de suportes. À medida que Leão se aprofunda em seus silenciamentos, em seus atravessamentos identitários, como uma mulher, negra, sapatão, do candomblé, os seus poemas passam a apresentar as suas vivências. De maneira que os compartilhamentos e engajamento em rede por parte dos leitores, e a posição como *best-seller*, colocam-na em evidência como uma voz de um coletivo que compartilha de traços identificatórios com a autora. Respondendo dessa maneira em um empoderamento que se inicia em Ryane Leão e repercute em um coletivo. A escrita de Leão se expande virtualmente, tecnologia que desenha nas redes um futuro preto, com novas narrativas e, consequentemente, novos mundos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorreevelado:** Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (org.). **Indicionário do contemporâneo.** Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010 (Coleção Consciência em Debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos:** sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

_____. KIFFER, Ana. **Expansões contemporâneas:** Literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima.** São Paulo: Editora Planeta, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos:** Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI. São Paulo: Casa da Palavra, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

A PROTEÇÃO DE FACE NO PROGRAMA DO BIG BROTHER BRASIL

Natália Machado Duarte ¹
João Victhor Alves da Silva ²
Magno Santos Batista³

RESUMO

Neste artigo, objetiva-se analisar as estratégias de proteção de face postuladas por Goffman (2011) no programa televisivo Big Brother Brasil e o reforçamento instituído por Skinner (2003) como recursos para a proteção das faces envolvidas na interação verbal do programa. Para tal, selecionamos dois excertos da participante intitulada na pesquisa por A.P e para atender à análise seguimos o aspecto teórico-metodológico dos autores: Goffman (2011); Kerbrat-Orecchioni (2005); Skinner (2003), dentre outros. Por fim, os interlocutores, para proteger sua face, utilizam os recursos do reforçamento, fachada positiva e negativa na construção dos conflitos, alcançar a vitória, evidência nacional e internacional na imprensa escrita e online.

PALAVRAS-CHAVE: Proteção de Faces. Programa do Big Brother Brasil. Fachada Positiva e Negativa.

INTRODUÇÃO

O Big Brother Brasil, edição 16^a (BBB 16), tem como um dos objetivos entreter o público brasileiro em sua casa e gerar audiência. Neste contexto, quatorze participantes são inseridos em uma casa vigiada por câmeras, e por isso, o comportamento e a linguagem dos envolvidos podem ser alterados com determinada frequência. Além de exigir dos integrantes o uso de estratégias para se manter no jogo e conquistar o prêmio final em dinheiro. Assim, não apenas o BBB 16, como as outras edições, algumas regras são determinadas pelos diretores do programa, como abrir mão da liberdade, emprego e família por um período de no máximo 3 meses.

Portanto, neste resumo expandido, o objetivo que centraliza as discussões é: analisar as estratégias de proteção de face postuladas por Goffman (2011) no programa televisivo Big Brother Brasil e o reforçamento instituído por Skinner (2003) como recursos para a proteção das faces envolvidas na interação verbal do programa. Uma vez que, o conceito de faces e fachada apresentado por Goffman (2011, p.14)

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas e em Psicanálise pela SOBRAPP - Sociedade Brasileira de Psicanálise e Psicoterapia. E-mail: natalia.nmd@hotmail.com.

² Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação, Campus X, Universidade do Estado da Bahia, e, também, em Direito pela Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas. E-mail: joao.victhor7@hotmail.com.

³ Magno Santos Batista, Mestre em Letras: linguagens e Representações, professor substituto da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, e-mail: magnosantos01@yahoo.com.br.

trata-se de “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados”, isto é, a ação efetuada no meio interacional. Enquanto, nos esquemas de re-forços dado por Skinner (2003, p. 81) é possível verificar-se que os “reforçadores são de dois tipos. Alguns reforços consistem na apresentação de estímulos [...]. Es-tes são denominados reforços positivos. Outros consistem na remoção de alguma coisa [...] da situação. Estes se denominam reforços negativos.”. Em todo caso, o uso de reforçamentos inseridos no Big Brother Brasil tem-se por objetivo aumentar a probabilidade de uma resposta, pois, a alteração no comportamento de cada interac-tante tem por conseqüência, a mudança de sua representação de fachada.

Para tal, selecionamos dois excertos da participante intitulada na pesquisa por A.P.

Por fim, as estratégias de face postuladas por Goffman (2011) estão presen-tes no jogo e sendo utilizadas por todos os interactantes inseridos no contexto do BBB16. Nele, a tentativa de preservar a fachada durante a dinâmica interacional po-de ser expressa de diferentes formas, através de uma autoproteção ao agredir a fa-chada do outro ou ao se comunicar de maneira inadequada deixando outros joga-dores desconfortáveis com a situação. Além disso, Skinner (1978) afirma que o com-portamento verbal, principalmente o reforço, constitui-se na interação e insere o fa-lante/ouvinte e todo estímulo do falante, geram uma resposta do outro individuo, sendo assim, de acordo com os momentos o ouvinte pode estar na posição de falan-te e vice-versa, ocasionando aquilo que chamamos de interação.

. Nas próximas linhas, apresentamos a metodologia utilizada, os resultados, as considerações finais e as referências.

METODOLOGIA

Esta pesquisa segue os seguintes caminhos metodológicos da pesquisa qua-litativa, que conforme Gil (2008) esse tipo de pesquisa propõe a descoberta, a inter-pretação contextualizada e o relato de modo aprofundado dos fatos sociais do cotidi-ano. Para tal, selecionamos o método documental e para a análise escolhemos, a partir da observação dos vídeos publicados na internet e da coleta de dois excertos da participante A.P do BBB16, as seguintes categorias: reforços positivos e negati-vos postulados por Skinner (2003) e as estratégias de fachada defendidas por Goffman (2011).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

No Big Brother Brasil, os sujeitos são submetidos ao isolamento, e consequentemente, a mudança de atitudes, isto é, nesse período de isolamento, cada participante mostra o seu “melhor lado” enquanto busca por aliados, a fachada positiva é exposta e a autoafirmação advém de uma proteção a si mesmo. Entre a exposição e a solicitação, o processo de socialização acontece e o espaço pessoal pode ser preservado ou agredido, tanto o do próprio participante como o do outro. Cohen (2015) diz que o termo “espaço pessoal” é como um território de autoproteção do in-divíduo, no qual quando invadido por desconhecidos podem gerar um ambiente desconfortável, entretanto, esse evento pode variar de pessoa para pessoa, pois o espaço pessoal é singular e a abertura para conhecer novas pessoas nem sempre se torna algo ameaçador.

No espaço social do Big Brother, em grupo, a ação do indivíduo ou melhor, o ato pode ocasionar consequências positivas ou negativas, tanto entre os interactantes da casa, quanto os externos. Por isso, que cada reforço, punição e possível extinção do reality show contribui para o interactante alterar a estratégia e, por conseguinte, a sua fachada. Além disso, “o reforço social varia de momento para momento dependendo da condição do agente reforçador. Dessa forma, respostas diferentes podem conseguir o mesmo efeito, e uma resposta pode conseguir diferentes efeitos dependendo da ocasião”. (SKINNER, 2003, p. 327).

Como visto em Skinner (2003), o reforço tem como objetivo gerar uma resposta, entretanto ao tratar de reforço social, os indivíduos por terem experiências pessoais divergentes podem ter variedades de respostas, mas que ainda assim é uma resposta. Dessa forma, o reforço social diante do jogo em si do reality show pode expressar descontentamento entre os telespectadores caso a resposta gerada pelo jogador não seja a esperada ou a contento, caso a resposta do participante atinja a expectativa. Assim, o jogo interacional também realizado entre jogador e telespectador pode ocasionar reações diferentes a cada ação realizada.

No excerto abaixo, percebemos a mobilização de comportamentos provocados pela resposta da participante A.P. Além disso, como o recurso linguístico da interrogação contribui para agredir, preservar e alimentar o reforço positivo ou negativo na interação do Big Brother Brasil. Portanto, A.P pronuncia: “Qual é o grau de ameaça agora que eu voltei?” (Big Brother Brasil, A.P., 11/02/2016).

A título de contextualização, a participante A.P é indicada para um paredão, eliminada e rechaçada para a felicidade de alguns oponentes. No entanto, o paredão é considerado como falso e apenas a interactante em questão tinha o conhecimento de que sua saída seria temporária, enquanto neste meio tempo (durante o paredão falso) a participante poderia assistir pelas câmeras do Big Brother Brasil a interação dos jogadores que até então acreditavam que A.P não estaria mais no jogo.

A.P. assiste a todos os comentários e também verifica quais oponentes estão ao seu lado ou contrário. Para a surpresa de todos, a participante não foi eliminada e o conflito a partir do seu retorno foi instalado. Após retornar ao jogo, A.P buscou se encontrar com a líder da semana e proferiu a pergunta. Na pergunta de A.P, dois itens são fundamentais para entendermos o quanto A.P provoca a desestabilização, a intimidação e a configuração de poder. Além do mais, reforça positivamente a sua popularidade e a força no jogo, além de lançar um interrogação indireta, vocês ainda vão continuar votando em mim?

Além disso, como disse Kerbrat-Orecchioni (2005, p.101) "Consideramos como pergunta todo enunciado que se apresentar com a finalidade principal de obter do destinatário um aporte de informação". Dois itens no enunciado nos ajudam a identificar a intencionalidade de A.P e a preservação positiva e negativa da fachada. São os itens "ameaça" e "eu", estes contribuem para que compreendamos que A.P continuará reforçando as atitudes, ou seja, provocar conflitos, instalar desentendimentos e fortalecer os laços com os aliados. Para Goffman (2002, p.36), "em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros."

Na procura para preservar uma fachada positiva, provocar a fachada negativa do interlocutor e reforçar a conquista de telespectadores e aumento da audiência, A.P ainda postula o seguinte enunciado: "Querido, meu filho, você vai embora por minha causa. Eu quero ir pro Paredão com você, porque comigo você não volta. Sa-be por quê? Porque com esse sorriso ridículo, você não volta com ninguém." (Big Brother Brasil, A.P., 30/01/2016).

Neste excerto, nota-se que A.P, além utilizar a autopromoção como estratégia de face também agride a fachada de outro participante, isto é, ao dizer "*eu quero ir pro paredão com você, porque comigo você não volta*" a interactante ressalta a sua importância no jogo, pois acredita que o público a manterá na casa. Além do mais,

A.P. utiliza ainda do recurso linguístico da pergunta. De acordo com Kerbrat-Orecchione (2005, p.101), “a pergunta solicita uma informação. As razões que fazem com que o locutor solicite essa informação podem ser muito diversas – talvez ele deseje possuir-la, mas pode ser também porque ele queira saber se seu interlocutor a possui [...]”

O desencadear de perguntas e respostas contribuem para a constatação de conflitos, ameaças, autopromoção. Entretanto, ao agredir o outro, A.P também compromete a sua imagem, porque ao dizer que o outro possui o sorriso ridículo, atinge o campo da depreciação gratuita e esse tipo de comentário não é bem vindo para o público. Por fim, “quando essa definição do eu é ameaçada, o indivíduo tipicamente retrai a atenção da interação num esforço apressado para corrigir o incidente que ocorreu”. (GOFFMAN, 2011, p. 115, 116).

Assim, ao ameaçar sua própria face, usualmente o sujeito buscara corrigir o seu erro. Entretanto, no jogo interacional do Big Brother Brasil, no momento em que o enunciado é pronunciado, os reforços e as fachadas são instituídos. Ademais, os juízos de valores, os contra-ataques, as divergências e as alianças configuram as principais motivações para o aumento da audiência e a afirmação desse interactante na mídia nacional e internacional, uma vez que o programa é exibido em uma das maiores redes de televisão do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No programa televisivo Big Brother Brasil 2016, as estratégias de reforço discutido por Skinner (2003) e fachadas por Goffman (2002, 2011) precisam ser acionadas pelos participantes do reality show. Porque a vitória ou derrota depende das escolhas dos interactantes e essas podem proporcionar agressões ou preservação das fachadas durante o programa. Além disso, a dinâmica de interação do jogo é o foco principal dentro da casa do Big Brother e o objetivo de aumentar audiência e entreter o público estão inseridos nessa dinâmica.

Portanto, o participante que busca alcançar o favoritismo dos espectadores (mesmo que este não saiba exatamente se sua tentativa está sendo válida) utiliza de estratégias de face e reforço para atingir a vitória nos paredões e consequentemente o prêmio em dinheiro. Dentre os quatorze participantes, A.P., fez uso dessas estratégias para movimentar a casa e também alcançar popularidade. Embora não tenha vencido, as estratégias de fachada e reforço contribuíram para inseri-la no mercado e

alcançar o sucesso e dinheiro trabalhando no setor artístico. Por fim, na interação a sua “melhor versão”, isto é, a fachada que mais se encaixou no contexto da interação constitui o seu principal aliado para preservar positivamente a sua face.

REFERÊNCIAS

- Big Brother Brasil 16^a ed. - Direção: Boninho: Rede Globo, 2016. Exibido Globo Play.
- COHEN, David. **A linguagem do corpo**: o que você precisa saber. 10^a ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10^a ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GSHOW. Ana Paula briga com Daniel por causa de Laércio: 'Sorriso ridículo'. <<http://gshow.globo.com/realities/bbb/BBB-16/agora-na-casa/noticia/2016/01/ana-paula-briga-com-daniel-por-causa-de-laercio-sorriso-ridiculo.html>>. Acesso em: 14. Set. 2020.
- GSHOW. Ana Paula questiona Juliana: 'Qual é o seu grau de ameaça agora?'. <<http://gshow.globo.com/realities/bbb/BBB-16/agora-na-casa/noticia/2016/02/ana-paula-questiona-juliana-qual-e-o-seu-grau-de-ameaca-agora.html>>. Acesso em: 14. Set. 2020.
- KERBRAT-ORECHIONI, Catherine. **Os atos de linguagem no Discurso**: teoria e funcionamento. Trad. Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói-RJ: EDUFF, 2005.
- .SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 11^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

IDENTIDADE NEGRA E SINCRETISMO EM O SUMIÇO DA SANTA E TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA, DE JORGE AMADO

Aline Santos de Nascimento Brito¹
André Lopes de Oliveira²

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo analisar as evidências de tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade negra presentes nas obras *O Sumiço da Santa e Tereza Batista Cansada de Guerra*, do autor Jorge Amado. A partir disso, o estudo caracterizará a literatura amadiana, tendo em vista a fortuna crítica acerca do autor e das obras em análise; identificará os traços da identidade afro-brasileira retratados nas obras; e analisará aspectos de tradição e tradução característicos das culturas abordadas nas obras que permitam classificá-las como híbridas.

Palavras-chave: Negro; Sincretismo; Ficção Amadiana; Identidade;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar a obra amadiana sob o ponto de vista das representações religiosas ligadas à identidade negra. Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, na Bahia. Escritor com diversos prêmios de destaque e com grandes obras publicadas, que receberam traduções e foram reproduzidas por muitos locais. Dentre principais obras, estão *O Sumiço da Santa e Tereza Batista Cansada de Guerra*, aqui analisadas, que narram, com a sua liberdade poética, a essência, o cotidiano e os mistérios do povo baiano; trazem ao leitor a possibilidade de observação de determinados temas discutidos na época.

A primeira obra narra a transfiguração de uma santa católica para um orixá, com o objetivo de resolver situações ocorridas naquele contexto, como, por exemplo, em terreiros, famílias e alguns pedidos na cidade de Salvador, essencialmente, de uma adolescente que sofria com racismo e intolerância religiosa, provocados por uma de suas tias.

A segunda conta a história de uma figura feminina, órfã, que recusa a condição de fragilidade e se encontra em situações em que necessita de luta e autonomia. Tereza foi mulher de múltiplos amores, opção considerada pela sociedade

¹ Orientadora do presente projeto e professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X. E-mail: alinemacuco@hotmail.com.

² Discente de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus X. E-mail: andrelopes4785@gmail.com.

eurocêntrica como digna de repúdio. Então, a personagem procura romper com esse paradigma.

Nas obras que serão estudadas, procura-se entender as evidências de tradição, tradução e hibridismo, presentes nos costumes retratados no enredo. Nesse sentido, tradição é compreendida como comportamentos e símbolos que são mantidos, podendo estabelecer uma relação com um costume que perdurou por algum tempo. O hibridismo, como a mistura das diversas culturas presentes em um local. A tradução adquire o sentido de transmissão de significados, quando perpassados de um local a outro. É também importante salientar a necessidade de identificação da resistência negra na obra.

Com esta pesquisa, é possível desenvolver o conhecimento para ampliar a compreensão acerca da literatura amadiana e seus desdobramentos temáticos, a partir do aprofundamento teórico-crítico e da coleta de dados. Salienta-se, ainda, que o estudo das obras específicas funciona como impulsionador do conhecimento acerca de outras obras da mesma autoria ou de temáticas contíguas.

Em suma, neste projeto, analisar-se-á duas obras do autor Jorge Amado, a saber *O Sumiço da Santa* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*, no intuito de identificar características que evidenciam tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade negra.

Além disso, o estudo busca caracterizar a literatura amadiana, tendo em vista a fortuna crítica acerca do autor e das obras em análise; identificar os traços da identidade afro-brasileira retratados na obra *O Sumiço da Santa* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*; e analisar aspectos de tradição e tradução característicos das culturas abordadas nas obras que permitam classificá-las como híbridas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui um caráter qualitativo e os conteúdos e discursos de ambas as obras supracitadas serão analisados por meio das técnicas de coleta, tratamento e a interpretação de dados.

A coleta de dados consiste em uma leitura preliminar, fichamento, seleção e a análise preambular dos textos. O processo de tratamento é caracterizado por uma triagem dos trechos pré-selecionados na fase da coleta que mais se adequam às

propostas do presente estudo. Já a etapa da interpretação de dados abarca a análise dos fragmentos mais específicos que foram selecionados no segundo passo.

Inicialmente, será realizada uma observação explanatória de ambas as obras, individualmente. *A posteriori*, serão realizadas pesquisas bibliográficas abrangentes concernentes às etnias ligadas às regiões que inspiraram os cenários das obras de Jorge Amado, a saber, construção civilizatória da região e suas particularidades culturais. Essa etapa subsidiará a investigação dos elementos que fundamentaram o contexto da produção literária amadiana nas duas obras.

Subsequentemente, a fase das pesquisas no *corpus*, que serão fundamentadas pelas bibliografias teórico-críticas exploradas, e terá o intuito de analisar o reconhecimento e a valorização da identidade afro-brasileira nos contextos retratados em ambas as obras objetos deste estudo, encontrados em estudos críticos.

Nesse sentido, os elementos textuais serão identificados como indicadores da identidade afro-brasileira nas obras de Jorge Amado, baseado nos aspectos teóricos característicos da tradição (como a tentativa de conservar elementos identitários locais por meio da repetição), tradução (como a reafirmação da identidade negra trazida da África) e hibridação (a mescla de características das manifestações culturais ali presentes).

Concomitantemente, será realizada uma revisão de materiais jornalísticos, fotográficos e audiovisuais datados da época em que a história de ambas as obras ocorreu e do espaço-tempo presente. As análises serão feitas considerando níveis de conteúdo que abrangem eixos temáticos (DE MELO, 2002), os quais abordarão tradição/inovação, simbologia (cenários e personagens), espaço/tempo, territorialidade (sob perspectivas global, nacional, regional e local) e temporalidade (pretérito, presente e futuro) e atores sociais (instituições, classes, comunidades, pessoas).

Devido ao fato de o *corpus* da pesquisa girar em torno de uma identidade cultural, utilizar-se-á o método indutivo, no intuito de que as averiguações do pesquisador conduzam à elaboração de generalizações.

Além disso, em razão do processo de desmembramento do conteúdo das obras para posterior análise e por compreender que as fragmentações não devem ser consideradas como generalizações de um contexto social, político e econômico, o método dialético será também aplicado (LAKATOS; MARCONI 1993; GIL, 1999).

As linhas teóricas supracitadas serão adaptadas ao método comparativo. Leyla Perrone-Moysés (1990) orienta o estudo das relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras. Para a autora, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Constou-se mediante estudo que, o sincretismo é presente na obra *O Sumiço da Santa*, de Jorge Amado.

Além disso, a possibilidade da presença de misturas de raças, consequentemente, configura um conceito cultural de hibridismo representado na literatura.

A obra amadiana é tecida em forma de identidade cultural e essa identidade é formada pela composição de hibridismo que, de acordo com Hall (2000), é compreendido como a mescla entre diversas culturas, e podendo culminar em ações de resistência.

Jorge Amado, na obra *O Sumiço da Santa*, relata a grande tradição cultural da cidade de Salvador, a festa do Senhor do Bonfim, além de mostrar a tradição sincrética, destaca, também, a reafirmação religiosa por meio da mistura:

Ricos e pobres se misturam e se acotovelam. Na cidade mestiça da Bahia existem todas as nuances de cor na pele dos viventes: vão do negro, azul de tão retinto, ao branco de leite, alvo de neve, e à infinita gama dos mulatos — todos comparecem. Quem não é devoto do Senhor do Bonfim, os milagres incontáveis, quem não se pega com Oxalá, os ebós infalíveis? (AMADO, 2010, p. 34)

Constata-se, no entanto, como um dos principais aspectos do sincretismo, o objetivo de cada um na tradição cultural, tendo como tradição cultural, os simbolismos e comportamentos que sinalizam alguma relação cultural que segue perpetuamente. (HALL, 2000). É percebido que, mesmo com diferenciamento de adoração, as essências de buscas se configuram a mesma, sendo para o Senhor do Bonfim a relação dos milagres e o Oxalá com os ebós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos e análises elaborados, os resultados demonstram que o sincretismo religioso, segundo Waldemar Valente (1997) sendo “um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural”, se faz presente nas duas obras

analisadas, *O Sumiço da Santana: uma história de feitiçaria* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Desta forma, em ambas as obras fica evidente o fator identitário negro que ao decorrer da obra é percebido aspectos que dialogam com o sincretismo religioso ficando evidente a relação cultural entre ambos.

Além disso, é evidente traços e marcas de desigualdade racial, que são marcadas através de ações e falas racistas, e que são expostas por uma sociedade com ensinamentos estruturados de forma elitistas, observado que características negras são submissas e dignas de rebaixamento social, e por outro lado características europeias e brancas são merecedoras de enaltecimentos.

Assim como os aspectos identitários são signos marcantes em ambas as obras, Jorge Amado demarca as relações sincréticas religiosas. Na obra *O Sumiço da Santa: uma história de feitiçaria*, é narrada uma história de uma santa cultuado no catolicismo – Santa Bárbara a do trovão – que posteriormente é transfigurada em uma entidade (orixá), da religião do candomblé, e que essa toma a forma humana para resolver situações que desrespeitava o seu povo. Visto isso, é observada a relação da santa católica com a entidade Oyá, quando no aspecto de “disfarce”, - técnica utilizada pelos negros para cultuação dos orixás, quando sofriam perseguição – Santa Bárbara era utilizada no lugar de Oyá para o povo africano, recém no território brasileiro, prosseguir com a religião.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **O sumiço da santa**. Editora Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Tereza Batista cansada de guerra**. Editora Companhia das Letras, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.
- MARQUES DE MELO, José. **Identidades culturais latino-americanas em tempo de comunicação global**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, 2002.
- VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM *O HOMEM DA MÃO SECA* (1994), DE ADÉLIA PRADO

Kétsia Araújo dos Santos¹
Celso Kalarrari²

RESUMO

Neste trabalho, propomos analisar o diálogo existente entre o texto literário e texto bíblico no romance *O homem da Mão Seca* (1994), de Adélia Prado, além de buscar demonstrar as características do discurso religioso presentes na obra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo como aporte teórico os estudos sobre o discurso religioso de Orlandi (1996); o conceito de intertextualidade por Kristeva (1974); a relação entre religião e literatura por Magalhães (2009); o espaço religioso descrito por Eliade (1992), além de fazer usos do contexto teológico-doutrinário do catolicismo presente no Catecismo da Igreja Católica (CIC), já que a obra provém da conhecida experiência católica da autora.

Palavras-chave: Discurso Religioso; Intertextualidade; Religiosidade; Literatura; Adélia Prado.

INTRODUÇÃO

Qualquer texto, em suas múltiplas possibilidades de interpretação, sempre estará ligado e irá nos remeter a outros textos, outras histórias, outros conhecimentos, pois como diz Kristeva (2012), ele é construído a partir de um mosaico de citações.

Assim também acontece com a literatura e a religião, na qual Magalhães (2009) chega a compará-las como irmãs, pois retratam o cotidiano, os valores do mundo, chegando até mesmo a se confundirem por estarem tão intimamente ligadas. Eliade (1992) ainda acrescenta que é muito raro encontrar um homem totalmente sem religião, pois por mais que ele não queira, conservará vestígios do homem religioso, pois o mundo em que vive foi constituído a partir da visão religiosa.

Nesse mesmo caminho de interligações, está Adélia Prado, escritora, mais conhecida por ser a poeta do cotidiano, que retrata em seus escritos aspectos rotineiros os dramas da vida do ser humano em contato com mundo religioso,

¹ Graduanda do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus X. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica - UNEB. E-mail: ketsia18araujo@gmail.com

² Orientador do presente trabalho. Formado em Letras e Teologia. Professor na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus X. Pós-graduado em Língua Portuguesa, Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC.

mostrando a forte influência do sagrado em sua obra, já que é impossível separar a sua escrita do religioso, constituinte de seu ser.

Em consonância com o que foi dito, propomos-nos a analisar o diálogo existente entre o texto literário e texto bíblico no romance *O homem da Mão Seca* (1994), de Adélia Prado. Para embasar a pesquisa nos respaldaremos nos estudos do Discurso Religioso de Orlandi (1999), que tem como uma de suas características, a intertextualidade, que será conceituada por Kristeva (2012). Além disso, buscaremos em Magalhães a relação entre religião e literatura, tema que norteia essa pesquisa, e Eliade (1992), no que se refere ao espaço sagrado, já que ao falarmos sobre o intertexto bíblico, estamos colocando em jogo o espaço sagrado. Por fim, lançaremos mão do Catecismo da Igreja Católica, já que o texto, em sua maior parte, provém da conhecida experiência católica da autora.

METOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, portanto, num primeiro momento, foi necessária a leitura de livros, artigos científicos, revistas, teses, etc. relacionadas ao tema que nos propomos a estudar. Com base nessas leituras, foi feita a análise e interpretação do romance escolhido, apreendida da teoria do Discurso Religioso e no diálogo intertextual com o texto bíblico, presente no romance *O homem da mão seca*, de Adélia Prado (1994).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O romance *O homem da mão seca* já em seu título nos remete à passagem bíblica de Lucas 6, 6-11 e de Marcos 3, 1-6, em que Jesus cura o homem que tinha a mão seca. Essa cura foi realizada no dia de sábado, o que não era aceito pelos judeus, pois ia contra a sua lei. No entanto, dentro do contexto teológico do cristianismo, o Catecismo da Igreja Católica (CIC. & 2173, 2015) no parágrafo 2173, diz que Jesus nunca profana a santidade do dia de sábado, pois ele é movido pela compaixão e, por isso, prefere fazer o bem, ao invés do mal, pois é melhor salvar do que matar, mostrando que o Filho do Homem é senhor até do sábado.

A obra é constituída por cinco capítulos, construídos de forma não linear, pois são como diários que foram escritos em diferentes momentos da vida da protagonista. Cada capítulo é iniciado com uma epígrafe, que é um recurso intertextual que introduz outro texto através de recortes, lançando novos sentidos ao texto citado (cf. PAULINO,

et al. 1998), sendo três dessas epígrafes, ligadas ao livro de Jó da Bíblia, que retrata o sofrimento do justo. Essas duas informações, o título e as epígrafes, são as chaves essenciais para a compreensão do texto, pois o romance retrata os sofrimentos e angústias da vida de Antônia, mulher, católica, casada há trinta anos, com três filhos, que a todo instante clama pela cura das suas doenças.

No romance, Antônia diz que invoca o nome de Deus desde o seu nascimento. Isso nos mostra que ela vive uma vida religiosa, por isso reconhece Deus como maior do que tudo e todos. Essa é uma característica própria do discurso religioso, caracterizado por ser aquele que se faz ouvir a voz de Deus, sendo Deus o Sujeito principal do discurso, portanto, está acima de tudo e todos, formando assim, um discurso autoritário (ORLANDI,1996). Segundo a concepção do Catecismo da Igreja Católica, a partir do parágrafo 101, Cristo se revela aos homens através da Sagrada Escritura, nesse sentido, o Deus que fala para Antônia seria o autor do discurso autoritário de que trata Orlandi (1996). Essa relação de autoridade é vista como a não reversibilidade do discurso, pois o diálogo entre Deus e o homem acontece de maneira hierárquica, uma vez que Deus ocupa um plano superior e o ouvinte ocupa lugar no plano temporal, portanto incapaz de ocupar o mesmo lugar que Deus. Sendo Deus hierarquicamente superior aos homens, é ele quem orienta toda a vida de Antônia, através da Bíblia, como veremos através dos intertextos que serão apresentados.

Nesse sentido, o texto trará uma fonte abundante de citações bíblicas explícitas, descritas com aspas, sendo elas trechos de salmos que retratam imagens de sofrimentos e aflições. Os salmos, de acordo com Martínez (1998), são forjados pela contemplação, pela dor e pelo gozo, expressados através da relação entre o homem e Deus. No salmo 120, por exemplo, o salmista clama a Iahweh por socorro “apressai-Vos em socorrer-me”, texto que é citado por Antônia ao clamar por socorro pelas suas doenças. Da mesma forma, no salmo 121, o salmista irá reconhecer o Senhor como o guarda de Israel, portanto digno de cuidar dos seus. No romance, como foi dito antes, Antônia, apesar de todos os seus sofrimentos, não deixa de acreditar que o Senhor a guarda. Diante de tudo isso, através do salmo 126, ela reconhece que o júbilo e a alegria são frutos do sofrimento, portanto, ela precisa enfrentá-los. Sob o mesmo ponto de vista, a autora traz também citações implícitas, em que diz achar mais fácil Abraão matar Isaac, passagem bíblica encontrada no livro de Gênesis 22, que suportar a dor de dente. Compara também os seus sacrifícios ao sacrifício de Abel, encontrado no livro de Gênesis 4. E por fim, se compara a Jonas 2,

que foi engolido por um peixe de grande porte, clamando a Deus por não deixar ser engolida novamente por uma baleia.

Além disso, encontraremos no romance, algumas cartas que Paulo escreve aos Romanos, do capítulo sete ao nove, que trata da luta constante da fraqueza da carne em contraste com a força do Espírito Santo. Da mesma forma, Antônia irá travar diversas batalhas contra os mesmos inimigos indicados por São Paulo na referida carta aos Romanos: contra os desejos da carne, que são contrários à lei de Deus (Cap. 8,7); contra a vaidade (Cap. 8, 20); contra a maldade (Cap. 7). Diante disso, ela clama incessantemente a presença do Espírito Santo que vem em auxílio à fraqueza humana, como ensina São Paulo na carta aos Romanos 8, 26-30.

Além disso, aparecerá passagens do Evangelho de São Lucas 13, 32; 16, 19-31; 9, 62; como também da carta aos Efésios 4,4; Primeira Carta de Pedro 4, 8; Isaías 43, 18, e 33, 17; Filipenses 4,7; Sofonias 2; Cânticos dos Cânticos 7; Eclesiástico 33, 1-6; Abdias 1; Amós 9, 11; e Deuteronômio 6; todas essas citações da bíblia falam do amor do Pai e as promessas que ele fez. A inserção dessas mensagens é crucial no desenrolar do enredo, pois a partir desse ponto Antônia passa a perceber que ela precisa ser uma pessoa diferente. Isso nos remete novamente a Orlandi (1996) que afirma que essa articulação entre o homem e Deus é uma marca do Discurso Religioso.

Depois de muito reclamar, sofrer, clamar por misericórdia, Antônia começa a perceber que Deus se compadeceu da sua vida, assim como no evangelho do homem da mão seca. O livro finaliza com uma citação explícita do texto bíblico de Lucas 6, 6-11, de onde veio o título do romance. Antônia se vê exatamente nessa cena do Evangelho e, assim como o homem da mão seca, Antônia estende sua “mão mirrada” na direção de Thomaz, o seu marido. Segundo os estudos de Herter (2017), o Evangelho de Lucas é o que dá mais espaço e valor aos excluídos, apresentando Jesus como aquele que se importa com os pecadores, pobres, fracos e marginalizados. Nesse cenário retratado por Lucas, os próprios enfermos conheciam sua situação de marginalização. Nas duas cenas, tanto a do Evangelho, como a do romance, encontramos a figura de dois seres humanos que se encontravam à margem, necessitando de um socorro. Isso diz respeito à miséria humana, que, conforme o Catecismo da Igreja Católica, no parágrafo 2448, se manifesta de múltiplas formas, sendo uma delas a doença física e psíquica, que são frutos do primeiro pecado, já que o pecado acabou com a imortalidade do homem, fazendo com

que ele se tornasse sujeito a todo tipo de fraqueza humana. Dessa forma, o homem atrai a compaixão de Cristo Salvador, o Senhor de todas as coisas, que se identifica com os mais frágeis e pequeninos, aliviando as suas dores e curando e todas as doenças. O texto procura demonstrar o poder de Jesus para curar qualquer enfermidade, a sua compaixão e sua boa vontade em fazer o bem. Tudo isso se dá pela fé, que, segundo Orlandi (1996), é uma graça vinda de Deus, criando a possibilidade de mudança para assim adquirir a salvação.

Essa história irá dialogar também com a vida da escritora, já que em uma entrevista para o programa *Roda Viva*, em 2014, Adélia Prado revela se identificar com esse homem da mão seca. Chega a afirmar que ela era esse homem, pois havia passado por uma depressão profunda durante sete anos, se sentindo, durante todo esse tempo, incapaz de escrever. Desse modo, ela afirma que o próprio Deus, em sua misericórdia, se compadeceu dela, pois só foi curada pela ajuda psicológica e pela graça do alto. Podemos considerar esse fato ocorrido como um milagre, que segundo Orlandi (1996) ele é a confirmação da ilusão da reversibilidade, pois é momento em que ocorre a passagem de um plano a outro. Chega a afirmar que o sofrimento foi uma coisa muito boa em sua vida, assim como na vida de Antônia também, que proclama através do salmo 119: “foi bom para mim ser afligido”. No romance, a protagonista também é escritora de poesias e, assim como Adélia, invoca a Deus desde a sua concepção. Além disso, a história do romance situa-se no Estado de Minas Gerais, local onde a autora nasceu e se desenvolveu. Nessa mesma entrevista que foi citada acima, ela diz que a sua religião é uma parte da sua vida, portanto, impossível de se separar e acrescenta que a poesia/obras literárias, se faz com uma pessoa inteira, então é colocado tudo aquilo que ela é, ou seja, uma existência carregada de religiosidade. Diante disso, podemos perceber que a religião, conforme Orlandi (1996), acompanha o homem em seu dia-a-dia, por meio das múltiplas formas do sentimento religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas, percebemos, nos textos analisados, a forte relação da literatura com a religião, já que o texto literário está carregado de características do discurso religioso, uma vez que foi possível demonstrar a intertextualidade com o texto bíblico no romance de Adélia Prado. Todas as passagens se entrecruzam e dão

significado uma a outra, nos mostrando que sem a compreensão delas, a interpretação do texto literário se tornaria incompleta.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HERTER, Lucas Augusto. **A igreja dos marginalizados**: Um estudo a partir do Evangelho de Lucas. Faculdade Batista Pioneira. Ijuí: 2017
- KALLARRARI, Celso. **Religião e Literatura**: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos. Projeto de Iniciação à Pesquisa. UNEB, ano de 2020-21
- KRITEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras**: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MARTÍNEZ, José Maria. **Os Salmos**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento**: as formas de discurso. São Paulo: Pontes, 1996.
- PAULINO, Graça et al. **Intertextualidades**: Teoria e Prática. Editora Lê, 1998.
- PRADO, Adélia. **O homem da mão seca**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- RODA VIVA. **Adélia Prado 1994**. Youtube: 14 de dez de 2017. Disponível em <<https://youtu.be/CPXpd4BwgjY>>. Acesso em: 10 set. 2020.

“QUANDO O CANTO É REZA”, CURA, LUTA E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRA

Gean Paulo Gonçalves Santana¹
Júlia Izadora Gonçalves Nascimento²
Mônica Ferreira Alves³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as manifestações do sagrado nas composições poéticas das comunidades quilombolas do Extremo Sul da Bahia, composições da Missa dos quilombos e nas de compositores negros baianos. Inventariar, descrever e analisar essa sacralidade poética que trazem expressões que lidam com a representação da herança africana e afro-brasileira constituem-se objetivos norteadores. Os estudos e as análises aportam nos conceitos de tradição, ancestralidade, memória, afrografias, musicalidades e religiosidades afro brasileiras, dentre outros de importante envergadura para a temática. Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a valorização e preservação do patrimônio cultural e religioso afro-brasileiro.

Palavras-chave: Canto-poema; Música afro-brasileira; Religiosidade.

INTRODUÇÃO

O título desse projeto de pesquisa se inspira no álbum que registra o encontro entre a cantora Roberta Sá e o Trio Madeira Brasil, em homenagem ao compositor baiano Roque Ferreira, lançado em 2010, pela Universal Music Group. O processo discursivo metodológico utiliza-se dos cantos-poemas que fazem parte do banco de dados da Tese *Vozes e versos quilombolas: umas poética identitária e de resistência em Helvécia* (2014), das composições da *Missa dos quilombos* (1982), de autoria de Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, e de compositores negros baianos, disponíveis em plataformas digitais, em que o canto é reza, dada a sacralidade presente nas letras pela arte da palavra. A pesquisa intenciona estabelecer um diálogo entre as composições, de modo a identificar marcas de resistência à colonialidade opressora, de preservação da vida e das crenças afro-brasileira.

¹ Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus X, pós-doutorado em Estudos literários (UFMG) e Herança africana (ICC- Colômbia), email: gpsantana@uneb.br

² Graduanda em Ciências biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, bolsista IC pela Fabesb, email:juliaizadora@hotmail.com

³ Graduanda em língua inglesa e literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, bolsista IC pela Fabesb, email: moonica@live.jp

Destaca-se nessa pesquisa o papel que as composições revelam, a partir da palavra viva,meticulosamente descrita por Amadou Hampate-Bâ (2010), as marcas ancestrais, a relação com o Orum e Aiyê, como um antídoto ao corpo-memória-espírito. O canto como instrumento sagrado-poético de lutas aciona memórias do tempo vivido e do contado, ganha corpo, ritmo ao explicitar histórias ancestrais, proteção, demandas, amores, conflitos e trabalho lutas e resistência, por isso, curam o corpo-espírito. Contextualmente, os cantos ilustram o sentido da voz como antídoto às circunstâncias e situações da vida.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que intenciona conferir visibilidade à poética musical afro-brasileira.

Para a primeira etapa, inicialmente, será realizada uma revisão da literatura para operacionalização dos conceitos e variáveis para seleção da amostra: o processo da pesquisa; a elaboração dos instrumentos de coleta dos dados, com vistas a uma melhor explicitação do referencial epistemológico e os pressupostos metodológicos. A segunda etapa consiste: (i) em pesquisas no repositório digital, para compor o corpus de análise, coletas de documentos musicais de compositores(as) negros(as) baianos(as), cujas composições lidam com a religiosidade, com a representação da herança africana, afro-brasileira, suas identidades, e resistências como forma de cura do corpo e do espírito aos enfrentamentos socio histórico; (ii) coleta dos cantos-poemas da tese *Vozes e versos quilombolas: Uma poética identitária e de resistência* (2014), que constam do apêndice da tese, disponível no repositório da PUCRS, e do dvd, título homônimo da tese, disponível no acervo da Biblioteca da UNEB/Campus X; (iii) coleta das composições que fazem parte da “missa dos quilombos”. A terceira etapa pretende, elaborar categorias de análise para as composições que explicitam e tangenciam o sagrado reverenciado pelas religiões afro-brasileiras, estabelecendo um diálogo entre as diversas vozes que atuam na composição do tempo vivido e do tempo cantado que contribuem para preservação da vida e das crenças, dos processos culturais, religiosos e identitários afro-brasileiros. A quarta etapa consiste na retomada das categorias e a análise das composições, observando, especificamente, a construtividade e referencialidade do sagrado-poético como instrumento de lutas, memórias que ganham corpo, ritmo ao explicitar histórias ancestrais, proteção, demandas, amores, conflitos e trabalho lutas e resistência, e que, por isso, curam o

corpo e o espírito. Por fim, a produção de uma cartografia etno musical afro-baiana, a partir da poética quilombola do Extremo Sul da Bahia, resultante da pesquisa, a redação do relatório, artigo e divulgação dos resultados.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Uma primeira ressalva deve ser feita no que se refere a poética afro-brasileira, visto que intenciona essa pesquisa a compreensão da construtividade e referencialidade da poética sagrada, presentes nos cantos-poemas, nas letras de compositores negros. Para compreensão dos vários postulados conceituais, serão utilizadas reflexões sobre palavra, tradição viva e memória, segundo Hampâté Bâ (2010); a presença da voz e oralidade poética, em Paul Zumthor (2010); afrografias, oralituras da memória, encruzilhada, em Leda Martins (1997); aspecto da música brasileira e música de feitiçaria no Brasil, em Mário de Andrade (1963; 1965); música religiosa e cantos de trabalho, em Oneyda Alvarenga (1960); musicalidade e religiosidade afro brasileira, reflexões e afirmação de uma concepção de divindade, em Edison Carneiro (1978) e Marco Aurélio Luz (1995); e, no campo literário, Luiz Silva Cuti (2002), dentre outros de importante envergadura para a temática.

O termo canto-poema tem a sua gênese em pesquisas e análises realizadas sobre os textos do congado, que levaram a considerá-lo um corpus literário em virtude da importância atribuída à letra e à melodia e que apontam para uma resistência através da manutenção das memórias partilhadas e de uma identidade, construída ao longo das experiências, dos enfrentamentos identitários (PEREIRA, 2002, APUD SANTANA, 2014).

Esta pesquisa lança olhares sobre a encruzilhada, caminhos multiplicados que se entrecruzam na poética da oralidade e que propiciam um olhar sobre e sob o chão semântico em que se pisa o povo afro-brasileiro. A esse respeito, Leda Maria Martins (1997, p. 26), esclarece que “pela via das encruzilhadas [...] se tece a identidade afro-brasileira, [...], transformam-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras”.

Apropriando do discurso de Leda Martins (1997), a música, nessa pesquisa conceituada de canto-poema, constitui formas afrografadas no tempo e no espaço, transformações do processo de transgressão da ordem escravista, “em modos de agregação comunitária e em novas expressões artísticas [...] força vital das

cerimônias [...], independentemente de sua origem étnica [...]"(MARTINS, 1997, p. 38-39).

A encruzilhada, locus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radical de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada como um lugar terceiro, é geratriz de produção sínica diversificada e, portanto, de sentidos (MARTINS, 1997, 28).

Sendo a pesquisa uma produção intelectual, outro argumento ganha notoriedade: a tarefa de trabalhar com a alteridade no contexto da representação da negritude, dos silenciamentos, das subalternidades (SPIVAK, 2010) e das identidades diáspóricas em expressões literárias. Dialogando com Arruti (2006, p.26), "não se trata mais, de partir das alteridades dadas, e sim, de investigar como a alteridade torna-se um dado, como ela é feita um fato, como ela é discursiva e praticamente construída por meio de linhas, cortes [...], diferenças e identidade".

Ainda no contexto afro-diáspórico, a tradição é um elemento importante no campo das representações da negritude. De acordo com Hampatê-Bâ, "a tradição, pois, confere à Kuma, à Palavra, não só um poder criador, mas também, a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão, a fala, por excelência, é o agente ativo da magia africana" (2010, p. 173). Não por acaso, os cantos-poemas, "potencialidades do poder, do querer e do saber" (HAMPATÊ-BÂ, 2010, p. 172), vivificadas pela palavra divina, exteriorizam vibrações dessas forças, de modo a envolver o ser na totalidade. Hampatê-Bâ (2010), citando o fulfulde, uma língua do ramo senegambiano das línguas nígero-congolesas, falada principalmente na África Ocidental pela etnia fulani, diz que a palavra que significa fala (haala), cuja raiz verbal é hal, significa "dar força". Segundo o autor, "se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yaa-warta, em fulfulde), que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação.

O percurso discursivo ao apropriar-se das memórias do tempo vivido e do tempo cantado envolto da sacralidade, também o faz em relação as problemáticas levantadas acerca da discussão identitária. A cadeia de palavras cantadas nas composições afro-brasileiras, como novos elos, continua a enriquecer as palavras

daqueles que os precederam. Hampatê Bâ (2010, p. 181) nos esclarece que, “em todos os ramos do conhecimento tradicional, a cadeia de transmissão se reveste de uma importância primordial”. Continua o autor:

Não existindo transmissão regular, não existe magia, mas somente conversa ou histórias. A fala é, então, inoperante. A palavra transmitida pela cadeia deve veicular, depois da transmissão original, uma força que a torne operante e sacramental (HAMPATÊ-BÂ, 2010, p. 181).

O processo histórico negro-africano se constitui pela transmissão do conjunto de princípios e valores, os quais estruturaram a composição de identidades e relações sociais (LUZ, 2013). A resistência deflagrada pelo povo negro demarca a não interrupção dos seus princípios regentes e desencadeia a incorporação de novas personificações sociais: o afro-brasileiro. Desta feita, os valores africanos, incólumes na memória coletiva dos negros que se reuniram no Brasil, deram “continuidade transatlântica aos princípios e valores transcendentais” (LUZ, 2013, p.29), e, assim, do canto se fez reza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de pesquisa contribuirá para a valorização e preservação do patrimônio religioso e memória cultural registrados em composições afro-brasileiras que, como instrumentos poéticos, explicitam histórias ancestrais, proteção, demandas, louvores, conflitos, amores e trabalhos. Este estudo sistemático acerca das composições sacropoéticas almeja reconhecimento a partir de uma singularidade constituída no tempo e que delineia de forma diferente o ser e o agir, por meio de manifestações musicais-religiosas, e dará visibilidade as formas de resistência e manutenção de uma identidade construída ao longo dos enfrentamentos identitários ou dos jogos de poder, por vezes explícitos e muitas vezes velados, de modo a revelar que a poética musical afro-baiana imprimiu no tempo e no espaço marcas de luta e resistência ao longo do processo dito civilizatório europeu.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Porto Alegre : Globo, 1960.

ANDRADE, Mário de. Música de feitiçaria no Brasil. São Paulo : Martins, 1963.

- _____. **Aspectos da música brasileira.** São Paulo : Martins, 1965.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo:** Antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: EDUSC, 2006.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia.** 6ª Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- CUTI, Luiz Silva. In: **Cadernos Negros 25:** Poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2002.
- HAMPATE BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO, 2010.
- LUZ, Marco Aurélio. **Agadá:** Dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: Edufba, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória:** O Reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.
- NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. **Missa dos Quilombos** - disco gravado na Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, MG, 1982.
- SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas:** Uma poética identitária e resistência em Helvécia. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS/2014.
- SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

O CANTO COMO ANTÍDOTO: UMA POÉTICA DO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO NOS TERREIROS DE UMBANDA E NOS QUILOMBOS DO EXTREMO SUL DA BAHIA”

Gean Paulo Gonçalves Santana¹
Laís Nonato dos Santos²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo os cantos-poemas, expressão poética oral presente nas comunidades quilombolas do Extremo Sul da Bahia e pontos da umbanda, veiculados em mídias sociais. Inventariar, descrever e analisar essa poética no que traz de expressões que lidam com a religiosidade afro-brasileira constituem objetivos dessa pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. O percurso discursivo metodológico dialoga com os conceitos de tradição, ancestralidade, religiosidade, oralidade poética. A musicalidade afro-brasileira, como instrumento sagrado-poético, de lutas e resistência, ilustra o sentido da voz como antídoto às circunstâncias da vida.

Palavras-chave: Cantos-poemas; Pontos de umbanda; Religiosidade afro-brasileira; Ancestralidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa destaca o papel que o canto revela, a partir de seus discursos poéticos, marcas ancestrais, identidades e religiosidades, uma relação intrínseca às comunidades afro-brasileiras. Não obstante, busca contribuir para a valorização e preservação do patrimônio, memória cultural e religiosa, utilizando-se da poética musical dos quilombos do Extremo Sul da Bahia, e pontos de terreiros de umbanda, no que trazem de expressões que lidam com a representação da herança africana, afro-brasileira, suas identidades, ressignificações e resistência.

Como aporte teórico utiliza-se das reflexões sobre tradição viva, memória e religiosidade, segundo Hampaté Bâ (2010); a presença da voz e oralidade poética, em Paul Zumthor (2010); literalização da oralidade, em Jean Derive (2015) e, o sagrado, em Juana Elbein dos Santos (1976), música de feitiçaria, em Mário de Andrade (1963), dentre outros que discutem os estudos culturais e religiosidade afro-brasileira.

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pós-doutorado em Estudos literários (UFMG) e Herança africana, Instituto Caro y Cuervo (ICC) Colômbia. E-mail: fratergean@yahoo.com.br

² Discente do VI semestre de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus X. Bolsista I.C/ PROAF – UNEB. E-mail: laisnonatosantos@hotmail.com

O termo canto-poema utilizado no percurso da pesquisa, é assim designado em virtude da importância atribuída à letra e à melodia (SANTANA, 2014) e que apontam para uma resistência através da manutenção das memórias partilhadas e de uma identidade construída ao longo das experiências com o sagrado existencial.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo. O seu percurso discursivo-metodológico intenciona conferir visibilidade a poética oral das comunidades quilombolas, localizadas no Extremo Sul da Bahia, que consta do DVD “Vozes e versos quilombolas” (2014), cujas composições referendam o sagrado e, pontos de umbanda, disponíveis nas mídias sociais, em específico, no repositório digital Youtube.

O trabalho de pesquisa foi compreendido nas seguintes etapas: (i) Revisão da literatura sobre poéticas orais, cantos sagrados da umbanda, para posterior operacionalização dos conceitos e variáveis para a seleção da amostra, assim como, a elaboração dos instrumentos de coleta de dados; (ii) Pesquisas no repositório digital youtube, de pontos cantados veiculados por terreiros de umbanda que referendasse: orixás, caboclos, pretos velhos, povo cigano, boiadeiro que dialogassem com os cantos-poemas do DVD “Vozes e versos quilombola” (2014). (iii) Transcrição dos registros em vídeo que foram coletados e, posterior, categorização e subcategorização dos pontos cantados de acordo com os elementos em comum com os cantos-poemas; (iv) Retomada dos materiais para a análise, observando, especificamente, a construtividade e referencialidade das marcas identitárias nas composições sagrada da poética afro-brasileira.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Historicamente, do século XVI ao XXI, muitos terreiros e comunidades reconhecidas como remanescentes de quilombo dormem ao som dos tambores, cantos e giras a fim de purificar, cuidar e preservar a vida, a memória e sua história ancestral. Entretanto, de acordo com Santana (2014), um percurso sócio histórico marcado por perseguição, estigma de baderna, desordem e feitiçaria, foi se constituindo na sociedade brasileira em torno do tambor e, por extensão ao povo que dele se utiliza para o culto. Na contramão dos acontecimentos, o tambor, os cantos-poemas, em algumas comunidades denominadas de chulas, pontos, tidos como

vestígios de feitiçaria, escravidão, resistiu aos silenciamentos e perseguições, em função do que representa para o povo afrodescendente, sobretudo, porque, através dele, sua poética e sacralidade, corporificadas pelo ritmo e por palavras que se conecta com o sagrado ancestral, para usarmos as palavras de Zumthor (2010, p. 200) toca “o cordão umbilical do sujeito, onde se articula nos poderes naturais a simbologia de uma cultura.

Não obstante, no quilombo de Helvécia, um dos moradores referindo-se ao canto-poema, relata: “quando eu ouço os tambores, quando eu ouço aqueles cantos, é como se meu corpo, realmente ele se arrepia todo. É mais forte do que eu; é como se eu realmente estivesse ali vivenciando, voltando na história, entrando em contato, relação com os meus ancestrais” (SANTANA, 2014, p. 45). Pelo poder encantatório, o canto-poema converte-se em imagens presentes e passadas, desfazendo barreiras do tempo do agora, toca o corpo que o faz movimentar. Tal experiência liga os corpos aos diferentes tempos, espaços e circunstâncias, desse modo evoca e fomenta as ritualizações e reatualizações intrínsecas à vida do afro-brasileiro (SANTANA, 2014). Essa proposição corrobora a ideia de que a musicalidade é “vitalidade pura” (ZUMTHOR, 2010, p. 201) e, por isso, encarna na história do povo negro, dando sentido a muitos espaços e histórias de vida. Sua representação mítica é elo de diálogo com a ancestralidade e, revela-se como resistência ao processo civilizatório ocidental, aquele que transformou africanos em escravos e em seguida em negros excluídos do direito cidadania.

Quando a linguagem se submete à voz, cantada, a sua potência é exaltada, de modo a glorificar a palavra e, assim, “os valores míticos da voz viva ai se exaltam de fato” (ZUMTHOR, 2010, p. 199). O canto, alquimicamente, com o poder e a magia a ele referendados, penetra o corpo, transcendendo a mensagem a ser transmitida; não por acaso, Mario de Andrade (1963) em Música de feitiçaria no Brasil, diz que a música e alquimia são “filhas mais velhas da magia” (ANDRADE, 1963, p. 25). Por detrás da palavra cantada, encontra-se o próprio valor do homem que faz o testemunho, e de todos os outros que, na cadeia transmissiva, chegaram a ele. Por essa razão, a palavra cantada é usada com prudência. Nela existem valores morais fundamentais, de “caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositada” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169). Nas comunidades quilombolas do Extremo Sul da Bahia a musicalidade é uma tradição viva, “praticá-la foi mais que uma arte: foi um

grito de resistência e uma forma de autopreservação dos referenciais autóctones, ante a esmagadora força do colonialismo" (PADILHA, 2007, P. 37).

Ainda no contexto afro-diaspórico, a tradição é um elemento importante no campo das representações da negritude. De acordo com Hampatê-Bâ, "a tradição, pois, confere à Kuma, à Palavra, não só um poder criador, mas também, a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão, a fala, por excelência, é o agente ativo da magia africana" (2010, p. 173). Não por acaso, os cantos-poemas, "potencialidades do poder, do querer e do saber" (HAMPATÊ-BÂ, 2010, p. 172), vivificadas pela palavra divina, exteriorizam vibrações dessas forças, de modo a envolver o ser na totalidade.

Dado ao grande volume de pontos cantados, coletados e transcritos do Youtube, do site Pontos de Umbanda e do site Letras, e consequentemente das análises realizadas, apresentamos apenas uma análise comparativa. O primeiro se trata de um canto-poema retirado da tese "Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia", de Santana (2014), nomeado "Oxalá meu pai" e, o segundo, se refere a um ponto cantado de umbanda referente aos pretos-velhos, nomeado "Numa noite linda, noite de luar".

Ainda que os dois textos poéticos não tenham sido classificados, de forma direta, como referentes a uma mesma entidade, neste caso, ao preto-velho, ambos carregam traços que se conectam.

"Oxalá meu pai"
Oxalá, meu pai,
Tem pena de mim, tem dó.
A volta do mundo é grande
A de Deus será maió (SANTANA, 2014, p. 235-236)

Segundo Santana (2014), quem enuncia o pedido ao se conectar com a entidade, neste caso o orixá Oxalá, espera que sua prece seja atendida através de um ato piedoso do mesmo. No ponto cantado "Numa noite linda, noite de luar", a mesma figura divina aparece, mas nomeado de outra forma, como Zambi. Segue abaixo o referido ponto:

"Numa noite linda, noite de luar"
Numa noite linda
Noite de luar
Preto-velho orou a Zambi
Pra cativeiro acabar 2x

Trabalha Zé, trabalhou 2x
Que o cativeiro acabou 2x
[...] (L'OGAN, 2020)

O terceiro verso apresenta a imagem do guia espiritual preto-velho, conhecido por ser:

Exemplos de humildade, tolerância, perdão e compaixão, os Pretos-Velhos e Pretas-Velhas compreendem, sobretudo, os espíritos que, na roupagem de escravos, evoluíram por meio da dor, do sofrimento e do trabalho forçado. São grandes Magos da Luz, sábios, portadores de conhecimentos de alta Espiritualidade (JÚNIOR, 2014, p. 315)

Da mesma forma que o enunciador do canto-poema conta com a interseção de Oxalá, o eu-lírico do ponto ora à Zambi para que o cativeiro acabe, a representação dos pretos velhos aparece sempre atrelada à imagem do cativeiro, associados ao período de escravidão e, ligados a uma posição de submissão/servidão àqueles que sempre estiveram na posição de dominação e opressão.

Zâmbi ou Nzambi (em quimbundo), clamado pelo preto velho, divindade do culto banto, responsável por criar todas as coisas. Assim como Zambi, Oxalá também é uma divindade misericordiosa que auxilia nas dificuldades. O preto-velho, comumente chamado por nomes simples e populares, na condição de cativeiro e sofrimento, por intermédio de seu clamor e, consequentemente, à piedade de Zambi, é liberado, o que também ocorre com o enunciador do canto-poema. Desta forma, os dois textos apresentam diálogo de sentido em relação a misericórdia das divindades, o mesmo clamor do eu-lírico que, em sua condição de dificuldade, tem seu pedido ouvido e possivelmente atendido.

O processo de análise dos pontos cantados de umbanda, levando em conta os aspectos teóricos citados para guiá-lo, colaborou para o conhecimento de como o canto atua e como ele é elemento fundamental para a manutenção dos aspectos culturais. No que se refere aos dois tipos de produção poética, notou-se que ambos carregam em si, essencialmente, o sentido de ressignificar as dores, demandas e dificuldades, dizem também sobre trabalhos, amores, entre outros aspectos. Sendo assim, carregam a memória afro-brasileira, tornando-se referência de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta geral de contribuir com a valorização e manutenção da memória cultural e religiosa dos povos afro-brasileiros, acredita-se que a referente pesquisa serviu de mecanismo para atender tais questões. A retomada aos cantos-poemas de Helvécia contribuiu para que houvesse melhor percepção, por parte da discente, da relevância e do papel que os respectivos cantos conferem à comunidade

e aos indivíduos em suas vivências particulares. Além disso, diante das discussões realizadas, se torna evidente de que o debate e conhecimento a respeito de produções orais são importantes e devem acontecer nos diversos âmbitos sociais, principalmente quando se diz sobre uma sociedade grafocêntrica e hegemônica, que historicamente cedeu e permanece a ceder maior notoriedade e prestígio apenas para o que é escrito, principalmente quando tal escrita é oriunda de espaços acadêmicos e brancos. Para que as produções orais e as histórias que as constroem não se percam, é preciso utilizar dos espaços de prestígio para propiciar a manutenção e divulgação das mesmas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Música de feitiçaria no Brasil**. São Paulo: Martins, 1963.
- DERIVE, Jean. **Oralidade, literalização e oralização da literatura**. Belo Horizonte: Fale: UFMG, 2010.
- HAMPATE BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.
- JÚNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial de Umbanda**. – São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- L'OGAN. **Numa noite linda, noite de luar**. Disponível em:
<https://www.pontosdeumbanda.com.br/pretosvelhos/ponto-de-preto-velho-numa-noite-linda-noite-de-luar.html>. Acesso, em 10 de junho, 2020.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre a voz e a letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

REPRESENTAÇÃO DE AGENTES SOCIAIS EM NOTÍCIAS SOBRE ‘SITUAÇÃO DE RUA’ EM CIDADES DA BAHIA: BARREIRAS E BRUMADO

Décio Bessa¹
Ellen Reis Silva²
Aline Souza Santos³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar textos relacionados à ‘situação de rua’ publicados em *sites* de notícias da Bahia, empregando uma análise discursivo-crítica sobre a representação de agentes sociais. A fundamentação teórico-metodológica vincula-se principalmente à Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001 e 2003; VAN LEEUWEN, 1997); à situação de rua (SILVA, 2009; BRASIL, 2008). O *corpus* é de notícias dessas cidades e respectivos *sites*: Barreiras (*Se liga Barreiras*); Brumado (97NEWS). Os resultados trazem uma representação nomeada e correlacionada a “pessoas em situação de rua” *versus* apagamento e uso do termo “moradores de rua”. A primeira representação tem papel social mais adequado.

Palavras-chave: Discurso; Situação de rua; Barreiras; Brumado.

INTRODUÇÃO

A situação de rua é vivenciada por muitos cidadãos e muitas cidadãs que enfrentam dificuldades ocasionadas por diversas desigualdades sociais que geram o desemprego, a fome, a pobreza extrema. O enfraquecimento de serviços públicos de assistência também contribui para o aumento do número de pessoas nessa situação (SILVA, 2009).

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa está relacionada à relevância da discussão sobre a problemática social da situação de rua na Bahia. Além disso, a análise de notícias que tratem do tema contribui para dar visibilidade a aspectos da linguagem que se evidenciam em uma perspectiva discursivo-crítica.

O arcabouço teórico-metodológico utilizado para o desenvolvimento deste trabalho vincula-se aos estudos em Análise de Discurso Crítica (ADC); especificamente, utiliza-se a abordagem dialético-relacional de Fairclough (2001 e

¹ Doutor. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. deciobessa@yahoo.com.br.

² Graduanda. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. ellenreissilva@gmail.com. Programa de Iniciação Científica (PICIN/UNEB).

³ Graduanda. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. aliness8023@gmail.com. Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

2003). A ADC é interdisciplinar, efetuando o diálogo entre estudos de linguagem e das ciências sociais (MAGALHÃES, 2005).

O objetivo deste trabalho é investigar textos relacionados à ‘situação de rua’ publicados em *sites* de notícias da Bahia (das cidades: Barreiras e Brumado), empreendendo uma análise discursivo-crítica sobre a representação de agentes sociais.

METODOLOGIA

Este trabalho segue o método qualitativo (FLICK, 2009). Efetuamos o levantamento de jornais eletrônicos e *sites* de notícias das cidades baianas: Barreiras, pertencente ao Território de Identidade (TI) Bacia do Rio Grande; e Brumado, do TI Sertão Produtivo. Após a busca por notícias dos anos de 2019 e 2020, com o foco na representação de agentes sociais, foi realizada a escolha dos textos para compor o *corpus*. Os *sites* que publicaram os textos são: *Se liga Barreiras* (Barreiras) e *97NEWS* (Brumado). Dessa maneira, investigamos discursivamente a problemática da situação de rua no contexto baiano utilizando a categoria “representação de agentes¹ sociais”.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A categoria analítica “representação de agentes sociais” é pertinente para a análise crítica, pois além de possibilitar a identificação de agentes, contribui para compreender papéis em determinado contexto. Fairclough (2003) indica algumas formas de identificar e representar agentes a partir dos itens “inclusão e exclusão”. Os estudos de van Leeuwen (1997) contribuem para as análises, ele produziu um quadro chamado “rede de sistemas” em que 50 ramificações apresentam modos de representar agentes sociais em textos; alguns modos serão apresentados neste trabalho.

A notícia publicada em Barreiras (ASSISTÊNCIA, 2020) trata sobre a entrega de kit de higiene a cidadãos e cidadãs em situação de rua por parte da Secretaria Municipal de Assistência Social e Trabalho de Barreiras. Identificamos os seguintes agentes sociais (Homens e mulheres que são acompanhados pela equipe do Centro POP; Equipe do Centro POP; Fernando Garcia; Pessoas em situação de rua; José Lima; Karlúcia Macêdo; Theo Lanusa; Padre Robinho; Mulheres; Prefeitura de

¹ Van Leeuwen (1997) utiliza o termo “atores”.

Barreiras; Centro POP e Diocese de Barreiras). O agente social José Lima foi nomeado na notícia; é um cidadão em situação de rua abrigado em um albergue da cidade. Esse tipo de nomeação se configura como uma relevância dada ao agente social (VAN LEEUWEN, 1997), pois podem ser apenas categorizados ou representados de outros modos. Também foi registrada a sua fala em relato direto, o que evidencia uma relevância (FAIRCLOUGH, 2003) na notícia.

A notícia publicada no 97NEWS (BRUMADO, 2020) refere-se a uma solicitação de retirada de pessoas em situação de rua que estão próximas a um local público (Mercado Municipal). Os seguintes agentes sociais foram identificados: moradores, comerciantes, moradores de rua, usuários de drogas, andarilhos, empresário, prefeitura, secretarias, o site 97News, famílias, crianças, adultos, Conselho Tutelar e população. O único agente cuja voz está registrada em relato direto é o empresário; representado pela funcionalização (função que exerce). Na notícia, não há nomeação desse e de outros agentes. Pode ter ocorrido um receio na identificação pelo fato de ser uma notícia que envolve reclamação. Destacamos a importância de políticas públicas nesse contexto, pois cidadãos e cidadãs em situação de rua, alvo da reclamação, enfrentam, entre tantas dificuldades, o preconceito e a discriminação (BRASIL, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um agente é nomeado, como aconteceu em Barreiras, há uma maior visibilidade. O termo “morador de rua” – equivocado – pode contribuir negativamente, ainda mais quando vem associado ao ‘silenciamento’ da voz, do nome, do problema social; isso ocorreu na notícia de Brumado.

A representação, na notícia de Barreiras, por meio da nomeação de um cidadão em situação de rua, o registro de sua voz, bem como a utilização do termo pessoa(s) em situação de rua no texto são características positivas dessa notícia que não foram encontradas com frequência nas demais notícias dos Territórios de Identidade pesquisados.

REFERÊNCIAS

ASSISTÊNCIA Social de Barreiras entrega kits de higiene e orienta pessoas em situação de rua sobre o Coronavírus. **Se Liga Barreiras**, Barreiras, 30 mar. 2020.

Disponível em: <https://www.seligabarreiras.com.br/arquivos/44993>. Acesso em: 19 set. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Sumário Executivo:** Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua. Brasília: SAGI, 2008.

BRUMADO: estacionamento do Mercado Municipal vira abrigo de moradores de rua e foco de incêndios. **97NEWS**, Brumado, 05 jun. 2019. Disponível em: <https://www.97news.com.br/noticias/20002-2019/06/05/brumado-estacionamento-do-mercado-municipal-vira-abrigo-de-moradores-de-rua-e-foco-de-incendios>. Acesso em: 19 set. 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A.** PUC-SP-LAEL, São Paulo, 2005.

SILVA, M. L. L. da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emilia R. **Análise crítica do círculo: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

REPRESENTAÇÃO DE AGENTES SOCIAIS EM NOTÍCIAS RELATIVAS À 'SITUAÇÃO DE RUA' EM IRECÊ E ARACI NA BAHIA

Décio Bessa¹
Ramom Barreto Andrade Filho²
Carlos Henrique Alves dos Santos³

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a representação de agentes sociais em notícias, publicadas em *sites* da Bahia, relativas à situação de rua. A fundamentação teórico-metodológica envolve a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; VAN LEEUWEN, 1997) e da problemática social da situação de rua (SILVA, 2006). A metodologia é qualitativa e o *corpus* constitui-se de notícias dos respectivos *sites* e cidades: *Irecê Repórter* (Irecê) e *A Voz do Campo* (Araci). As análises apontam para a importância da representação de pessoas em situação de rua por nomeação, bem como a necessidade de inclusão de maneira específica. Visibilidade contribui para o enfrentamento.

Palavras-chave: Discurso; Situação de rua; Irecê; Araci.

INTRODUÇÃO

Na crise sanitária e econômica relacionada à Covid-19, a vulnerabilidade social é mais constante e mais grave para pessoas em situação de rua. A problemática da situação de rua, tal qual conhecemos hoje, remete sua origem à revolução industrial que teve início na Inglaterra no século XVIII (SILVA, 2006).

Este trabalho tem o objetivo de analisar a representação de agentes⁴ sociais em notícias que tratam do tema situação de rua em *sites* do estado da Bahia, nas cidades de Irecê e Araci. Utilizamos a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), a partir dos estudos de Fairclough (2001, 2003) e van Leeuwen (1997) para embasar a análise linguístico-discursiva desses textos.

As justificativas para esta pesquisa vinculam-se aos estudos da linguagem e à importância da investigação crítica sobre questões da sociedade. Uma característica fundamental da ADC é o debate de problemas sociais, o que colabora para análise e reflexões textualmente orientadas.

¹ Doutor. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. deciobessa@yahoo.com.br.

² Graduando. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. csandrade9907@gmail.com. Programa de Iniciação Científica (PICIN/UNEB).

³ Graduando. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus X. carloshenrique.ceu@gmail.com. Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

⁴ Van Leeuwen (1997) utiliza o termo "atores".

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi qualitativa. Os procedimentos metodológicos relacionam-se a coleta, seleção e análise de textos, no ano de 2020, empregando a categoria representação de agentes sociais. As notícias selecionadas foram publicadas nos seguintes *sites* e respectivas cidades da Bahia: *Irecê Repórter* (Irecê) e *A Voz do Campo* (Araci). A contextualização das cidades será apresentada a seguir:

O município de Irecê fica na Chapada Diamantina Setentrional e pertence à bacia do São Francisco e ao Território de Identidade baiano denominado “Irecê” (o mesmo nome da cidade). Conforme dados do IBGE, o município possui uma área territorial de 319.174 km² (IBGE, 2019a). Sua população é composta por 73.524 habitantes e possui uma incidência de pobreza de 41,99% (IBGE, 2020a). A cidade de Araci está localizada no Território de Identidade baiano: Sisal. Em 2020, a população estimada foi de 54.648 (IBGE, 2020b), com uma área territorial de 1.496, 245 km² (IBGE, 2019b). A incidência de pobreza de Araci é alta: 48,58% (IBGE, 2019b).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O estudo de representação proposto por van Leeuwen (1997) está associado à forma como agentes sociais são representados linguisticamente em textos. Esse autor apresenta um inventário sócio-semântico com 50 possibilidades de representação para análise das representações dos agentes sociais. Algumas delas são: inclusão e exclusão; distribuição de papéis ativos e passivos; generalização e especificação; nomeação e categorização. As escolhas feitas na representação dos agentes sociais nas notícias serão discutidas a seguir.

Na notícia de Irecê, aparecem representados os seguintes agentes sociais: Mirla (Moradora da cidade); um casal, Ednalva (cidadã em situação de rua) e Rogério (cidadão em situação de rua), ambos identificados como “moradores de rua”; grupo de voluntários e a Assistência Social de Irecê. É relevante notar a nomeação do casal que está em situação de rua, a notícia faz uso dos seus nomes próprios: “Ednalva” e “Rogério”.

É possível classificar indivíduos como grupo; nessa notícia pessoas em situação de rua são identificadas como “moradores de rua” (classificação). Embora haja aspectos negativos na perspectiva social mais ampla, nessa notícia, havia a intenção de contribuir para um ato de solidariedade – arrecadar recursos *on-line* para

ajudar o casal. Incluem-se, ainda, pronomes de tratamento para se dirigir à agente social Ednalva, tais como “dona Ednalva” e “senhora”. A nomeação de agentes sociais tem importância (van Leeuwen, 1997; Fairclough, 2003), para a problemática da situação de rua ainda mais.

Os agentes sociais representados na notícia de Araci são: as pessoas em situação de rua, também referenciadas como “moradores de rua” e a Defensoria Pública da União (doravante DPU). O modo de representação utilizado foi o de classificação: “moradores de rua”, referindo-se às pessoas em situação de rua e a “DPU”, também por classificação, na identificação do órgão competente como um todo. A DPU também aparece representada por ativação, pois “recomendou aos Estados e Municípios” a implementação de “medidas” para a população em situação de rua na pandemia do coronavírus. Essa representação indica que o que está em discussão é a assistência a esses agentes sociais de abrangência nacional e não apenas local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação das pessoas em situação de rua por nomeação na notícia de Irecê permite perceber as suas identidades. É necessário representar esses/essas agentes sociais, dando-lhes maior grau de importância no texto, propiciando visibilidade ao problema social. Nos Territórios de Identidade pesquisados, cidadãos/ãs em situação de rua, muitas vezes, são representados/as de modo geral, como se não houvesse especificidades de cada um/a. Isso favorece a disseminação de discursos generalizantes relacionados a esse grupo. Em Araci, provavelmente a notícia não foi originada da região, não há menção a agentes sociais de Araci e não se sabe se tais medidas foram implementadas na cidade. Não foram encontradas outras notícias posteriormente que tratassesem do tema. Nesse sentido, transparece a necessidade de ampliação da visibilidade desse problema social no município. Com o “silêncio” de notícias, não há representações de agentes sociais, ocorre, então, um “apagamento” de algo tão grave na desigualdade de nosso país.

REFERÊNCIAS

DPU cobra medidas para proteger moradores de rua do coronavírus. **A Voz Do Campo.** 18 março 2020. Disponível em:

<https://avozdocampo.com/index.php/2020/03/18/dpu-cobra-medidas-para-proteger-moradores-de-rua-do-coronavirus/>. Acesso em: 08 out. 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

GRUPO se sensibiliza com moradores de rua em Irecê e mobiliza sociedade para ajudar com 'Vaquejinha Virtual'. **Irecê Repórter**. 23 junho 2020. Disponível em: <http://www.irecereporter.com.br/grupo-se-sensibiliza-com-moradores-de-rua-em-irece-e-mobiliza-sociedade-para-ajudar-com-vakinha-virtual>. Acesso em: 14 out. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil de cidades**: Irecê – BA. 2019a. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irece/panorama>. Acesso em: 14 out. 2020.

_____. **Perfil de cidades**: Araci – BA. 2019b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/araci/pesquisa/33/29167?tipo=ranking>. Acesso em: 07 out. 2020.

_____. **Perfil de cidades**: Irecê – BA. 2020a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irece/panorama>. Acesso em: 14 out. 2020.

_____. **Perfil de cidades**: Araci – BA. 2020b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/araci.html>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, M. L. L. da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Curso de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. **Análise crítica do discurso: uma perspectiva social, política e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p.169-222.

OS DOIS AMORES DE PAULO VAZ EM A CIDADE DE ULISSES, DE TEOLINDA GERSÃO

Valci Vieira dos Santos¹

RESUMO

Este texto se dedica a analisar a personagem protagonista, Paulo Vaz, do romance *A cidade de Ulisses* (2017), da escritora portuguesa contemporânea Lídia Jorge. Por entre os fios que tecem a narrativa da obra, emerge a voz de Paulo Vaz que conta a sua história de amor por uma mulher (Cecília Branco) e por uma cidade (Lisboa), que se apresenta a ele como uma cidade de desejo, de sedução. Para fomentar a compreensão do panorama histórico-social e literário da literatura portuguesa contemporânea, lançamos mão do suporte teórico e doutrinário de Massaud Moisés, através de sua obra *A Análise Literária* (2007).

Palavras-chave: *A cidade de Ulisses*; Teolinda Gersão; Ficção Portuguesa contemporânea.

INTRODUÇÃO

A escritora contemporânea Teolinda Gersão, em seu romance *A cidade de Ulisses* (2017), apresenta-nos uma prosa da narrativa portuguesa composta de uma escrita singular, cuja natureza de expressão literária revela aos seus leitores a possibilidade de percorrer vários caminhos de reflexão, a partir da pluralidade temática que atravessa toda a obra. Do universo desta pluralidade temática, emergem-se, com destaque, as representações do amor, o qual se manifesta, essencialmente, sob duas óticas construídas pela personagem protagonista Paulo Vaz.

As duas facetas dessa forte afeição a que chamamos também de amor, na verdade, são materializadas na pessoa de Cecília Branco e na cidade de Lisboa. E são essas duas facetas que se constituem em nosso objeto de análise do romance de Gersão. Pretendemos, pois, analisar a história de amor de Paulo Vaz por uma mulher e uma cidade, história esta atravessada por vários caminhos que são construídos entre mitos, realidade, desejo, literatura e as artes plásticas, o passado e o presente,

¹ Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF; Professor Titular na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus X. Professor Adjunto da Faculdade do Sul da Bahia-FASB. É pesquisador do Grupo de Estudos GEICEL, com as linhas de pesquisa: Literatura: Crítica, Memória, Cultura e Sociedade; Língua: Linguagens, Significação e Identidade da Universidade do Estado da Bahia-UNEB e pesquisador do Grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras-PPLB, vinculado ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e à UERJ. valci@ffassis.edu.br.

as relações quase sempre conflituosas entre homens e mulheres, a crise civilizacional e o afã de repensar o mundo.

METODOLOGIA

A metodologia, com a qual pretendemos trabalhar, para alcançar o objetivo proposto, é aquela em que a análise literária se aproxima da crítica e da historiografia literária. No âmbito da historiografia literária, faremos uso da historiografia interna, a qual, segundo Massaud Moisés (2007, p. 20), o que nos “importa especialmente [é] o conteúdo das obras, examinando-as do prisma das ideias, pensamentos e sentimentos (temas, cliques, motivos, mundividências etc.) que perduram no fio do tempo”.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A cidade de Ulisses (2017) é um romance que marca o retorno de Teolinda Gersão ao mundo das publicações, após ter ficado longe dele durante quatorze anos. Mas valeu a espera pelo seu retorno. A escritora portuguesa nos brindou com uma vigorosa e abrangente obra marcada por narrativas híbridas, em que romance, ensaio e história mantêm diálogos entre si, numa sinergética fusão.

O texto é narrado por um artista plástico, Paulo Vaz, que conta a sua história de amor por uma mulher, Cecília Branco, e por uma cidade, Lisboa. A Lisboa, contada por Paulo Vaz, é a cidade fundada miticamente pelo herói da *Odisseia*, obra do poeta épico da Grécia Antiga, fonte da qual Teolinda Gersão retira sua força motriz para a construção de um texto literário atraente, elegante e erudito, constituído de fios narrativos tecidos com eventos da geografia, da história e da política, mas, sobretudo, com fios de densa investigação existencial.

Paulo Vaz apaixonou-se por Cecília Branco. Essa paixão parece ter nascido desde os tempos em que ele fora seu professor: “A primeira vez que te vi foi numa sala de aula, Cecília. Na altura eu era uma espécie de assistente de uma das cadeiras do primeiro ano.” (GERSÃO, 2017, p. 24). Com o tempo, Paulo Vaz sente uma atração cada vez mais intensa pela aluna, e passa a encarar a sala de aula (a essas alturas, não mais lhe interessa dar aulas, até porque, nunca quis ser professor) como um palco em que a amada era “a única espectadora de um espetáculo que só para ti [ela] eu [ele] encenava”. (p. 25). Mas a paixão entre Paulo e Cecília foi interrompida. A gravidez da amada não foi bem recepcionada por ele, que reagiu com violência diante

da notícia, culminando numa forte discussão que a levou a um acidente doméstico, levando-a a perder o filho. Tal estado de coisas pôs fim ao relacionamento, provocando um afastamento melancólico que levou Cecília a mudar-se para outras cidades e para outros destinos.

A separação definitiva entre Paulo Vaz e Cecília se dá em função da morte da amada, que o levou a realizar uma exposição como homenagem póstuma. Era como se ele quisesse recompensar a perda de uma vida interditada pelas casualidades. A exposição dos quadros pintados pelo seu grande amor poderia servir para fazer arrefecer inúmeros embates vividos por eles, ao longo do relacionamento, frutos de confrontos, incompreensões mútuas, tormentos, castrações e incompatibilidades: “Trabalhavas de um modo muito diferente do meu. Reunias pacientemente toda a informação que procuravas, tirando notas em pequenos cadernos. Ao contrário de mim, que tomava apontamentos em folhas soltas que depois perdia [...]”. (GERSÃO, p. 139).

Em última análise, a mostra multimídia com a arte de Cecília Branco, organizada por Paulo Vaz, parece refletir o seu desejo de eternizar o amor vivido com ela. Imagens, divagações e abstrações, oriundas de traçados e cores das telas nas paredes, parecem querer dar corpo ao passado retido em sua memória, memória esta marcada pelas vivências construídas ao longo de seu relacionamento com Cecília Branco.

A outra faceta do amor, tão bem nutrido por Paulo Vaz, refere-se à cidade de Lisboa, “uma cidade construída pelo nosso olhar, que não tinha de coincidir com a que existia! (GERSÃO, p. 41); a cidade dos patrimônios culturais e arquitetônicos, das vilas operárias, da Graça, “um bairro popular de pequenos cafés, mercearias, lojas de fruta, vizinhos! (p. 65). Enfim, “era um lugar para ver o que lá estava e o que lá não estava mas nesse lugar já estivera, era um lugar para quem gosta de saber e procurar e está disposto a fazer esse trabalho prévio. Uma cidade a conquistar [...] (p. 69)

Dessa forma, o olhar do artista plástico Paulo Vaz sobre a capital portuguesa é denunciado através do “olhar” do sujeito errante que passa a captar as mais diferentes imagens que a cidade lhe proporciona. Ao deambular pelas ruas lisboetas, ocorre-lhe o desejo de decifrar a cidade labiríntica, o próprio país, assim como o outro com quem se depara e a si mesmo.

A Lisboa de *A cidade de Uisses* parece surgir desse olhar errante do sujeito deambulador: uma cidade “em que se ia penetrando pouco a pouco e descobrindo,

abaixo da superfície, outras camadas do tempo.” (p. 69); a Lisboa, que nem sempre assumia o *status* de protagonista, pois não era a única a merecer a sua atenção: “Lisboa era um pano de fundo, em geral desfocado porque a nossa atenção se dirigia para outras coisas, só por vezes se centrava na cidade”. (p. 42); a Lisboa histórica, fundada provavelmente pelos fenícios, influenciada pelos gregos e pelos romanos, a Lisboa do Castelo de São Jorge, da Torre do Tombo, a Lisboa de antes do Terremoto de 1755 e de depois. Enfim, a Lisboa das cruzadas, dos Descobrimentos, da guerra colonial, da emigração, do século XX.

E o que dizer da Lisboa literária? Da Lisboa de Camões, de Fernando Pessoa e de José Saramago? A Lisboa imortalizada na prosa e nos versos de inquietantes escritores e poetas que aprenderam a amá-la, mas também a odiá-la?

E é assim que Lisboa se apresentava diante de Paulo Vaz, ou seja, entre o amor e o desprezo por essa cidade que se apresentava “feita de pedaços, que eram pontos fulcrais de uma estrutura. [...] Eram os pedaços vazios que faziam realçar os outros, onde o desenho tomava forma. Como na vida, porque também a vida era assim, de vazio e pleno”. (p.74). Ao deambular, portanto, pelas ruas, ruelas e praças, o artista plástico se via diante de uma cidade multifacetada, cujos quadros foram pintados com as mais diferentes cores e matizes: “[...] à toa reparávamos em pormenores, varandas e janelas, quiosques e recantos, empenas, chafarizes, letreiros com nomes curiosos”. (p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante, pois, dessas duas significativas facetas do amor, tão bem arquitetadas por Gersão, no decorrer de sua narrativa, construída com significativo teor artístico, já que sua escrita é-nos reveladora de um vibrante hino por vezes uníssono, por vezes destoante, pudemos constatar que o seu romance se assenta sobre dois pilares narrativos importantes: o amor por uma mulher e o amor por uma cidade.

REFERÊNCIAS

GERSÃO, Teolinda. **A cidade de Ulisses**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.
MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

UIRAPURU - A VOZ DO CAMPUS X/UNEB - NAS ONDAS DA RÁDIO

Helânia Thomazine Porto¹

Aline Sousa Oliveira²

Aline Jesus de Almeida³

Mateus Oliveira de Souza⁴

RESUMO

Este artigo socializa algumas ações educomunicativas do programa de rádio Uirapuru: a voz do Campus X da Universidade do Estado da Bahia, realizadas no estúdio da Rádio Câmara 90, 9 FM, em Teixeira de Freitas (BA), às sextas-feiras, das 11 horas às 12 horas. Nesse programa universitário exibe-se roda-de-conversa (entrevistas), poéticas, músicas ao vivo, audioconferências e agenda cultural; com vistas à divulgação de produções científico-culturais e artísticas de discentes, egressos, docentes e de técnicos administrativos do Campus X. O programa *Uirapuru* constitui-se, assim, em um espaço de informação e de comunicação, prestação de serviço de utilidade pública e de promoção da cidadania comunicacional.

Palavras-chave: Programa Uirapuru. Educomunicação. Cidadania comunicacional. Rádio Câmara.

INTRODUÇÃO

Socializa-se neste artigo, algumas ações educomunicativas do programa de rádio Uirapuru: a voz do Campus X da Universidade do Estado da Bahia, realizadas no estúdio da Rádio Câmara 90, 9 FM, em Teixeira de Freitas (BA). Nesse programa universitário exibe-se roda-de-conversa (entrevistas), poéticas, músicas ao vivo, audioconferências e agenda cultural; com vistas à divulgação de produções científico-culturais e artísticas de discentes, egressos, docentes e de técnicos administrativos do Campus X.

¹ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaturização, mediações e recepção - PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e da Rede AMLAT (América Latina: Comunicação, cidadania, educação e integração latino-americana) E-mail: hthomazine@hotmail.com.

² Discente do 8º semestre do curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens – GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), como monitora de extensão (na modalidade voluntária). E-mail: alinesoer@outlook.com.

³ Discente do 4º semestre de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Monitora de extensão (na modalidade voluntária). E-mail: alinejalmeida069@gmail.com.

⁴ Discente do 4º semestre de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Monitor de extensão (na modalidade voluntária). E-mail: matheeuser@gmail.com.

O programa *Uirapuru: a voz do Campus X* constitui-se, assim, em um espaço de informação e de comunicação, prestação de serviço de utilidade pública e de promoção da cidadania comunicacional, que por meio de um acordo de cooperação com a Rádio Câmara, acontece no bojo do programa *A Voz do Cidadão*, todas as sextas-feiras, das 11 horas as 12 horas.

A Rádio Câmara 90,9 FM é uma emissora estatal gerida pela Câmara Municipal de Teixeira de Freitas e integra-se à rede de rádios do legislativo. Primeira rádio instalada no interior do Nordeste brasileiro, tem por função promover a cidadania por meio da comunicação. O estúdio da rádio está localizado no terceiro setor do prédio da Câmara Municipal.

Essa emissora transmite sua programação sob frequência modulada para 13 municípios da região administrativa do extremo sul da Bahia – Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e Vereda –, sendo Teixeira de Freitas a décima maior cidade da Bahia, com uma população superior a 160 mil habitantes, conhecida como cidade-polo, localizada na mesorregião, fazendo fronteira com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

O programa *Uirapuru* é exibido ao vivo no estúdio da Rádio Câmara e também em formato *podcast*, em circularidade no seu canal no *You Tube*¹ e na suas páginas no *Instagram*² e no *Facebook*.³, atendendo antigos anseios da comunidade universitária, que é a difusão de informação, cultura, artes e entretenimento para a população, conforme explicita Porto (2019). Portanto, prioriza-se em sua transmissão entrevistas com pesquisadores sobre temáticas atuais e relevantes, recitais, música ao vivo, debates temáticos, audioconferências, socialização de agenda cultural, entre outras ações.

Nessas interatividades busca-se também valorizar e incentivar a produção e a transmissão de manifestações artístico-culturais locais e regionais, alinhadas à democratização dos meios de comunicação e de informação pública, aos moldes de um programa comunitário de rádio, pelo seu engajamento com as ações da comunidade acadêmica, contribuindo para o desenvolvimento social e educacional da população, além de pretender ser um espaço alternativo de *educomunicação*, que na

¹https://www.youtube.com/channel/UCtISwJ_0b3TkT9xjhEtueIQ

²<https://www.instagram.com/programaurapuru/?hl=pt-br>

³<https://www.facebook.com/programaderadiourapuru/>

perspectiva de Kaplún (2002) refere-se a uma *comunicação educativa* ou *comunicação popular* em processos educativos. Os meios de comunicação concebidos como instrumentos para uma educação popular e como alimentadores de um processo educativo político e transformador, ou seja, “os meios de comunicação a serviço dos interesses populares” (PERUZZO, 2005, p. 20).

PROGRAMA DE RÁDIO *UIRAPURU*: entre poéticas e posicionamento político

Por que *Uirapuru* para a denominação do programa de rádio? Primeiro, por ser *Uirapuru* a primeira obra-prima do músico brasileiro Villa-Lobos. No poema sinfônico *Uirapuru*, Villa-Lobos produz, em seus instrumentos, a melodia do pássaro uirapuru, a partir de registro do seu canto. A segunda explicação está na influência da cultura do povo Maué. Para esse povo,¹ o uirapuru é um lindo pássaro no qual se transformara o jovem músico Catuboré, que, após a sua morte, passou a dedicar sua alma e o seu canto a sua amada Mainá.

O programa de rádio *Uirapuru: a voz do Campus X/UNEB* procura, por meio de um discurso *sociopoético*, apresentar parte de um conhecimento sistematizado e compreensões filosóficas que possam contribuir para a formação literária, social, cultural da comunidade interna e externa, em consideração a importância de se construir uma *cidadania comunicacional* em âmbito geral, explicitando-a quanto à afirmação de direitos fundamentais do indivíduo e da coletividade, como o acesso à fruição, direito à criação cultural, à exposição de pensamentos e ao reconhecimento de cada um(a) como sujeito(a) cultural, histórico, político e comunicante(s).

Porquanto, uma sociedades que se julga democrática deve garantir a todos(as) participação na esfera pública, conforme preceituam: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), no Artigo nº 19, assegura-se que todo o indivíduo tem direito à liberdade de expressão, de receber e de difundir conhecimentos, sem ser oprimido por causa de suas opiniões, na Convenção Americana de Direitos Humanos (1969), estabelece-se que “toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão”, inclusive o direito à liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por

¹ São chamados regionalmente “Mawés”. Ao longo de sua história, já receberam vários nomes, dados por cronistas, desbravadores dos sertões, missionários e naturalistas: Mavoz, Malrié, Mangnés, Mangnês, Jaquezes, Magnazes, Mahués, Magnés, Mauris, Mawés, Maragná, Mahué, Magneses, Orapium. (Mais informações no site: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9).

escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha e na Constituição Brasileira (1988), no seu Capítulo I, Artigo 5º, inciso IX, reafirma-se esses direitos.

Adjunto à democratização dos meios de informação e de comunicação, defende-se o acesso a uma educação de forma mais universal e irrestrita, consequentemente articulada aos sistemas midiáticos (televisão, rádio, software livre, etc.), e que esses também sejam públicos e gratuitos, conforme antecipam os três dispositivos apresentados. Entretanto, reconhece-se que essa *cidadania em âmbito comunicacional* se encontra em vias de construção, diante de demandas tão imperativas, como da democratização da mídia, em que o direito à comunicação não seja apenas o acesso à informação e aos canais de difusão de conteúdos, mas os meios de comunicação disponíveis e a serviço de interesses populares, para a transmissão de conteúdo das diversas fontes de informação, incluindo as produzidas pelas comunidades de base e movimentos sociais. É nesse sentido, que o programa busca produzir e socializar informações e conhecimentos em cadeia discursiva radiofônica, ao tempo em que, arquiteta-se coletivamente uma identidade *educomunicativa* no contexto do Departamento de Educação – Campus X.

Ao circular suas enunciações na Rádio Câmara 90,9 FM, e em mídias sociais, o programa Uirapuru como a “voz do Campus X” vem possibilitando a formação dos educadores, estudantes (como monitores de extensão, na categoria voluntariado) e técnicos administrativos envolvidos no projeto, uma vez que tem por inspiração a constituição de profissionais da educação inseridos no território das identidades, assumindo nessa “costura” uma posição política (HALL, 2009, p. 12) e participação coletiva, por meio das tecnologias de comunicação e informação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As *intervenções comunicativas* do Campus X, via ondas do rádio, tem demandado de educadores e de estudantes do DEDC-X apropriação da linguagem e das lógicas da comunicação radiofônica. Essa formação vem acontecendo em reuniões que acontecem semanalmente no Campus X e nas próprias produções e difusões do programa no estúdio.

A programação é organizada para uma hora de transmissão, com um roteiro constituído de sete seções, e todas elas são introduzidas por uma *vinheta*, conforme a sequência: (1) *Apresentação da temática* principal da programação; (2) *Poéticas* –

nesta seção busca-se trabalhar a literatura como fenômeno da cultura e de prática social; (3) *Roda de Conversa – UNEB COMciência* – nesta aborda-se o tema central, sempre em formato de entrevista, com a participação de educadores do Departamento de Educação, escritores e teóricos de outras instituições; (4) *Fala Estudante* – organizada com depoimentos de estudantes do Campus X, estes previamente gravados; (5) *Apresentação Musical* – nesta seção promove-se nessa ocasião, estudantes e egressos do DEDC-X que cantam e tocam em bares e espaços de shows; (6) *Agenda Cultural* – nesta parte apresenta-se as atividades artístico-científicas e culturais do DEDC-X; (7) *Encerramento* – momento dos agradecimentos, sempre acompanhados por música e/ou poema.

APRECIACÕES ACERCA DAS ATIVIDADES REALIZADAS

O programa de rádio *Uirapuru* constitui-se, assim, numa das possibilidades de democratização de espaços públicos de comunicação, ao tempo que promove formação de discentes e docentes do curso de Letras, a partir de suas inserções no ambiente e na linguagem da Rádio Câmara 90,9 FM.

As práticas culturais, comunicativas e educativas do Campus X veiculadas no programa de rádio têm garantido a inserção de discursos acadêmicos em outros espaços, ampliando sobremaneira conhecimentos relacionados à educação ambiental, literatura, linguística, cultura musical, matemática, ciências, saúde, educação física, história, língua inglesa, entre outros. Além da utilização da rádio como espaço de publicização de atividades artístico-culturais unebianas.

Acredita-se que, ao construírem condições de *letramento multicultural*, por meio do programa de rádio, discentes e docentes colaboram para o fortalecimento da cidadania comunicacional, quando se observa a produção e a circularidade de informações para os 13 municípios abrangidos pela Rádio Câmara 90.9 FM, sem deixar de se considerar o alcance da transmissão do programa pelas mídias sociais, como no *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*. Avalia-se, portanto, que o programa *Uirapuru: a voz do Campus X/UNEB* tem contribuído para o desenvolvimento de práticas comunicativas e educacionais, impactando de forma positiva a formação da sociedade, além de certificar para os ouvintes do Extremo Sul da Bahia, o ensino superior público, gratuito e de qualidade realizado pelo Departamento de Educação – Campus X.

REFERÊNCIAS

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

KAPLÚN, M. **Processos Educativos e Canais de Comunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo, nº14, p. 68-75, 1999. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846>. Acesso em 12 de abr. 2019.

_____. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

PERUZZO, C. K. **Direito à Comunicação Comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Jul-dez. 2005, pp. 18-41. Disponível em:
<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/viewFile/145/166>. Acesso em 12 de maio 2019.

PORTO, H. T. **UIRAPURU – A VOZ DO CAMPUS X**: programa universitário na Rádio Câmara 90. 9 FM, Teixeira de Freitas (BA). Projeto de extensão (28 f.). Teixeira de Freitas (BA): Universidade do Estado da Bahia – UNEB: Sistema Integrado de Planejamento – SIP/ NUPEX – Campus X, 2019.

O DIA DA IRA: INTERTEXTO E INTERDISCURSO NO POEMA “O DIA DA IRA”, DE ADÉLIA PRADO

Samara Santos Ladeia da Silva¹
Celso Kallarrari²

RESUMO

O presente trabalho está inserido no campo de análise do discurso religioso e objetiva analisar a interdiscursividade e a intertextualidade segundo Fiorin (2014) na poesia “O Dia da Ira”, publicada no livro *Bagagem em Poesia Reunida* (1991), e os livros de Apocalipse, 1 Coríntios 15:52 e 54, Romanos 5:12 e Mateus 24:31, encontrados na Bíblia, observar a influência do catolicismo na poesia e reconhecer a manifestação religiosa na poesia “O Dia da Ira”. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de metodologia bibliográfica, que recorre às produções de Antônio Magalhães (2009) Orlandi (1999), Mircea Eliade (1992) e Fiorin (2014).

Palavras-chave: Interdiscursividade; Adélia Prado; Poesia; Sagrado; Apocalipse.

INTRODUÇÃO

Poetisa, escritora e professora durante 24 anos, Adélia Prado é notada por sua autenticidade e ousadia. Sua estreia no meio literário se deu em 1975, quando Adélia Prado enviou seus poemas para o crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, que, empolgado com a estética da poetisa, os entregou a Carlos Drummond de Andrade. Drummond a descreveu como sendo “lírica, bíblica, existencial”. Na 62^a edição do Prêmio Jabuti, Adélia Prado foi escolhida como Personalidade Literária de 2020. A obra de Adélia Prado é permeada por temas sagrados e cotidianos, observados na sensibilidade da rotina. A vivência de uma mulher católica é trazida para a poesia por vezes com erotismo, sensualidade e polêmica acerca de temas religiosos, porém, ao mesmo tempo, mantém o olhar sensível e singular, capaz de observar textos sagrados, episódios do cotidiano e doutrinas da Igreja, de forma convergida e crítica. Adélia Prado nasceu no ano de 1935, em Divinópolis, Minas Gerais. A presença pertinente de temas religiosos em sua obra se dá pela influência do catolicismo na vida da própria autora: o irmão foi o primeiro franciscano da cidade, precedendo a influência fortíssima que os franciscanos teriam em Divinópolis. É importante ressaltar

¹ Discente do curso de Letras Português na Universidade do Estado da Bahia-UNEB. IC Voluntário do PICIN/UNEB. E-mail: samaraladeia015@gmail.com

² Orientador do presente trabalho. Formado em Letras e Teologia. Professor na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus X. Pós-graduado em Língua Portuguesa, Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC. E-mail: celsokallarrari@terra.com.br

que a própria Adélia fez parte da Ordem Terceira. Ainda na vida adulta, seu ambiente de trabalho era composto, em boa parte, de frades holandeses, e em suas escritas para jornais, Adélia usava o pseudônimo “Franciscana”. Entretanto, todo esse ciclo social, solidificado no catolicismo, é relativizado pela literatura. Adélia herdou do pai a ideia de que a poesia está em tudo, ao ponto de fazer da declamação um ato rotineiro. Por ser sensível ao que lhe cerca, nada na poesia de Adélia é descartado: região, religião, cultura, família, memória, país e etc. tudo é material poético. Sendo uma ávida leitora da Bíblia na versão Ave Maria, Adélia extrai dali a materialidade para a criação de suas obras, todo o seu fascínio pelo texto bíblico, seguido pelo culto, canto e liturgia são espremidos e expressos no declamar, paradoxalmente singelo e forte do eu-lírico. A arte poética é constantemente vista como um ponto de transcendência, no qual a alma se eleva para além da realidade. Para muitos teóricos e por muitos anos, a poesia pertence ao divino e por isso é sagrada. Em *Bagagem*, livro no qual a intertextualidade e interdiscursividade na poesia que será analisada está inserida, nota-se a postura modernista da autora através da antirretórica, do toque profundo em temas sacralizados, o despojamento de tabus e da leitura fluída, que situa o leitor e o coloca em aparente confortabilidade perante o que está escrito, até que venha a desconstrução. Em Adélia Prado, encontra-se um catolicismo que deseja fundir o terreno e o místico.

METODOLOGIA

Para basear essa análise de metodologia bibliográfica, utilizar-se-á das produções de Antônio Magalhães (2009) Orlandi (1999), Mircea Eliade (1992) e Fiorin (2014). Tendo em vista a análise do discurso religioso, utiliza-se também como material acessório a Bíblia Ave Maria e o Catecismo da Igreja Católica.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para ater-se ao campo da análise de intertexto e interdiscurso propõe-se a definição de Fiorin (2009), qual seja, a intertextualidade é a relação entre textos, portanto implica materialidade linguística. Todo texto é um intertexto, é preciso reconhecer que toda materialidade linguística tem implícita outras materialidades linguísticas, seja isso mais evidente ou não. Isso se justifica pelo fato da intertextualidade ser a maneira real de construção do texto, não se pode escrever partindo do irreal, adverso ou do desconhecido, e, além disso, o intertexto pressupõe um interdiscurso. O discurso é percebido no campo da semântica, e ao contrário das

unidades linguísticas, ele exerce um sentido, uma significação prática, carregada por conseguinte, de ideologia. O discurso parte do diálogo, modo no qual se estabelece a comunicação, é a forma mais real e vigente do funcionamento da linguagem. Orlandi (1990) afirma que o interdiscurso recorre a memória, ele é incorporado ao que outro já afirmou, formulou ou disse. O que o sujeito diz não pertence a ele, pertence ao seu contexto histórico, construção ideológica acerca de tudo que o permeia: gênero, família, religião cultura e etc. O sujeito não é autor do que diz, e sim reformulador ou repetidor do que já foi dito, escrito e formulado em outra época, contexto histórico, ao qual cabia determinada construção de gênero, família, religião cultura e etc. Sendo assim, pode-se dizer que a língua e a história se materializam no interdiscurso e formam o sujeito.

Nesta análise, será posta a intertextualidade e interdiscursividade presentes na poesia de “O Dia da Ira”, que não somente é influenciada pela religião, mas trata de um tema religioso, levando pois, ao apontamento de uma vertente de estudos já existente: O Discurso Religioso. Quanto ao discurso religioso, é primordial ressaltar que, segundo Orlandi (1987), ele não é autônomo, é regulado por alguns parâmetros, entre eles, o texto sagrado, sob o qual se sucederá a análise neste trabalho. Para Antônio Magalhães (2009), a poesia permeia o sagrado, traz consigo rastros do sagrado. Mircea Eliade (1992) diz que mesmo o homem que se diz profano não consegue distanciar-se totalmente do sagrado, porque a religião que sacraliza o mundo se insere e regula tudo que há nele: política, datas comemorativas, moradia, tempo cronológico e até o comportamento em relação ao próprio corpo. Na poesia “O Dia da Ira”, observa-se a reflexão do eu-lírico quanto a condição humana e sua vulnerabilidade, o eu-lírico adjetiva como “tristíssimas” os testes físicos e o sofrimento causado na tentativa de explorar os limites do corpo físico que se mostra tão fraco. Ao apresentar uma visão do corpo, a descrição é degradante, proporciona uma visão desagradável, fora dos padrões de beleza estabelecidos socialmente, e para além da aparência, o vigor do corpo e a energia são limitadas, não alcançam sequer os testes estabelecidos pelos próprios humanos; em suma, o eu-lírico descreve o perecimento do corpo. Tomando como base a promessa feita na Bíblia e amplamente propagada pelo cristianismo que é a religião do livro, como destaca Magalhães, o eu-lírico afirma que as dores e sofrimentos terão fim “quando soar a trombeta”. Tem-se então na poesia o interdiscurso com a promessa da segunda vinda do Messias, e o intertexto com Mateus 24:31. O cristianismo tem como principal promessa e esperança a

segunda vinda de Jesus Cristo, o Messias. De acordo com o texto bíblico, Cristo voltará à terra, Ele salvará aqueles que creram Nele e tudo que existe no mundo desperecerá, dando lugar a novos céus e nova terra. Esse acontecimento, segundo Mateus 24:31 será iniciado pelo toque de trombetas que serão ouvidos em todo o mundo, no propósito de chamar e reunir aqueles que Deus salvou por crerem Nele.

A seguir, tem-se o intertexto com 1 Coríntios 15:52, 53 e 54 que trata justamente do desaparecimento de todas as dores existentes no mundo quando for tocada a última trombeta. O texto bíblico alega que aqueles que creram na mensagem de Cristo, acerca da sua segunda vinda, terão seus corpos transformados, passarão do corruptível, ou seja, do perecimento e da vulnerabilidade para o incorruptível, o imortal, o que não está sujeito ao sofrimento. Por isso, eu-lírico afirma, inspirado no texto bíblico, com esperança, e vislumbrando o futuro em seu ponto de vista religioso, que, em outras palavras, e outro discurso, tudo que é corruptível desaparecerá, e os que creram serão libertos desses corpos perecíveis e corruptíveis, sujeitos à morte. É importante enfatizar a grandeza desse momento para os fiéis do cristianismo. Toda a narrativa cristã gira em torno da promessa da segunda vinda do Messias. Pondo os olhos nela, todos os outros textos da bíblia estabelecem códigos de conduta e rituais de adoração a Cristo, praticar o que está escrito ali conduz a ser salvo na segunda vinda. Salienta-se também nessa poesia, a consciência do eu-lírico de que a “corruptibilidade” do corpo foi causada pelo pecado. Segundo Catecismo da Igreja Católica, parágrafo 1849, pecado é uma palavra, um ato ou um desejo contrário à lei eterna, e é uma ofensa a Deus. No texto de bíblico de Romanos 5:12, é afirmado que a morte e o sofrimento entraram no mundo, através do pecado do primeiro homem, Adão, e atingiram toda a humanidade. O eu-lírico faz um intertexto com essa passagem bíblica no desenvolvimento de sua reflexão, dando a entender que, por causa do pecado, a corruptibilidade atingiu o corpo humano e proporcionou o tristíssimo; nessa reflexão também o eu-lírico evocando a criação como um ato de amor de Deus. Mircea Eliade (1992) diz que o mito da criação em toda religião revela sacralidade porque indica as irrupções das obras do divino no mundo, toda criação vem de uma plenitude, de um transbordar de poder que pertence somente ao sagrado. De acordo com essa visão, a criação, pela voz do eu-lírico, nunca pecou, e por isso manteve sua beleza porque não feriu o criador com o pecado. Com base em Orlandi (1990), a análise do discurso consiste no não-dito, e é possível notar que mesmo não explicitando a maldição do pecado, ao afirmar que “Levantaremos como deuses/ com

a beleza das coisas que nunca pecaram" existe interdiscursividade com o texto bíblico que narra a criação de Deus de humanos perfeitos, que não sentiam dor nem conheciam o sofrimento.

Entretanto, depois do pecado praticado por Adão e Eva no paraíso, toda a humanidade foi condenada. A promessa de novos céus e nova terra também reflete a salvação. O texto bíblico afirma que os fiéis serão salvos desse mundo para o céu, que é o paraíso eterno, onde tudo voltará a ser como era antes do pecado. Em Apocalipse, está escrito que na segunda vinda do Messias acontecerá também o Juízo Final. No Juízo Final, Deus julgará cada ser humano segundo as suas obras, e, aqueles que não se acharem em santidade serão condenados à morte eterna, também chamado de inferno (CIC & 1059). No parágrafo 1059 do Catecismo, a Igreja confessa firmemente a crença no Juízo Final. Observa-se a influência dessa aspiração religiosa no último verso, onde eu-lírico poetisa esse momento dizendo que as pessoas ficarão na praça, esperando chamar seus nomes. Segundo a crença judaico-cristã, Deus é onipotente e onisciente, conhece todo o universo e todos os seres que criou, chamando até as estrelas pelo seu nome. Para os antigos hebreus, nomear é dar reconhecimento ou verdadeira natureza às coisas, ser chamado pelo nome indica o conhecimento irrefutável que o Criador tem sobre suas criaturas, as quais deu vida e também julgará segundo as suas obras. O último intertexto a ser analisado está no título da poesia: "O Dia da Ira". O livro de Apocalipse 6:17, o dia do juízo final é descrito como "terrível", porque é a ocasião na qual Deus demonstrará o seu amor para com os salvos e sua ira para aqueles que viveram no pecado. Este livro é repleto de metáforas, alegorias e outras figuras de linguagem a fim de representar a segunda vinda do Messias, o Juízo Final e, principalmente a justiça divina. É um dos poucos livros do texto bíblico que recobra mais o discurso da condenação, da justiça e do temor, do que o amor e a bondade como características divinas. O dia será de ira porque Deus dará aos homens segundo as suas obras, exercendo assim uma justiça perfeita, liberta de equívocos e protecionismos como a justiça humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir essa análise, afirmando que o eu-lírico tem esperança nesse dia, como sendo o dia de sua salvação e não de condenação. A linguagem e os diversos intertextos e interdiscursos analisados neste resumo, constroem um eu-lírico cristão que conhece, concorda e confessa as Escrituras Sagradas e o Catecismo

da Igreja Católica, não como místico, mas como uma esperança real, confessada a partir daquilo que se crê, da experiência que se teve e do discurso que foi passado e (re)construído através dos séculos.

REFERÊNCIAS

- BIBLÍA DA AVE MARIA. São Paulo: Ave Maria, 2019.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2015.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e Intertextualidade**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- KALLARRARI, Celso. **Religião e Literatura**: a presença de elementos religiosos em alguns escritores brasileiros contemporâneos. Projeto de Iniciação à Pesquisa. UNEB, ano de 2020-21.
- MAGALHÃES, Antônio. **Deus no Espelho das Palavras**: teologia e literatura em diálogo.2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção literatura e religião).
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1990.
- _____. O Discurso Religioso In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed. São Paulo: Pontes, 1987.
- PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**.5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACHADA EM UMA AUDIÊNCIA DE AÇÃO PENAL: UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGUÍSTICA FORENSE¹

Hannah Vieira Matos²
João Victhor Alves da Silva³
Crysna Bomjardim da Silva Carmo⁴

RESUMO

Este estudo identifica as Estratégias de Preservação de Fachada (EPF), utilizadas pelos participantes em uma audiência de ação penal. O quadro teórico vem da Linguística Forense (CALDAS-COULTHARD, 2014) e dos estudos sobre EPFs (GOFFMAN, 2011). A metodologia vem da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2000). Entre as EPFs utilizadas, destacam-se: (i) o processo de evitação; (ii) o processo corretivo; e (iii) o uso agressivo das EPFs. Os resultados demonstram que é possível compreender a sociedade em uma perspectiva microssociológica, uma vez que as relações de poder podem ser detectadas a partir da observação de ações linguísticas produzidas no fluxo de uma prática social.

Palavras-chaves: Preservação da Fachada; Audiência de ação penal; Linguística Forense; Linguística de *Corpus*.

INTRODUÇÃO

Para Caldas-Coulthard (2014), a Linguística Forense, situada dentro dos estudos da linguagem, é uma disciplina acadêmica recente que trabalha a interdisciplinaridade entre Letras e Direito e que se consolida como uma nova área profissional, desenvolvida no estudo e na análise de três grandes domínios: *Linguagem e Direito*, *Interação em Contextos Forenses* e *Linguagem como prova/evidência* (subárea em que esta pesquisa se concentra) a qual tem como principal propósito o de examinar a linguagem em contextos criminais. De acordo com a natureza do caso, pode envolver os níveis fonéticos, léxico-gramaticais ou

¹Este estudo foi publicado no livro CARMO, B.B.S; FIGUEIREDO, D.L.S.(Org). **Trânsitos Linguísticos e Literários: Espaços entre teoria, cultura e formação docente.** 1ed.são Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v, p. 46-63.

² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação / Campus X, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: hannahvm.2309@gmail.com.

³Bolsista de Iniciação Científica – Edital 20/2020; Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação / Campus X, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Graduando em Direito pela Faculdade Pitágoras de Teixeira de Freitas. E-mail: joaoovicthor7@hotmail.com

⁴Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – Campus X da UNEB, recentemente aprovado. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. E-mail: crys nabonjardimsc@gmail.com

pragmáticos, abarcando assim situações com testemunha vulnerável, atuação de intérprete, relações de poder, interações cooperativas ou não, em contextos como: interrogatórios policiais, interrogatórios com vítimas vulneráveis, desvantagens linguísticas diante da lei, discurso no tribunal e discurso político, discurso em contextos prisionais, multilinguismo no sistema jurídico, minorias linguísticas e a lei; réus pro-se ou atuação do/a intérprete em contextos jurídicos. Neste contexto, este estudo preliminar tem por objetivo *identificar as Estratégias de Preservação da Fachada utilizadas por interactantes dentro do contexto de uma audiência de ação penal*. Situada dentro do campo interdisciplinar da Linguística Forense (CALDAS-COULTHARD, 2014), como apporte teórico, elege as premissas da Análise da Conversa Etnometodológica (WATSON; GASTALDO, 2015), os postulados da Preservação da Fachada (GOFFMAN, 2011) e as Estratégias de Polidez usadas na interação face a face (BROWN; LEVINSON, 1978). A metodologia obedece aos pressupostos da *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2000) que prevê a compilação de um *corpus* piloto, cuja manipulação será realizada via ferramenta computacional – *AntConc* (LAWRENCE ANTHONY, 2017). O *corpus* deste estudo resulta da transcrição da “Audiência de ação penal 504651294”, na qual o Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva presta depoimento ao Juiz de primeira instância Sérgio Moro e que se encontra disponibilizada publicamente na plataforma digital online Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=Roci955cDOI>). No jogo interacional em questão, destaca-se o uso das estratégias de polidez na preservação da fachada usadas tanto pelo juiz quanto pelo réu, haja vista que ambos possuem uma fachada pública a ser resguardada: de um lado, tem-se o “herói nacional” que milita contra a corrupção sistémica do Estado brasileiro; do outro, aquele que como presidente recebeu prêmios pelo combate à pobreza no Brasil.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, os dados são oriundos da transcrição oficial do processo de “Ação penal Nº 504651294.2016.4.04.7000/PR” cujo arquivo foi obtido junto a página do portal virtual do Tribunal Federal da 4º Região (TRF 4), via ferramenta de busca (Consulta Processual). Considerando a natureza e a quantidade dos dados, optou-se pela Linguística de Corpus (LC – SARDINHA, 2000) como caminho metodológico. No conjunto de seus princípios, a LC envolve não só a coleta e exploração de *corpora* (conjuntos de dados linguísticos textuais, criteriosamente

coletados para servirem à pesquisa de uma língua ou variedade linguística), mas também à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas processadas via computador. Dessa forma, envolve: (1) a seleção dos textos; (2) a captura/manipulação dos arquivos de texto; e (3) a anotação do texto que compõe o *corpus*. Nesse contexto, o *AntConc* é a ferramenta computacional escolhida.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Como disposto na introdução, o objetivo deste estudo é identificar as estratégias de preservação da fachada utilizadas pelos participantes dentro do contexto de uma audiência de ação penal. Para efeito de demonstração, extraímos 02 excertos que demonstram ocorrências de estratégias de evitação e medida corretiva no *corpus*.

- *Processo de evitação* [primeira jogada]: essa estratégia consiste em evitar ameaças à sua fachada e evitar contatos em que seria provável que essas ameaças ocorressem:

Excerto 01: JUI evita o desconforto causado pela cobrança de DEF.

DEF: Nós constatamos que nas atas ainda consta o nome de dona Marisa como ré, tendo em vista que já foi extinta a punibilidade do fato em relação a ela, ainda que Vossa Excelência não tenha declarado a absolvição sumária, nós pedimos a exclusão do nome de dona Marisa da ata.

JUI : Mas, na ata tem o nome? Não, na ata não, doutor...

DEF: Nas atas anteriores constou ou nos lançamentos feitos no sistema constam dona Marisa como ré.

JUI : Mas é no cadastro, vai ser excluído.

DEF: Isso, é só uma questão de não só nas atas propriamente ditas, mas também no sistema eletrônico.

JUI (10): Na ata não tem mesmo, enfim...

DEF (11): Excelência...

JUI (12): Tem que ser no microfone, doutor.

DEF (13): Andrey, procurador da OAB.

JUI (14): Sim?

Em (04), DEF chama a atenção de JUI sobre uma possível demora na realização de uma conduta pressuposta, dado a sua função de juiz. Isso fica flagrante no uso do advérbio *ainda*, indicando certo atraso. Para proteger a sua fachada, em

(05), JUI faz uma pergunta [*na ata tem o nome?*], dando a entender que não tem conhecimento para, em seguida, negar [*Não, na ata não, doutor...*]. Nessa sequência, JUI inclusive faz uma dupla negação: a primeira o advérbio *não* tem um uso mais enfático, tendo em vista que se encontra numa unidade separada - haja vista a presença da pausa marcada pela vírgula, ao passo que no segundo uso é de confirmação. Em (6), DEF continua insistindo [*Nas atas anteriores constou ou nos lançamentos feitos no sistema constam dona Marisa como ré*], inclusive quando modaliza em (8) [*Isso, é só uma questão de não só nas atas propriamente ditas, mas também no sistema eletrônico*], ao usar o pronome demonstrativo *isso* que recupera anaforicamente o conteúdo expresso em (7) [*Mas é no cadastro, vai ser excluído*]. Para encerrar esse tópico, JUI em (9) tenta colocar um fim, não só ao fazer uma reafirmação [*Na ata não tem mesmo*] como também utiliza o advérbio *enfim* marcando a necessidade de concluir aquela discussão. Pode-se constatar na sequência que JUI consegue sucesso no *processo de evitação*, uma vez que DEF muda o tópico em (12) [*Andrey, procurador da OAB*] e JUI em (13) responde com uma pergunta [*Sim?*], marcando a mudança de tópico.

- *Processo corretivo* [segunda jogada]: essa estratégia corresponde a tentativa de corrigir os efeitos de uma ameaça a sua fachada. Essa neutralização do ato potencialmente ofensivo pode vir por meio da mudança de tópico no curso da interação, a espera de um momento propício ou uma pausa natural, abandono do contexto tendo em vista uma oportunidade.

Excerto 02: JUI usa uma medida corretiva contra o ataque de DEF.

DEF: Tendo em vista que é instrumento de trabalho do advogado o uso do seu celular, a OAB requer que Vossa Excelência reconsidere a decisão que nega o ingresso dos advogados com o celular, da mesma forma com relação à gravação, uma vez que esse é um entendimento já firmado pela OAB, a gravação do áudio.

JUI): Certo, isso já foi objeto, doutor, de decisão e já foi indeferido, inclusive houve recurso em duas instâncias e foi indeferido, o que eu nunca proibi, que fique aqui muito claro, é a gravação do áudio pelos defensores, fica liberado desde que não haja transmissão simultânea.

DEF: Grato, excelência.

Em (14) DEF faz uma solicitação direta a JUI, inclusive usando um pronome de tratamento, acerca do uso do celular naquela audiência [*a OAB requer que Vossa*

*Excelência reconsidere a decisão que nega o ingresso dos advogados com o celular], e ainda fortalece pedido usando um argumento de autoridade [uma vez que esse é um entendimento já firmado pela OAB, a gravação do áudio]. Entretanto, na tentativa de corrigir os efeitos da ameaça a sua fachada implementada por DEF, JUI neutraliza ao lembrar que o pedido já havia sido indeferido [Certo, isso já foi objeto, doutor, de decisão e já foi indeferido, inclusive houve recurso em duas instâncias e foi indeferido]. Para defender sua fachada, JUI ainda argumenta que a proibição não partiu dele, é enfático ao intercalar um outro aposto cujo conteúdo é uma expressão predicativa em que o núcleo nominal é reforçado com o uso do advérbio *nunca*: [o que eu nunca proibi, que fique aqui muito claro]. Com a resposta de DEF em (16), JUI foi exitoso em sua tentativa [Grato, excelência.]*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da análise aqui apresentada demonstra que é possível, por meio de postulados como as Estratégias de Preservação da Fachada, compreender o funcionamento da sociedade em uma perspectiva microssociológica, uma vez que as relações de poder podem ser detectadas a partir da observação das ações linguísticas produzidas no fluxo de uma prática social. Tal possibilidade é importante, sobretudo quando isso diz respeito a práticas sociais tão institucionalmente cristalizadas como as práticas jurídicas que constituídas como gêneros, portanto, possui um formato convencional, recorrente e reconhecível por seus participantes. A questão, por vezes problemática, é que o poder da sua condução está entregue há um único participante: o juiz. Como garantir que emoções e ideologias pessoais não atravessarão a condução do rito, no sentido de afetar de alguma forma o resultado deste - para o bem ou para o mal? Numa sociedade marcada por toda sorte de desigualdades, inclusive linguísticas, afinal nem todas as pessoas têm acesso ou compreendem os códigos que ordenam a sociedade, esse tipo de preocupação é fundamental. Além disso, este estudo preliminar demonstra como o aparato teórico e metodológico, advindo da Linguística, pode colaborar, robustamente, com os propósitos da Linguística Forense, qual sejam: investigar a linguagem produzida em contextos jurídicos, com vista à solução de problemas provenientes do cotidiano das pessoas, os quais envolvem questões relativas à justiça, tais como: disputas de paternidade, pensão alimentícia, divórcio, inventário, crimes de todas as ordens, privação de direitos e outros.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, Lawrence. **Lawrence Anthony Website** (AntConc), 2017.

Disponível em < <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/> > Acesso: 05 de outubro, 2020.

AVRITZER, Leonardo; MARONA, Marjorie Côrrea. **Judicialização da política no Brasil: ver além do constitucionalismo liberal para ver melhor**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº15. Brasília, setembro - dezembro de 2014, pp. 69-94.

CALDAS-COULTHARD, Carmen R. O que é a Linguística Forense? **ReVEL**, vol. 12, n. 23, 2014. [pdf]

COULTHARD Malcolm, JOHNSON Alisson. **An Introduction to Forensic Linguistics** London: Routledge, 2007.

DREW, Paul. HERITAGE, John. Analyzing talk at work: an introduction. In: DREW, Paul. HERITAGE, John (Org.), **Talk at Work**, Cambridge, Cambridge University Press, p. 3-65, 1992.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: **Ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

SANTOS, Washington. **Dicionário jurídico brasileiro**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**: histórico e problemática. In: **DELTA** [online]. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367. [pdf]

A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA DE CORUMBAUZINHO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

José Eduardo Januário P. Rocha¹

Amanda Portela da Silva²

Cecilia Maria Mourão Carvalho³

Milene Nascimento Pereira⁴

RESUMO

No texto discute-se a Educação Escolar Indígena na Aldeia de Corumbauzinho sob a perspectiva da relação entre a teoria e a prática postuladas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, na Constituição de 1988 e nos dispositivos internacionais. Para tal, traçaram-se os objetivos de analisar os aspectos teóricos e práticos das Diretrizes na educação escolar indígena de Corumbauzinho e verificar se a instituição objeto de análise contempla em sua prática os aspectos pedagógicos e culturais constantes nas Diretrizes. Os resultados alcançados indicam que tais aspectos estão parcialmente presentes no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica; Corumbauzinho.

INTRODUÇÃO⁵

A atual concepção de educação escolar indígena exige a compreensão de sua construção ao longo dos séculos, entendendo que as conquistas de hoje foram fruto de muitas lutas, sobretudo do Movimento e Organizações Indígenas que se fortaleceram a partir da década de 1970. É importante entender que nem sempre foi assim e que esses indivíduos foram por muito tempo lançados na invisibilidade, o que tentam retomar em nosso contexto político atual que se opõe às políticas indigenistas implementadas nas últimas décadas.

¹ Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: jprocha25@gmail.com

² Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação - Campus X. da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: amandaaporttela@gmail.com

³ Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: milenenasc2000@gmail.com

⁴ Mestra em Educação e Contemporaneidade. Docente no Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: cmourao@uneb.br

⁵ A pesquisa contou com a co-orientação do Docente da UNEB, Doutorando em Língua e Cultura pela UFBA, Magno Santos Batista e a participação da Discente do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, Emanuelle Ferraz da Costa.

A proposta de uma “Educação Escolar Indígena” surge contrapondo à “Educação Indígena”, que é construída no processo informal que esses indivíduos têm no convívio com seus entes, na aprendizagem das tradições e da cultura. Para isso, uma das grandes conquistas do “Movimento Indígena” foi o artigo 210 da Constituição Federal de 1988, garantindo-lhes o direito a uma educação escolar diferenciada. Destacam-se ainda as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, definidas pelo Conselho Nacional de Educação em 2012, por meio da Resolução nº 5.

Nesse contexto, traçamos uma breve perspectiva histórica, buscando entender o motivo que levou à dificuldade da inserção dos direitos dos povos indígenas na sociedade brasileira e como eles eram vistos pelo Estado, isto é, o motivo do apagamento histórico ao longo dos anos que antecederam o fortalecimento do Movimento e organizações indígenas. Importante entender que a educação indígena no Brasil, desde a colonização portuguesa e antes da legitimação das leis vigentes, estava voltada para os interesses religiosos e apoiada na extinção dos elementos culturais.

Em um contexto mais próximo, voltamos os nossos olhares para o Estado da Bahia e como essa educação está presente. Para isso fomos ao Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, na Aldeia Corumbauzinho, realizar a pesquisa que partiu da seguinte questão norteadora: de que maneira as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a educação escolar indígena estão presentes no processo educativo formal na Aldeia de Corumbauzinho? Assim, nesse artigo, buscamos analisar, entre a teoria e a prática, como os aspectos das DCN para a Educação Escolar Indígena são contemplados na proposta pedagógica do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.

METODOLOGIA

O trabalho, de cunho qualitativo, apoiou-se na revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo. Os seguintes instrumentos foram utilizados para constituição de dados: a entrevista, a observação na aldeia e a análise documental.

A análise documental partiu da leitura da legislação indígena vigente e no Projeto Político-pedagógico da Escola Indígena de Corumbauzinho verificando-se, por meio da observação e das entrevistas, o alinhamento à prática. Para tanto, realizamos uma visita à Aldeia de Corumbauzinho para elucidar a materialização das leis, na qual

observamos os aspectos culturais (religiosidade, língua e costumes) e examinamos se a proposta pedagógica da escola e os materiais didáticos estão de acordo com as exigências das DCN para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Ao longo da história da educação brasileira observou-se na educação dos indígenas o predomínio do ensino da Língua Portuguesa e dos dogmas da igreja. Mas, no final da década de sessenta com o surgimento da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a consolidação de um movimento indígena hegemonic sob o manto da UNI (União das Nações Indígenas) esses povos saem da condição de coadjuvantes e são os atores principais de sua causa.

Com o advento da Constituição Federal de 1988, principalmente o artigo 210, é que a Educação Escolar Indígena, sai da condição religiosa e firma na necessidade desses povos. Além disso, assegura a aprendizagem do ensino da língua materna e da portuguesa. A partir do texto constitucional surgem outras leis, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº 9394/96, que define e organiza a educação brasileira a partir do texto constitucional que em seus artigos 78 e 79 especificamente discorre sobre a educação escolar indígena e a Resolução nº 05/12 do CNE (Conselho Nacional de Educação) define as diretrizes específicas para a Educação Escolar Indígena. Além dos documentos oficiais, o currículo e a formação dos professores são dois pontos fundamentais para entendermos o funcionamento dessa educação.

As diretrizes preconizam que o currículo, como um todo dentro da comunidade, deve fortalecer a cultura, o ensino de língua materna e a participação da comunidade em sua concepção. Sendo assim, a base de todo o planejamento escolar deve estar unida às necessidades do cotidiano das aldeias, do calendário, de suas interações sociais e afirmar a identidade étnico-cultural. Além do mais, o currículo nasce do respeito à diversidade linguística e da cultura e precisa considerar as demandas do espaço em que a instituição está inserida, valores, culturas, interesses etnopolíticos, pensar na escolarização dos estudantes indígenas, nas condições de trabalho dos professores, nos espaços e nos tempos na escola.

Outro ponto importante é a formação dos professores, que serão a ponte entre o estudante indígena e as tradições de sua cultura. Em relação a esse aspecto, as diretrizes definem que cabe aos Estados a regularização da carreira da categoria junto

às secretarias e também a realização das melhorias salariais e oferta das condições de trabalho.

As entrevistas e as observações executadas durante a visita à Aldeia de Corumbauzinho, nos ajudou a entender os aspectos históricos, culturais e a implementação da lei. Nestas conhecemos o Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.

A instituição de ensino tem sua origem em 1992, sob a égide administrativa do Prado/BA com o nome de Colégio Pedro Alvares Cabral. Além do nome atribuído à escola, que estava distante de representar os povos indígenas daquela localidade, havia as dificuldades como a falta de recursos e professores, o descaso do município, sobretudo em relação aos docentes indígenas. Em 2004, depois de lutas de ONGs e dos Pataxós de Corumbauzinho, o colégio passa para a administração do Estado da Bahia e ocorre a mudança no nome para o atual, Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.

A materialização do currículo em Corumbauzinho é manifesta no ensino da língua materna, das ciências, da participação da comunidade na vida da escola e no ensino das tradições, ou seja, atendem as exigências das DCN para a Educação Escolar Indígena. O diferencial do currículo indígena em Corumbauzinho é o ensino do *Patxohã*, a língua materna dos Pataxós, simultâneo ao ensino da língua portuguesa, além de cumprirem as especificidades expressas no Projeto Político Pedagógico (PPP) dentre elas: a produção de material didático em língua materna e o ensino de acordo com os valores culturais, linguísticos e históricos.

No entanto, no que se refere à elaboração de materiais didáticos em língua indígena os avanços ainda são precários, porque ainda não existe suporte financeiro e técnico para tais produções. O material didático utilizado é produzido predominantemente por autores que não pertencem à comunidade indígena, e um dos problemas corresponde à concepção idealizada acerca do indígena presente nesse material.

Outro aspecto analisado foi o calendário escolar, considerado um dos pontos fundamentais do currículo indígena, porque deve estar de acordo com a comunidade em que a escola está inserida. Sua elaboração deve levar em conta as especificidades de cada povo. Todavia, na comunidade Corumbauzinho o calendário é enviado pela Secretaria Estadual da Bahia e está bem longe da realidade local, isto é, um

calendário inteiramente técnico, obrigando a gestão da Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho a fazer adaptações para atender às demandas locais.

Além do material didático e o currículo, outro aspecto que merece destaque é a formação continuada dos professores. Esse é considerado um dos ganhos trazidos pelas DCN para a Educação Escolar Indígena e garante que o professor indígena possa dar aula enquanto está em processo de formação.

Em Corumbauzinho parte do corpo docente faz cursos de graduação intercultural oferecidos pelas instituições: UNEB (Universidade do Estado da Bahia), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia) e IFBA (Instituto Federal da Bahia).

Embora conste na Lei, o professor indígena na Bahia ainda não tem um plano de cargos e salários. A situação dos professores de Corumbauzinho não coaduna com a legislação específica para a Educação Escolar Indígena, uma vez que Estado não atende ao dispositivo legal. Em síntese, não existe um piso salarial e o salário está bem abaixo do professor não índio.

Por último, a estrutura da escola também está presente nas Diretrizes e deve ser pensada junto à comunidade e à gestão da escola. Porém, no Estado da Bahia, não existe um diálogo com a comunidade e a estrutura segue um modelo padrão que não atende às demandas, em Corumbauzinho os estudantes usam salas no espaço da Igreja Católica. Tal situação levou a comunidade a construir duas salas com recursos doados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena e como essa estava presente no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, percebemos que a Educação Escolar Indígena na Aldeia Corumbauzinho é anterior ao aparato legal hoje estabelecido, já que apresentaram evidências de que salas de aula eram improvisadas em outros espaços, como a igreja, demonstrando a importância da educação para esse povo, pois a escola é espaço para o qual convergem todos os processos formativos, culturais e políticos da aldeia.

Os resultados alcançados indicam que os aspectos pedagógicos e culturais preconizados pelas DCN para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica estão parcialmente presentes no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho,

devido à ausência do Estado que se revela na falta de recursos e nas dificuldades da formação e valorização dos professores indígenas.

REFERÊNCIAS

BAHIA (Estado). Decreto nº 8.471, de 12 de março de 2003. Cria a categoria de Escola Indígena, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Estado da Bahia, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, 12 mar. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 25 de junho de 2012, Seção 1, p. 7.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. p. 1.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27839.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação, Secretaria Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CORUMBAUZINHO, Colégio Estadual Indígena de. **Projeto político pedagógico**. Corumbauzinho: 2017.

PORTO, Helânia Thomazine; BONIN, J. A. **A Educação Indígena Pataxó**: entre distopias e utopias. Revista Tellus, 2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno e Gómez, A. I. Perez. **O currículo**: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre, Armed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução necessária teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

A ANTROPOFAGIA EM MACUNAÍMA: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Aline Jesus de Almeida¹
Ivana Teixeira Figueiredo Gund²
Priscila Alves Pereira³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a utilização do conceito de antropofagia na construção do romance *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), de Mário de Andrade, a fim de destacar a modificação da perspectiva desse termo em relação à conceituação estabelecida pelo discurso europeu no contexto colonial. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que oportunizou a identificação de cinco categorias de análise da obra quanto à antropofagia. Tal análise colaborou para a compreensão do termo analisado como um movimento de apropriação da cultura dos povos autóctones e de resistência às imposições colonizadoras e capitalistas existentes na cultura brasileira.

Palavras-chave: Macunaíma; Antropofagia; Identidade brasileira.

INTRODUÇÃO

O presente resumo é fruto de um trabalho realizado no componente curricular *Seminário Interdisciplinar de Pesquisa II* do curso de graduação em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. O seminário foi norteado pela temática Linguagem e Ideologia e a obra literária escolhida para análise foi *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, escrita por Mário de Andrade em 1928, considerada como um dos marcos do Modernismo no Brasil.

Na obra, encontramos um protagonista que rompe com os padrões tradicionais esperados, uma vez que o seu comportamento apresenta uma desconstrução dos padrões clássicos do herói, possivelmente repensado de forma a aproximar-se de uma perspectiva dos povos nativos do Brasil.

O romance considera o tema da antropofagia dentro dos limites culturais do ritual indígena – ou seja, de valor positivo – tornando-a a base para a ampliação do

¹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pelo Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: alinejalmeida069@gmail.com

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente do Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: ivanatfgund@gmail.com

³ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pelo Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: priscilaalvespereira@gmail.com

conceito que teoricamente estrutura a postura do Modernismo frente à tradição literária brasileira.

A trama conta as aventuras de Macunaíma ao tentar recuperar a muiraquitã, seu amuleto da sorte. Entre as andanças do herói, o autor apresenta uma miscelânea que envolve mitos, lendas, provérbios populares entre outros tipos de textos da tradição popular que fundamentam a sua crítica à identidade brasileira. Essa postura demonstra a devoração cultural que os modernistas apreciavam e que apresentaram em suas obras de artes, tanto na literatura como em outras manifestações artísticas: o desejo de alimentar-se da cultura brasileira, fazer dela nutriente, mas também regurgitar aquilo que representasse uma visão romântica do Brasil, reduzida à idealização de conceitos e aos padrões advindos de uma visão hegemônica e estrangeira. O desejo era de apropriação de discursos, culturas, costumes, artes, enfim, produzir um olhar diferente a partir do ato antropofágico de se alimentar de corpos outros. Disso decorre o formato da obra que, por analogia, pode ser pensada como uma rapsódia, que é uma obra composta de resquícios culturais, presença de elementos da cultura popular, folclore, ditados, lendas, entre outras.

Assim, como uma rapsódia, *Macunaíma* é uma obra riquíssima com diversos temas a serem explorados, escritos com um toque de sagacidade e criticidade. Apesar de esta datar de 1928, muitas das temáticas apresentadas podem ser consideradas como motivos presentes na discussão contemporânea. Para tanto, elegeu-se como objetivo deste trabalho analisar a utilização do conceito de antropofagia na construção do romance *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, a fim de destacar a modificação da perspectiva desse termo em relação à conceituação estabelecida pelo discurso europeu no contexto colonial.

METODOLOGIA

A análise aqui apresentada foi norteada pelas seguintes questões: Quais as diferenças entre as concepções de antropofagia vistas pelo olhar do estrangeiro-colonizador e pela estética modernista? Como a antropofagia aparece no romance *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter? A partir dessa problematização e da definição do objetivo do trabalho, apresentado anteriormente, utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a compreensão do *corpus* conceitual, envolvendo leitura, interpretação e análise do livro *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Os estudos

realizados por Gund (2018), Andrade (1998), Mussa (2009) e Souza (1988) foram utilizados para fundamentar as análises propostas a seguir.

A ANTROPOFAGIA EM MACUNAÍMA

Antes da análise da obra em questão é necessário conceituar o termo antropofagia e esclarecer a diferença entre este e o conceito de canibalismo, uma vez que em diversas literaturas esses dois termos costumam ser utilizados, equivocadamente, como sinônimos. Apesar de tanto a antropofagia, quanto o canibalismo se referirem a “seres que são adeptos das práticas de devoração da carne humana” (GUND, 2018, p. 37), a forma ideológica como essas práticas foram pregadas revela contextos bastante diferentes.

A antropofagia, refere-se a um evento ritualístico que envolve a devoração do corpo humano realizado por alguns dos povos indígenas brasileiros e a fim de diferenciá-la do canibalismo, Oswald de Andrade explica que esta “contrapõe-se, em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e ou por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos” (ANDRADE apud GUND, 2018, p. 37).

Após esse breve esclarecimento, destaca-se a seguir, alguns aspectos relacionados à obra Macunaíma em que é possível perceber a presença e influência da noção de antropofagia no texto. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer a concepção desse termo antes e depois do Modernismo, uma vez que no período colonial não houve interesse em diferenciá-las, pois a concepção fabricada de canibalismo foi utilizada para justificar o genocídio de povos indígenas. Nesse sentido, os escritores modernistas adotaram a antropofagia na literatura como uma prática de resistência à imposição cultural e ideológica dos colonizadores europeus. A sua finalidade era romper com as idealizações e estereótipos impostos aos brasileiros, garantindo a liberdade identitária ao Brasil.

Ainda em relação à composição do livro, cai sobre Andrade uma crítica que afirma que ele fez uso de uma pesquisa sobre a cultura popular brasileira realizada pelo alemão Theodor Koch-Grünberg para escrever a sua obra. Ao final de Macunaíma, ele mesmo faz uma crítica sobre o assunto ao registrar: “Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí (...)” (ANDRADE, 2016, p. 130). Com essa fala, Mário deixa pistas que tem conhecimento sobre a pesquisa em questão e não se mostra incomodado com a acusação de cópia. Acerca disso, Gund

(2018, p. 48-49), justifica que as obras do Modernismo brasileiro podem ser consideradas “produto da devoração” e por esse motivo nutrir-se da produção do outro para realizar a sua própria “não pode ser considerado plágio, mas uma reinvenção”.

A autora Eneida Maria de Souza (1998) conceitua essa ação de plágio consciente – apropria-se do texto do outro, sem preocupação de esconder tal feito, mas atribui-lhe outros usos e sentidos (GUND, 2018). Sendo assim, a apropriação do conhecimento produzido pelo outro, nosso terceiro ponto de análise, é abonada pela lógica envolvida no processo de alimentação: comer é fundamental para saciar a necessidade do corpo.

Outro aspecto ainda contemplado nessa análise diz respeito à ressignificação dos aspectos culturais devorados para a consolidação de uma identidade nacional, presentes de forma enfática em Macunaíma. No livro, o autor atribui características ao personagem principal que fazem o leitor brasileiro se reconhecer nele, assumindo que posturas consideradas não tão nobres também estão presentes no seu comportamento. Entre elas, é possível citar a forma preguiçosa como Macunaíma reage diante do trabalho que precisa ser realizado, optando sempre por ficar deitado na rede, esperando que os outros façam as atividades que lhe competiam. Ao postergar uma reação esperada socialmente para um homem, o herói rompe com a idealização de um comportamento viril e trabalhador, mas colabora – de forma bastante crítica, com vistas a questionar – com o discurso estrangeiro que atribuiu ao povo indígena a adjetivação de preguiçosos.

Ao tratar os povos nativos como preguiçosos, esse discurso de tom pejorativo não considera a perspectiva indígena, onde o trabalho tem valores coletivos, de sobrevivência e manutenção das culturas e os seres, absolutamente fora de uma lógica exploratória e capitalista. Por meio da perspectiva dos primeiros habitantes desse país, o trabalho estava relacionado ao sustento e sobrevivência sociocultural dos povos. Sua realização ligava-se à saciedade da necessidade básica do ser humano – alimentar-se –, mas também à preservação dos costumes e à manutenção dos seres no território, respeitando os ciclos da terra e todos os elementos da natureza.

Portanto, a forma como a preguiça é apresentada na obra favorece a reflexão acerca da redefinição dos valores morais, com a intenção de dar outro sentido àquilo que foi construído pelo discurso do colonizador. Nesse caso, a preguiça também é vista como um comportamento de resistência que representava o direito ao ócio.

Assim, fica estabelecida uma postura contrária ao discurso hegemônico que se estruturou no decorrer do processo de invasão territorial do Brasil pelos portugueses. Com isso, a antropofagia se confirma em sua característica essencial, uma vez que o que se come – nesse caso, um discurso –, transforma-se em outro sentido por meio da palavra do devorador modernista.

O último ponto de análise aqui apresentado diz respeito à antropofagia como característica fundadora da identidade brasileira. Essa característica pode ser relacionada a avaliação, feita da parte dos europeus, de que o habitante desse território era preguiçoso, bárbaro e violento. Esse pensamento dá origem à máxima de que “o Brasil é um país de gente atrasada”, uma imagem construída em diversos textos coloniais: obras literárias, documentos, diários de viagens, entre outros. Nesse ponto, há que se fazer duas considerações: primeiro, é impossível negar a nossa ascendência indígena, pois ela, juntamente com a africana e a europeia é responsável pela miscigenação presente na composição da população brasileira. De acordo com Alberto Mussa, (2009), os brasileiros têm ascendência indígena. Isso se deu por meio do processo de miscigenação responsável pela composição da cultura brasileira.

Em segundo lugar, já que fomos associados aos povos devoradores de gente, resta-nos ressignificar essa imagem e compreendê-la sob a perspectiva dos indígenas, não daqueles que nos colonizaram. Essa devoração pode ser pensada por uma aproximação metafórica dos intelectuais modernos. A arte do Modernismo devorou a tradição literária brasileira e reconstruiu discursos, conceitos, imagens cristalizadas no imaginário do povo brasileiro, que foram moldadas como verdades e valores sob a ótica do colonizador. Tudo isso por meio de uma postura combativa e consciente presente no fazer literário de escritores brasileiros.

Esses motivos não são colocados a fim de justificar ou emitir juízo de valor quanto ao canibalismo ou a antropofagia. São aqui investigados, a fim de proporcionar uma análise que considera a influência indígena na nossa formação (e toda a carga cultural advinda dela), bem como alerta para a mensagem implícita ao compartilhamento da ideia de preguiça e brutalidade atribuída ao nosso povo.

CONSIDERAÇÕES

Para esse estudo, realizou-se a análise do romance em questão, apontando cinco aspectos da antropofagia presentes na obra. Após análise e discussão, identificou-se que todos eles colaboraram para a compreensão do conceito de

antropofagia a partir do movimento modernista. O estudo desse tema é importante para a reflexão sobre a identidade brasileira. Considerando-se a origem indígena presente nos brasileiros, a antropofagia em *Macunaíma*, pode ser pensada como postura combativa de apropriação da cultura e dos saberes do outro, não mais seguindo a lógica reprodutiva, mas valendo-se deles com liberdade para ressignificar conceitos a partir de uma nova perspectiva.

Compreende-se ainda que a antropofagia representa um movimento de resistência às imposições colonizadoras e capitalistas, presentes na cultura brasileira. Esse caráter ideológico da noção de antropofagia está presente em diversos momentos da obra analisada e é apresentado como postura de combate frente a essas imposições que ainda se perpetuam atualmente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. ***Macunaíma, O Herói sem nenhum caráter***. 1 ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2016.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. V. 5. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.
- GUND, Ivana Teixeira Figueiredo. **À mesa com escritores canibais [manuscrito]:** devoração e literatura. 2018. 110 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2018.
- MUSSA, Alberto. **Meu destino é ser onça**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso: jogo e linguagem em Macunaíma**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1988.

O SINCRETISMO AFRO-BRASILEIRO EM *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS*, DE JORGE AMADO

Aline de Souza Colatino¹
Aline Santos de Brito Nascimento²
Samanta Teixeira Oliveira³

RESUMO

O estudo analisa a obra amadiana *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1990), sob o viés do sincretismo afro-brasileiro. O objetivo geral é analisar evidências do sincretismo entre o candomblé e o catolicismo. Nos objetivos específicos, busca identificar traços da identidade afro-brasileira; avaliar o sincretismo como uma forma de preservação da cultura negra. A pesquisa é de caráter qualitativo e bibliográfico. É teorizado em estudos de Bhabha (2001); Castells (1999); Salah (2008); Nascimento (2017); e Jaekel (2016). Dentre os principais resultados encontrados, destacam-se o diálogo entre o candomblé e o catolicismo presente na obra; o sincretismo como forma de resistência e de preservação da cultura negra.

Palavras-chave: Sincretismo; Afro-brasileiro; Literatura; Amado

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda questões relacionadas ao sincretismo religioso, especificamente entre o candomblé, como uma religião de matriz africana, e o catolicismo, como uma religião trazida da Europa, a partir da produção literária de Jorge Amado, de forma a perceber e destacar a intenção do autor em preservar a cultura negra por meio da religião de matriz africana. Para isso, foi selecionado o romance amadiano *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1990).

A pesquisa tem como objetivo geral analisar evidências do sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo na obra *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1990), de Jorge Amado. Como objetivos específicos, buscou-se identificar traços da identidade afro-brasileira retratados na obra; e avaliar o sincretismo religioso abordado no texto literário como uma forma de preservação da cultura negra. Dentre outros aspectos, este trabalho traz aportes teóricos e críticos que colaboram para compreender elementos voltados para o conceito de raça, classe, tradições culturais e hibridismo;

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, UNEB, Campus X. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Afirmativa. *E-mail:* colatino87@gmail.com.

² Doutora em Letras, UFES. Professora Adjunta, Colegiado de Letras e PPGL UNEB, Campus X. *E-mail:* alinemacuco@hotmail.com.

³ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, UNEB, Campus X. Bolsista de Iniciação Científica do Programa Afirmativa. *E-mail:* samanta.oliveira5@hotmail.com.

tais conceitos estão ancorados em Homi K. Bhabha (2001), por entender que a cultura é uma forma de reunião de manifestações e características que fazem parte da construção identitária dos indivíduos, ou seja, a cultura é tida como algo híbrido. Assim, o ideal é que a sociedade seja pensada levando em conta o conceito de hibridismo, pois, quando isso não acontece, é gerada a exclusão, na qual classes e culturas dominadas são colocadas em posição de marginalidade.

Além disso, outros termos e conceitos são apresentados neste estudo, tais como identidade, memória coletiva, poder, religião e cultura, discutidas com o auxílio dos estudos de Manuel Castells (1999). O autor aborda a forma como a identidade do sujeito é constituída, assim como os diversos fatores que influenciam tal constituição, desse modo, indivíduos com diferentes especificidades estariam conectados e juntos formariam a memória coletiva.

Outro aspecto de grande importância para ser aqui destacado é a discussão acerca do candomblé, que é um dos aspectos da cultura negra. O estudioso Jacques Salah (2008) discute sobre o candomblé nagô na Bahia e, de acordo com os estudos do teórico, a Bahia ainda se mantém de maneira mais organizada em relação à religião. Apesar de muitos dos negros terem sido arrancados de suas terras de origem e serem obrigados a se submeter à hegemonia da cultura branca, eles buscaram alternativas para não perderem aspectos da sua cultura. Um exemplo disso é a representação de seus orixás por meio de santos católicos, como uma forma de burlar as imposições postas.

É nessa perspectiva que é discutido nesta pesquisa o sincretismo religioso e, para isso, Nascimento (2017) aborda questões relacionadas ao tema como um dos artifícios utilizados pelos negros para preservar a sua cultura – religião –, no entanto, o sincretismo não foi o suficiente para eliminar todo o preconceito cultivado em torno da cultura negra, pois as religiões de matriz africana são ainda estigmatizadas e demonizadas.

Para tratar especificamente das religiões de matriz africana e o sincretismo religioso na obra amadiana, o autor Volker Jaeckel (2016) discute e aborda a importância da atuação de Jorge Amado na literatura para a divulgação e valorização da identidade e cultura afro-brasileira, pois, segundo Jaeckel, por meio da escrita amadiana, é reforçada a originalidade do povo negro.

Por fim, é importante salientar que muitas obras de Jorge Amado possuem uma temática afro-brasileira em sua composição; o escritor aborda aspectos da cultura

negra em seus textos literários e, por vezes, apresenta o negro como protagonista em suas histórias, pois ali o negro e a sua cultura ganham lugar de destaque. Ou seja, na obra amadiana, o marginalizado ganha voz; há um rompimento da hierarquização existente.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois os dados estão mais ligados ao campo da subjetividade e não tem uma característica quantificável. Além disso, a pesquisa é de caráter bibliográfico, pois o presente estudo foi realizado inicialmente com leituras e fichamentos da obra amadiana que compõe o *corpus* desta pesquisa; também foram feitas leituras, fichamentos e discussões dos textos teóricos que embasam o estudo; por fim, a construção dos textos analíticos de caráter científicos que materializam a pesquisa.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O escritor baiano Jorge Amado possui uma vasta literatura, abrangendo temáticas diversas. Nestas, destacam-se as particularidades da identidade e cultura afrobrasileira, uma vez que, em algumas de suas obras, tais aspectos são abordados como temas centrais nas narrativas. Amado utiliza-se do texto literário para apresentar traços que estão ligados diretamente ao grupo étnico já mencionado, como, por exemplo, no romance *Dona Flor e seus dois maridos*, em que é possível identificar referências à cultura e à religião originadas em bases de matrizes africanas.

O romance se passa na Bahia e narra o triângulo amoroso vivido pelos protagonistas: Florípedes (apelidada de Dona Flor), Waldomiro (conhecido como Vadinho) e o farmacêutico doutor Teodoro. Flor, ainda em sua juventude, conhece Vadinho, por quem se apaixona e casa-se. Após o casamento, ela descobre que seu marido levava uma vida diferente da que dizia, entretanto, ela continuava apaixonada. Depois de muitas festas e curtições nas noites de Salvador, Vadinho acaba morrendo na noite de carnaval e sua esposa, ainda jovem, após o luto, conhece e se casa novamente, dessa vez com Teodoro, com quem levava uma vida tranquila. Dona Flor se via dividida entre os dois amores, pois ambos a proporcionavam sentimentos diferentes. Vadinho, mesmo depois de sua morte, ainda despertava desejos sexuais em sua viúva; já o doutor Teodoro, apesar de não incitar desejos carnais na esposa, a oferecia uma vida em segurança e baseada no respeito e honestidade.

Assim, em tal contexto, desenvolve-se a obra amadiana, utilizando-se de um cenário pautado na diversidade étnica e cultural presente na Bahia, onde é possível identificar traços do sincretismo religioso, em trechos em que se percebe a fusão de elementos sacros, direcionados mais especificamente para o candomblé e o catolicismo. Sendo assim, celebrações típicas das doutrinas são abordadas no enredo, como, por exemplo, procissões em homenagens aos santos. Na narrativa, é mencionada uma procissão¹ oferecida para Yemanjá, que todo ano movimentava a cidade inteira; realizava-se então um grande festejo.

O ato da procissão se faz presente em ambas as crenças, nos festejos católicos também são comuns cortejos em comemoração ao dia do santo homenageado. Entretanto, enquanto no catolicismo a protetora dos mares e pescadores é representada por Nossa Senhora dos Navegantes, no candomblé, Yemanjá é a responsável pelos mares. Sendo assim, nota-se a marca do sincretismo em tal contexto.

Amado, por meio da obra em destaque, ainda contribui para o fortalecimento e preservação da cultura afro-brasileira, ao evidenciar elementos que estão ligados à religião de matriz africana, pois ainda são notados resquícios deixados pela severa imposição do catolicismo ao negro; em alguns trechos,² nota-se que ocorre um prejulgamento do candomblé. Com isto, são abordadas características favoráveis a tal crença, além de serem mencionados os nomes de alguns deuses africanos³ e como sua cultura permanecia forte no cenário baiano.

Além disto, o enredo também ajuda na construção de uma memória coletiva ao mostrar, em vários trechos, personagens oriundos de diferentes etnias, convivendo em um mesmo local. Dentre os exemplos a serem citados, destaca-se o exemplo do fotógrafo Andrés Gutiérrez,⁴ que possuía origem espanhola e tinha como ajudante um chinês, entre outros. Assim, Amado vai costurando o enredo e mais uma vez coloca a Bahia como plano de fundo, pois, além de apresentar etnias diversas, também preserva a cultura afro-brasileira, à qual é dado o maior destaque no romance.

Por fim, sublinha-se a importância da literatura amadiana, de temática afro, que auxilia na construção identitária do indivíduo, ao fazer uma junção de diferentes

¹ É possível confirmar-se no seguinte trecho: AMADO, Jorge, 1990, p. 80.

² Evidencia-se em: AMADO, Jorge, 1990, p. 198.

³ AMADO, Jorge, 1990, p. 160.

AMADO, Jorge, 1990, p. 80.

culturas no seu enredo, além de difundir e valorizar em mais uma obra a cultura afrobrasileira, que por vezes ainda é colocada em uma posição de silenciamento e demonização por parte da imposição da lógica eurocentrista. Assim, por meio da literatura, então, torna-se possível representar outros grupos étnicos e não apenas o europeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe respostas e ativou inquietações para se pensar como se constitui o diálogo entre o candomblé e o catolicismo que a obra traz, que, por estratégia da criação literária de Amado, na obra em análise, é colocada de maneira pacífica, apesar da forma bética como as duas religiões tenham sido aproximadas no Brasil.

Outra abordagem que a pesquisa trouxe à tona foi a posição de resistência que pode ser identificada na constituição sociocultural do texto, claramente inserida por Amado em sua enunciação ao produzir a obra literária, colocando o sincretismo como solução para os entraves entre as duas culturas.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. 63. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CASTELLS, Manuel. A era da informação. In: **Economia, sociedade e cultura**. v. 2. O poder da identidade. Trad.: Klauss B. Gerhardt. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- JAECKEL, Volker A presença de elementos sincréticos e condomblecistas em três obras de Jorge Amado: Jubiabá, Tenda dos milagres, o sumiço da Santa. **Lusorama**, v. 107-108, p. 123-143, 2016.
- NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. **Tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade afro-brasileira na literatura amadiana**. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9182/1/tese_11387_Tese%20Aline%20-Hibridismo%20e%20resist%C3%A3ncia%20da%20identidade%20afro-brasileira%20na%20literatura%20amadiana%20-%20pdf.pdf. Acesso em: 13 abr. 2020.
- SALAH, Jacques. **A Bahia de Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2008.

PATXOHÃ: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA LÍNGUA PATAXÓ

Aline Jesus de Almeida¹
Débora Silva Rezende²
Helânia Thomazine Porto³

RESUMO

O texto discute sobre o uso do *patxohã*, *em sua modalidade escrita*, por professores e estudantes da aldeia de Corumbauzinho, em destaque para a atuação do grupo *Atxohã* na revitalização dessa língua. A pesquisa sociolinguística do *patxohã* foi organizada da interdisciplinaridade dessa ciência com a história e a antropologia. Assim, à pesquisa teórica foi associada a pesquisa exploratória - com visitas a aldeia, participação em atividades educativas na escola e da realização de entrevistas com professores. Nesses diálogos, buscou saber como o *patxohã* resistiu às frentes de ocupação dos territórios indígenas e às políticas de integração e de assimilação.

Palavras-chave: *Patxohã*. Grupo ATXOHÃ. Povo Pataxó da Bahia. Língua indígena.

INTRODUÇÃO

A história de um povo se faz sob diversos aspectos, e um dos mais emblemáticos modos de compreendê-la é pela língua. Pois, é por meio dela que se constrói as relações sociocomunicativas, assimila-se e registra as percepções e o pensamento da sociedade. Nesse sentido, esse texto discute sobre o uso do *patxohã* por professores e estudantes da aldeia de Corumbauzinho, localizada no município de Prado, no Extremo Sul da Bahia.

Essa pesquisa enquadra-se no campo da sociolinguística (TARALLO, 1985), nesse caso, foi organizada da interdisciplinaridade dessa ciência com a história e a antropologia. Assim, junto à pesquisa teórica associou-se a pesquisa exploratória, com visitas a aldeia, participação em atividades educativas na escola e na comunidade e com realização de entrevistas com docentes, nos dias 18 e 19 de fevereiro de 2020. Nesses procedimentos buscou-se saber como o *patxohã* – língua

¹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação, Campus X, Universidade do Estado da Bahia. E-mail: alinejalmeida069@gmail.com

² Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pelo Departamento de Educação, Campus X, Universidade do Estado da Bahia. E-mail: debora.rezende.33@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Docente do Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: hthomazine@hotmail.com

⁴ Esse estudo originalmente foi organizado com a participação de Almir Dutra, João Victhor Alves e Ramom Andrade, entretanto para a escrita desse resumo expandido, os demais colegas declinaram da participação. Sendo assim, as autoras realizaram outras leituras, para que o texto original tivesse os acréscimos a partir de suas apreciações.

dos Pataxós, tem sido organizada em sua modalidade escrita, na tentativa de responder as indagações: como o *patxohã* resistiu às frente de ocupação dos territórios indígenas e às políticas de integração e de assimilação? Que táticas os Pataxós utilizaram para a revitalização do *patxohã*?

A língua é um dos traços de identificação do sujeito, pois é pelo uso de sua língua, que se pode identificar quem é o falante, qual a sua classe social e origem individual e coletiva, uma vez que as percepções apreendidas não são construídas por um indivíduo isoladamente, mas pelo grupo com o qual se convive e interage socialmente. Nesse sentido, é que um grupo constituído por educadores e estudantes indígenas, há vinte anos, organizaram-se para estudar o *patxohã*, registrando em livros e gramáticas as narrativas orais dos mais velhos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para abordar sobre o processo de registro e de revitalização do *patxohã*, elegeu-se uma concepção teórico-metodológica interdisciplinar de pesquisa, da associação da sociolinguística com os fundamentos da história e da antropologia, em dialética com narrativas de educadores Pataxós, coletadas no movimento de pesquisa exploratória na aldeia Pataxó de Corumbauzinho, entre os dias 18 e 19 de fevereiro de 2020.

Assim, durante o período de convivência na aldeia, coletou-se informações em diferentes atividades: nos seminários interculturais, em que houve a participações de graduandos do 3º semestre do curso de Letras vernáculas do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia - Campus X, de estudantes e educadores indígenas, dos passeios pela aldeia, incluindo visitas aos locais sagrados, e em conversas mais pontuais com professores e estudantes.

Sobre a perda e revitalização do *patxohã*, são apresentadas a partir de três aspectos: abordagem histórica sobre os indígenas do Brasil, o contexto histórico, social e cultural dos Pataxós do sul e do extremo sul da Bahia, e as táticas de escrita do *patxohã*.

OS PATAXÓS DO EXTREMO SUL DA BAHIA

A presença dos povos indígenas em território brasileiro antecede ao contato com os europeus em 1500, de acordo com os dados fornecidos por Aryon (1993), nesse período havia aproximadamente 3 milhões de povos indígenas ocupando,

principalmente, o litoral brasileiro, distribuídos em cerca de 1220 etnias distintas que possuíam aproximadamente 1175 línguas. Embora não haja precisão acerca da origem desses povos, muitos pesquisadores partem do pressuposto de que descendem dos povos asiáticos e que através de uma onda migratória chegaram às Américas.

Uns dos primeiros registros dos povos Pataxós na Bahia foram documentados pelo príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (2000), que chegou ao Brasil entre as décadas de 1810 a 1820, tornando-se uma das maiores fontes sobre os Pataxós. (Apud, PORTO, 2019).

Atualmente, o que se percebe, mesmo após 520 anos de invasão e ocupação europeia no Brasil, é que o povo Pataxó resistiu fortemente às dominações. De acordo com Porto (2019), a população indígena estimada no estado da Bahia é de 35.476 pessoas, constituindo 14 povos. No Sul e extremo sul baiano vivem aproximadamente 14 mil Pataxós instalados em mais de 45 aldeamentos indígenas, instalados nos arredores dos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado.

O MASSACRE DE 1951 E SEU IMPACTO SOBRE A CULTURA PATAXÓ

Das narrativas dos Pataxós acerca da perda da língua nativa, registrou-se que entre os anos de 1950 e 1951, foram utilizadas, com respaldo estatal, medidas militares repressivas contra o povo Pataxó que morava na aldeia Barra Velha, território indígena de Porto Seguro, esses atos violentos auxiliados por civis que vivam nas aproximações da aldeia. Como consequência dessas opressões, os indígenas baianos passaram a ocultar seus costumes, dentre esses a utilização do *patxohã*.

Após a expulsão desses indígenas de seus territórios pela força militar, conhecida por eles como o *Massacre de 1951*, outro tipo de violência que aconteceu foi a ocupação de seus territórios por grileiros e fazendeiros que buscavam ampliar suas áreas de plantio. Essas invasões ocasionaram a desapropriação de Pataxós, em que 40% de seus territórios ficaram sobre o poder de latifundiários, com a chancela do Estado, restando para o povo Pataxó apenas as áreas localizadas no entorno do Parque Nacional do Monte Pascoal.

O massacre de 51 forçou os Pataxós a fugirem de suas aldeias, adaptando-se em outros regiões Extremo Sul da Bahia e norte de Minas Gerais. Durante essa dispersão, muitos se tornaram escravos de fazendeiros, sendo explorados e coagidos pelo medo de serem presos e mortos por militares. (PATAXÓ, 2011).

PERDA E REVITALIZAÇÃO DO PATXOHÃ

O conflito gerado pelo Massacre de 51 trouxe danos físicos, emocionais, além da perda do território tradicional, consequentemente enfraquecimento da economia e de muitas atividades desempenhadas por eles dentro das comunidades, como os rituais, cantos e produção do artesanato, com maior impacto para o abandono da língua nativa, que fora ocultada por muitos anos, teve por prejuízo a ausência de seu registro escrito. Considera-se, nesse sentido, que os Pataxós por se inserirem em uma sociedade de classes, na qual quem detém o poder domina todos os segmentos sociais, a ocupação de seus territórios, seguiu-se da imposição do uso obrigatório do português, como a única língua aceita socialmente.

Durante uma das entrevistas realizadas na pesquisa exploratória na aldeia, o educador John Lennon, conhecido por João Pataxó (2020), informou que o ocultamento do *patxohã* foi uma forma dos mais velhos protegerem a própria vida, pois receavam que ao fazer uso da língua nativa recebessem repressão por parte de militares, e que esses por muito tempo cerceou a liberdade de seu povo, vigiando também suas movimentações.

As marcas do massacre de 51 ainda continuam presente na memória e no discurso dos Pataxós, e essas não serão facilmente esquecidas, entretanto, eles nunca deixaram de lutar pelo território, de resistir às políticas assimilaçãoistas. Assim, com a reorganização das comunidades Pataxós dentro do território baiano, no final da década de 1980, os Pataxós investiram em ações de revitalização de sua cultura, especificamente na recuperação da língua nativa, e essa passou a ser estudada coletivamente, a partir dos saberes dos anciões. A realização desse estudo se deu com o levantamento de vocabulários, culminando com a elaboração de uma gramática da língua, da tradução de textos de português para o *patxohã*, além da criação de músicas cristãs nesse idioma.

O *Patxohã* começou a ser estudado em 1997, por um grupo de jovens Pataxós que moravam na aldeia de Coroa vermelha, localizada no município de Santa Cruz Cabrália (BA). O grupo foi organizado pelas irmãs Nayara Pataxó, Nythyanawã Pataxó e Yara Pataxó, com o objetivo de ampliar os estudos relacionados ao reconhecimento da história do povo Pataxó, e por consequência, levantar o vocabulário do Patxohã presente na oralidade dos mais velhos.

Em um trabalho que pode ser considerado recente, o processo de revitalização do *Patxohã* desenvolvido pelo ATXÔHÃ (2015), em parceria com as comunidades

indígenas Pataxós do Extremo Sul Baiano, há registro de mais de seis mil vocábulos, incluindo seus significados e estruturas linguísticas.

A negação do uso de sua língua nativa a um povo é uma das maneiras de se materializar o controle social e político, uma tentativa de calar suas vozes e intimidar os seus falantes. Como se percebeu, no contexto dos Pataxós da Bahia, essa opressão se deu pela repressão militar, perseguição e com a usurpação de seus territórios; aniquilando até certo período, a participação social e política desse povo. Contudo, os Pataxós corajosamente traduzem a noção de língua como um instrumento de comunicação a serviço de seus falantes, incluindo em suas ações, a produção de materiais didáticos bilingue, em português e Patxohã, para educadores e estudantes, sem apoio financeiro do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é construída pelos sujeitos nas relações estabelecidas com seu grupo social, portanto veículo de expressão carregado de ideologias, logo, ao se subjugar um povo, a imposição da língua do dominador é o instrumento de legitimação de uma classe social em detrimento de outra. Nessa perspectiva, esse estudo revela que os Pataxós de Corumbauzinho entendem a língua como um instrumento político, e como tal, um campo em disputa, por isso investiram no estudo do *patxohã na escola*, e por meio das práticas educativas conscientizam seus estudantes de essa língua é um patrimônio de seu povo, portanto o seu uso deve atender as necessidades linguísticas da comunidade.

Nesse sentido, a produção de materiais pedagógicos e de paradidáticos bilingues e o ensino da gramática e da literatura do *patxohã*, além de revitalizar a língua, mobiliza outras políticas, como de intercâmbios entre educadores e estudantes indígenas com estudantes e professores de escolas não-indígenas, para, que nessas trocas de saberes, todos tenham conhecimentos da cultura os Pataxós, aderindo as suas pautas políticas.

REFERÊNCIAS

ATXÔHÃ, Grupo. **Dicionário Português X Patxohã**: patxohã x português. Santa Cruz Cabrália/Coroa Vermelha: Instituto Tribos Jovens, 2015.

PATAXÓ, Povo. **Inventário Cultural Pataxó**: tradição do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

PATAXÓ, John Lennon. **Entrevista**. Prado: Aldeia Corumbauzinho, 2020.

PORTE, Helânia Thomazine. **Processos comunicacionais, identitários e cidadãos**: Pataxós em “territórios” de resistências e de utopias. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo (RS), 2019.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **500 anos de descobertas e perdas**. São Paulo: PUC-SP, 1993.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Matemática

A COVID-19 COMO CONTEXTO PARA A FORMAÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Clovis Lisbôa dos Santos Junior¹

RESUMO

O presente relato tem como objetivo a apresentação e reflexão das ações desenvolvidas no curso “Matemática em tempos de pandemia: um modelo matemático para estudar a propagação da Covid-19”, vinculado e ofertado pelo Colegiado de Matemática do DEDC-X da UNEB no período de 10/06/2020 a 29/07/2020. A proposta do curso se deu como uma atividade extensionista interdisciplinar voltada para um processo formativo envolvendo licenciandos e professores da Educação Básica da Matemática e Biologia. O curso teve como finalidade refletir sobre o estudo de modelos matemáticos na formação docente e na educação básica como meio para compreender a propagação da Covid-19 no município de Teixeira de Freitas - BA, a partir da crise sanitária e humanitária causado por esta doença.

Palavras-chave: Ensino de Matemática; Formação de professores; Modelo matemático; Função exponencial e Logarítmica.

INTRODUÇÃO

Na conjuntura em que nos encontramos, devido ao cenário atual mundial, torna-se impossível não refletir sobre a crise sanitária e humanitária proporcionada pela propagação da Covid-19 no mundo. Ainda sobre esse infortúnio, não podemos deixar de refletir que os desafios gerados no enfrentamento de pandemias são marcas históricas vivenciadas em épocas distintas pela humanidade.

Entretanto, como qualquer espécie estamos imbuídos de um instinto de sobrevivência que nos faz construir mecanismos para superar os desafios impostos por esses eventos e, consequentemente, emergem situações de aprendizagens nas diversas áreas científicas que consolidam a complexidade humana a partir da sua capacidade de transformar o mundo e transformar a si mesma.

A Unesco² (2020) apresentou estudos pontuando que a crise causada pela Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo. Pensando nos dilemas vivenciados no campo educacional, acreditamos que a utilização desse contexto pandêmico como

¹ Doutor em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X. E-mail: prof.clovislisboa@gmail.com.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

um fio condutor para discutir conceitos matemáticos pode promover uma aprendizagem significativa, estimulando a criticidade em dimensões sociais, políticas e econômicas causadas por esse evento.

Nesse sentido, o curso “Matemática em tempos de pandemia: um modelo matemático para estudar a propagação da Covid-19” buscou por meio dos conceitos matemáticos desvelar elementos globais que direcionaram os olhares para o enfrentamento histórico de grandes epidemias e pandemias, com a convicção de que a compreensão do comportamento desses eventos nos permite criar *expertises* para lidar com as demandas de um evento semelhante futuro.

Quanto aos elementos locais vinculados à pandemia da Covid-19, em nosso estudo foram utilizados os dados do Boletim Epidemiológico Coronavírus disponibilizado diariamente pela Secretaria de Saúde do município de Teixeira de Freitas (BA). Para o tratamento dos dados, apoiamo-nos em conceitos matemáticos básicos que deram origem aos estudos na área da Epidemiologia Matemática e trabalhamos na perspectiva do modelo SIR (Suscetíveis – Infectados – Recuperados) proposto por Kermack e Mckendrick (1927).

A MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Desde o surgimento da Covid-19 no fim do segundo semestre do ano passado, a ciência tem se mostrado uma forte aliada no combate dos efeitos nocivos causados pelo vírus chamado coronavírus SARS-CoV-2. Dentre as diversas áreas do conhecimento, a matemática ganha visibilidade no cotidiano das pessoas como uma ferramenta capaz de auxiliar nas tomadas de decisões das autoridades competentes quanto aos processos a serem desenvolvidos para amenizar os impactos da pandemia na saúde, na economia, na educação, entre outras áreas.

Nesse contexto, a matemática se coloca à disposição da medicina no campo da epidemiologia ao fornecer modelos matemáticos para analisar o comportamento e a evolução da Covid-19 entre os indivíduos ao longo do tempo. A sua significação maior nesse processo é o de auxiliar no controle da propagação do vírus, de modo a sugerir alternativas para conter o avanço do mesmo.

Segundo Almeida Júnior (2002), os modelos epidemiológicos desenvolvidos a partir dos estudos de Kermack e Mckendrick têm com ponto de partida a hipótese de que a população acometida pelo vírus pode ser dividida em subpopulação de acordo com a dinâmica biológica da doença. No modelo proposto podemos ter no estudo

subpopulações de indivíduos suscetíveis, infectados e recuperados, configurando o conhecido modelo epidemiológico do tipo SIR.

Nesse modelo, o indivíduo suscetível (saudável) é aquele que não possui o vírus e não é transmissor do mesmo, mas que pode ser contaminado ao entrar em contato com um indivíduo infectado e, assim, já contaminado passa a fazer parte da subpopulação de infectados. O indivíduo pode sair dessa classe caso se recupere, ganhando imunidade total ou evoluindo para óbito.

PERCURSO METODOLÓGICO: descrição do processo formativo

Devido ao cenário atual mundial de forte apelo de nossas condutas quanto a ressignificação dos termos isolamento e distanciamento social, os encontros formativos foram desenvolvidos totalmente *online* de modo remoto por meio de videoconferências.

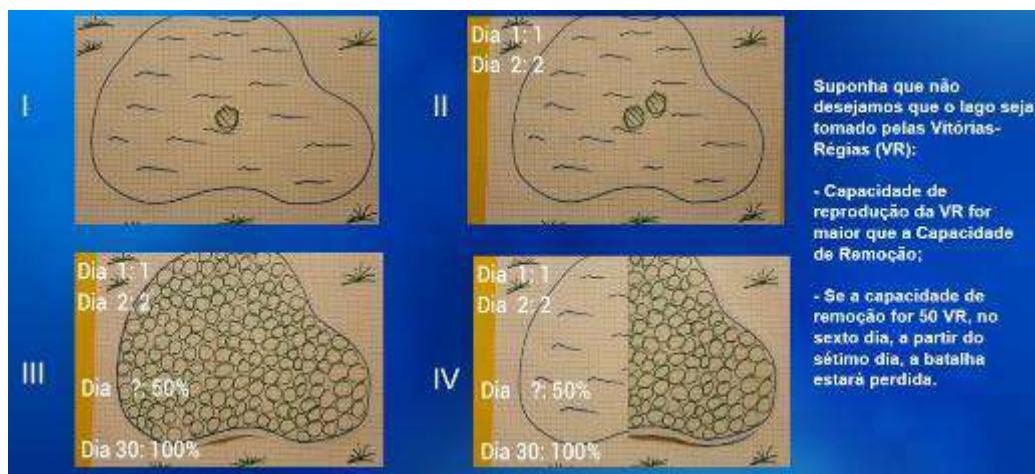
Para a realização dos encontros, propomos a utilização dos recursos da plataforma *Microsoft Teams*, software *Excel* e do aplicativo *WhatsApp*. As ações foram concretizadas através de 8 encontros e direcionadas pelas seguintes vertentes: conceitos básicos de Epidemiologia Matemática; função exponencial e logarítmica; modelo SIR; construção do modelo matemático; aplicação do modelo matemático.

PERSPECTIVAS E SABERES PRODUZIDOS NO PROCESSO FORMATIVO

O processo formativo visava contribuir para a construção de saberes e práticas docentes a serem abordadas nas aulas de matemática na educação básica a partir da situação provocada pela Covid-19 no município de Teixeira de Freitas, na Bahia. Nessa perspectiva, buscou-se promover reflexões acerca do tipo de curva utilizada nas pesquisas para representar o cenário da pandemia, os termos técnicos utilizados para compreender e interpretar as informações presentes nesse tipo de representação gráfica, além de promover um espaço de diálogo entre os envolvidos para analisar as decisões tomadas pela Secretaria de Municipal de Saúde em relação ao controle do comportamento da social da comunidade teixeirense.

Para provocar reflexões acerca do comportamento da curva que representa a propagação da Covid-19 utilizamos como problema motivador a proliferação de Vitórias-Régias (VR) em um lago no qual desejamos saber em que momento deve ser feita as devidas retiradas de VR para que a superfície não seja tomada em sua totalidade.

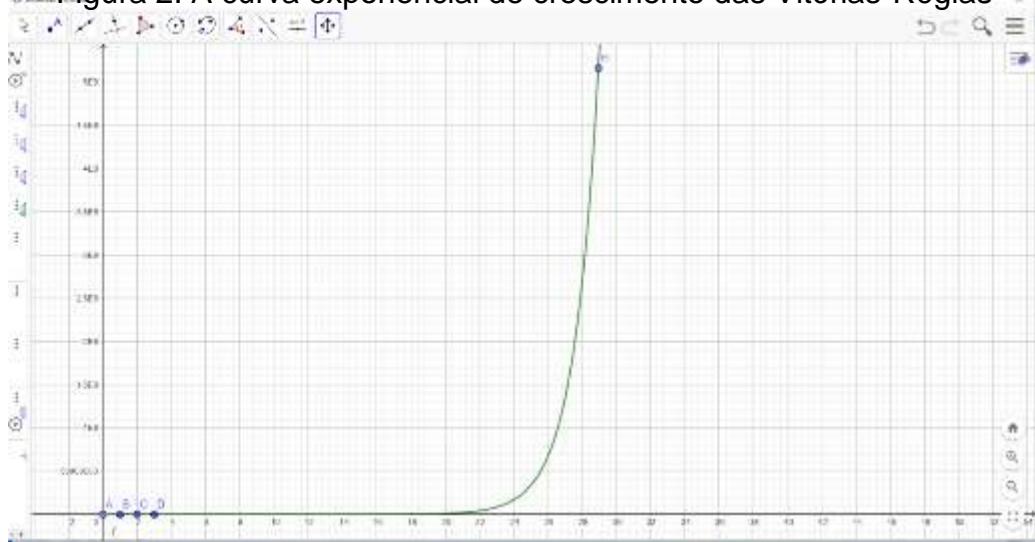
Figura 1: o problema da proliferação de Vitórias-Régias em um lago.



Fonte: Féo, Maurício (2020).

Como solução para o problema construímos com os participantes a representação gráfica dessa situação no software matemático Geogebra.

Figura 2: A curva exponencial de crescimento das Vitórias-Régias



Fonte: Próprio autor (2020).

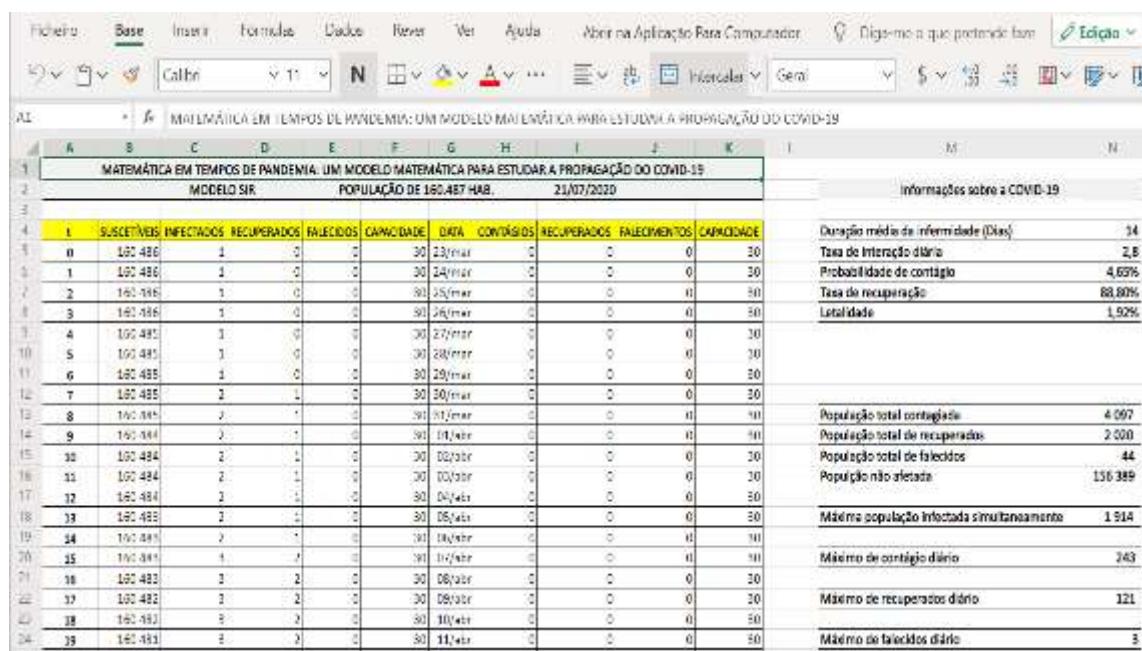
A representação gráfica proporcionou aos participantes reflexões acerca do crescimento das VR e, consequentemente, foi realizado um paralelo entre a proliferação das VR no lago e a propagação de contágio da Covid-19 pela população. Além disso, outro aspecto ressaltado pelos participantes diz respeito a compreensão da velocidade de contágio em escalas geométricas caso não haja nenhuma intervenção precoce mediante retirada das VR do lago, conduzindo-os a refletirem sobre a importância da intervenção imediata das autoridades públicas quanto a

questão do isolamento social, distanciamento social, uso de máscaras, álcool gel, entre outras medidas para diminuir o avanço da pandemia.

A partir da sensibilização dos participantes quanto ao crescimento exponencial, construímos um modelo matemático do tipo SIR elaborando tabelas no software Excel relacionando as taxas de variação em quatro categorias (Suscetíveis, Infectados, Recuperados e Falecidos). Os dados foram colhidos no site da Secretaria Municipal de Saúde de Teixeira de Freitas e tratados a partir dos seguintes parâmetros: duração média de enfermidade; taxa de interação diária; taxa de contágio; taxa de recuperação e taxa de letalidade.

Na figura 3, podemos ver as tabelas propostas.

Figura 3: Construção da tabela a partir do modelo matemático SIR



The table in the spreadsheet is as follows:

	SUSCETÍVEIS	INFECTADOS	RECUPERADOS	FALECIDOS	DIA	CONTAGIOS	RECUPERADOS	FALECIMENTOS	CONTAGIO
0	160.486	1	0	0	30/23/maio	0	0	0	30
1	160.486	1	0	0	30/24/maio	0	0	0	30
2	160.486	1	0	0	30/25/maio	0	0	0	30
3	160.486	1	0	0	30/26/maio	0	0	0	30
4	160.485	1	0	0	30/27/maio	0	0	0	30
5	160.485	1	0	0	30/28/maio	0	0	0	30
6	160.485	1	0	0	30/29/maio	0	0	0	30
7	160.485	1	1	0	30/30/maio	0	0	0	30
8	160.485	2	1	0	30/31/maio	0	0	0	30
9	160.484	2	1	0	30/01/maio	0	0	0	30
10	160.484	2	1	0	30/02/maio	0	0	0	30
11	160.484	2	1	0	30/03/maio	0	0	0	30
12	160.484	2	1	0	30/04/maio	0	0	0	30
13	160.483	2	1	0	30/05/maio	0	0	0	30
14	160.483	2	1	0	30/06/maio	0	0	0	30
15	160.483	2	1	0	30/07/maio	0	0	0	30
16	160.483	2	1	0	30/08/maio	0	0	0	30
17	160.483	2	1	0	30/09/maio	0	0	0	30
18	160.483	2	1	0	30/10/maio	0	0	0	30
19	160.483	2	1	0	30/11/maio	0	0	0	30
20	160.483	2	1	0	30/12/maio	0	0	0	30
21	160.483	1	2	0	30/01/maio	0	0	0	30
22	160.482	1	2	0	30/02/maio	0	0	0	30
23	160.482	1	2	0	30/03/maio	0	0	0	30
24	160.482	1	2	0	30/04/maio	0	0	0	30
25	160.482	1	2	0	30/05/maio	0	0	0	30
26	160.482	1	2	0	30/06/maio	0	0	0	30
27	160.482	1	2	0	30/07/maio	0	0	0	30
28	160.482	1	2	0	30/08/maio	0	0	0	30
29	160.482	1	2	0	30/09/maio	0	0	0	30
30	160.482	1	2	0	30/10/maio	0	0	0	30
31	160.482	1	2	0	30/11/maio	0	0	0	30
32	160.482	1	2	0	30/12/maio	0	0	0	30

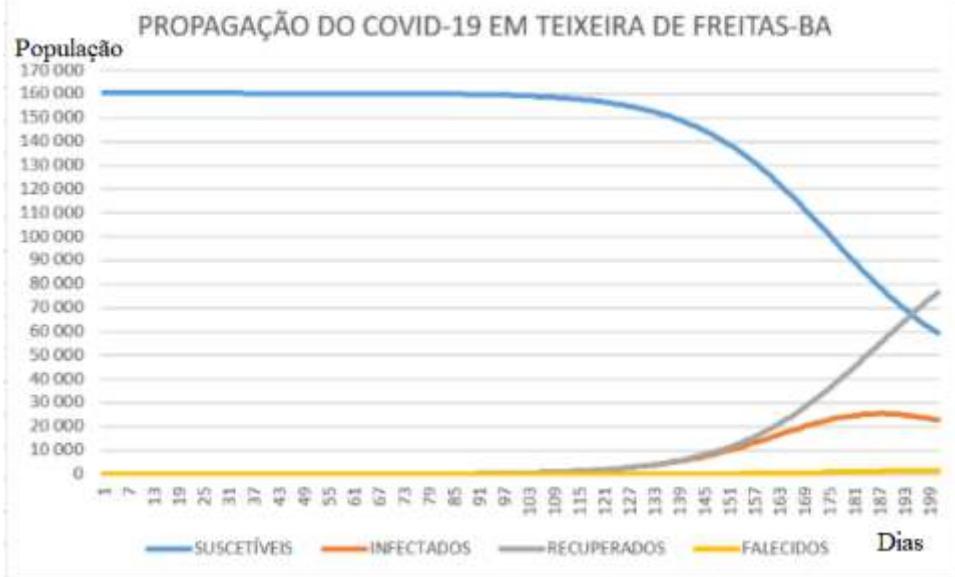
Informações sobre a COVID-19

- Duração média de enfermidade (Dias): 14
- Taxa de interação diária: 2,8
- Probabilidade de contágio: 4,65%
- Taxa de recuperação: 88,80%
- Letalidade: 1,92%
- População total contagiada: 4.097
- População total de recuperados: 2.000
- População total de falecidos: 44
- População não afetada: 136.389
- Máxima população infectada simultaneamente: 1.914
- Máximo de contágio diário: 743
- Máximo de recuperados diário: 121
- Máximo de falecidos diário: 3

Fonte: Participantes do curso (2020).

A partir da interação entre as variáveis, construímos os gráficos e discutimos os aspectos técnicos relacionados ao crescimento da curva de contágio, fazendo inferências a respeito do platô da curva (reconhecendo-a como uma curva logística), diluição da curva e as estimativas de infectados, recuperados e falecidos para períodos posteriores. Os dados foram tratados semanalmente, tendo como dia base as terças-feiras compreendidas no período da realização do curso.

Figura 4: Propagação da Covid-19 em Teixeira de Freitas (21/07/2020)



Fonte: Participantes do curso (2020).

Em linhas gerais, as ações desenvolvidas no processo formativo buscaram a mobilização de conceitos matemáticos de modo a proporcionar significados para o estudo de modelos matemáticos em situações do cotidiano, em particular, no contexto da propagação da Covid-19 no município de Teixeira de Freitas, Bahia.

As atividades desenvolvidas no curso promoveram as reflexões pretendidas ao sensibilizar os participantes quanto à importância dos modelos matemáticos para analisar as tendências e evolução epidemiológicas, podendo ser trabalhadas na educação básica considerando as especificidades de cada etapa de ensino.

Quanto às inferências realizadas, o modelo indicou a partir dos dados coletados, que existe no período estudado subnotificação em relação ao número de infectados, o que nos levou a considerar que as medidas preventivas de isolamento e distanciamento social, uso de máscaras e álcool gel são necessárias para evitar o colapso do sistema de saúde municipal e, consequentemente, para preservação da vida humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, D. S. Um estudo sobre epidemiologia matemática - a Doença de Chagas I. Campinas - SP, 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica.
- KERMACK, W. e MCKENDRICK, A. A contribution to the mathematical theory of epidemics. Proceedings of the Royal Society of London. A Mathematical and Physical Science, 1927.

FÉO, M. Coronavírus e Vitórias-Régias: entendendo a Curva Exponencial do Coronavírus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-lgS-4Xqy0>. Acessado em: 01/06/2020.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 8 jun. 2020.

EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TRABALHO REMOTO DOS INTERPRETES DE LIBRAS COM UMA ESTUDANTE DO CURSO DE LICENCIATURA MATEMÁTICA

Cristiane Gomes Ferreira¹

Josiano Mendes Neves²

Patrícia Gomes França³

Sabrina de Azevedo Evangelista⁴

RESUMO

O resumo irá apresentar algumas reflexões sobre o trabalho remoto desenvolvido pelos intérpretes de Libras com a estudante surda, matriculada no Curso de Licenciatura Matemática da UNEB/Campus X. A metodologia é qualitativa e narrativa e o trabalho é embasado pelos autores, Strobel (2009); Araújo (2020), Vedoato (2017), entre outros. O texto mostra como resultado as dificuldades e os desafios do trabalho remoto na UNEB por esses profissionais, bem como a discussão sobre educação de surdos.

Palavras-chave: Educação de surdos; Ensino Superior; Intérprete de Libras; Ensino remoto.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir o trabalho remoto dos intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em tempos de pandemia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). No ano de 2010, a profissão do Tradutor Intérprete de Libras (TILS) foi regulamentada pela Lei 12.319, ela trouxe diretrizes e orientações para as atividades desse profissional em diversos ambientes sociais e foi um importante marco para o reconhecimento do trabalho desenvolvido com a comunidade surda.

Vedoato (2017) relata que “o tradutor intérprete de língua de sinais assume papel extremamente relevante, nas interações sociais, principalmente em ambientes em que estejam presentes surdos e ouvintes que não compartilham da mesma língua [...]”.

O trabalho tem uma metodologia narrativa, pois os sujeitos irão contar e relatar suas experiências vividas. Os sujeitos participantes são: dois intérpretes de Libras e

¹ Professora orientadora, UNEB/DEDC-X. Email: crisgfe.inclusao@gmail.com.

² Intérprete e Tradutor de Libras na UNEB/DEDC-X. Email: josianomn@gmail.com

³ Intérprete e Tradutor de Libras na UNEB/DEDC-X. Email: patriciagomes2601@gmail.com

⁴ Estudante do Curso de Licenciatura Matemática. UNEB/DEDC-X. Email: sabrinavangelista@hotmail.com

estudante surda. Os autores que embasam esse trabalho são: Abrahão (2003); Araújo (2020); Brasil (2005); Strobel (2009); Vedoato (2017), entre outros.

Esperamos que esse texto possa servir de estudos e reflexões sobre o trabalho dos intérpretes em um ambiente universitário e traga contribuições sobre os estudos surdos no contexto atual.

O TRABALHO DO TRADUTOR INTERPRETE DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Vemos nos dias atuais, que cada vez mais se torna comum, o ingresso de estudantes surdos nas Instituições de Ensino Superior (IES), há um crescimento de matrículas nas IES. Uma realidade nova que aponta, é a necessidade de uma formação de professores e preparo das universidades para atender a esses estudantes, que despontam com sede de conhecimentos e necessidades, diante de um mercado de trabalho competitivo.

Vemos que, apesar de ter leis que garantem e assegurem a acessibilidade das pessoas com deficiência no ensino superior, há uma distância entre a teoria e a prática. Freitas e Eulálio (2020), informam que no Brasil em 2016, 29.039 alunos com deficiência foram matriculados no ensino superior; Sendo 1.488 surdos (5,13% do total) e 151 alunos surdo-cego (0,52% do total). Os dados apresentados só mostram que as matrículas tem aumentado nas IES para esse público.

Com relação as políticas educacionais em relação a surdez, temos no Brasil no sistema educação a partir da oficialização da Libras (Lei nº 10.436/2002, Brasil, 2002). O Decreto 5.626/2005(Brasil/2005) determina: A inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória em cursos de formação de professores e fonoaudiólogos; Temos também a Lei nº 12.319/2010 (BRASIL, 2010), que regulamentou a profissão de tradutor e intérprete de Libras e o Decreto nº 7.611 (BRASIL, 2011), especificou o atendimento às diretrizes e os princípios dispostos no Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005).

É indispensável assim, compreender os avanços e desafios da educação inclusiva, pois as pesquisas apontam que os estudantes surdos apresentam questionamentos acerca do processo de inclusão nas universidades, acrescenta-se a isso, as dificuldades na formação de professores, didática, dificuldade dos surdos na produção e interpretação textual de gêneros secundários e a falta de intérpretes.

Necessário uma mudança e efetivação da legislação, pois só assim a pessoa com deficiência e surdez poderão garantir os seus direitos, sem exclusão ou preconceitos.

HISTÓRIA POVO SURDO

Começar história dos surdos cidade Grécia e Roma antiga. Surdos não ter direitos e pessoas pensar surdos deficientes. Roma falar e pensar pessoa surdo não gosto ruim porque surdo não pode comunicar. Família medo esconder surdo casa.

Na Grécia pessoa pensar surdo deficiente, surdos morrer jogados no rio. Escrever autora Strobel (2009, p. 18) “Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses”.

Em 1857 primeira escola surdo no Rio de Janeiro “Imperial instituto dos surdos-mudos”, hoje INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Nessa escola misturar língua de sinais francesa com línguas surdos regiões Brasil, depois criar a Libras (língua brasileira de sinais).

Em 1880, primeiro Congresso surdos-mudos, onde Milão-Itália método oral votado escola surdos línguas sinais não pode ilegal, surdo não poder usar língua de sinal, Alexander Graham ajudar no Congresso, defender método oral surdo.

Em 2002 Brasil criar Lei Libras 10.439, importante reconhecer língua surdos. E, 2005 Decreto 5626/2005 obrigar ensinar Libras universidades licenciaturas e ter interpretes nas escolas. O povo surdo queremos língua Libras Brasil. Lei Libras importante, estudante aprende melhor Libras. Escola professor falar boca, não tem comunicação, difícil surdo, ele não entender, precisar interprete.

Surdo quer escola bilingue. Povo surdo quer aprender língua bilingue, Libras e português, cultura surda ter expressão visual. O direito educação surdo quer, ensinar e escrever pode surdo.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho tem uma abordagem qualitativa e utilizou-se a pesquisa narrativa para contar como foi a experiência. Segundo Abrahão (2003) as pesquisas narrativas permitem ao pesquisador realizar pesquisas qualitativas que refletem a própria experiência, as suas representações da realidade, os seus significados e reinterpretações.

Esse resumo, portanto, conta a experiência do trabalho remoto dos intérpretes de Libras com uma estudante surda, matriculada no curso de licenciatura matemática. Salientamos que, nesse texto em alguns tópicos, o leitor irá perceber algumas ‘falhas’, o que muitos diriam erros da Língua Portuguesa (LP) ou padrão escrito. Entretanto, queremos salientar que a maneira como o surdo escreve foi mantida no trabalho, pois se considerou a cultura surda e suas características linguísticas em relação a LP, sem, contudo, perder o rigor acadêmico das normas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Muitas são as reflexões extraídas sobre o trabalho do TILS no ensino superior nesse atual contexto de pandemia gerada pelo COVID 19, já que na Bahia as aulas presenciais estão suspensas, assim o trabalho atual é realizado de maneira remota.

Nós intérpretes de Libras estamos utilizando Plataformas que possibilitam visualização em tempo real por vídeo como, Teams, Whatsapp, Zoom e Skype, ferramentas de mediação que auxiliam a interpretação das atividades remotas da Língua Portuguesa para Libras que é uma língua de modalidade visual espacial e da Libras para a Português (oral/auditiva) de maneira simultânea.

Desse modo, muitas questões sobre essa nova forma de trabalho apareceram em relação à educação de pessoas surdas uma vez que tanto o aluno surdo quanto nós profissionais precisamos nos adaptar a este novo ambiente de trabalho, que agora é realizado dentro de casa. Foi preciso organizar um local mais silencioso, e com boa iluminação para ouvir bem as atividades e interpretar o mais claro possível, bem como, investir em aparelhos como suportes tripé, celular com câmeras de qualidade e internet estável o que nem sempre está ao alcance de todos.

Araujo (2020) nos auxilia nessa discussão quando relata que nossa sociedade ainda necessita de muitos investimentos para o trabalho remoto, pois muitas pessoas tem celular, mas não tem Internet. Ou seja, esse novo contexto social mostrou o quanto não estamos preparados para o ensino à distância ou remoto.

Assim, o que nos descontina é que esse novo formato na educação brasileira, tem proporcionado novos aprendizados, como também mostrado o quanto o Brasil e as instituições públicas não estão preparadas para o Ensino à Distância e aulas remotas, sejam por fatores de ambientação tecnológica ou ferramentas.

Em relação a educação de surdos, podemos trazer algumas particularidades. A Libras é uma língua gestual visual e o trabalho remoto apresentou diversos desafios

para o nosso trabalho como intérpretes com o estudante surdo, pois para boa comunicação é necessário que o campo visual de ambos esteja claro e com boa visualização.

Desse modo, apresentamos algumas dificuldades enfrentadas com esse novo formato e a experiência com a UNEB: 1) A internet não é boa, quando a conexão fica baixa temos pouca visibilidade, o que atrapalha a identificação do sinal; 2) Dificuldade no uso da Plataforma Teams, nós intérpretes não temos acesso a ela, já que o organizador das salas são docentes e técnicos; 3) Quando tem muitas pessoas na sala da plataforma ou a comunicação é feita pelo Youtube, não temos um bom enquadramento, isso faz com que a imagem apareça na tela muito pequena para ambos, intérprete e estudante surda; 4) Dificuldades em utilizar as ferramentas remotas que não eram utilizadas no modo presencial antes da pandemia e que agora houve a necessidade de buscar treinamentos e adequações ao uso das mesmas o demanda um tempo maior de treinamento e dedicação.

Um outro problema enfrentado nesse contexto e que queremos pontuar é sobre o processo de remuneração/contrato, há uma compreensão equivocada de que se não tem aula presencial, não tem trabalho do intérprete e o resultado é a suspensão do pagamento. O Decreto 5626/2005 e a Lei 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão), garantem a presença do profissional intérprete onde tenha um surdo.

E para equacionar essa falta de cumprimento da legislação, nós intérpretes realizamos um trabalho orientado pelo Núcleo de Atendimento Pedagógico (NAP), núcleo criado pelo Colegiado de Matemática para atender à estudante. Esse Núcleo realiza a função do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Assim, nosso trabalho presencial com a estudante foi substituído por outras atividades remotas, já que ela necessita de acompanhamento. Contudo, os empecilhos ainda são muitos e há um atraso nos repasses de recursos pelo governo do estado, o que resulta em demora do pagamento pela universidade.

Com isso, queremos salientar sobre a importância do nosso trabalho junto à comunidade surda e reforçar que a sociedade brasileira precisa valorizar essa profissão de modo e garantir condições de trabalho, pois o tradutor intérprete de língua de sinais e língua portuguesa (TILSP) é indispensável para a inclusão dos surdos no atual cenário de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de surdos tem vivenciado muitos desafios e o trabalho remoto tem mostrado o quanto ainda precisamos avançar para proporcionar ao surdo uma educação de qualidade.

Chamamos atenção para necessidade das instituições públicas e as IES reconhecerem o trabalho do interprete de Libras e valorizar a Libras como a língua do surdo brasileiro.

O interprete de Libras quer ser respeitado e é importantíssimo uma política pública que proporcione formação qualificada para esses profissionais. É preciso que os cursos de formação cheguem às universidades públicas e garantam uma qualidade educação para toda comunidade surda.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003
- ARAÚJO, Denise Lino de. Entrevista os desafios do ensino remoto na educação básica. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/crisq/Downloads/1834-8519-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto n. 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- FREITAS, D. A.; EULÁLIO, W. E. S. Surdos e o Ensino Superior no Brasil: uma reflexão. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, v. 10, n. 15, 26 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.46551/rn2020101500039>
- STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificas/historiaDaEducaçãoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducaçãoSurdos.pdf. Acesso em 21/03/2017.
- VEDOATO, Sandra. C. M. **O tradutor interprete de Libras**: formação e prática. Valinhos: 2017.

EM TEMPOS DE PANDEMIA, VAMOS ESTUDAR ESTATÍSTICA?

Isadora Dias Mariano de Oliveira¹
Angela Almeida Pinheiro²
Célia Barros Nunes³

RESUMO

Esta comunicação oral visa descrever um curso de extensão on-line realizado na Universidade do Estado da Bahia, Campus X, cujo público-alvo foram alunos do curso de Licenciatura em Matemática. O curso objetivou discutir conceitos estatísticos, refletir sobre práticas de ensino e o protagonismo do estudante através de metodologias investigativas, bem como elaborar sequências de ensino com temática relacionada à Covid-19. Pode-se inferir que as abordagens desenvolvidas durante o curso favoreceram aos cursistas a formação de conceitos estatísticos, como também oportunizou-lhes um conhecimento da metodologia investigativa na busca pelo seu desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Estatística; Ciclo Investigativo; Sequências de Ensino; Curso on-line.

INTRODUÇÃO

O surgimento de novas metodologias de ensino tem sido constituído sob a perspectiva das atuais necessidades no âmbito acadêmico e profissional, haja vista que ainda no contexto da Educação Matemática e da Educação Estatística, práticas de ensino relacionadas ao desenvolvimento do conhecimento matemático têm ocorrido como uma mera memorização de fórmulas e exercícios sem sentido real.

Neste sentido, a literatura em Educação Matemática aponta o uso de metodologias investigativas para o ensino da Estatística, como uma ferramenta para o desenvolvimento do pensamento e letramento estatístico. Segundo Gal (2002), letramento estatístico é a capacidade de interpretar e avaliar criticamente a grande quantidade de dados que fazem parte da realidade cotidiana e de comunicar e tomar decisões informadas.

Ainda, de acordo com Gal (2002), o letramento estatístico é composto por cinco componentes cognitivos, a saber: letramento que visa leitura e compreensão de

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X. Email: isadoradias16@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X. Email: angela.pinheiro15@gmail.com

³ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, Rio Claro- SP), professora da UNEB, Campus X. Email: celiabns@gmail.com

objetos estatísticos, conhecimento matemático, conhecimento estatístico, conhecimento de contexto e competência para elaborar questões.

No que tange à metodologia investigativa, esta é pautada no ciclo investigativo PPDAC (WILD; PFANNKUCH, 1999), e tem como objetivo buscar uma solução para um problema estatístico inserido em um contexto real. O ciclo é composto por cinco fases, sendo elas: Problema (P), momento em que o professor junto com a turma define o tema e a pergunta de investigação a ser estudada; o Planejamento (P), quando são definidos quais instrumentos serão utilizados na coleta de dados, podendo ser questionário, formulário ou entrevista, também é definido o tipo de população e o local; Dados (D), momento em que os dados são coletados com a população e no local escolhido no planejamento; a Análise (A), que é a fase de organização dos dados através de gráficos, tabelas e Conclusão (C), momento de sistematização do conteúdo e resposta a pergunta de investigação.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo descrever o desenvolvimento de um curso de extensão intitulado “Em tempos de Pandemia, vamos estudar Estatística?”, cujo propósito foi estudar Estatística com base no Ciclo Investigativo PPDAC, culminando com a elaboração de sequências de ensino acerca do tema Covid-19.

METODOLOGIA

Este curso foi inspirado nas ideias de um curso de extensão promovido pelo Grupo de Pesquisa em Matemática, Estatística e Ciências (GPEMEC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no âmbito do projeto de pesquisa “Desenvolvimento profissional de professores de Matemática e o ensino de Estatística no ensino fundamental” da Rede Educação Matemática Nordeste (REM-NE), financiado pela Fundação Lemann e Teachers College, Universidade de Columbia, em Nova York, EUA, cuja equipe executora deste curso de extensão também faz parte, dentro do Núcleo de Teixeira de Freitas – BA.

O curso aconteceu no período de julho a agosto de 2020, de maneira totalmente online e teve como formadoras as autoras do presente trabalho. O curso foi ofertado a 12 alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X, de semestres variados.

A carga horária total do curso foi de 40h, divididas em quatro semanas, entremontos síncronos e assíncronos. Os momentos síncronos aconteciam via

Plataforma Microsoft Teams, duas vezes por semana e com duração de 2h cada, totalizando 16h de momentos síncronos. Os momentos assíncronos aconteceram via WhatsApp entre cursistas e formadoras ou com os cursistas entre si para discussão e realização das atividades postadas no Microsoft Teams. O tempo para estudo e leitura também foi contabilizado.

Nos momentos assíncronos, os alunos em seus grupos se reuniam e discutiam as atividades realizadas por eles individualmente e reorganizavam-nas para uma apresentação em grupo, conforme orientações de cada módulo. Cada uma das formadoras ficou responsável em dar suporte a um grupo dirimindo suas dúvidas durante a realização das atividades.

O curso foi dividido em três módulos, nos quais foram trabalhadas três vertentes, sendo elas: (1) conceitos matemáticos; (2) estudos teóricos de elementos didáticos metodológicos; (3) elaboração de sequências de ensino.

A vertente (1) tratou de conteúdos relacionados à Estatística orientados pela Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2017): conceitos básicos, como fenômeno, população, amostra, variáveis; tabelas de distribuição de frequência (TDF), gráficos, medidas de tendência central. A vertente (2) teve por objetivo apresentar e propor elementos que podem constituir a natureza de uma aula investigativa e a metodologia do Ciclo Investigativo – PPDAC (WILD; PFANNKUCH, 1999). Por fim, a vertente 3 objetivou a construção de sequências de ensino, a partir das fases desenvolvidas pelo Ciclo PPDAC, que trabalhassem o ensino da Estatística e tivessem como tema algo relacionado à pandemia causada pelo Novo Coronavírus, já que este era o tema do curso e uma situação que estava sendo vivenciada pelos alunos participantes.

No decorrer do curso, buscou-se, em vez de reproduzir o roteiro de uma aula tradicional, tentar incentivar os cursistas a primeiro ler o material e estudar o conteúdo por conta própria para realizar as atividades propostas, e só depois formalizar os conceitos, tirando possíveis dúvidas.

O primeiro módulo teve duração de duas semanas e trabalhou os seguintes conceitos estatísticos: 1- População, amostra, fenômeno e variável estatística; 2- Tabela de Distribuição de Frequência (TDF); 3- Gráficos para variáveis qualitativas e quantitativas.

O segundo durou uma semana e tratou da metodologia investigativa, abordando o Ciclo Investigativo – PPDAC e sua aplicação em sala de aula. Preocupou-se

em abordar as cinco fases do ciclo (Problema, Planejamento, Dados, Análise e Conclusão) e as ações a serem realizadas pelo professor em cada uma delas.

No Módulo 3, que teve duração de uma semana também, foi estudado a construção de uma sequência de ensino pelos cursistas, seguindo os passos do Ciclo Investigativo - PPDAC. A partir desse estudo, os alunos deveriam elaborar uma sequência de ensino com tema relacionado à pandemia causada pelo novo coronavírus e que levassem em consideração na elaboração da sequência os conceitos estatísticos estudados na vertente 1, evidenciando o ciclo investigativo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A proposta no decorrer do curso foi tentar manter o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem através da metodologia investigativa. Primeiro era feita uma breve introdução acerca do assunto a ser estudado, e então disponibilizado o material do módulo e as atividades, para que os alunos tivessem a oportunidade de buscar o conhecimento por si próprios, em momentos assíncronos, antes que houvesse a formalização e explicação do conteúdo pelas formadoras do curso no encontro síncrono, ficando livres para buscar outras fontes, caso julgassem necessário. No primeiro módulo, durante o estudo e a discussão dos conceitos estatísticos entre as formadoras e os cursistas, percebeu-se uma participação efetiva dos alunos, o que levou-os a compreensão dos conceitos, mesmo quando sinalizavam algumas dificuldades no que se refere aos tipos de gráficos. A metodologia do ciclo investigativo, a princípio, apresentou-se como algo de difícil compreensão por parte dos cursistas, uma vez que essa metodologia era algo novo para eles e que foi se esvaindo ao longo do curso. Foi perceptível ao longo do curso que alguns dos cursistas podiam não estar realmente estudando ou tentando realizar as atividades sem estudo prévio, o que justificaria alguns dos equívocos e não entrega de atividades. Por outro lado, outros cursistas demonstraram estar fazendo a leitura do material e apresentaram atividades condizentes com o que foi solicitado, dando evidências de que o conteúdo havia sido compreendido.

Ao final do curso, esperava-se a elaboração de três sequências de ensino, já que os cursistas haviam sido divididos em três grupos e cada grupo deveria apresentar uma. Infelizmente, apenas um grupo conseguiu concluir e teve como tema os meios de prevenção contra o Coronavírus. O grupo elaborou um questionário no Google Forms e com os resultados construiu a sequência de ensino, seguindo os

passos do ciclo investigativo PPDAC e indicando quais habilidades relacionadas à Estatística se desejava alcançar, segundo a BNCC (BRASIL, 2017).

Assim, pode-se inferir que expor os alunos ao ciclo investigativo PPDAC em um processo estatístico, dá-lhes a oportunidade de construir uma compreensão da importância de cada uma das fases e do propósito das várias técnicas estatísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi apresentar e descrever a metodologia do Ciclo Investigativo PPDAC. Tal metodologia possibilitou o desenvolvimento do pensamento e do letramento estatístico (GAL, 2002) dos estudantes envolvidos no processo. Segundo Santana, Lobo e Almeida (2020), um cidadão pode ser considerado letrado estatisticamente quando tem a capacidade de interpretar e avaliar criticamente as informações estatísticas e, em seguida, relacioná-las com os dados e os fenômenos de onde foram extraídas.

Ademais, a realização de atividades de cunho investigativo pode estabelecer uma relação da Estatística com questões sociais, além de contribuir com o desenvolvimento do pensar crítico do aluno, estimulando o mesmo a analisar cada informação contida nos diversos meios de comunicação.

Com essa didática, percebe-se que o aluno participa ativamente de cada etapa do processo investigativo pois, ao longo do mesmo foi notado que a cada etapa avançada eles perdiam a timidez, passando a se expressar mais, tirando dúvidas, se posicionando durante o processo e refletindo sobre a atual situação mundial. E, apesar das dificuldades encontradas durante o percurso da aplicação do curso, como a não entrega de algumas atividades no prazo, pode-se afirmar que o objetivo proposto foi alcançado, e que os alunos vivenciaram uma nova metodologia de ensino que mostrou o papel da Matemática na sociedade e como a mesma pode ser ensinada de forma integrada ao contexto real do aluno, dando sentido a cada conceito estudado, fugindo da mera aplicação de fórmulas e exercícios, contrapondo ao ensino tradicional.

Os aspectos discutidos durante o curso evidenciam uma mudança para um modo flexível e não compartmentado de se perspetivar a aprendizagem da Estatística, valorizando as investigações em contextos diversificados, sempre que possível próximos da realidade dos cursistas, e buscando integrar os diversos tópicos apresentados. Para tal, podem também trazer contribuições significativas os múltiplos

recursos tecnológicos hoje disponíveis que precisam ser adotados de modos diversificados: como fonte de questões, fonte de dados ou instrumento para tratamento e análise de dados.

Por fim, o ensino da Estatística pautado por investigações em sala de aula, torna-se uma importante ferramenta na manipulação de objetos matemáticos pois contribui para formação de um cidadão crítico que, além de saber cálculos estatísticos, não recebe qualquer informação passivamente, e é importante para o desenvolvimento profissional do professor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GAL, I. Adult's statistical literacy: meanings, components, responsibilities. **International Statistical Review**, 70, 2002, pp. 1-25.

SANTANA, E. R. S.; LOBO, W.; ALMEIDA, L. **Texto Base de Estatística**. In: Matemática com Vida. Disponível em><https://classroom.google.com/u/0/w/MTMzMzkzNjA3MDI4/t/all>> Acesso em 02 de dezembro de 2020.

WILD, C.; PFANNKUCH, M. Statistical thinking in empirical enquiry. **International Statistical Review**, n. 67. 1999. In: CAZORLA, I. M. SANTANA, E. R., et al. Reflexões sobre o Ensino de Variáveis Conceituais na Educação Básica. **REnCiMa**, v.9, n.2, p. 354-373, 2018.

O ESTUDO DE GEOMETRIAS NÃO EUCLIDIANAS NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO

Clovis Lisbôa dos Santos Jr.¹

Lícia de Souza Leão Maia²

RESUMO

O conhecimento a ser compartilhado nesse trabalho é fruto da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, que teve como objetivo analisar o contexto do ensino e do estudo das Geometrias não Euclidianas no Brasil e a produção de significados de futuros professores de Matemática sobre esse tema. O estudo foi norteado pela Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky e pela Teoria da Atividade de Leontiev. Nessa perspectiva, apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Atividade Orientadora de Ensino de Moura como um desdobramento da perspectiva Histórico-Cultural, na qual utilizou-se como contexto para a negociação de significados entre os participantes da pesquisa. O presente texto tem como objetivo apresentar os pressupostos teóricos e os fundamentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento dessa pesquisa.

Palavras-chave: Educação Matemática; Formação de professores; Atividade Orientadora de Ensino; Geometria não Euclidiana.

INTRODUÇÃO

Recorrente nas discussões científicas acadêmicas e, consequentemente, nas investigações da área em Educação Matemática, a inserção das Geometrias não Euclidianas no currículo da Licenciatura em Matemática pode proporcionar ao futuro professor uma melhor experiência de aprendizagem da Geometria de modo que possa ressignificar o ensino do pensamento geométrico na educação básica.

Dentre os campos de pesquisas da Matemática que oferecem um modelo para análise do espaço físico a Geometria Euclidiana foi utilizada durante séculos como a principal área do conhecimento humano para denotar o espaço e as suas propriedades. Mas, seria a Geometria Euclidiana suficiente à compreensão e resolução de demandas relativas ao espaço físico terrestre? Tendo como premissa esse questionamento, a proposta da presente pesquisa é refletida no interesse pela história de fatos ligados às construções do conhecimento geométrico euclidiano e

¹ Doutor em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X. E-mail: prof.clovislisboa@gmail.com

² Doutora em Sciences de Leducation – Université de Paris V (Sorbone). Professora titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: liciaslm@hotmail.com

suas limitações, na possibilidade de aprofundamento dos estudos sobre as métricas não euclidianas e, em particular, no encorajamento acerca do ensino dessas Geometrias na formação inicial de professores de Matemática.

As discussões sobre a inserção do estudo de Geometrias não Euclidianas no currículo das escolas brasileiras encontram apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática – PCN (BRASIL, 1998), os quais apresentam a relevância do ensino de outras Geometrias na educação básica como se explica:

[...] a Matemática não evolui de forma linear e logicamente organizada. Desenvolve - se com movimentos de idas e vindas, com rupturas de paradigmas. Frequentemente um conhecimento é amplamente utilizado na ciência ou na tecnologia antes de ser incorporado a um dos sistemas lógicos formais do corpo da Matemática. Exemplos desse fato podem ser encontrados no surgimento dos números negativos, irracionais e imaginários. Uma instância importante de mudança de paradigma ocorreu quando se superou a visão de uma única geometria do real, a Geometria Euclidiana, para aceitação de uma pluralidade de modelos geométricos, logicamente consistentes, que podem modelar a realidade do espaço físico (BRASIL, 1998, p. 25).

Neste sentido, compreendemos que há nos PCN uma orientação para situações de aprendizagem que contemplem ao estudante estabelecer diferenças entre objetos sob diferentes pontos de vista, construindo e interpretando suas representações.

Brum e Schuhmacher (2014) expõem que para estabelecer diferenças entre objetos geométricos, como orienta os PCN, se faz necessário identificar diferentes modelos geométricos na natureza por meio do estudo das navegações, do sistema de localização por GPS (Sistema de Posicionamento Global), do comportamento da luz no espaço, em objetos comuns do cotidiano, como trompetes, poltronas, garrafas de vinho, nas produções artísticas como as obras de Escher, entre outros.

No intuito de contribuir com a presente discussão a respeito do ensino de Geometrias não Euclidianas na formação de futuros professores de Matemática, no contexto do desenvolvimento da presente pesquisa, investigou-se a seguinte questão: De quais formas os licenciandos do curso de Matemática compreendem e podem vir a compreender as Geometrias não Euclidianas?

Diante da delimitação do nosso problema de pesquisa e do ir e vir do processo de construção, compreendemos que o estudo elaborado tem por analisar o contexto do ensino e do estudo das Geometrias não Euclidianas no Brasil e a produção de significados de futuros professores de Matemática sobre esse tema.

METODOLOGIA

Para orientar o processo de investigação do problema que originou a pesquisa buscou-se satisfazer os seguintes objetivos específicos:

- Identificar cursos de Licenciatura em Matemática no Brasil que contemplam em seus currículos o ensino de Geometrias não Euclidianas;
- Investigar o que dizem os documentos nacionais e estaduais sobre o ensino de sistemas geométricos diferentes do euclidiano na Educação Básica;
- Analisar os aspectos constitutivos da produção de significados geométricos sobre o estudo de diferentes Geometrias no contexto proposto pela Atividade Orientadora de Ensino.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos para a pesquisa, a investigação foi realizada a partir dos seguintes instrumentos de coletas: identificação de propostas curriculares de cursos de Licenciatura em Matemática, documentos nacionais e estaduais que abordam o ensino de Geometria não Euclidiana na Educação Básica, questionário diagnóstico, Atividades de Ensino (AE), diário de campo, áudio gravações e roteiro de observação.

No processo inicial de investigação, realizou-se um mapeamento por meio de amostra estratificada das regiões do território brasileiro para identificar os cursos de Licenciatura em Matemática que apresentam em suas propostas curriculares ou em seus projetos políticos pedagógicos indícios do ensino de Geometrias não Euclidianas na formação inicial do professor de Matemática. O mapeamento das instituições foi realizado na plataforma digital do Ministério da Educação (E-mec) cujo site é <http://emec.mec.gov.br/emec/nova>, utilizando como critérios de seleção os cursos de Licenciatura em Matemática que são ofertados em instituições públicas, no formato presencial e que são reconhecidos pela Capes. As propostas curriculares ou os projetos políticos pedagógicos foram tomados como documentos da pesquisa e a análise dos mesmos está apoiada nas ações teórico-metodológicas da Análise Documental. Vale ressaltar que os documentos analisados foram encontrados nos sites das Instituições de Ensino Superior (IES) direcionados pelo portal do E-mec.

Em outro momento, investigamos indícios que norteiam o ensino de Geometrias não Euclidianas na Educação Básica nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, nas Orientações Curriculares Estaduais e na Base Nacional Comum Curricular. As informações obtidas partindo do mapeamento efetuado e das

orientações curriculares foram relevantes para a construção da proposta de intervenção, sendo essa desenvolvida com 16 discentes do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado da Bahia.

Nesse contexto, foram então vivenciadas e exploradas situações didáticas envolvendo diferentes modelos geométricos. A Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky (1987), complementada pela Teoria da Atividade de Leontiev (1978) e a Atividade Orientadora de Ensino de Moura (1996) são os aportes teóricos que subsidiaram a investigação e as ações pedagógicas nessa etapa do estudo. Numa perspectiva histórico-cultural em que “[...] o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer” (VYGOTSKY, 1987, p. 101), propõem-se as Atividades de Ensino como contexto para estimular a negociação de significados entre licenciandos do curso de Matemática acerca do estudo de Geometrias não Euclidianas.

A partir do referencial teórico adotado nessa pesquisa foram planejadas e desenvolvidas 6 Atividades de Ensino (AE) denominadas: AE I – O que diz Euclides?; AE II – Questionando Euclides?; AE III – A soma dos ângulos internos de um triângulo qualquer é sempre 180°?; AE IV – A Terra não é plana?; AE V – Outros espaços?; AE VI – É uma questão de curvatura?. As AE foram desenvolvidas na perspectiva teórico-metodológico da AOE em um movimento que visa a produção de saberes sobre diferentes modelos geométricos como uma unidade de formação tanto para o professor-pesquisador quanto para os licenciandos participantes da pesquisa.

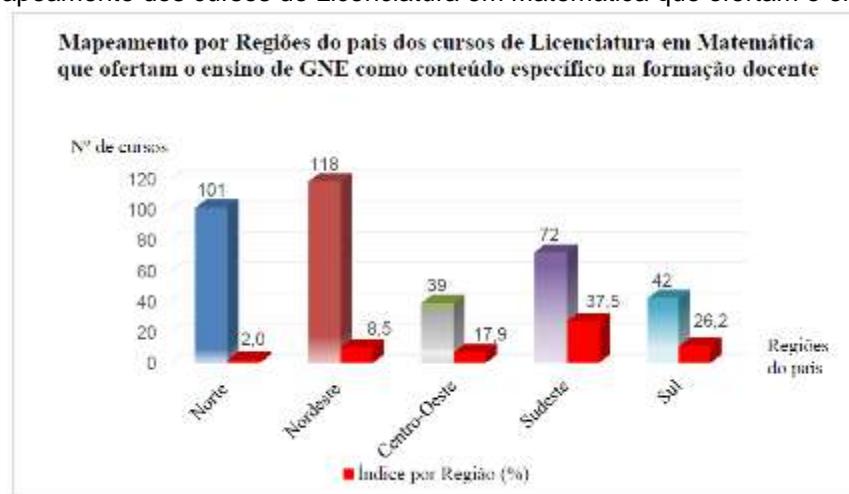
O processo de internalização dos conceitos geométricos foi captado e analisado, utilizando-se como pressupostos duas categorias: o Conflito – da validade lógica à validade empírica; e a Ruptura – do espaço euclidiano para outros espaços, constituídas por meio das interações entre os participantes no Sistema de Atividade de Formação proposto.

RESULTADOS DA PESQUISA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a triagem das IES públicas do país que oferecem o curso de Licenciatura em Matemática de modo presencial e autorizados pelo MEC, iniciamos o levantamento do número de cursos de Licenciatura em Matemática que oferecem o ensino de Geometria não Euclidiana (GNE) como conteúdo específico da área do conhecimento geométrico. Foram identificados 372 cursos de Licenciatura em

Matemática vinculados a 126 IES, dos quais 57 cursos ofertam o ensino de GNE como conteúdo específico para a formação de professores de Matemática. No Gráfico 1 apresentamos os percentuais contendo o número de cursos por região com os cursos que ofertam o ensino de GNE como conteúdo específico.

Gráfico 1 - Mapeamento dos cursos de Licenciatura em Matemática que ofertam o ensino de GNE



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O mapeamento das IES indicou que apenas 15,32% dos cursos de Licenciatura em Matemática apresentam em suas PC ou em seus PPP disciplinas que abordam o estudo de GNE na formação docente. O baixo índice apresentado sugere que a inserção das GNE no currículo dos cursos de Licenciatura em Matemática não é uma vertente consolidada na formação de professores, e, por esse motivo, há pouco envolvimento do futuro professor com essas Geometrias, podendo fortalecer somente o ensino da Geometria Euclidiana na educação básica.

Quanto aos documentos que norteiam o ensino de conhecimentos geométricos na educação básica, aproximadamente 23% dos estados brasileiros mencionam as GNE em suas propostas curriculares, dos quais, aproximadamente 50% recomendam e direcionam o ensino de GNE na educação básica.

Em nossa análise da BNCC (2017) constamos que não há referências em nenhuma modalidade de ensino da educação básica sobre a inserção das GNE no processo de ensino de Matemática. O tratamento dado ao campo da Geometria sugere que o modelo euclidiano é único e, a partir dele, o professor conduzirá as relações necessárias para a compreensão do objeto geométrico em estudo.

Quanto a produção de significados dos licenciandos no campo da Geometria, compreendemos que os licenciandos internalizaram os conceitos geométricos

explorados, uma vez que os instrumentos psicológicos mediados nas AE proporcionaram ações mediadoras que potencializaram modos de pensar e agir na formação de conceitos geométricos em diferentes superfícies, tais como: o comportamento da trajetória de retas (geodésicas), construção de triângulos, área de triângulos, retas coincidentes e retas paralelas. E, a partir da análise desses conceitos, terem condições de diferenciar e identificar o tipo de superfície que está em estudo, seja ela, plana, esférica ou hiperbólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os participantes ao estudarem modelos geométricos não euclidianos atribuíram significados diferenciados para o conceito de reta, paralelismo e soma de ângulos internos de um triângulo, ampliando assim, a compreensão desses conceitos quando constituídos no modelo geométrico euclidiano. Concluímos que o estudo de diferentes modelos geométricos na perspectiva da Atividade Orientadora de Ensino promove o desenvolvimento do pensamento teórico e prático do futuro professor de Matemática no processo de ensino e aprendizagem da Geometria, em particular, das Geometrias não Euclidianas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: matemática. **Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998. _____.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2019.

BRUM, W. P.; SILVA, S. C. R. A História Da Matemática e os Conhecimentos Prévios dos Professores como Subsídios para o Planejamento de um Curso Sobre Geometria. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí – GO, v. 10, n. 2, 2014.

MOURA, M. O. **Controle da variação de quantidades:** Atividades de ensino. São Paulo: FEUSP, Textos para o Ensino das Ciências, n. 7, 1996.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia y personalidad.** Buenos Aires: Ediciones Ciencias Del Hombre, 1978.

VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1987.

A ESTATÍSTICA EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO

Hávila Said Silva Evangelista¹

Vinicius dos Santos Anízio²

Célia Barros Nunes³

RESUMO

Este trabalho objetiva descrever uma sequência de ensino que foi elaborada em um curso de extensão totalmente on-line, promovido pelo Colegiado de Matemática da Universidade do Estado da Bahia, Campus X. A sequência de ensino foi desenhada com vista em um modelo de metodologia investigativa denominado Ciclo Investigativo PPDAC para tratar de conceitos estatísticos a fim de discutir elementos locais e globais vinculados à pandemia da Covid-19. Diante disso, podemos inferir que o curso possibilitou-nos uma melhor compreensão do que seja trabalhar de forma colaborativa com os colegas e o professor na busca da construção do conhecimento.

Palavras-chave: Estatística; Sequência de ensino; Ciclo investigativo.

INTRODUÇÃO

Em meio a pandemia originada pelo vírus Covid-19 foi desenvolvido um curso com o tema: “Em tempos de Pandemia, vamos estudar Estatística?” o curso consistiu em trabalhar conceitos estatísticos e os diferentes tipos de tabelas e gráficos, com a implementação de uma metodologia investigativa, denominada Ciclo Investigativo PPDAC, segundo Wild e Pfannkuch (1999). Para a elaboração de uma sequência de ensino, foi levado em pauta o problema da pandemia causada pelo Covid-19 que vem afetando o mundo global.

A utilização desse Ciclo em sala de aula, por meio de um problema matemático, pode favorecer ao aluno uma aprendizagem significativa em meio a um contexto real.

O Ciclo perpassa por algumas etapas bastante dinâmicas com o professor e os alunos, a saber: (i) o *Problema*, momento em que o professor junto com a turma pode levantar um tema e a pergunta de investigação a ser estudada; (ii) o *Planejamento* em vistas ao conteúdo matemático que se quer explorar naquela aula, neste caso foi conceitos estatísticos e pensar nos instrumentos que se utilizará para

¹ Graduando o 4º semestre do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: havilasaid@gmail.com.

² Graduando o 3º semestre do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: vinicius.anizio97@gmail.com.

³ Doutora em Educação Matemática pela UNESP, Rio Claro, São Paulo. Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus X.

a realização da pesquisa; (iii) a *Coleta de Dados* que consiste na aplicação de questionários ou instrumentos de pesquisa para melhor obtenção de informações acerca do que se quer estudar, neste caso os métodos de prevenção ao Covid -19 utilizados pelos familiares dos alunos do 4º semestre do curso em Licenciatura em Matemática; (iv) a *Análise de Dados*, momento de explicação dos conceitos estatísticos e a resposta ao problema e, por fim, a construção da representação dos dados por meio de recursos estatísticos como gráficos ou tabelas; (v) a *Conclusão* momento de sistematização dos conceitos trabalhados ao longo do ciclo. Importante chamar atenção aqui ao fato de que o ciclo pode ser reiniciado quantas vezes o professor achar necessário.

Dessa forma, foi pensada, pelos dois primeiros autores desse trabalho, a elaboração de uma sequência de ensino de modo que pudesse ser estudado conteúdos estatísticos, sobretudo tabelas e gráficos, a fim de obter uma (re) construção e (re)significação desses conteúdos já vistos em nossa escolaridade, seja na Educação Básica seja na Licenciatura. Conforme Peretti e Tonim da Costa (2013), a adoção de uma sequência de ensino possibilita além do conhecimento matemático, o desenvolvimento da interdisciplinaridade.

METODOLOGIA

Em dois momentos do curso, Módulo 2 e Módulo 3 foi nos dada a oportunidade de conhecer e compreender melhor “o que é” e “como” se pode trabalhar em sala de aula com a metodologia investigativa do PPDAC.

Durante a realização desses módulos pudemos compreender que uma aula pode ser planejada para o desenvolvimento de uma pesquisa, ou seja, uma aula de investigação em que o professor pode começar indagando aos alunos, por meio de uma situação problema, questões como: “o que acontece se” ...? “por que isto” ...? “e se” ...? A fim de despertar neles a curiosidade e o espírito de investigação.

Tais ações investigativas para serem realizadas na sala de aula, segundo Couto et al (2020) exigem um (re)pensar de processos metodológicos, considerando o estudante como ser ativo e protagonista das ações em sua própria aprendizagem e, o professor com perfil de mediador, de orientador do processo e não de simplesmente transmissor do conhecimento.

Nesse sentido, fomos instruídos durante a realização desses módulos a elaborar uma sequência de ensino a fim de mobilizar em nós, cursistas, o pensamento

científico e a críticidade de modo a contribuir para uma formação cidadã que possa “[...] desenvolver habilidades para coletar, organizar, representar, interpretar e analisar dados em uma variedade de contextos, de maneira a fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões adequadas” (BRASIL, 2017, p. 272).

O modelo de sequência de ensino apresentada no curso tem as seguintes etapas: o tema, objetivos, habilidades, o que se pretende ensinar (conteúdos estatísticos), quais as habilidades serão abordadas na aula, segundo a BNCC, inclui também recursos, metodologia (como trabalhar em sala de aula), avaliação e referências, conforme o modelo abaixo elaborado pelos autores desse trabalho. Vale salientar que os nomes dos professores autores são fictícios.

SEQUÊNCIA DE ENSINO	
Professores autores: Sara Said Eustáquio e Tales Fernandes de Melo	
ANO ESCOLAR INDICADO: 9º ano	
TEMA: Meios de tratamento de prevenção ao Covid-19	CARGA HORÁRIA: 12 h
CONTEÚDOS MATEMÁTICOS Gráficos estatísticos	
HABILIDADES A SEREM TRABALHADAS <p>(EF09MA22): Escolher e construir o gráfico mais adequado (colunas, setores, linhas), com ou sem uso de planilhas eletrônicas, para apresentar um determinado conjunto de dados, destacando aspectos como as medidas de tendência central;</p> <p>(EF09MA23): Planejar e executar pesquisa amostral envolvendo tema da realidade social e comunicar os resultados por meio de relatório contendo avaliação de medidas de tendência central e da amplitude, tabelas e gráficos adequados, construídos com o apoio de planilhas eletrônicas.</p>	
OBJETIVOS <ul style="list-style-type: none"> - Analisar os meios de tratamentos preventivos da Covid-19 utilizados nas famílias dos alunos do 9º ano; - Categorizar a coleta de dados graficamente para melhor visualização e apuração dos resultados; e - Avaliar se os meios de tratamentos são eficientes e se estão prevenindo os integrantes da família ao Covid-19. 	
RECURSOS <p>Os recursos tecnológicos e aplicativos necessários para esta pesquisa são <i>smartphones</i>, <i>notebook</i>, <i>tablet</i>, <i>Microsoft Excel</i> para o tabelamento dos dados e <i>Word</i> para organização dos relatórios de conclusão.</p>	

METODOLOGIA

1. Momento: Discussão do tema (2h): Reunir os alunos e discutir com eles sobre a pandemia gerada pelo Covid-19, com o auxílio de notícias geradas pela Organização Mundial da Saúde - (OMS) e da Secretaria de Comunicação Social da Bahia. Discutiremos também sobre como está sendo o tratamento preventivo das famílias dos alunos acerca do Covid-19;
2. Momento: Construção do problema (2h): Os alunos deverão elencar os objetos fundamentais para a prevenção do Covid-19, como por exemplo, o uso de máscara, álcool em gel ou líquido, e etc. Após organizar estes itens os mesmos deverão elaborar um questionário e compartilhar com os parentes visando saber se os mesmos utilizam com frequência os meios de prevenção ou não. Após a análise dos objetos, se inicia o momento de definir o problema, após discussões o problema definido foi se: As formas de tratamento preventivo ao Covid-19 dos familiares dos 13 alunos do 4º semestre estão sendo feitas constantemente? .
3. Momento: Planejamento e encaminhamento da coleta de dados para a organização e construção dos mesmos em tabelas e gráficos (4h): O planejamento da coleta de dados se baseia na realização de um questionário que será entregue aos alunos e aos familiares. As perguntas contidas no questionário são: 1. Quantidade de membros da família do entrevistador (incluindo o aluno); 2. Idade dos entrevistados; 3. Sexo?; 4. Quantas vezes usa álcool em gel diariamente?; 5. Qual dessas opções você se encaixaria em frequência do uso de máscaras ao sair?; 6. Em que frequência você pratica a higiene/troca das máscaras, alto, moderado ou nunca?; 7. Você compartilha itens pessoais, como celular, fones de ouvido ou perfume, sim ou não?; 8. Na prática de higiene de itens pessoais qual classe dessas você se encaixa, muitas vezes, às vezes ou nunca?; 9. Vacinou-se contra a gripe durante o período de pandemia, sim ou não?; De 0 à 10 o quanto você acha que está informado sobre a pandemia/covid-19? Se achar necessário, justifique.
4. Momento: Discussão da entrevista utilizando tabelas e gráficos para análise de conclusão (4h): Nesta etapa se dará a elaboração dos gráficos com base nos dados obtidos pelos alunos, seguido de momentos de discussão e conclusão das informações.

AVALIAÇÃO

A avaliação será processual e contínua durante o desenvolvimento das atividades de coleta, análise e interpretação dos dados, assim como, durante a criação da mídia de apresentação dos resultados. Instrumentos como o questionário produzido, tabelas e gráficos construídos devem ser levados em consideração para avaliar, além das falas e comportamentos dos alunos.

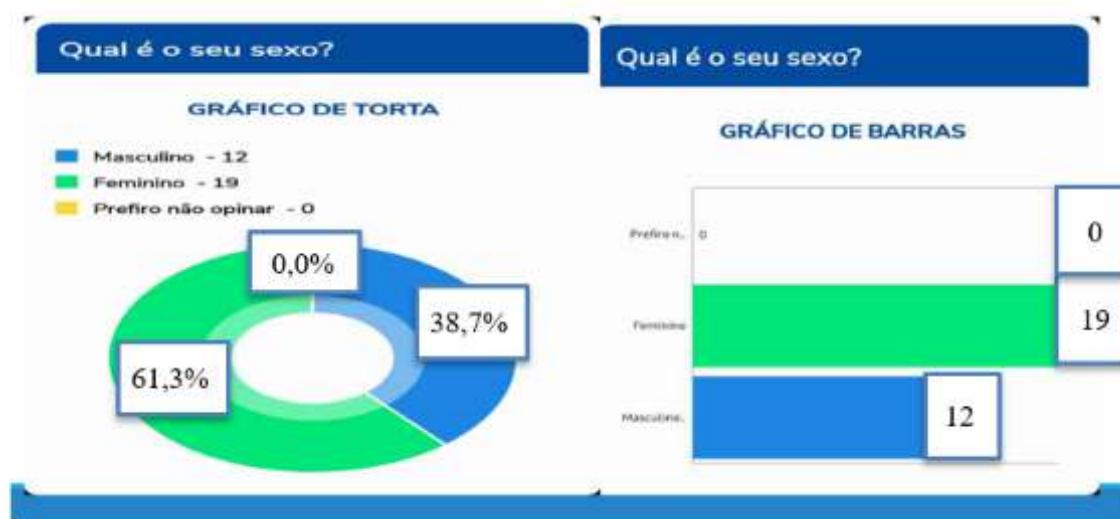
Vale ressaltar que o planejamento da sequência foi organizado para trabalhar pela plataforma do *Microsoft Teams* e o questionário foi elaborado pelo Formulário *GoogleForms*.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Com base na proposta da sequência de ensino, foi realizada a aplicação do questionário com os familiares dos alunos do 4º semestre do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado – UNEB, Campus X, por meio de um *link*¹ disponibilizado pela plataforma Google Forms no período do dia 15 a 30 de setembro, obtendo-se o total de 31 entrevistados. O intuito deste formulário foi obter uma coleta de dados que apresentasse os hábitos realizados pelos familiares nos meses de auge de contaminação da pandemia do Covid-19, servindo como um teste piloto para melhor aplicação da sequência no Ensino Fundamental II.

De acordo com os resultados das respostas, foi organizado o registro de todas as perguntas, utilizando gráficos estatísticos, como se pode observar no Gráfico 1 que traz a representatividade dos integrantes definidos pelo sexo por meio do gráfico de torta e de barras.

Gráfico 1: Representatividade do sexo dos entrevistados



Podemos observar também pelos Gráficos 2 e 3, a representatividade das respostas dos entrevistados com relação as frequências da utilização da máscara ao

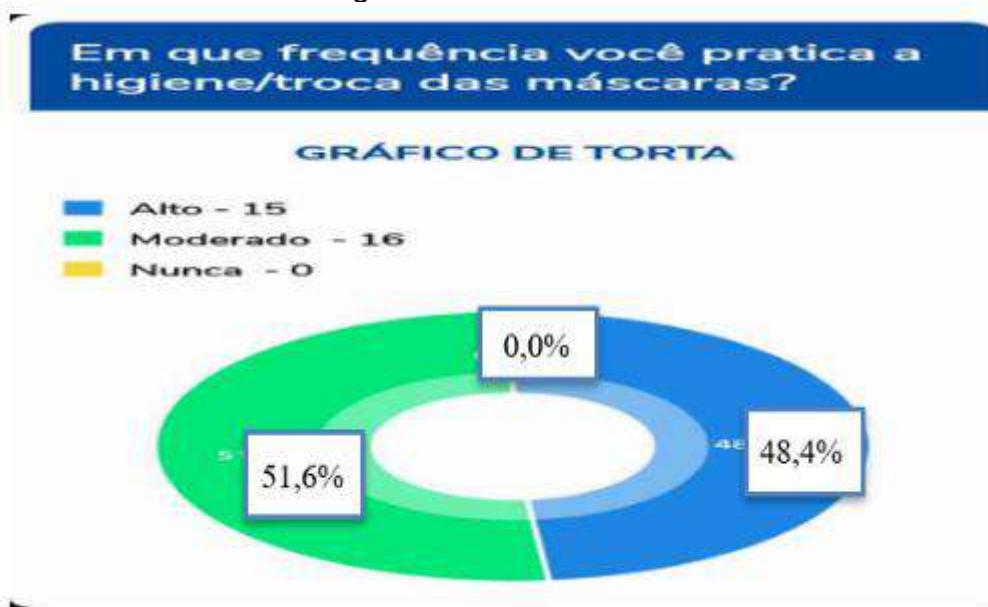
¹ Questionário dos bons hábitos familiares para a prevenção do Covid-19, disponível em: <https://surveyheart.com/form/5f7f1ef9b9b5cd53cb9f77ad>.

sair e sobre a higiene ou troca das máscaras, sendo classificados em opções como sempre, às vezes, nunca, alto ou moderado. A partir do gráfico, é possível analisar que os familiares dos alunos estão seguindo corretamente os cuidados necessários ao uso da máscara.

Gráfico 2: Representatividade da frequência do uso de máscaras



Gráfico 3: Representatividade da frequência em que os entrevistados realizam a higiene/troca de máscaras



Dessa forma, pode-se concluir que por mais que existam avisos por meio de telecomunicações sobre os cuidados necessários a prevenção ao covid-19, ainda existem pessoas que não seguem as orientações corretamente, o que pode levar ao

aumento dos índices de contaminados pelo vírus. Por fim, vemos que com esta coleta de dados pode-se formular uma conscientização maior para que os entrevistados entendam a importância de seguirem com rigor os métodos de prevenção ao Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de extensão, além de nos apresentar vertentes de planejamento tão eficazes, colaborou de forma significativa em nosso aprendizado, mostrando a eficácia de se trabalhar com a Metodologia Investigativa em sala de aula, bem como formas de ensino com recursos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

CAZORLA, Irene Mauricio; SILVA JÚNIOR, Antônio Vital; SANTANA, Eurivalda Ribeiro dos Santos, 2018. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**. Disponível em:<http://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/renclima/article/view/1674/976>. Acesso em: 30 de Set. 2020.

DA SILVA, Rossieli Soares; PRADO, Henrique Sartori de Almeida; SMOLE, Katia Cristina Stocco, 2018. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 29 de Out. 2020.

SANTANA, Mario de Souza, 2016. O ciclo investigativo como recurso à aprendizagem estatística: um enfoque no pensamento estatístico. **Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades**. Disponível em: http://www.sbmembrazil.org.br/enem2016/anais/pdf/8212_4266_id.pdf. Acesso em: 30 de Set. 2020.



Pesquisas e Práxis Pedagógica Pedagogia

ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I

Rosicleia da Silva Costa¹
Minervina Joseli Espindola Reis²

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar o Plano Nacional de Educação 2014-2024, a LDB 9394\96, os Documentos Finais dos Encontros da ANFOPE no período de 2012 a 2018, a Resolução CNE/CP 02/2015 e 02/2019 que versam sobre as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em licenciatura, e o Documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), a fim de elencar e interpretar os pontos congruentes e incongruentes presentes nestes documentos que preconizam sobre a formação do pedagogo. Toda proposta de mudança na legislação educacional precisa ser analisada, a fim de se ter posicionamento crítico para além da superficialidade dos documentos.

Palavras-chave: Educação; Formação de professor; Políticas educacionais.

INTRODUÇÃO

Num cenário político conturbado, após muitos debates e disputas de conceitos, concepções de pedagogia e função do pedagogo, é publicada no dia 1º de julho de 2015 a Resolução Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 02/2015 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para formação continuada. A Resolução indica mudanças nos rumos das políticas de formação dos profissionais do magistério da educação básica e apresenta consonância com o Plano Nacional da Educação 2014-2014 (PNE). É importante destacar a intensa e decisiva participação da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) nas últimas décadas nos processos de elaboração das resoluções que versam sobre a formação de professores.

Em dezembro de 2019 é homologada a Resolução CNE/CP N° 2/2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, UNEB/Campus X. rosivitoria303@gmail.com, FAPESB.

² Doutora em Educação, UNEB, mjreis@uneb.br, FAPESB.

dos Profissionais da Educação tendo como referência a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica (BNCC). Toda proposta de mudança em educação, principalmente em tempos obscuros e incertos, é necessária uma análise consistente e responsável, a fim de se ter posicionamento crítico para além da superficialidade dos documentos, para garantir que não haja retrocessos na formação do professor e no currículo das escolas de Educação Básica. Há questionamentos consistentes, principalmente, sobre a Resolução CNE 02/2019 e a BNCC que precisam de ser investigados.

O objetivo dessa pesquisa é analisar os Documentos Finais dos Encontros da ANFOPE realizados no período de 1996 a 2018, a Resolução CNE/CP Nº 02/2015, Resolução CNE/CP Nº 2/2019 que versa sobre as Diretrizes Curriculares para os cursos de Pedagogia, a Lei Diretrizes e Bases da Educação nº 9394\96 (LDB 9394\96), o PNE 2014-2024 e o Documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para o Ensino Fundamental I, a fim de elencar e interpretar os pontos congruentes e incongruentes presentes nestes documentos que preconizam sobre a formação do pedagogo.

Os debates não se esgotam, é um constante recomeçar, atualmente há obrigatoriedade da implantação da BNCC e a Resolução 02 de 2019 do CNE, e muito se questiona sobre os referidos documentos, se estão em consonância com as Diretrizes do curso de Pedagogia, que foram exaustivamente debatidas.

Os rumos da educação brasileira, estão acontecendo num contexto marcado por tensões e insegurança educacional, política e econômica. É importante analisar os documentos oficiais que preconizam sobre a formação do pedagogo e sobre a educação, para que sejam construídos subsídios para uma avaliação criteriosa sobre os novos rumos da brasileira.

METODOLOGIA

De acordo com objetivo proposto, e, também, por entender que a pesquisa qualitativa possibilita caminhos diferenciados que nos permitem adentrar com profundidade na complexidade e particularidade do fenômeno estudado, optamos pela concepção de pesquisa qualitativa, na perspectiva bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados e publicados, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa documental pode ter fontes como: atas, cartas, diários, discursos, certidões,

fotografias, mapas, pareceres informativos, relatórios, dentre outras. E consiste em estudar, identificar, analisar os documentos com uma finalidade específica. É preciso interpretar o documento, ler nas linhas e entrelinhas, o texto e seu contexto. De acordo os estudos de May (2004) os documentos não existem isoladamente, precisam ser contextualizados para serem entendidos. Nessa perspectiva, para interpretar um documento é preciso estabelecer uma relação dialógica. É preciso mergulhar no contexto dos documentos, para conhecer o autor, ou autores.

Desenvolvemos os estudos e a pesquisa com realização de encontros semanais, utilizamos para registros escritos, caderno de anotações e criamos um modelo de planilha para registrar os pontos congruentes e incongruentes encontrados nos Documentos analisados.

Iniciamos os estudos teóricos sobre a pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfica e documental, foram realizadas leituras e resumos sobre referências teóricas o tema. No segundo momento da pesquisa, iniciamos a análise dos documentos propostos. A leitura do documento a ser analisado era feita individual e previamente, a cada encontro realizado, discutíamos, juntamente com a professora orientadora, o documento lido. As análises e considerações eram registradas no caderno de anotações e na planilha. Após nas reuniões eram construídos textos dissertativos sobre os estudos realizados.

No período da pandemia da Covid-19 continuamos com estudos remotos, os encontros aconteciam semanalmente, inicialmente pelo App *WhatsApp*, e logo depois pela plataforma *Microsoft Teams*.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A partir do objetivo da pesquisa, dos estudos e análise dos documentos oficiais que versam sobre formação de professores foram construídas 4 categorias de análise: Educação à Distância, Pesquisa, Teoria-prática, Valorização do Professor.

Sobre a categoria Educação à Distância os documentos analisados que apresentam pontos congruentes são os Documentos da Associação Nacional pela Formação de professores da Educação (ANFOPE) 2012-2018, a LDB nº 9394/96 e a Resolução CNE 02/2015. Já a Resolução 02 /2019, apresenta pontos incongruentes com os demais Documentos analisados, uma vez que traz uma proposta consistente de formação docente na modalidade de Educação à Distância. A análise dos resultados indica a necessidade de estudos e pesquisas sobre as propostas

curriculares de cursos de formação de professores a partir da Resolução CNE 02/2019 a fim de assegurar que não haja retrocessos nos cursos de licenciatura.

A categoria pesquisa é abordada nos Documentos Finais da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação 2012, 2014, 2016, 2018 (ANFOPE), na LDB 9394/96, na Resolução CNE 2/2015, BNCC, PNE 2014-2024), os quais defendem a pesquisa em todo o percurso formativo como artefato relevante no processo ensino-aprendizagem. Esses documentos defendem a pesquisa como um dos princípios com qual a educação necessita para avançar, para que educadores e educandos possam recriar os conhecimentos compartilhados. Já a Resolução CNE 02\2019 o foco principal é a prática, tendo como base a BNCC da Educação Básica.

A categoria teoria-prática é abordada nos documentos Associação Nacional pela Formação de Professores da Educação (ANFOPE) 2012/2018, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, Resolução 2/2015 como fundamental na formação de professor. Entretanto, a Resolução 2/2019 dá mais ênfase à prática e tem a preocupação de normatizar a formação de professor, estabelece princípios formativos de forma linear. A defesa pela presença da categoria teoria e prática está presente nos documentos analisados como modo de defender a qualidade educativa, sendo este um ponto positivo para o setor educacional rompendo assim com os mecanismos de rebaixamento do ensino, e avançando para um trabalho crítico para que cada sujeito possa vislumbrar novas formas sobre o real vivido, refletindo e propondo alternativas sobre sua vivência e também sobre as transformações sociais.

A categoria valorização do magistério os Documentos da ANFOPE 2012-2018, LDB 9394/96, o PNE 2014-2024 e a Resolução 02/2015, apresentam pontos congruentes, reafirmando por meio de princípios que garantem a valorização do professor. Enquanto a atual Resolução CNE N° 2/2019 apresenta pontos incongruentes com os documentos citados anteriormente. A atual Resolução não traz um capítulo específico sobre a valorização do magistério, o que pode ser interpretado como falta de comprometimento com a categoria. O ponto que chama atenção na Resolução 02\2019 é a imposição que a formação docente seja focada nas competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

É importante destacar que a ANFOPE repudia a Resolução CNE 02\2019 e afirma que é preciso resistir ao aprofundamento da educação interligada somente a

aspectos técnicos, seguindo modelos que servem para elevar somente o setor produtivo, excluindo o desenvolvimento social, cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi contemplado e reforça que é preciso conhecer e debater sobre documentos oficiais que versam sobre os cursos de licenciaturas. Ter um conhecimento crítico da legislação sobre formação de professores é um modo de lutar e defender um projeto educacional que respeite os ideais de solidariedade humana, qualidade e valorização de todo conjunto educacional e não permitir retrocessos na educação. A partir dos estudos realizados é possível afirmar que os documentos recentemente aprovados favorecem para o retrocesso e a negação de uma concepção educacional que considera princípios interligados a qualidade social da educação e a valorização dos professores.

Por isso, concluímos a necessidade de conhecer e interpretar os documentos oficiais que versam sobre o processo educacional, sobre a proposta curricular dos cursos de licenciatura, as manifestações a favor e contrárias manifestadas por diferentes grupos de pesquisadores da educação, entidades e associações docentes. Uma leitura atenta e contextualizada das linhas e das entrelinhas da legislação educacional pode favorecer revelar o que de fato se propõe e se espera da formação de professores para Educação Básica no cenário atual. O que pode revigorar a luta em defesa de um projeto educacional que respeite os ideais de solidariedade humana, qualidade e valorização de todo conjunto educacional.

REFERÊNCIAS

- ANFOPE, Documento Final XIX encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação: (Contra) Reformas e Resistências.** RJ-2018.
- ANFOPE, Documento Final XVI encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos profissionais da Educação: PNE. Sistema Nacional na CONAE/2014 e Fóruns Permanentes de Apoio à Formação Docente.** Brasília, 2012.
- ANFOPE, Documento Final XVII encontro Nacional da. **Políticas Nacionais de Formação no Sistema Nacional de Educação. Base Nacional Comum para a Educação Básica e a Formação de professores.** Brasília, 2014.

ANFOPE, Documento Final XVIII encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos profissionais da Educação: Conjuntura Nacional Avanços e Retrocessos**. Goiânia, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Lei n.9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília: Congresso Nacional.

BRASÍLIA. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno– Resolução CNE/CP N°2, Jul.2015.

BRASÍLIA. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno– Resolução CNE/CP N°2, Dez.2019.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, método os e processo**. Artmed :Porto Alegre, 2004.

ENCONTROS E DESENCONTROS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE PRECONIZAM SOBRE A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Drielle Fernandes Sampaio¹
Minervina Joseli Espindola Reis²

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo principal analisar os Documentos Finais dos Encontros da ANFOPE, de 2012 a 2018, a Resolução CNE/CP Nº 02/2015 que versa sobre as Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura, a Resolução CNE/CP Nº 02/2019 que institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, o Documento da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/1996 e o Plano Nacional de Educação 2014-2024, a fim de elencar e interpretar os pontos congruentes e incongruentes relativos à formação do pedagogo para a Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação; Política de Formação Docente; Educação Infantil; Legislação.

INTRODUÇÃO

Num cenário político conturbado, após debates e disputas de conceitos, concepções sobre o processo de formação e a função do pedagogo, é publicada no dia 1º de julho de 2015, a Resolução CNE nº 02/2015 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para formação continuada. A Resolução indica mudanças nos rumos das políticas de formação dos profissionais do magistério da Educação Básica e uma consonância com o PNE 2014-2024. É importante destacar a intensa e decisiva participação da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) nas últimas décadas nos processos de elaboração das resoluções que versam sobre a formação de professores.

No final de 2017, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, em dezembro de 2018 é aprovada a Base do Ensino Médio. A BNCC é um documento normativo “que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, UNEB/Campus X. driellesampaiofs@gmail.com, FAPESB.

² Doutora em Educação, UNEB, mjreis@uneb.br, FAPESB.

desenvolverão ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica" (BRASIL, 2017). A implantação da Base é obrigatória em todas as escolas públicas e privadas do país a partir de 2020.

Em meio a questionamentos e turbulências políticas, no dia 20 de dezembro de 2019 foi aprovada a Resolução CNE/CP Nº 02/2019 que define novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Tal Resolução determina que as instituições de Ensino Superior reformulem os Projetos de Cursos no prazo máximo de 3 (três) anos.

Toda proposta de mudança em educação, principalmente em tempos obscuros e incertos, exige uma análise consistente e responsável, a fim de se ter posicionamento crítico para além da superficialidade dos documentos, para garantir que não haja retrocessos na formação do professor e no currículo das escolas de Educação Básica.

METODOLOGIA

De acordo com objetivo proposto e por entender que a pesquisa qualitativa possibilita caminhos diferenciados que nos permitem adentrar com profundidade na complexidade e particularidade do fenômeno estudado, optamos pela concepção da pesquisa qualitativa, na perspectiva bibliográfica e documental.

Como recurso metodológico teórico foram estudadas algumas obras de Arroyo (2000), Freire (1996), Gadotti (1998) e Reis (2003), para os registros da pesquisa foi utilizado caderno de anotações e planilha para registro dos pontos congruentes e não congruentes dos documentos analisados. As leituras dos textos e dos documentos eram feitas individualmente e em conjunto, seguida de discussões e análises. Para a análise e interpretação dos dados, foi utilizado a "Análise de Conteúdo", que segundo Bardin (2009) são técnicas de análise de comunicação a qual visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção destas mensagens.

Os encontros com a professora orientadora aconteciam semanalmente para discussões dos estudos teóricos realizados ou para análise dos documentos oficiais que preconizam sobre formação de professores. Essa metodologia de estudo se

estendeu durante a pandemia através de reuniões que aconteceram toda semana, de forma online.

No primeiro momento foi realizado estudos sobre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, a fim de reconhecermos os princípios e a importância de cada uma para o desenvolvimento da pesquisa, para as análises prosseguientes. Para isso, nos valemos dos estudos de Amaral (2007), Silva; Almeida; Guindani (2009), após leitura e discussões foram elaboradas sínteses do conteúdo estudado.

Finalizado o estudo sobre formação de professores e as concepções de pesquisa, iniciamos o estudo e análise dos seguintes documentos: Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96); Documentos Finais dos Encontros da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) dos anos de 2012 a 2018, Plano Nacional de Educação 2014-2024; Resolução CNE/CP Nº 02/2015; Resolução CNE/CP Nº02/2019; Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil. A partir dos estudos dos documentos eram feitos os registros na planilha dos pontos congruentes e incongruentes, as aproximações e distanciamentos entre eles.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A partir da análise dos documentos foram construídas três categorias de análise, sendo elas: Valorização dos Professores, no que se refere a planos de carreira, acesso à carreira por meio de concurso, piso salarial, continuidade na formação, condições dignas de trabalho; Educação a Distância, quanto à preferência da modalidade do ensino; Teoria e Prática, no que tange a uma sólida formação, destacando-se também o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil.

Podemos afirmar que sobre a Valorização dos Professores há pontos congruentes na Resolução Nº 2 de 2015; na LDB 99394/96 e nos Documentos Finais da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da educação (ANFOPE). Entretanto, na Resolução Nº2, de 2019, não apresenta uma congruência com os demais documentos analisados, uma vez que não aborda de modo explícito sobre a valorização docente.

De acordo com as análises feitas, podemos afirmar que sobre Educação a Distância os Documentos da ANFOPE, a Resolução 02 de 2015, a LDB 9394/96 apresentam uma aproximação entre si, pois os mesmos apresentam pontos congruentes em defesa da formação inicial, graduação em licenciatura, presencial,

destacando que a formação inicial a distância pode gerar prejuízos à educação brasileira. Já a Resolução 02 de 2019, distância dos demais Documentos analisados, por apresentar uma proposta sistemática de Educação a Distância.

Quanto à categoria teoria e prática na formação do professor, a Resolução Nº2, de 1º de julho de 2015 não traz a normatização e a regularização sobre a teoria e a prática, mas sim a formação no todo, como é visto no artigo 3º, §6º, inciso I, “a sólida formação teórica e interdisciplinar dos profissionais” e no artigo 5º, “a articulação entre teoria e prática”. Já a Resolução CNE/CP Nº2, de dezembro de 2019, traz uma indicação incongruente à Resolução anterior, por apresentar uma proposta de normatização da relação teoria e prática nos cursos de licenciatura. Porquanto, os eixos presentes na atual Resolução trazem a concepção de formação do especialista. Deste modo, no artigo 4º encontram-se competências específicas, como: conhecimento profissional, prática profissional e engajamento profissional.

Além da análise dos Documentos oficiais que versam sobre formação de professores, os quais nos fazem refletir sobre essa formação, sobre o padrão de qualidade pedagógica social, dentre outros importantes aspectos, analisamos a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, e a partir da análise pudemos constatar que esse é um documento de caráter normativo que define os direitos de aprendizagem de todos os alunos do nosso país. Com base na análise da BNCC para a Educação Infantil e a Resolução 02 de 2019 (BNC-Formação) podemos considerar que o pragmatismo presente na Resolução é para atender à implantação da BNCC.

Por fim, analisamos também o Plano Nacional de Educação com foco na Educação Infantil e na Formação dos professores, a qual apresenta pontos congruentes com a LDB e os documentos da ANFOPE. Todavia, a pesquisa demonstra que a formação inadequada dos professores pode dificultar ou impedir que as metas do PNE sejam atingidas, pois sem uma formação de professores, pautada na pesquisa e na docência, na formação humana, não tem como obter bons resultados na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma luta consistente pela formação de professores de qualidade acadêmica e social, é preciso interpretar os documentos oficiais, conhecer o seu processo de elaboração, as manifestações a favor e contrárias às propostas, expostas por diferentes grupos de profissionais da educação, entidades e associações. É

preciso contextualizar os documentos oficiais para que seja possível uma leitura atenta das linhas e entrelinhas, para uma possível compreensão do que se propõe da formação de professores no cenário atual.

Com base nas análises e estudos feitos é possível afirmar que os documentos da ANFOPE trazem uma concepção de educação mais ampla, progressista, focada no sujeito, pautada nas questões sociais e o desenvolvimento num todo. A LDB 9394 de 1996 traz a proposta de uma educação democrática e a formação integral do sujeito, bem como a Resolução Nº2, de 2015. No entanto, a Resolução Nº2 de 2019 traz uma concepção de educação mais fechada e padronizada, condizente com a Base Nacional Comum Curricular Comum. De acordo com a análise da Resolução e debates acadêmicos sobre a BNC- Formação, a mudança veio para atender a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A pesquisa demonstra que importantes reformas educacionais, que irão mudar os rumos da educação brasileira, estão acontecendo num contexto marcado por tensões e insegurança educacional, política e econômica. Nesse cenário é imprescindível interação entre os professores, grupos de pesquisas, entidades, associações em prol da educação pública com qualidade socialmente referendada. Frente às dificuldades que estamos vivendo e as mudanças ocorridas na sociedade, não podemos nos permitir um “otimismo ingênuo” diante das novas propostas para educação e para a formação do professor. Não é permitido também um pessimismo imobilizador, a descrença que enfraquece a luta diária por melhorias na educação, por isso, é importante analisar os documentos oficiais que preconizam sobre a formação do pedagogo para a Educação Infantil e sobre a educação, para que sejam construídos subsídios para uma avaliação criteriosa sobre os novos rumos da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J.F. **Como fazer uma Pesquisa Bibliográfica.** Universidade Federal do Ceará : Fortaleza. 2007.

ANFOPE, Documento Final XIX encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação: (Contra) Reformas e Resistências.** RJ-2018.

ANFOPE, Documento Final XVI encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos profissionais da Educação: PNE. Sistema Nacional na**

CONAE/2014 e Fóruns Permanentes de Apoio à Formação Docente. Brasília, 2012.

ANFOPE, Documento Final XVII encontro Nacional da. **Políticas Nacionais de Formação no Sistema Nacional de Educação. Base Nacional Comum para a Educação Básica e a Formação de professores.** Brasília, 2014.

ANFOPE, Documento Final XVIII encontro Nacional da. **Políticas de Formação e Valorização dos profissionais da Educação: Conjuntura Nacional Avanços e Retrocessos.** Goiânia, 2016.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre.** Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Lei n.9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília: Congresso Nacional.

BRASÍLIA. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno– Resolução CNE/CP N°2, Jul.2015.

BRASÍLIA. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno– Resolução CNE/CP N°2, Dez.2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder** – introdução à pedagogia do conflito. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

REIS. Minervina Joseli E. **O olhar do professor-aluno na sua formação acadêmica:** avanços e desafios. Salvador: Editora EGBA, 2003.

O FINANCIAMENTO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM PERIÓDICOS (ONLINE): O QUE A PESQUISA APRESENTA

Bruna Pereira dos Santos¹
Cristiane Gomes Ferreira²

RESUMO

Este resumo apresenta um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado o Estado da Arte do Financiamento para Educação Inclusiva. O trabalho mostra uma parte dos resultados e análises encontrados na pesquisa original. Ela tinha como objetivo mapear periódicos (online), utilizando descriptores (financiamento e educação inclusiva), com uma metodologia do Estado da Arte, investigando o que as produções acadêmicas têm discutido sobre essas temáticas. Fundamentada em autores como Romanowski e Ens (2006), Ednir e Bassi (2009), Pinto (2007) e outros autores. Destaca-se poucas pesquisas na área e a necessidade e maior conhecimento do educador sobre as temáticas.

Palavras-chave: Financiamento da educação; Educação Inclusiva/especial; Políticas Públicas; Estado da Arte

INTRODUÇÃO

Esse texto é o resultado do recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado o Estado da Arte do Financiamento para Educação Inclusiva, apresentado no início do ano de 2020. Ele teve como objetivo principal fazer um levantamento e triagem sobre produções já publicadas em relação às temáticas ‘Educação Inclusiva/Especial’ e ‘Financiamento da Educação’. O trabalho foi fundamentado pelos autores Romanowski e Ens (2006), Flick (2009) e Ferreira (2002), dentre outros. Diversos autores e estudiosos reforçam sobre importância de investimentos na área educacional, a exemplo de Pimentel (2012), que afirma não ser possível fazer educação inclusiva de qualidade sem ampliação de recursos para a educação.

Para esse resumo, selecionamos duas tabelas/resultados para apresentar do trabalho original e no qual constam seis análises. A pesquisa escolheu seis (06) periódicos da área educacional e educação inclusiva/especial, utilizando-se os descriptores: “Financiamento da Educação e Educação inclusiva/especial”.

A situação que chamou atenção, é o número reduzido de trabalhos voltados para essa temática. A percepção é que os educadores desconhecem sobre o tema e

¹Graduada em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: brunasantos8888@hotmail.com.

²Professora Assistente. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: crisgfe.inclusao@gmail.com.

se mostram pouco receptivos ao conteúdo. Posto isto, não se pode duvidar que, para alcançar o paradigma inclusivo, o aumento de investimentos educacionais seja necessário. Assim, trazemos nesse trabalho algumas questões para discussão e ampliar o debate sobre o tema Educação Inclusiva e Financiamento.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A POLÍTICA DE FINANCIAMENTO BRASILEIRA

O histórico da Educação Inclusiva no Brasil é marcado por exclusões e discriminações, infelizmente, esse diagnóstico não é uma exclusividade brasileira se buscarmos informações na literatura que discute o assunto, Mazzota (2011), Moreira (2013), entre outros. Desde a antiguidade que as pessoas com deficiência são invisibilizados, vivenciando diversos paradigmas sociais: exclusão/externínio, institucionalização, integração e inclusão. Foi a partir do Século XIX, que a sociedade passou a conceber a pessoa com deficiência como um indivíduo que pode receber educação, entretanto, devido às suas limitações, não poderiam entrar em contato com os “normais”.

Sobre o conceito de normalidade, Carvalho (2012) explica a diferenciação entre o Modelo Biomédico e o Modelo Social. O primeiro dá maior ênfase a patologia, olha o sujeito como doente e incapaz, o segundo explicita que a deficiência não é um atributo do indivíduo e sim o resultado da interação entre suas características pessoais e as condições da sociedade em que vive (ambiente). A nova percepção sobre a inclusão, implementação de novas políticas públicas e documentos legais são resultado de muitas lutas e conquistas. É pensando nessas políticas públicas que se busca compreender, como funcionam as políticas destinadas ao financiamento da educação brasileira?

No atual contexto educacional vigora o Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação, o principal fundo responsável pela distribuição do recurso financeiro para a educação, é importante conhecermos como esses recursos têm sido direcionados ao público da educação inclusiva, visto que esta compõe o que se classifica como educação básica. Isto posto, a educação inclusiva, como integrante de uma modalidade educacional, prevê a existência de investimento financeiro por parte do poder público destinado aos alunos com deficiência.

A Educação Inclusiva historicamente sempre sofreu déficits de investimentos, se considerarmos que até meados do século XX a defesa era que eles fossem

educados pelas Escolas Especiais. Com a obrigatoriedade da matrícula, esse cenário se modificou nas Escolas Comuns e somente em 2007, com o Fundeb, esse grupo social foi reconhecido do ponto de vista financeiro.

Diante do exposto, o presente resumo apresenta um recorte da pesquisa de TCC defendido em março de 2020, com uma metodologia sistematizada que produziu resultados por mapeamento de periódicos (online) e artigos publicados nas revistas classificadas com descritores chaves: financiamento e educação inclusiva.

PROCESSOS E RESULTADOS

Estudos de Estado da Arte são de caráter bibliográfico e trazem o objetivo de mapear e discutir uma determinada produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, com vistas a apontar os aspectos que vão sendo destacados e até mesmo identificar os aspectos que são mascarados em diferentes épocas e lugares nas pesquisas. (ROMANOWSKI; ENS, 2006; FERREIRA, 2002).

A pesquisa que aqui se apresenta conta com uma abordagem qualitativa e possui essa característica porque faz um balanço sobre as produções já publicadas. Uma das ferramentas principais para essa investigação foi a internet, e como afirma Flick (2009), a pesquisa, de uma forma geral, na era das novas tecnologias da informação e da comunicação, não escapa dos efeitos dessa revolução digital. Na atualidade, pode-se utilizar a internet para a produção de pesquisas de análise de documentos, pois a Web dispõe de muitos e o pesquisador encontrará uma variedade infinita de sites e documentos.

Para iniciar esse estudo foi estabelecido algumas etapas e processos, como: a) Definição do tema e escolha dos descritores principais; b) Seleção de leitura; c) Levantamento de resumos, pesquisa documental, pesquisa em banco de dados; d) Seleção de revistas/periódicos; e) Análise e sistematização dos dados.

A estratégia estabelecida foi buscar e selecionar na área de educação inclusiva e na educação geral periódicos em evidência e com abordagem do financiamento. Iniciamos a pesquisa pelas revistas no âmbito da educação inclusiva, que abordavam o financiamento, buscando na internet periódicos relevantes com base nos descritores. Neste diligente processo foram selecionados seis periódicos: (04) quatro inerentes à educação especial: Revista Educação Especial (UFSM); Revista Diálogo e Perspectivas em Educação Especial (UNESP); Revista Educação Especial em Debate (UFES); Pesquisa e Prática em Educação Inclusiva (UFAM). E (02) dois,

referentes à educação em geral: Educação em Revista (UFMG); Educar em Revista (UFPR).

Com a definição de quais periódicos investigar, a etapa seguinte foi utilizar os descritores para encontrar nessas revistas quais artigos abordavam o assunto educação inclusiva e financiamento. Utilizou-se a combinação dos seguintes descritores: **“Financiamento na educação inclusiva; Financiamento e educação especial”**, tornando a pesquisa muito mais minuciosa. Deu-se início a um levantamento bastante criterioso nos 06 periódicos escolhidos, sendo necessário acessar cada edição e efetuar leituras de cada resumo. Nessa etapa surgiu uma frustração muito grande, os resultados das buscas não corresponderam à expectativa que era a de encontrar uma quantidade considerável de estudos, e sim o oposto. Das 06 revistas investigadas, com uma média de 30 a 40 edições de cada uma e cada edição com 10 a 12 artigos cada, apenas foram encontrados 05 artigos com a discussão Educação Inclusiva/Financiamento.

A partir dos estudos criteriosos com quadro de organização de dados, na pesquisa original foi possível produzir total de 4 tabelas, para este trabalho foram selecionadas apenas duas, conforme abaixo, as tabelas I e III, com discussões muito pertinentes. Abaixo, segue a tabela I com a apresentação dos periódicos selecionados.

TABELA I
PERIÓDICOS SELECIONADOS

PERIÓDICO	ARTIGO (QUANTIDADE)	ANO DE RECORTE	OBSERVAÇÃO
Educar em Revista (UFPR)	2	Analise de 1993 a 2019.	Publicação desde 1977, o periódico com revistas mais antigas, primeiro artigo sobre Educação Especial é em 1995.
Educação em Revista (UFMG)	1	Analise de 1990 a 2019.	
Revista Educação Especial em Debate (UFES)	2	Analise de 2016 a 2018.	
Pesquisa e Prática em Educação Inclusiva (UFAM)	0	Analise de 2018 a 2019.	
Revista Diálogo e Perspectivas em Educação Especial (UNESP)	0	Analise de 2014 a 2019.	
Revista Educação Especial (UFSM)	0	Analise de 2000 a 2019.	

Fonte: Elaborado pela própria autora (2019)

Como é possível observar na tabela acima, apresenta os periódicos selecionados para esse trabalho. Assim, consta (06) seis revistas selecionadas para a pesquisa, quantidade de artigos encontrados com os descritores definidos e foi necessário também estabelecer um marco temporal, que se optou "após a década de 90", pois verificou que havia revistas com a primeira publicação sobre educação

especial datada de 1995, compreendendo que a partir de então outras pesquisas nessa área surgiram, ampliando o campo de buscas.

Na busca pelos artigos deparou-se em apenas (05) cinco artigos relacionados ao objetivo da pesquisa encontrados em um universo de mais de 236 edições analisadas. Essa informação também deixou uma frustração pelo número pequeno de trabalhos que discutiam financiamento da educação e educação inclusiva. Posto que o educador precisa conhecer sobre recursos para a educação, já que é a partir dele que ocorre a efetivação das políticas públicas.

As autoras Romanowski e Ens (2006) esclarecem que esse tipo de pesquisa contribui na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento e apontam as lacunas enfrentadas.

Abaixo, a Tabela III com informações sobre os cinco artigos e quais assuntos foram abordados dentro da discussão educação inclusiva e financiamento.

TABELA III
PRINCIPAIS ASSUNTOS ABORDADOS DENTRO DA DISCUSSÃO TEMÁTICA
(EDUCAÇÃO INCLUSIVA/ESPECIAL E FINANCIAMENTO)

PERIÓDICOS	ARTIGO	ANO	ABORDAGEM TEMÁTICA
Revista Educação Especial em Debate (UFES)	A Política de Fundos E A (Des) Valorização Dos Estudantes Público Alvo da Educação Especial (Paee). (SILVA; SILVA; MOREIRA; 2018).	Jul/dez. 2018	Legislação do FUNDEB e o Decreto 7611/2011
Revista Educação Especial em Debate (UFES)	Financiamento da Educação Especial: Controle social e Acompanhamento das despesas educacionais no Brasil. (FRANÇA; PRIETO; 2016).	Jun/2016	Despesas com a Educação Especial.
Educar em Revista (UFPR)	Financiamento da Educação especial no município de Vitória: desafios à gestão. (FRANÇA; PRIETO; 2018).	Set/out.2018	Publicização dos recursos públicos voltados à Educação especial em ES.
Educar em Revista (UFPR)	Gestão dos Recursos Voltados à Educação Especial em município brasileiro (2018-2014). (FRANÇA, 2015).	Out/dez.2015	Ação do poder público para viabilização de recursos educação especial.
Educação em Revista (UFMG)	O financiamento da educação especial no âmbito dos fundos da educação básica: Fundef e Fundeb. (FRANÇA; PRIETO, 2017).	2017	Impactos dos fundos (Fundef e Fundeb) para a educação especial.

Fonte: Elaborado pela própria autora (2019)

Observa-se na tabela acima os principais assuntos abordados nos textos encontrados com os descritores financiamento e educação inclusiva: legislação, transparência das ações dos órgãos públicos, políticas públicas, despesas com a

educação especial e os impactos dos fundos para educação especial. Esse dado não é aleatório, o FUNDEB é muito importante para educação inclusiva, ele ampliou o financiamento para toda educação básica e essa modalidade de ensino foi mais contemplada, com a dupla matrícula dos estudantes da educação regular da rede pública que recebem atendimento educacional especializado, terá recursos a mais a receber pelo fundo.

Assim é possível perceber o aumento de artigos que estudam os impactos desse recurso para o público da educação especial, pois políticas públicas são implementadas e novas pesquisas vão aparecendo. Infelizmente, pelo pouco número de artigos encontrados, verifica-se que poucos pesquisadores buscam discutir sobre o financiamento da educação. Percebe-se o termômetro sobre a profundidade das pesquisas acadêmicas na área educacional e entre as temáticas propostas, verifica-se uma inclinação no olhar pesquisador para assuntos como: práticas pedagógicas, políticas públicas, mas muito pouco sobre financiamento educacional. Esse fato pode ser analisado sob o ponto de vista da formação inicial, em que, nos cursos de licenciatura pouco se discute sobre financiamento da educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios enfrentados, observou-se que desde 2018 há um crescente aumento de estudos e publicações sobre financiamento da educação inclusiva, no entanto, essas temáticas precisam ocupar mais espaços de diálogos e estudos nas universidades e nos cursos de licenciatura, de modo que não se fale apenas em práticas pedagógicas, mas que seja direcionado também o olhar para o empoderamento dos estudantes em conhecer como funciona as políticas de financiamento e com isso participarem de maneira mais presente nas discussões sobre políticas educacionais.

O fato de ter encontrado (05) cinco artigos foi revelador para a análise em muitas questões, principalmente em observar o termômetro em relação aos pesquisadores para com o tema de financiamento da educação inclusiva e também em perceber como as publicações refletem o contexto político.

Atualmente, com o novo Fundeb aprovado pela Proposta de Emenda à Constituição (PEC 26/2020) traz importantes mudanças quanto ao financiamento e que abarcam os estudantes com deficiência. Movimentos da educação levantaram a bandeira em prol da discussão, aprovação do Fundeb foi uma vitória diante dos

retrocessos políticos que vivenciamos na área educacional, resultado do esforço e mobilização da sociedade civil. Espera-se que as necessidades específicas da Educação Inclusiva sejam de fato contempladas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Rosita Edler. **Escola Inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. – 5. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas Denominadas "Estado Da Arte". **Educ. Soc. [online]**. 2002, vol.23, n.79, pp.257-272.
- FLICK, Uwe. **Introdução Á Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Pg. 405.
- MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação especial no Brasil**: História e políticas públicas. – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Escola Inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. – 5. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2012.
- EDNIR, Madza. BASSI, Marcos. **Bicho de sete cabeças**: para entender o financiamento da educação brasileira. São Paulo: Peirópolis. Ação Educativa, 2009.
- PINTO, José Marcelino de Rezende. A Política Recente De Fundos Para O Financiamento Da Educação E Seus Efeitos No Pacto Federativo. **Educação & Sociedade**., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 877-897, out. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso: 11/07/2019
- PIMENTEL, Susana Couto. **Formação de professores para a inclusão**: Saberes necessários e percursos formativos. In MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO. MOREIRA, Camila. Marcos históricos e legais da Educação Especial no Brasil. 2013. Disponível em: <https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821610/marcos-historicos-e-legais-da-educacao-especial-no-brasil> Acesso em 22/11/2018.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin. ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas Do Tipo "Estado Da Arte" Em Educação. **Revista Dialogo Educacional**., Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez. 2006.

DISCUSSÕES SOBRE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA (DCRB) NO MUNICÍPIO DE NOVA VIÇOSA: A PARTICIPAÇÃO REMOTA DO GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA (GEPEDI)

Bruna Pereira dos Santos¹

Cristiane Gomes Ferreira²

Elizete Costa dos Santos Oliveira³

Ely Carlos Silva Teixeira⁴

RESUMO

Esse texto tem como objetivo realizar uma discussão acerca da participação remota do Grupo de Pesquisa e Estudo sobre Educação Inclusiva (GEPEDI) no processo de (re)elaboração do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) no município de Nova Viçosa em relação a Educação Especial na perspectiva inclusiva. A centralidade da discussão será a reunião ocorrida, no qual o GEPEDI participou com a discussão ‘Dialogando sobre Educação Especial/Inclusiva: um encontro com docentes de Nova Viçosa’. O encontro ocorreu no Google Meet e apresentaremos algumas considerações em relação a elaboração desse documento e a participação remota do Grupo de Estudos e Aprendizagem (GEAs).

Palavras-chave: Documento Curricular Referencial da Bahia; GEPEDI; Participação Remota; Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma discussão acerca da participação remota do Grupo de Pesquisa e Estudo sobre Educação Inclusiva (GEPEDI) no processo de (re)elaboração do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) nos municípios do Extremo Sul em relação a Educação Especial na perspectiva inclusiva. A discussão foi com o Grupo de Estudo e Aprendizagem (GEA) para Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do município de Nova Viçosa - BA. Eles têm como finalidade envolver educadoras e educadores da rede de ensino no processo de estudo, reflexão e autoria curricular, tendo em vista a elaboração do Referencial Curricular local.

¹ Graduada em pedagogia, egressa do Curso de Pedagogia da UNEB/DEDC-X. Email: brunasantos8888@hotmail.com

² Mestrado em Educação PPGEDuc/UNEB, professora assistente da UNEB/DEDC-X. Email: crisgfe.inclusao@gamil.com

³ Mestrado em Ensino na Educação Básica – CEUNES/UFES. Professora da rede pública municipal de ensino de Teixeira de Freitas – BA. Email: elizete_bebes@hotmail.com

⁴ Psicopedagogo, Profissional do Caps do município de Teixeira de Freitas/Ba. Email: elicarlos17@hotmail.com

Esse texto terá como foco central a reunião ocorrida no município de Nova Viçosa, no qual o GEPEDI participou com a discussão ‘Dialogando sobre Educação Especial/Inclusiva: um encontro com docentes de Nova Viçosa’. Os municípios baianos foram convocados pela Secretaria de Educação do Estado para apresentarem sua proposta curricular tendo como base as orientações normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), contudo devem adaptá-la e se referenciar com as identidades do território baiano e suas particularidades.

Em 2018 o Ministério da Educação entregou a versão final da BNCC e as redes terão até novembro de 2020 para desenvolver novos currículos de acordo com esse documento. O DCRB foi aprovado em meados de 2019 e estabeleceu um cronograma de trabalho e organização estabelecido pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) – Bahia.

A metodologia de trabalho é uma Pesquisa Ação que de acordo com Picheth, Cassandre e Thiolent (2016, p. s4) “tem por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora”. O trabalho foi embasado por Bahia (2018), Brasil (2017), Mazzota (2011), Vygotsky (1993), entre outros. O texto foi divido por partes para melhor compreensão do leitor.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

A trajetória da pessoa com deficiência sempre foi marcada por lutas, desafios e conquistas. Evidentemente, se fizermos uma retomada no tempo vamos saber que desde a Idade Média as pessoas com deficiência sofreram as mais perversas formas de exclusão e discriminação. Informações apresentadas nos estudos de Mazzota (2011), Lopes e Fabris (2013) apresentam a narrativa de que durante muito tempo as pessoas com deficiência foram privadas do convívio social, condenadas a viver isoladamente e desconsideradas enquanto ser humano.

Diversos acontecimentos favoreceram o movimento educacional inclusivo a partir da década de 90, que influenciou a elaboração de políticas. Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) que apontou possibilidades para o atendimento do público alvo da Educação Especial, a Declaração da Salamanca (1994), defende que uma escola inclusiva deve superar os obstáculos impostos pelas limitações do sistema educacional. As discussões sobre a inclusão escolar tomou maior proporção e ganhou

ainda mais força com a aprovação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – PNEEPEI (2008), com a Lei Brasileira de Inclusão – LBI (2015), com o Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024) suas 19 estratégias e principalmente a Meta 4 (Educação Inclusiva).

Embora possamos perceber os diversos avanços legais, ainda temos muitos recuos, que se acentuam no momento da efetivação da garantia dos direitos. Contudo, a inclusão escolar foi um acontecimento positivo e necessário para que alunas e alunos deixassem de frequentar apenas as escolas especiais e pudessem compartilhar dos mesmos espaços nas escolas de ensino comum.

De acordo com Oliveira (2009) o convívio com uma pessoa com deficiência não nos traz nenhum prejuízo, ao contrário a convivência nos permite aprendizagem e desenvolvimento através da interação com o outro, pelo processo de mediação. Os estudos de Vigotski (1993) convalida esse pensamento, apresentando-nos novas perspectivas em relação a inclusão, a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

No processo de inclusão, é preciso olhar a pessoa para além de sua deficiência e limitações, reconhecendo o potencial humano. Por isso, nossa defesa é pela construção de uma escola inclusiva, onde práticas discriminatórias e olhares capacitistas não tenham espaço.

DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA (DCRB) E OS GRUPOS DE ESTUDO E APRENDIZAGEM (GEAS): HISTÓRICO E RELAÇÃO COM A BNCC

Para compreendermos o processo de (re) elaboração do DCRB é preciso fazermos uma retomada ao ano de 2017, quando foi aprovada a fase final da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Foi a partir da aprovação da BNCC, que os municípios começaram um movimento para elaboração de propostas curriculares que pudesse ser legitimado em um Documento Curricular, porém, muitos municípios não conseguiram concluir a proposta.

A partir das dificuldades apresentadas pelos municípios para elaboração desse Documento, o Programa ProBNCC Bahia, realizou entre os dias 19 de fevereiro e 04 de março de 2020 uma pesquisa que apontou que na maioria dos municípios baianos não possuíam Referenciais Curriculares. Diante dessa informação, a UNDIME/ BA em parceria com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia estruturou uma ação com

o objetivo de orientar os municípios nos projetos políticos pedagógicos e na implementação das diretrizes curriculares. A ação conta com as parcerias da Universidade Federal da Bahia - UFBA, da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME/BA) e da Fundação Itaú Social.

Para conseguir realizar a ação formativa, a UNDIME/BA mobilizou as redes municipais de ensino para formação das equipes locais. Assim, cada município participante foi orientado a estruturar uma comissão, intitulada de Comissão Municipal de Governança (CMG), cuja pessoas são em sua maioria vinculadas a equipe pedagógica das Secretarias Municipais de Educação. Houve também a necessidade de criação de grupos de WhatsApp que receberam o nome de Grupos de Estudo e Aprendizagem (GEAs).

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO REMOTA DO GEPEDI NO GRUPOS DE ESTUDO E APRENDIZAGEM (GEA) PARA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO DCRB

Esse trabalho traz algumas reflexões sobre a participação do GEPEDI na Live com o grupo do GEA Educação Inclusiva do município de Nova Viçosa. Por esse motivo, compreendemos que ele tem como metodologia a pesquisa ação, pois de acordo com Thiollent (1987) apud Picheth, Cassandre e Thiollent (2016, p. s5) esse tipo de metodologia, pressupõe uma participação não apenas dos pesquisadores, mas também dos pesquisados em torno de uma ação planejada, na forma de uma intervenção com mudanças na situação investigada.

A discussão foi em torno da Educação Especial na perspectiva inclusiva e o GEPEDI fez uma apresentação com foco em tópicos que necessitam ser abordados no documento curricular apresentado pelo município em relação a Educação Especial. A reunião foi realizada remotamente, utilizando-se a plataforma Google Meet e a sala foi aberta por uma Representante da Equipe Técnica Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Devido a pandemia gerada pelo COVID 19 e a necessidade de se fazer o distanciamento social, as reuniões e as aulas presenciais, foram substituídas por reuniões e aulas remotas.

Esse novo formato tem gerado dificuldades e novos aprendizados para toda sociedade, principalmente, para educação brasileira que não está preparada para esse novo desafio, seja por fatores de ambientação tecnológica ou ferramentas. Araújo (2020, p. 2) relata que “o ensino remoto diz respeito a todos os recursos tecnológicos que podem ser utilizados como auxiliares da educação presencial”, ou

seja ela faz uma diferenciação de Educação à Distância (EAD) e explica que essa modalidade de ensino já tem regulamentação no país, envolve uma metodologia, uma sistematização, recursos tecnológicos e formação dos professores.

A reunião para discutir a Educação Especial no DCRB contou com a presença de 30 pessoas e mais os integrantes do GEPEDI. A metodologia de trabalho foi fazer a apresentação e depois foi aberto para discussões do grupo presente. O que se percebeu é que as pessoas pouco se pronunciam nos ambientes virtuais, passam a maior parte do tempo caladas, o microfone no mudo e as câmeras desabilitadas.

Ficam algumas questões para reflexões: a) Não estão compreendendo o assunto; b) Não tem interesse pela temática; c) foram obrigadas a participarem desse grupo Ed. Especial e não compreendem a discussão; c) Estão apenas pelo certificado e d) Não compreendem a importância desse documento. São questões que levantamos e que pretendemos aprofundar mais a frente em uma pesquisa mais elaborada com as pessoas que participaram da elaboração desse documento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a importância desse momento histórico no qual a educação brasileira passou e passa por diversos problemas e desafios, tais como: implantação da BNCC, reforma do ensino médio, aulas remotas em virtude da pandemia com o COVID 19, falta de objetividade com as políticas educacionais do Governo Federal e as diversas trocas de ministros sem um plano diretrivo para toda educação. São problemas emblemáticos, já que a resposta só aparecerá nos próximos anos.

Salientamos que, a BNCC trouxe a necessidade dos municípios se estruturarem no aspecto curricular, mas o que temos visto é muita angustia e ausência de compreensão por todos os envolvidos no processo, já que a elaboração do próprio documento teve várias ressalvas, pouca participação social, retrocessos como o ensino religioso, pois pela Constituição Federal/1988 somos um estado laico e no caso da Educação Especial, nem foi abordado no documento.

A situação de pandemia agravou ainda mais todas essas questões e mostrou de forma clara as desigualdades enfrentadas pela Educação Básica pública em nosso país. A participação do GEPEDI no processo de formulação curricular do município de Nova Viçosa foi muito importante para o grupo, pelo fato de contribuir com as discussões sobre a modalidade Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Compreendemos que a construção do DCRB é um momento histórico para os municípios baianos e que a participação de todos é muito importante. As reuniões remotas mesmo com todas as dificuldades, precisam incorporar a importância desse momento e que os educadores possam contribuir com a construção desse documento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. Entrevista os desafios do ensino remoto na educação básica. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/crisq/Downloads/1834-8519-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2020.

BAHIA. Secretaria da Educação. Superintendência de Políticas para Educação Básica. União Nacional dos Dirigentes Municipais da Bahia. **Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental –** Superintendência de Políticas para Educação Básica. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Salvador: Secretaria da Educação, 2018. 468 p.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial: história e políticas públicas**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. K. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009.

PICHETH, Sara Fernande; CASSANDRE, Marcio Pascoal; THIOLLENT, Michel Jean Marie. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. **Educação Revista Quadrimestral**, Porto Alegre, v. 39, n. esp. (supl.), s3-s13, dez. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24263>. Acesso em 100920.

VYGOTSKI, Lev Semiónovic. **Problemas fundamentales de la defectología**. Madri: Visor, 1993. (Obras Completas, tomo V).

EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TEIXEIRA DE FREITAS BA

Cecilia Maria Mourão Carvalho¹
Orientador: Avelar Luiz Bastos Mutim²

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar a atuação do Conselho Municipal de Educação de Teixeira de Freitas BA e sua relação com o desenvolvimento do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia. Para tanto, buscou discutir as inter-relações dos campos desenvolvimento territorial e educação, no complexo contexto político brasileiro contemporâneo tendo em vista os determinantes estruturais do sistema capitalista em crise. As conclusões sugerem que o Conselho Municipal de Educação, ao cumprir as funções de caráter consultivo, deliberativo, de mobilização e controle social, pode refletir no desenvolvimento do Território.

Palavras-chave: Conselho Municipal de Educação; Participação social; Desenvolvimento territorial.

INTRODUÇÃO³

A crise democrática contemporânea evidencia a fragilidade da democracia representativa. Embora esta seja uma conquista incontestável, que fundamenta o processo democrático, deve ser complementada pela participação direta da sociedade civil na gestão pública.

Em tempos nos quais a democracia participativa vem sendo tão rechaçada, afastando das discussões políticas o interesse popular, nos propusemos a pensar o desenvolvimento do território a partir da atuação de um conselho que permite a vocalização de demandas oriundas de diferentes atores sociais.

Os Conselhos gestores de políticas públicas inscrevem-se no esforço pela consolidação da Democracia no país, como medida institucionalizada decorrente do processo de redemocratização, propondo uma nova forma de representação que não é eleitoral. Gohn (2012) preconiza que a participação cidadã difunde-se num conceito

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade. Docente no Departamento de Educação - Campus X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: cmourao@uneb.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade/ PPGEDUC da Universidade do Estado da Bahia (Ueb). E-mail: amutim@hotmail.com

³ O trabalho é resultante da dissertação de mestrado da autora. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob Parecer n. 3.061.256 em 06/12/2018.

mais amplo de cidadania que não fica restrita ao direito ao voto, mas ao direito à vida. A Participação Cidadã, de acordo com Gohn, “objetiva fortalecer a sociedade civil no sentido de construir ou apontar caminhos para uma nova realidade social – sem desigualdades, exclusões de qualquer natureza.” (2012, p. 8).

De acordo com Freire (1979), não tivemos a oportunidade de desenvolver um comportamento participante, pois as condições estruturais da colonização no Brasil não favoreceram as experiências democráticas. Por isso afirma que a conscientização e também a utopia são compromissos históricos.

Nas duas últimas décadas houve o fortalecimento das relações entre a sociedade civil e o Estado, com a ampliação e diversificação dos canais de participação por meio de uma política nacional de participação social. Tal política foi duramente golpeada pelo decreto nº 9.759 de 11 de abril de 2019 que extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal. No contexto político de início de um novo governo, que sinaliza retrocessos para as políticas sociais e restrições na participação da sociedade na construção das políticas públicas, esse trabalho ganha especial relevância.

O Conselho Municipal de Educação (CME) é um dos espaços que propiciam a participação da sociedade civil na definição dos rumos da educação, concebida como um dos vetores do desenvolvimento territorial. O Conselho, enquanto órgão do Estado, está situado em um território cujo tecido social contém atores sociopolíticos que tencionam o espaço territorial para torná-lo mais inclusivo, solidário e sustentável.

Uma das pressuposições epistemológicas sobre a qual a pesquisa se fundamenta é a do desenvolvimento como conceito multidimensional, apoiada em Sachs (2008) em sua solidariedade sincrônica com a geração atual e solidariedade diacrônica com as gerações futuras ao entender que os objetivos do desenvolvimento são sempre sociais e éticos.

A análise da relação entre educação e desenvolvimento, proposta nesse trabalho, ultrapassa a perspectiva denunciada por Frigotto (2010) em relação à teoria do capital humano, já que não se limite ao fator econômico. Isso não quer dizer que a questão seja apenas de resistência a esse modelo, com negação do progresso técnico, do avanço do conhecimento, dos processos educativos e de qualificação. Mais que isso, a questão é assumir a disputa desse controle hegemônico

arrancá-los da esfera privada e da lógica da exclusão e submetê-los ao controle democrático da esfera pública para potenciar a satisfação das necessidades humanas. O eixo aqui não é a supervalorização da competitividade, da liberdade, da qualidade e da eficiência para poucos e a exclusão das maiorias, mas a da solidariedade, da igualdade e da democracia. (FRIGOTTO, 2010, p. 149)

Portanto, discutir educação e desenvolvimento territorial, pressupõe pensar numa perspectiva de totalidade, na qual os nexos entre esse binômio vão construindo as bases para uma nova sociabilidade, assentada nos princípios da inclusão social, participação e sustentabilidade.

Concatenada com o propósito da linha de pesquisa Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável, a presente pesquisa analisa a atuação do Conselho Municipal de Educação de Teixeira de Freitas na perspectiva do desenvolvimento territorial, buscando os sentidos na relação entre educação e desenvolvimento territorial sustentável do Extremo Sul do Estado.

O objetivo central desse trabalho consistiu em analisar a atuação do Conselho Municipal de Educação de Teixeira de Freitas e sua relação como desenvolvimento do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia (TIES). Teixeira de Freitas é o município mais populoso da região do Extremo Sul da Bahia e décimo do Estado (IBGE, 2018).

Os objetivos específicos foram: Compreender a importância estratégica da educação para o desenvolvimento do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia; Identificar a percepção dos Conselheiros Municipais de Educação e da comunidade acerca da atuação do Conselho e da relação entre Educação e o Desenvolvimento do Território e verificar como a Educação é contemplada no Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável e Solidário do Extremo Sul da Bahia.

Para alcance desses objetivos, foi elaborado um esquema analítico visando interligar o processo participativo no espaço do Conselho Municipal de Educação à política de desenvolvimento territorial e à educação no Plano Territorial de Desenvolvimento Solidário e Sustentável do Extremo Sul. Na dimensão macro, o enfoque é dado às inter-relações educação e desenvolvimento e ao território enquanto lócus da construção e reconstrução dos grupos sociais. Na dimensão micro, foi analisada a atuação do Conselho Municipal de Teixeira de Freitas como espaço de participação democrático que agrupa vários segmentos que compõem o território e corroboram ou não para o seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou um desenho exploratório a partir de um enfoque qualitativo. O estudo de caso foi a metodologia empregada para investigar as características do CME de Teixeira de Freitas, bem como o desempenho de suas funções.

A pesquisa foi dividida em três fases. A primeira consistiu na pesquisa bibliográfica e documental que além da caracterização e atuação do COMEC de Teixeira de Freitas BA, incluiu a análise Plano de desenvolvimento territorial sustentável e solidário do Extremo Sul da Bahia nas perspectivas apresentadas em relação à educação;

A Segunda cuidou de coletar e sistematizar dados sobre a atuação do COMEC de Teixeira de Freitas, por meio de aplicação de dois questionários, um para conselheiros e outro para comunidade escolar. Após a coleta, ocorreu a terceira fase da pesquisa com tabulação das informações e tratamento dos dados pela pesquisadora. A triangulação de dados foi utilizada na análise dos dados, uma vez que já se tinha em mãos dados da pesquisa documental e da pesquisa bibliográfica.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Foi instigante perceber as concepções tanto dos conselheiros que estão atuando, quanto da comunidade. Muitas vezes divergentes, todas as observações implicam em necessidade de investimento para romper com a lógica do patrimonialismo, que ainda é forte em nosso Território e deseja submeter todos os organismos ao seu controle.

A partir da análise dos dados da pesquisa, percebe-se que, quanto às funções de um Conselho Municipal, o COMEC de Teixeira de Freitas, tem avançado no aprimoramento dessas atribuições, tendo em vista, dentre outras, as comunicações estabelecidas com instituições e atores sociais, por meio das quais o papel do Conselho é reconhecidamente oportuno. No entanto observa-se que o caráter normativo ainda sobressai, embora em alguns momentos estejam presentes as funções deliberativa, fiscalizadora, mobilizadora e propositiva.

Na identificação da percepção dos Conselheiros Municipais de Educação acerca da relação entre Educação e o Desenvolvimento do Território, de modo unânime, todos os participantes sinalizaram a importância da atuação do CME para desenvolvimento do Território e da participação sociopolítica nesse espaço.

Outros aspectos merecem destaque em relação ao Território de Identidade Extremo Sul que o Plano Territorial de Desenvolvimento Solidário e Sustentável, ainda não conseguiu alcançar. O debate acerca do papel da educação para o desenvolvimento do Território conduz à assertiva de que é necessário que os municípios que o compõem, unam forças para, colaborativamente, fortalecer a implementação de estratégias que contemplem ações e programas realizados por esse conjunto de municípios do território no tocante à educação, com o envolvimento dos Conselhos e outras instâncias de participação sociopolítica.

Acerca do Documento do Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável e Solidário do Extremo Sul da Bahia, corre um sério risco de se tornar mera retórica. Seria necessária uma articulação maior entre os municípios do Território e o Estado para fazer os encaminhamentos necessários ao cumprimento das metas do Plano a curto, médio e longo prazo.

A pesquisa indicou certa insatisfação da comunidade com a atuação do conselho no tocante ao cumprimento da função de controle social, mobilização e fiscalização, implicando em necessidade publicização das ações, já que o conselho atua ainda de forma tímida nesse sentido, além da necessidade de formação continuada dos conselheiros, instrumentalizando-os para uma atuação mais condizente com as funções inerentes ao conselho e com as expectativas do segmento que os elegeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base os dados e análises até então apresentadas, é necessário mencionar que, em tempos de ataques à democracia, há que se considerar os limites, mas também as possibilidades dos Conselhos como espaços da democracia participativa. Acreditar no campo das possibilidades nos impõe uma tarefa imediata que é a formação política e técnica desses conselheiros.

A partir da análise da atuação do Conselho Municipal de Educação e Cultura de Teixeira de Freitas, verifica-se um caminho a percorrer para viabilizar a política de desenvolvimento territorial, através da inquestionável contribuição da educação, junto a outras políticas sociais, visando a redução das desigualdades e melhoria da qualidade de vida da população.

As conclusões sugerem que o Conselho Municipal de Educação, ao cumprir as funções de caráter consultivo, deliberativo, de mobilização e controle social, pode

refletir no desenvolvimento do Território uma vez que o engloba a qualidade de vida das populações, no que diz respeito à dignidade humana, justiça, participação e inclusão social, sustentabilidade, solidariedade, diversidade e igualdade.

O Território Extremo Sul pode ter uma perspectiva ampliada de desenvolvimento, se levarmos em conta a diversidade e a força da atuação dos atores sociopolíticos que vivem no mesmo, organizados em instituições como os Conselhos, superando a política retrógrada e o patrimonialismo que continuam a assolar o Território.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Planejamento. **Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do Extremo Sul- Bahia.** 2016. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

BRASIL. Decreto 9.759, de 11 de abril de 2019. **Extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal.** DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Seção 1 – Extra, Edição 70-A, p. 5. 11 abr. 2019.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

TEIXEIRA DE FREITAS. Lei n. 450 de 15 de abril de 2008. Dá nova redação à Lei n. 206 de 11 de dezembro de 1997.

A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS

Gabriele Costa Lírio¹
Drielle Fernandes Sampaio²
Maria Mavanier Assis Siquara³

RESUMO EXPANDIDO

Nesta introdução inicial expressamos alguns aspectos deste trabalho descrevendo sua intencionalidade em refletir sobre a experiência de Pesquisa e Estágio III no Ensino Fundamental com crianças do primeiro ano, ocorrida no ano de 2019.2, no sétimo período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEBA), Departamento de Educação Campus-X (DEDC/X). A escolha do tema deu-se por percebermos no campo de atuação enquanto estagiárias - regentes que a literatura infantil pode ser um fator que contribui na apropriação da leitura e escrita. Pretende-se refletir sobre a questão da literatura infantil e o ensino, campo do conhecimento significativo ao trabalho de leitura, interpretação, produção de texto, principalmente no desempenho oral dos alunos do 1º ano do ensino fundamental, turma com a qual vivenciamos esta experiência. O objetivo desta escritura é sistematizar as ações da docência como estagiárias na etapa dos anos iniciais, compartilhando conhecimentos a partir da experiência realizada em uma escola pública, localizada na cidade de Teixeira de Freitas. Interessa-nos, também, relatar algumas práticas desenvolvidas durante o processo de estágio na etapa de atuação docente. Entendemos a importância de sistematizar as reflexões vividas neste período, assim como descrever determinados caminhos percorridos, que nos instigaram a compartilhá-los, para que possam servir também de objeto de estudo e fonte de inspiração para continuidade de pesquisa neste campo do conhecimento. Segundo Pimenta e Lima (2012) o estágio se constitui como um campo investigativo que vai além da prática instrumental e ainda afirmam que o estágio realizado em forma de projeto de pesquisa mostra-se como o melhor caminho para se alcançar os objetivos do curso, bem como a interação entre o processo formativo e a realidade no campo social. Foi pensando nestas afirmativas que nos iniciamos no planejamento e metodologia de trabalho, elegendo o projeto de pesquisa-intervenção como objeto de leituras e escrituras para/com as crianças a partir do levantamento de livros literários existentes na escola. Para tanto, foi necessário utilizarmos de procedimentos teórico-metodológicos do saber de pesquisa, articulando-os aos saberes da intervenção pedagógica, como: a observação participante, Minayo (2001) que consiste na técnica de contato direto das pesquisadoras com o ambiente e objeto pesquisado; no caso, a prática foi tomada como objeto de reflexão e problematização como docentes-estagiárias que, na medida da observação do cotidiano das crianças, obtínhamos informações sobre a realidade dada, e sobre os fatores sociais em seu próprio contexto, no caso, a escola. O uso do diário de campo foi de fundamental importância para registros percebidos na vivência do cotidiano de Pesquisa e Estágio III; a entrevista livre/semiestruturada

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- Uneb/Campus X.
gabrielelirio@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- Uneb/Campus X.
drielle.sampaio@gmail.com

³ Docente orientadora do Componente Curricular Pesquisa e Estágio III- DEDC-X/UNEB. mavanis@uol.com.br

que nos deu o suporte para complementar a observação; a pesquisa bibliográfica, como fonte de consulta e fundamentação teórica nesse trajeto como docentes-estagiárias, contribuiu efetivamente. Destaca-se ainda Minayo (2012) em sua explicitação pela abordagem de pesquisa qualitativa, pela qual se busca compreender os fenômenos presentes no ambiente escolar, às ações dos sujeitos na relação social, percebendo, no caso, as crianças como sujeitos históricos e culturais e participantes das ações no contexto da leitura literária e ensino. Por esta razão, foi necessário conhecer com clareza a realidade do contexto escolar: dificuldades dos professores, das crianças, objetivos definidos, propósitos quanto à formação leitora no 1º ano, recursos e condições de aprendizagens com os quais a escola conta; bem como, os conflitos que envolvem o contexto escolar. De modo que o nosso trabalho norteou-se por algumas questões: a) É possível trabalhar a partir da literatura infantil de modo que as crianças sejam protagonistas? b) A literatura infantil contribui na formação leitora e escritora das crianças? Percebendo a importância da literatura na sala de aula com/pelas crianças, selecionamos livros literários que na própria escola existia, como também, pedimos emprestados livros de outros colegas de outras salas, mas na mesma escola. Nessa perspectiva e com base em algumas leituras de fundamentação temática, entendemos que para a formação do leitor é necessário que o professor considere a leitura essencial, pois como menciona Bordini e Aguiar (1993) a leitura adentra num universo imaginário, mas organizado, com os quais o leitor vai assumir seu jogo literário a termo. Peixoto (2014) aponta que a literatura infantil está em constante transformação, contribui na formação social que deve ser provocada pela escola, visto que, favorece o convívio leitor/livro como também no diálogo leitor/texto. Em consonância, Gallo (2000) afirma que a literatura contribui para a imaginação e criatividade, podendo ajudar a criança a entender a si mesma e propiciar sua comunicação com os demais. Além disso, Soares (1999) revela que a literatura é essencialmente questionadora e libertadora e, por outro lado, a escola é autoritária e reacionária. Em certa medida, com uma breve contextualização histórica sintetizamos algumas questões incomodativas neste campo e afetas às questões da literatura infantil e o ensino, salientando que continuam atuais. É oportuno destacar que no nosso país, antes da década de 1980 são muito raras as questões atinentes à relação entre literatura infantil e ensino. Dessa forma, Dalla-Bona e Souza (2018), fazem um panorama de obras que se destacaram nesta época, tais como: a autora Cecília Meireles, (1951) com sua obra, *Problemas da Literatura Infantil*. Época que marcara a ausência da literatura infantil no contexto de sala de aula. Nelly Novaes Coelho em sua obra o *Ensino da Literatura* (1966) busca dialogar com professores dos anos iniciais. Neste particular, ela vem tratar de possibilidades e de novas alternativas metodológicas para o trabalho com a literatura infantil em sala de aula, expressando sua importância no início da escolarização. Contudo, ainda ressaltamos o anúncio de Marisa Lajolo, em: “O texto não é pretexto” (1982), em um livro organizado por Zilberman, *Leitura em crise na Escola: as alternativas do professor* em que Lajolo, denuncia a existência do texto literário no universo escolar como artificial e, que, ao professor usar o texto como pretexto (de exercícios de ortografia e gramática, vocabulário, entre outros itens normativos), esse professor estaria a descharacterizar o texto literário e, como resultado, promovia o desinteresse dos educandos. É preciso se (re)inventar esse trabalho teórico-metodológico no ambiente escolar. Ao caminhar com estas reflexões Dalla-Bona e Souza (2018) mencionam a contribuição crítica de Perrotti (1986) em *O texto sedutor na literatura infantil*. Ele além de analisar livros da literatura infantil, tece questões sobre o trabalho do professor. Combate o crescente discurso utilitário com o “pedagogismo” e tom professoral das histórias, apresentando

o uso demagógico do final feliz e assim se deixa de lado o estético na literatura infantil. Um destaque ainda para Marly Amarilha que publica-*Estão Mortas as Fadas? Literatura infantil e prática pedagógica* (1997) e reeditado até 2012; a problemática da formação de leitores de literatura nas escolas é defendida, mas também o fortalecimento da atuação do professor e a necessidade de se transformar a sala de aula em ambiente de leitura literária para o desenvolvimento de formações: cognitiva, linguística, comunicativa e psicológica da criança foram defendidas. Com as investidas em consenso exigindo a eficiência e papel da escola na formação de leitores, anos 2000, os professores passam a ser pressionados, pois, se comprehende que no início dos anos iniciais já se deve caminhar para formar leitores. Nesse contexto, outra contribuição significativa é a de Rildo Cosson (2006) com a obra *Letramento Literário. Teoria e prática*, nesta caminhada novas discussões na área surgem com sua proposta de ensino de leitura literária na escola básica em que o autor aponta caminhos para o desenvolvimento do letramento literário na escola. No percurso da experiência percebíamos ao adentrar em sala de aula que o uso do livro didático, era quase o único instrumento de ensino da leitura literária que, em certa medida, incentiva ao modo de a literatura ser tomada como mera coadjuvante no ensino de língua. Nesse contexto, o cantinho de leitura surge como alternativa de condições de formação de leitores literários nos anos iniciais. Apesar de termos percebido essa “incompreensão” no que condiz a relação “conflituosa”, entre ensino da literatura e formação do leitor é inegável, como afirma Loyola (2013) que é na escola que se dá a habilitação do leitor e sua iniciação na dimensão da educação literária, embora haja problemas que devam ser superados, como o modo de fazer vinculação entre atividades de leitura a conteúdos morais ou a conceitos de natureza não artística. Impasses a se enfrentar pela formação de professores atuantes na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, afinal são de sua responsabilidade a introdução da criança no universo da leitura literária, decisiva na formação humana. Entendemos como docentes-estagiárias que o espaço da escola básica é uma fonte de aprendizagens e experiências que lhes são próprias, composta por diferentes sujeitos, realidades e contextos. Durante a nossa vivência com a escola e as crianças, notávamos que o livro didático reconhecido como único instrumento de leitura e escrita era fundamental que professores e escola fizessem leituras prévias, análises ampliadas sobre o ensino para além deste suporte. O público escolar vem de família de baixa renda, em que não tinha o contato em casa com os livros, e na escola com o furor de uso do mesmo, como prioridade de suas leituras/escrituras, ler pequenos trechos e questões ali expressas eram as atividades presentes no ambiente. Atividades que em sua maioria eram sempre de múltipla escolha. Como afirmado por Kleiman (2002), a tarefa de ler em sala de aula torna-se difícil, porque para muitos alunos aquelas leituras não fazem sentido. Caberia à escola /sistema de ensino criarem condições de leituras e contato com obras literárias que os instigassem, os desafiassem para atos de leituras autônomas. Como diz Jauss (2002), para que os emancipem, além de proporcionar ao leitor a participação na escolha do que vai ler, propiciando a definição de rumos da construção do conhecimento. Isso desde cedo, como forma de aprendizagem leitora, pela diversidade de suportes apresentados. Para a reflexão aqui expressa, sobre o pensar-fazer a leitura/escrita com a literatura infantil, tomamos duas atividades vivenciadas conosco. Em uma delas compartilhamos livros literários que dispúnhamos, espalhamos todos ao chão; pedimos numa roda de conversa, que cada um escolhesse um livro; que observassem os detalhes da capa, o que havia ali. Pessoas? Animais? Árvores? Brinquedos? Outros elementos? E a partir daí, eles contariam uma história em que esses elementos

vistos tinham vida e falavam. Além do imaginário fértil, também queríamos compreender quais sentidos de suas vivências culturais e de sentimentos apareceriam ali. Afirmava Freire, desde (1989) que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra, e assim, observávamos o cotidiano de fala/leituras das crianças buscando compreender seus significados. Muitos se empolgavam, pois, algumas histórias eles já conheciam, mas queriam repetir novos atos de ler com as mesmas. Após esse ler inicial, a roda de conversa sobre o que cada um havia lido, problematizamos os ditos com perguntas que costuravam suas percepções e falas; partimos, em seguida, para a construção individual de um poema, ajudando-os a partir das expressões faladas e sentimentos motivados com as leituras feitas. Estábamos sempre disponíveis para tirar dúvidas de como se escrevia determinadas palavras. O poema surgiu, pois, a regente de classe já o tinha como o próximo conteúdo, porque estava contido no livro didático. Dantas e Medeiros (2015) salientam que do ponto de vista pedagógico a literatura infantil é de grande relevância para a vida das crianças, pois possibilita viajar, permitindo diversas interpretações, que contribuem no seu desenvolvimento crítico, imaginário, reflexivo. Continuamos a fazer aproximações com a literatura. A nossa vivência como docente deu-se na “semana da consciência negra” espaço pedagógico demarcado pela herança da colonização e a prática de currículos colonizadores. As estratégias de ensino já planejadas via livro didático: uma contação da história *Menina Bonita do Laço de Fita*. A história traz sobre alguns personagens, como: a Coelha preta (futura esposa do coelho branco e sonhador); os Coelhinhos nas cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco; a Coelhinha bem pretinha. Folheando o livro, a contação se fez conforme ia surgindo os elementos verbo-visuais, como algo surpresa- no decorrer da leitura, além de mostrarmos as figuras na roda de conversa, levamos os personagens personalizados- as crianças, como protagonistas. Após a contação, fomos problematizando a questão da criança negra na escola, discutimos um pouco sobre diversidade e respeito. Em seguida, solicitamos que escrevessem um texto com a nossa ajuda, sobre o respeito ao próximo, como isso se pratica na escola. Assim eles foram escrevendo seus pequenos textos. Nesse cenário, levamos em conta os conhecimentos prévios dos alunos. Não nos prendemos ao livro didático, este foi um suporte, por entendermos que é importante levar em conta os contextos em que vive cada criança; o livro nem sempre contempla esses fatores. Concordamos com Silva (2013) ao afirmar que o livro didático muitas vezes ofusca importantes discussões que deveriam desempenhar um papel significativo no ensino, levando em conta as reais condições de formação, trabalho e aprendizagens que professores e alunos encaram em seu cotidiano escolar. Os resultados desse trabalho apontam que numa escola criativa, que dialogue com as crianças, que as escute, elas gostam de ler, de imaginar, de expressar seu simbólico, com representações de arte e saberes culturais; motiva-as as rodas de conversa, mas não é qualquer conversa. São conversas encadeadas ao trato da obra literária quer na infância ou noutro momento da vida escolar, desde que elas se vejam como protagonistas também, porque o lido se vincula às suas experiências culturais. No cotidiano percebemos que as crianças se engajaram e se interessaram mais para ler, a cada momento que planejávamos algo, perguntavam-nos, que história seria contada depois. Concluímos que no ensino da leitura com/pela literatura precisa-se priorizar e dialogar com a criança, sua inventividade, e jeitos de manifestar o que ela lê; partindo-se de sua leitura incluem-se questões relacionais aos elementos imaginários, simbólicos, ficcionais postos como numa espiral, num crescendo, provocando-se; contudo, é preciso compreender que os sentidos não se esgotam no plano meramente conceitual. A educação e formação leitoras na/com a escola passam pelo crivo da

cultura na qual o sujeito se insere. Consideramos que, sem a vinculação da cultura grupal ou de classe, o educando não se reconhece, porque a realidade representada não lhe diz respeito. O livro didático não deve ser tomado como único material pedagógico no desenvolvimento de trabalho de leituras, principalmente da literatura. É um material relevante, de apoio, porém, é fundamental que os professores, a escola, procurem outras fontes e esteja sempre, como corpo escolar, pesquisando e se atualizando, principalmente nas bases do ensino da literatura infantil. As escolas como coletivos, juntas devem lutar para que o próprio sistema municipal se reinvente, promova formação continuada no campo da literatura infantil- juvenil; já não são somente as páginas escritas de um livro didático que dão conta das leituras das crianças, literária ou não. Vê-se que os professores buscam compreender o ensino da leitura literária, mas não tem formação para tal, ou no mínimo, foi precária. De modo que na sala de aula se iniciam a teatralizar as histórias infantis e a sala passa a ser o espaço de professores-arte, inspirando-se nos muitos contadores de histórias divulgados pela e com a internet. Até mesmo, nós, docentes em formação o que compartilhamos na Universidade como conhecimento específico de literatura Infantil e ensino, poderia ter nos municiado muito mais, quanto à apropriação de esse saber. A formação inicial quanto ao letramento literário é frágil; o trato formativo, pouco afeito à presença da literatura no curso de Pedagogia cria insegurança; vê-se professores-egressos, cuja graduação não os formou como leitores literários e, assim apresentam dificuldades em trabalhar com literatura nos anos iniciais. Ao final, aprendemos com as crianças, com os saberes de pesquisa e as ensinamos também. Compartilhamos uma rica experiência.

Palavras-chave: Pesquisa e Estágio; Literatura Infantil; Anos Iniciais.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes; Natal: EDUFRN/Cooperativa Cultural, 1997.
- AURÉLIO, R, P. Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, In: **Práticas de Leitura e Produção Textual:** Por uma abordagem Sociointerativa, 1º edição. São Paulo: Opção Editora: 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário.** Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura. A formação do leitor:** alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- DALLA-BONA, E. M; SOUZA, R.J. Apresentação: Literatura infantil e ensino: polêmicas antigas e atuais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 7-17, nov./dez. 2018. DOI: 10.1590/0104-4060.62816.
- DANTAS, O. M. A. N. A; MEDEIROS, J. L. O uso interdisciplinar da literatura infantil no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais. **(Anais) XII Congresso Nacional de Educação**, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GALLO, Eduardo. **A criatividade com a literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Arte e Ciência, 2000. p.96; 21cm. (Coleção Estudos Acadêmicos).

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**: Teoria e Prática. 9º ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **A leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LOYOLA, Juliana Silva. Literatura na formação do leitor: perspectivas para a educação básica. In: BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (Orgs.). **Leitura e mediação**. Reflexões sobre a formação do professor. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 113-124.

MEIRELES, Cecilia. **Problemas da Literatura Infantil**. 2ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 32. Ed-Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

COELHO, Nelly Novaes. **O Ensino da Literatura**. São Paulo: FTD, 1966.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

PEIXOTO, S. E. L. LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELEITURA E ESCRITA CRIATIVA DE CONTOS. **(Dissertação de Mestrado**. Taubaté- São Paulo, 2014.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, M. A. A fetichização do Livro Didático no Brasil. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

.

O PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS DISCENTES DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X – DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Géssica Fernanda de Souza Silva Borges¹
Minervina Joseli Espíndola Reis²

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de campo, com a finalidade de descrever o perfil socioeconômico e cultural dos discentes dos cursos de licenciatura do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – Campus X (DEDC – X/ UNEB), a fim de analisar se o contexto social e econômico influencia no ingresso em cursos de graduação em licenciatura. Os participantes são 188 estudantes matriculados nos cursos de Licenciatura do DEDC X. Pesquisar e refletir sobre os aspectos socioeconômicos e culturais dos estudantes poderá contribuir para a inclusão da realidade dos discentes na prática educativa exercida nos cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Curso de licenciatura; Profissão Docente; Perfil dos discentes.

INTRODUÇÃO

A pesquisa nos remete a estudos acerca do contexto histórico do ensino superior no Brasil, direcionando o foco para os cursos de licenciatura enquanto formadores de professores, que é o objetivo do Departamento de Educação - Campus X da UNEB. O estudo traz os avanços e as dificuldades de se formar professores em um país, no qual a instituição escola não tem o seu devido valor. Para a sustentação teórica, a baseou-se nos estudos de Sampaio (1992); Porto e Régnier (2003); Reis (2003); Santos e Mororó (2019); Boaventura (2009); Garcia (1999); e documentos oficiais como: Plano Nacional de Educação – PNE (2015); Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB (1996) entre outros que contribuíram na revisão literária e na análise dos dados coletados.

A educação escolar deve ter como finalidade a formação humana e profissional, e, também, transformar a realidade social, sendo o professor o agente facilitador desse processo. A presente pesquisa tem o objetivo de descrever o perfil socioeconômico e cultural dos discentes dos cursos de licenciatura do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – Campus X (DEDC-X – UNEB), a

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, UNEB/Campus X, fernanda.gessica@live.com

² Doutora em Educação, UNEB, mjreis@uneb.br.

fim de analisar se o contexto social e econômico influencia no ingresso em cursos de Ensino Superior. A pesquisa se justifica por considerar importante conhecer as características socioeconômicas e culturais dos discentes, o que determinou o seu ingresso no Departamento e no curso, as dificuldades ou facilidades que enfrentam no decorrer da sua formação.

METODOLOGIA

Os processos teórico-metodológicos desta pesquisa se sustentam na abordagem qualitativa e quantitativa, na perspectiva da pesquisa descritiva no qual, “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. De acordo com o objetivo da pesquisa, foi utilizado um questionário contendo 36 questões fechadas e 15 abertas, em uma plataforma *on-line* chamada *Google Drive*, que facilita a coleta e a organização das informações.

O contexto da pesquisa foi a Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação - Campus X, localizado em Teixeira de Freitas. Os sujeitos foram alunos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Matemática, Ciências Biológicas, Educação Física, História, Letras Inglês e Português, do Departamento.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Inicialmente foi identificado o curso que cada participante estava estudando, sendo 27,1% do curso de Pedagogia, 17% do curso de Biologia, 17% do curso de Educação Física, 13,8% do curso de História, 13,3% do curso de Letras Português, 7,4% do curso de Letras Inglês e 4,3% dos participantes são do curso de Matemática, totalizando 188 pessoas. A análise das respostas obtidas nos questionários demonstra que, o ano de ingresso na instituição dos alunos que participaram da pesquisa é de 2013 a 2019, sendo que 39,3% dos alunos adentraram em algum curso de licenciatura na UNEB – Campus X no primeiro semestre de 2019, totalizando maioria dos participantes. 34% dos estudantes começaram os estudos em 2017 e 2018, dos que adentraram a UNEB X nos anos de 2015 e 2016 foram 24,5%, e 2,2% iniciaram os estudos em 2013 e 2014.

Referente à idade dos participantes, 47,8% tem de 16 a 21 anos de idade, 29,2% tem de 22 a 27 anos, 12,3% tem de 28 a 33 anos, 5,2% tem de 34 a 39 anos, 3,2% tem de 40 anos, e 1% tem 59 e 62 anos. Dos que não responderam foram 1,3%.

A partir da análise dos dados é possível perceber que, há muitos jovens adentrando a universidade. Observando no PNE, nota-se que a meta até 2020 é atingir uma totalidade de estudantes entre 18 e 24 anos cursando o ensino superior.

Em relação ao sexo dos participantes a pesquisa aponta que, dos investigados, 71,3% são mulheres e 28,7% são do sexo masculino. Percebe-se que há uma predominância nos cursos investigados do sexo feminino, na maioria em cursos de licenciatura. “Atualmente no Brasil uma gama de indicadores aponta para o fato de as mulheres estarem em maior número nos diversos níveis educacionais” (BARRETO, 2014, p. 12). O que não afasta as discussões acerca da desigualdade de gênero, que ainda dificulta a distribuição de oportunidades. Em relação à orientação sexual dos participantes, a pesquisa aponta que 84% se declaram heterossexual, os 7,4% são bissexuais e 6,9% tem orientação homossexual, nota-se também que não souberam responder ou não sabem somam 1% e 0,5% se consideram assexuados e 0,2% se consideram pansexual ou transgênero.

Em relação à cor, raça, etnia dos participantes, a pesquisa mostra que 41% dos participantes se consideram pardo, 33% se consideram negros, e 21,8% se consideram brancos. Os que se consideram indígenas são 2,6% e dos que se consideram afro-indígena são 1,6% dos participantes. Nota-se um aumento no número de negros que estão adentrando a universidade pública em todo o país. Resultados das políticas públicas implantadas nas universidades nas últimas décadas, das lutas e resistências que enfrentam a cada dia para conquistar tais direitos.

Sobre o estado civil dos participantes da pesquisa 71,3 são solteiros (as), 16% são casados (as), 8,5% vive uma união estável, 3,7% estão entre os que se declararam namorando ou divorciados, 0% viúvo (a). Outros 0,5% não responderam à questão. Dos participantes da pesquisa, 78,7% declaram não terem filhos o que representa 148 participantes, e outros 21,3% tem filhos, que equivale a 40 participantes. Dentre os que declararam ter filhos, 51,3% tem um filho, 30,7% tem dois e 15,4% tem 3 filhos. 2,6% declaram ter 0 filhos. Referente à moradia dos alunos, 49,5% declararam morar em casa própria, 31,9% em casa alugada, 13,3% em casa cedida ou emprestada e 5,3% em casa financiada.

Referente à renda *per captados* participantes e de seus familiares, os dados mostraram que 31,9% não trabalham e a mesma porcentagem 31,9% declaram fazer algum estágio com remuneração, 19,1% trabalham em alguma empresa com carteira

assinada, 14,9% tem algum tipo de trabalho informal, 1% disse ser empresário (a), 1% é concursado e 0,2% não responderam. E a rotina de trabalho dos que exercem atividade remunerada é de 5 dias por semana, totalizando 40,9% dos estudantes. Dos participantes da pesquisa 36% começaram a trabalhar entre 9 e 15 anos, 55,1% começaram a trabalhar a partir 16 anos até os 20 anos. 6,8% começaram dos 21 aos 24 anos, e 2,1% entre os 28 e 31 anos.

Ao serem questionados sobre a renda fixa mensal ficou evidente na análise das respostas, que 48,4% dos participantes vivem com menos de um salário mínimo, normalmente trabalham meio período ou recebem auxílios e bolsa para estudantes. 25,5% tem renda de 1 a 2 salários mínimos. E 25% não tem nenhuma renda mensal, contando assim com a renda familiar, que é em média de um a dois salários mínimos, e somente 1,1% tem renda de mais de 3 salários. Dos estudantes que recebem algum auxílio do governo são 83,5%, apenas 16,5% podem contar com o auxílio para completar a renda, os mais especificados na pesquisa foi Bolsa Família e “Minha Casa Minha vida”. No entanto, o programa “Minha casa minha vida” não é um auxílio de complemento de renda.

A fim de analisar o perfil cultural dos alunos do DEDC – Campus X da UNEB, o questionário buscou identificar se eles possuem computador ou *notebook*, a prática cultural de lazer dos estudantes, suas principais fontes de informações. As respostas mostram que, 79,8% dos estudantes possuem um computador ou um *notebook*, 20,2% não possuem. A prática de lazer mais praticada pelos estudantes é assistir filmes com 17,9% das respostas, seguido de redes sociais que teve 14,7%. Ler e ouvir música empatou com 13,7% das respostas cada, e 12,6% gostam de sair com os amigos, outros 27,4% se distraem indo a igreja, jogando futebol, indo ao cinema, entre outras opções. A principal fonte de informação dos alunos, segundo análise das respostas obtidas nos questionários, é a *internet*, 54,8% dos estudantes investigados dizem utilizar da *internet* para permanecer informados. Os livros ficaram em último lugar com 0,5% dos estudantes que utilizam.

Sobre os aspectos educacionais dos estudantes que participaram da pesquisa, os dados mostram que 79,3% dos participantes cursaram o Ensino Fundamental I em escola pública e 20,2% em escola privada. 81,8% cursaram o Ensino Fundamental II também em escola pública, e 18,2% em escola privada. Em relação ao Ensino Médio, a porcentagem não é muito diferente, 88,8% vieram do ensino público e 11,2 da rede privada. Sendo que, 79,8% concluíram pelo ensino regular, 11,7% cursaram o ensino

profissionalizante/técnico, os que concluíram pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pelo Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCEJA) foram 4,2%, e 3,7% concluíram pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), dos que concluíram por meio do Magistério foram 0,5% e os que não responderam foram 0,1%.

Sobre o grau de escolaridades dos pais dos participantes 50% tem a Educação Básica Completa e 19,9% não conseguiram concluir, 13,4% não tiveram acesso à escola e 9,6% fizeram alguma graduação ou especialização, 0,5% não concluíram o Ensino Superior. Dos participantes 6,4% não tem informação em relação à escolaridade do pai.

A pesquisa buscou conhecer quais os motivos que levaram os estudantes a escolher cursar um curso na UNEB – Campus X, este sendo um Departamento de educação, assim todos os cursos são de licenciatura. Apenas 7 estudantes foram influenciados pela família, amigos ou por professores, uma quantidade baixa. Entende-se que, alguns dos participantes que tiveram influência da família, os pais e/ou parentes teve acesso a algum nível de escolaridade, e tem uma trajetória na Educação Superior. Santos (2005) aborda que, a influência da família é considerada importante, mas os jovens não se baseiam apenas nas opiniões familiares. A influência está relacionada a outros aspectos, os dados apontam que 75 estudantes, o equivalente a 39,8%, optaram pela UNEB por ser uma universidade pública e de qualidade, por oferecer curso desejado e por opção à docência

Em relação à satisfação com o curso 92,6% dos estudantes declararam estar satisfeitos com o curso escolhido e apenas 7,4% não estarem contentes com o curso escolhido. Os que estão satisfeitos fazem parte dos 75 que escolheram o curso por opção. A análise dos dados demonstra que 53,7% já passaram por momentos ruins ao decorrer dos estudos, pois já pensaram em abandonar o curso. Já 46,3% nunca tiveram esse pensamento. Dos que já pensaram em abandonar o curso, 64,4% foi por questões diretamente ligadas ao curso ou a universidade, como dificuldades em cumprir atividades, em conciliar trabalho e estudo, por falta de motivação e pelo currículo do curso, por falta de reconhecimento profissional, e pelas greves, 26,9%, já pensaram por motivos exteriores, como saúde, dificuldades financeiras, questões familiares e dificuldade na locomoção para ir estudar, 7,7% por outros motivos não especificados e 1% nunca pensou em abandonar o curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das respostas obtidas nos questionários foi possível descrever e analisar os perfis dos alunos que participaram da pesquisa, que apresentaram características comuns e particularidades nos aspectos sociais econômicos e culturais. A pesquisa possibilitou compreender a importância do diálogo com estudantes de cursos de graduação, acerca das condições e dos fatores sociais e econômicos, reconhecer a heterogeneidade dos estudantes sujeitos de uma instituição pública. O que poderá proporcionar a construção de subsídios para um entendimento de como o contexto em que ele está inserido oportuniza, ou não, o acesso aos cursos de licenciatura.

A pesquisa nos mostra que os discentes têm grandes perspectivas de melhorias nas condições de vida após a conclusão do curso, apesar das barreiras que encontram no decorrer do curso e devem encontrar após a conclusão. O que ficou evidenciado é que o Departamento de Educação, Campus X da UNEB faz a diferença na vida dos discentes e é uma esperança de transformação no perfil econômico e de muitos.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, E.M. A criação da universidade do estado da Bahia (UNEB). In: **A construção da universidade baiana**. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 29-44.
Disponível em: <http://books.scielo.org/id/4r/pdf/boaventura-9788523208936-04.pdf>. Acesso em: 19/02/2020.

PORTO, Claudio. RÉGNIER, Karla. **O Ensino Superior no Mundo e no Brasil**: condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003 – 2005: Uma abordagem exploratória. Brasília, DF, 2003.
<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ensinosuperiormundobrasiltendenciascenarios2003-2025.pdf>. Acesso em: 25/01/2020.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990)**. Documento de Trabalho 8/91. Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em: <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>>. Acesso em: 10/01/2020.

SANTOS. L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. In: **Psicologia em estudo**. 2005. P. 57-66. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf> Acesso 14/03/2020.

REIS, Minervina J. E. **O olhar do Professor-aluno na formação acadêmica: avanços e desafios**. Salvador: Editora EGBA, 2003

ENSINO E EXTENSÃO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO SEGURO

Ivone dos Santos Barbosa¹
Jéssica Fontes Santos Costa²
Olga Suely Soares de Souza³

RESUMO

Resumo: Este trabalho tem por objetivo relatar atividades realizadas através de observação durante aula de campo feita por discentes da turma do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em alguns espaços da cidade de Porto Seguro/BA. A referida atividade foi solicitada pela disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica III, vinculando as disciplinas: História da Educação e Sociologia da Educação. Para tanto, foram empregadas práticas educativas como palestras e rodas de conversa. Os resultados evidenciaram que espaços com contexto histórico permitem aos discentes o aprendizado prático, baseado no exercício da observação e elaboração de relatórios, em que foi possível avaliar a eficiência do estudo de campo no que tange à visualização prática da teoria apresentada e estudada em sala de aula.

Palavras-chave: Atividade Interdisciplinar; Contexto Histórico; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a importância de se desenvolver metodologias para orientar a prática pedagógica, propondo a extensão da realização do trabalho de campo com o objetivo de levar o aluno a realizar uma ponte entre a teoria e a prática, através da observação, bem como dos trabalhos práticos. Segundo as Diretrizes Curriculares de Geografia para Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação (2006): “A aula de campo é um rico encaminhamento metodológico para analisar a área em estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local, bem delimitada para investigar sua constituição histórica e as comparações com outros lugares, próximos ou distantes”. (p. 46). Desta forma, valorizando-se a construção do embasamento teórico aliado à coleta de dados diretos e indiretos necessários à realização deste estudo.

¹ Licencianda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, Teixeira de Freitas, ivonne.amakha@gmail.com.

² Licencianda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X, Teixeira de Freitas, jessica.fontes10@hotmail.com.

³ Professora Doutora, docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), orientadora do projeto de extensão interdisciplinar apresentado ao Departamento de Educação - Campus X (DEDGX), como parte das exigências para a conclusão da disciplina de Prática Pedagógica III, olga@ffassis.edu.br.

O autor Brandão (1995) enfatiza: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações”. Neste sentido, o presente estudo de campo interdisciplinar desenvolveu, a partir da prática pedagógica, a primeira etapa de uma pesquisa, a observação, no qual, contribuiu de maneira significativa para nosso crescimento enquanto estudantes de Pedagogia, engajando nosso contato primário com a pesquisa. Contribuindo também, para o conhecimento de outras educaçãoes.

METODOLOGIA

Mediante a realização do estudo interdisciplinar de campo, foi possível perceber a importância de ser um docente que realiza pesquisas para se atualizar e ensinar. O que nos remete à citação de Demo (2006): “Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso, o ensino é a razão da pesquisa. O importante é compreender que sem pesquisa não há ensino. A ausência da pesquisa degrada o ensino a patamares típicos de reprodução imitativa”. Desse modo, a pesquisa está ligada a todo o processo de ensino, envolvendo com isso, teoria e prática.

A técnica de observação participante, ocorre com a participação do contato direto do pesquisador com o que está para ser observado, com o intuito de coletar informações sobre a realidade em seu contexto social. A importância dessa atividade de observação é o de análise das situações e fenômenos que não são conseguidos por meio de indagações. (DESLANDES,1994).

Neste sentido, a presente atividade de extensão interdisciplinar desenvolveu uma visita à aldeia de descendentes da tribo Pataxó, a partir de uma prática pedagógica em espaço não-formal, um ciclo de atividades com discussão de conceitos e desenvolvimento de metodologias para analisar considerações básicas da educação indígena, visando o engajamento e a formação crítica estimulando a conscientização da história indígena, a participação e ações sociais baseadas na dinâmica do cuidado com o patrimônio ambiental. Contudo, o trabalho de campo, resume-se em consequência de um determinado momento relacional e prático; compostas por hipóteses que direcionam a pesquisa; o desconhecido que faz com

que se tenha curiosidade de confrontar com a novidade. (DESLANDES, 1994). Permitindo assim, a construção de novos estudos.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Os resultados evidenciaram que conhecer a história do Brasil tem um papel importante, no qual compreender um pouco sobre a cultura indígena e o que ocorreu quando os portugueses chegaram no Brasil é uma excelente forma de analisar as tradições, sua organização e visão do mundo. Fazenda (2008) salienta: “Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores”. Diante disso, é de suma importância darmos atenção, ou seja, fortalecer nossos conhecimentos, sobre a cultura indígena no Brasil que tanto influência nossa vida cotidiana.

No dia 13 de setembro de 2019, aconteceu uma atividade de extensão na cidade de Porto Seguro e o primeiro espaço a ser visitado foi na Reserva da Jaqueira; nome dado devido a um grande tronco de jaqueira no lugar no qual descendentes da tribo Pataxó vivem e que formam aproximadamente 34 famílias, que buscam perpetuar seus costumes e rituais. A aldeia foi fundada em 1997 por três mulheres que objetivaram fortalecer suas raízes através do canto, idioma, dança e a medicina e tem o trabalho de preservação de um espaço de 827 hectares de vegetação nativas, sendo que apenas quarenta por cento é primária. As casas que recebem o nome de “patxohã” estão espalhadas pela aldeia e possuem seu formato original. Essas informações foram transmitidas pela Índia que faz parte da liderança da Aldeia que se chama Nitxinauã que significa “grandes coisas”. A educação das crianças inicia na educação infantil e estende ao fundamental I sob a responsabilidade dos moradores da aldeia, trabalham o idioma patxohã, os costumes e os rituais da tribo; e quando iniciam no fundamental II vão para Santa Cruz Cabrália, dando continuidade à educação formal.

Figura 01 – Primeira visita Reserva da Jaqueira, 13 de setembro de 2019.



Fonte: Acervo Pessoal.

Segundo RIBEIRO (1986): “Na linguagem comum, diríamos que toda coletividade tem alguma espécie de ‘governo’, embora, histórica e geograficamente, a estrutura e o funcionamento desses governos variem muito”. (p. 20). A organização dos indígenas confirma esse tipo de governo e tem sua particularidade e na análise foi explicitado como tudo funciona e há uma hierarquia, o respeito ao mais velho e a especificidade das funções que atribui a cada um.

A segunda visita aconteceu em Santa Cruz Cabrália, lugar no qual tem uma cruz feita madeira grande representando lugar onde celebrou a primeira missa no Brasil, havendo no local também a feira livre, em que a população comercializa artesanato, artes indígenas entre outros objetos. Nossa última visita, foi ao Memorial da Epopéia do Descobrimento, que há um minimuseu com algumas réplicas de objetos antigos e reproduções de documentos da época das grandes navegações, uma oca com vários objetos produzidos por índios e uma réplica de uma nau usada por Cabral no ano de 1500. É permitida a entrada, que é feita pelo porão da embarcação e sobe-se até o convés; há uma réplica do que teria sido o quarto de Cabral, que vivia no luxo, enquanto toda a tripulação se amontoava no porão.

Figura 02 – Segunda visita Santa Cruz Cabrália e terceira Memorial da epopeia do Descobrimento, 14 de setembro de 2019.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ivani Fazenda (2008), discorre: “Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é necessário que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica e culturalmente contextualizada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de extensão realizada através da visita em espaços com contexto histórico em Porto seguro confirma a importância de ver e observar o concreto para melhor assimilação do que é proposto para o aprendizado. Sendo considerados locais que proporcionam um amplo aprendizado para os visitantes. Os resultados obtidos através das observações e elaboração de relatórios destacam o contexto histórico e cultural de cada espaço visitado, em que permitiu aos discentes o aprendizado prático e avaliação da eficiência do estudo de campo no que tange à visualização prática da teoria apresentada e estudada em sala de aula. Entretanto, foi possível observar a ausência de alguns recursos pedagógicos na Reserva da Jaqueira, que é um espaço que instrui e ensina crianças, jovens e adultos, fazendo com que a educação seja uma ação com constante obstáculos. Com isso, é colocado em prática o ensino fundamentado nos costumes e valores indígenas, um ensino voltado para a própria vivência e experiência com a natureza, favorecendo a educação para um aprendizado voltado para a prática. Diante disso, os teóricos apresentados contribuíram de maneira significativa para a realização do estudo de ensino e extensão enquanto discentes do

curso de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DERLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); NETO, Otavio Cruz. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política**: quem manda, por que manda, como manda. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Geografia da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba, 2006.

ESTÁGIO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA SOBRE OS PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA NA ONG ASELIAS

Gessica Fernanda de Souza Silva¹

Bruna Pereira dos Santos²

Franciele de Jesus Oliveira Campos³

Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho⁴

RESUMO

Este resumo tem como objetivo apresentar o relato de experiência que resultou do projeto de estágio cujo tema foi Processos de leitura e escrita na ONG ASELIAS: Brincando e aprendendo com a Copa do Mundo 2018. Adotou o tipo de pesquisa qualitativa, elaborada a partir da pesquisa bibliográfica e intervenção. Com suporte de autores como Brandão (2004), Freire (1987), entre outros. O Estágio em espaço não escolar possibilitou adquirir maior conhecimento acerca dos espaços de atuação do pedagogo e promover a articulação da teoria e prática, possibilitando a construção do conhecimento científico.

Palavras-chave: Pesquisa e Estágio; Espaço Não Escolar; Leitura; Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados do projeto de estágio com pesquisa, cuja temática foi “Processos de leitura e escrita na ONG ASELIAS: brincando e aprendendo com a Copa do Mundo 2018”, realizado no componente Pesquisa e Estágio em Espaços Não Escolares do Curso de Pedagogia da UNEB/Campus X, no semestre 2018.2, objetivando desenvolver a leitura e a escrita através de oficinas dialógicas e lúdicas. Tivemos como suporte teórico autores como Brandão (2004), Freire (1987), entre outros que, apontam a importância da intervenção no espaço não escolar como fator importante de formação do educando, bem como a relevância da compreensão da práxis para o processo ensino e aprendizagem. Tomamos o Estágio com pesquisa, tendo a abordagem qualitativa como centralidade, elaborada a partir da pesquisa bibliográfica e intervenção. O contexto do Estágio foi a Associação Asas da Esperança e Liberdade - ONG ASELIAS, localizada em Teixeira de Freitas, Bahia, a qual desenvolve trabalhos socioeducativos e há mais de 10 anos atuando na cidade, sempre enfrentando muitos desafios para a realização do trabalho educativo. A

¹ Graduada em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus X. E-mail: fernanda.gessica@live.com

² Graduada em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus X. E-mail: brunasantos8888@hotmail.com

³ Graduanda em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus X. E-mail: fran.jesus.campos@gmail.com

⁴ Professora Assistente. Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus X. Coordenadora da Comissão Setorial de Estágio Campus X. E-mail: luzeniferraz@gmail.com

escolha pela ONG se deu pela orientação da professora/orientadora de Estágio, Luzeni Ferraz, que nos apresentou o espaço, uma vez que, outros estágios já tiveram esse *lócus* como possibilidade de intervenção. No processo de realização do estágio foi feita a observação *in loco* através de visitas, primeiramente em uma reunião pedagógica e, posteriormente, à comunidade, além de fazermos uma entrevista, através de um questionário à coordenadora pedagógica afim de investigar qual o papel do coordenador pedagógico na ONG, sua formação inicial/continuada e sua influência na aprendizagem dos sujeitos desse espaço educativo, bem como investigar sobre como se dava a elaboração dos planejamentos para as atividades didático-pedagógicas, lúdicas e dialógicas desenvolvidas.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

2.1 A EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

A educação é um dos processos mais importantes da vida dos seres humanos a qual possibilita os mesmos a alcançarem o conhecimento científico, sendo esta, relacionada à escola, família e sociedade, com finalidades diversas. A educação é um meio de interação social, aprendizado e trocas de experiências, seja na escola ou fora dela, alinhando teoria e prática às reflexões e ações que transformam. Brandão (2004) afirma que, a educação está, também, onde não existem escolas, onde há transferência de conhecimento, pode se educar. Compreendemos que, o estágio com pesquisa possibilita ao estudante de Pedagogia experimentar a função do pedagogo fora do ambiente escolar, como um pesquisador, com a prática de metodologias e valorizando as experiências vividas em outros espaços educativos. Fortuna (2015) traz o conceito de que a teoria e a prática são inseparáveis, tornando-se *práxis*, ação que transforma o mundo.

O estágio em espaços não escolares em análise, a intervenção se faz pela necessidade dos sujeitos partícipes utilizando das teorias apreendidas no decurso da formação propondo uma pesquisa ou observação com intervenção: de um lado oficinas e atividades que possibilitam reflexões e ações que geram discussões, críticas, criatividade e conhecimento, e do outro lado possibilitando as estudantes de Pedagogia a ter acesso à pesquisa, estimulando a investigação a partir da intervenção. A leitura das crianças se deu a partir de sua realidade e interesse, no

processo educativo a criança toma conhecimento da leitura por meio de suas vivências e nesses processos de leitura é importante que, traga a possibilidade do aluno interagir, refletir e desenvolver sua criatividade e autonomia, buscando esse interesse pela leitura pode-se articulá-la a outros instrumentos como a ludicidade, que tem grande importância.

2.2 PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Como evidencia Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, a linguagem e realidade estão diretamente vinculadas. A leitura das crianças também se dá a partir de sua realidade e interesse, ou seja, no processo educativo a criança aprende por meio de suas vivências e nesses processos de leitura trazendo a possibilidade do educando interagir, refletir e desenvolver sua criatividade e autonomia, buscando essa motivação pela leitura e articulando-a a outros instrumentos como ludicidade, que tem grande importância na vida da criança. Segundo Cunha (2004) é no brincar que se encontra a forma mais natural de uma criança agir e expressar, pois manter sua espontaneidade é necessário. Utilizando dessa ludicidade fizemos um vínculo com a brincadeira e a aprendizagem empregando o futebol como suporte para a construção desse processo de leitura e escrita.

Desenvolvemos o estágio com treze crianças na faixa etária de 06 a 08 anos, com treze matriculadas, mas uma frequência média que variava de 06 a 10 crianças por aula do projeto. Moradoras de um bairro periférico, as crianças eram expostas à vulnerabilidade da violência e drogas. As respectivas crianças já eram alfabetizadas ou estavam em processo de alfabetização, então algo que identificamos foi o ponto de partida para trabalharmos com as mesmas o que seria desenvolver na prática da leitura e da escrita. Após uma visita à comunidade durante o estágio percebemos a carência de afeto das crianças, pois durante todo o tempo buscavam abraço, contato e atenção, sempre tocando-nos. Os planejamentos de intervenção/estágio na ONG foram divididos em seis semanas para intervenção em sala, além dos planejamentos junto à ONG e a visita à comunidade. Desenvolvemos as atividades utilizando três dias por semana, no entanto, comparecemos também em duas sextas-feiras, quando ocorriam as reuniões de planejamento da Ong. Caracterizando a experiência de estágio, o primeiro encontro ocorreu para conhecimento prévio do ambiente e diálogo

com as educadoras e na reunião posterior já apresentamos o projeto de estágio. Ressaltamos que, nossas primeiras impressões foram estabelecidas nessas reuniões embasadas na fala de cada educadora. Na fala de uma das professoras ficou visível que, a ONG estava passando por dificuldades financeiras e que dada à situação política vigente, a ONG foi afetada contando apenas com voluntários para continuar funcionando e ajuda das mães para a limpeza do espaço e lanche para as crianças, tendo o Programa Alimentar Agrícola (PAA) um programa apoiador das ações, uma vez que, distribui alimentos saudáveis para as famílias e também para a ONG. Finalizou a reunião com uma sugestão das próprias crianças, que já tinham expressado para a professora o desejo de brincar de futebol. Como era ano de Copa, encontramos o tema gerador para o processo de leitura e escrita. Na primeira semana, iniciamos a aula com uma roda de conversa com as crianças, questionando sobre o que as mesmas sabiam acerca da Copa do Mundo. Sobre isso, percebemos que, tinham pouco conhecimento sobre o tema, mas fizeram várias perguntas. Socializamos um texto sobre a história da copa e após realizamos uma colagem com revista em um desenho de uma bola. Trabalhamos o poema o “Jogo da Bola” de Cecília Meireles, lemos para as crianças e percebemos assim a importância da leitura, releitura e a escrita do texto trabalhado para que a interpretação do mesmo fosse realizada. Posteriormente, levamos imagens de alguns jogadores atuais e antigos que jogaram em copas mundiais de futebol para discutir uma das características do esporte que é o atleta. As crianças estavam muito animadas com o projeto, muito ansiosas para a atividade no campinho e nessa semana o planejamento foi voltado para o conhecimento do futebol brasileiro. No início da segunda semana trabalhamos com as bandeiras do Brasil e da Rússia, a fim de conhecer seus significados, as formas e as cores. Houve a explicação sobre as bandeiras e pintura em desenho, no qual foram divididas duas equipes onde uma fez a pintura da bandeira do Brasil em papel grande e a outra equipe pintou a bandeira da Rússia. Fortuna (2015) afirma que, o processo pedagógico, teoria e prática precisam dialogar permanentemente, fugindo da ideia tradicional de que o saber está somente na teoria, importante relacionar teoria e prática, sendo essa relação inseparável, uma vez que, a prática faz refletir a teoria com o objetivo de ter uma atividade que trabalhasse com leitura e revisasse o que já tínhamos estudado, planejamos a dinâmica “ditado estourado”: foram colocados alguns balões guardados no quadro com palavra sobre o futebol, quando a criança estourava os balões tinha que pegar o papel e ler para a turma. As crianças se

divertiram muito com essa atividade e leram as palavras-chave, que estavam relacionadas com o tema “Copa do Mundo”. Percebemos que, até as crianças mais tímidas se sentiram motivadas a estourar o balão e ler. Nas últimas semanas finalizando as atividades propostas, uma das propostas do estágio era elaborarmos uma contação de história, utilizamos o livro “Hoje vou ser – jogador de futebol” de Ana Oom. Para o momento de contação de histórias, preparamos a sala com tapetes e tecidos no chão em semicírculo para que pudessem visualizar a contadora (nesse caso, uma das estagiárias). Sobre isso, Anelo e Souza (2012) defendem que, promover atividades envolvendo literatura e música, durante o estágio, as crianças estabelecem relações com diferentes aspectos do seu ambiente, com outras manifestações culturais.

A leitura do livro possibilitou às crianças identificarem manifestações culturais na prática de esportes como o futebol, que já chegou a quase todos os cantos do mundo, também sendo essa uma característica de uma obra lúdica. A ludicidade possibilita utilizar de aspectos culturais para explorar a imaginação e levar as crianças a lugares que talvez, na realidade, elas não possam ter contato. Na última semana, tivemos apoio de um educador físico, para a realização da “copinha” – a partida de futebol com a turma dividida em duas equipes. Encerramos com a entrega das medalhas e culminância para celebrar o fechamento do ciclo do estágio fizemos um apanhado de memórias do decurso do estágio, agradecimentos e terminando com lanche.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do projeto, refletimos como é importante o papel do estágio em espaço não escolar para nossa formação como pedagogo nos desafiando a olhar para a criança/aluno fora da sala de aula “formal”, analisando todo o contexto da comunidade, de círculo familiar. Neste sentido, o estágio na ONG nos permitiu olhar para as crianças para além da aparência, mergulhando nas subjetividades das mesmas. Observamos como as ONGs e outros espaços culturais e educacionais tem influência em bairros sejam vulneráveis ou não, pois eles criam oportunidades para as crianças olharem o mundo por outra perspectiva que não seja apenas a violência e os vícios que as rodeiam. E vemos os desafios que existem para manter um espaço como a ONG ASELIAS funcionando. Esperamos que, a ONG se mantenha, pois estes

espaços já confirmaram a significância de seu papel político-pedagógico na comunidade, tanto quanto as escolas. Sentimos a necessidade do Campus X ser provocado a permanecer com projetos de extensão na ONG ASELIAS. Mesmo nos deparando com uma realidade tão caótica, nos sentimos satisfeitos pela oportunidade de contribuir neste espaço e pela contribuição desse espaço em nossa vida tanto pessoal quanto acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ANELO, Gisele Pereira. DE SOUZA, Anilda Machado. Aprendizagem no espaço não escolar. **Revista e-Ped.** Vol. 2, nº 1, Ago, 2012. pp. 40-52.
- BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARVALHO, L. F. O. et al (Orgs.). **Educação, Memória, Formações.** São Paulo: Edicon, 2015.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedo Linguagem e Alfabetização.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. **Rev. Brasileira de Ensino Superior.** 1(2): 64-72, out/dez. 2015.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia Do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://files.portalconscienciapolitica.com.br/200000081-ed3e5ee3d0/Pedagogia%20do%20Oprimido.pdf>. Acesso em: 02/05/2018.

Apoio



Realização

